

PT
ANEXO I

PORTUGAL

PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL DO ALENTEJO 2007-2013

[FEDER]

Nº CCI:2007PT161PO004

Decisão de Aprovação da Comissão: C(2007) 4685, de 09-10-2007

Alterada pelas Decisões de Aprovação da Comissão:

- C(2011) 9361, de 15-12-2011

- C(2012) 8998, de 05-12-2012

junho de 2014

Índice

1. INTRODUÇÃO	4
1.1. Um novo enquadramento estratégico comunitário.....	4
1.2. Uma nova configuração territorial	5
1.3. A metodologia de preparação do Programa	5
2. ANÁLISE DA SITUAÇÃO	10
2.1. A caracterização do território do Alentejo.....	10
2.1.1. Uma breve caracterização territorial e institucional.....	10
2.1.2. Uma breve caracterização ambiental.....	11
2.1.3. O sistema urbano regional.....	13
2.1.4. As acessibilidades regionais e o sistema logístico.....	14
2.2. A caracterização da competitividade e coesão económica e social do Alentejo	18
2.2.1. A competitividade e o PIB regional	18
2.2.2. A especialização produtiva da economia regional	19
2.2.3. A produtividade da economia regional	21
2.2.4. A abertura da economia regional ao exterior	23
2.2.5. A investigação e tecnologia na especialização produtiva	23
2.2.6. Estrutura e dinâmica empresarial	25
2.2.7. Indicadores demográficos	27
2.2.8. Qualificações, emprego e coesão social.....	29
2.2.9. Cadeias de valor estratégicas.....	33
2.2.10. O posicionamento do Alentejo no referencial da competitividade e coesão territorial.....	38
2.3. Lições da experiência do “por Alentejo”	41
2.4. Análise SWOT.....	43
3. ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL	48
3.1. As orientações comunitárias para o ciclo 2007-2013	48
3.2. As orientações nacionais para o ciclo 2007-2013: o QREN	52
3.3. As orientações estratégicas regionais: Alentejo 2015	55
3.3.1. Principais pressupostos das linhas estratégicas	55
3.3.2. Uma região diversa com desafios comuns.....	55
3.3.3. Alentejo 2015: visão e eixos estratégicos de desenvolvimento	56
4. PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL ALENTEJO	60
4.1. O Programa Operacional Regional como motor da operacionalização da estratégia “Alentejo 2015”	60
4.2. Da estratégia “Alentejo 2015” ao desenho do Programa Operacional Regional.....	62
4.2.1. Objetivos do Programa.....	64
4.3. Eixos prioritários	68
4.3.1. Eixo 1 - Competitividade, inovação e conhecimento	72
4.3.2. Eixo 2 - Valorização do Espaço Regional	93
4.3.3. Eixo 3 - Coesão Local e Urbana	104
4.3.4. Eixo 4 - Assistência técnica	117
4.4. Programação financeira	120
4.5. Grandes projetos	125
4.6. Disposições de implementação.....	125
4.6.1. Arquitetura geral	126
4.6.2. Direção política do Programa Operacional.....	127
4.6.3. Aconselhamento estratégico do Programa Operacional.....	128
4.6.4. Gestão do Programa Operacional	129

4.6.4.1. Gestão de sistemas de incentivos	132
4.6.4.2. Delegação de competências de gestão	134
4.6.4.3. Sistema de informação	136
4.6.5. Auditoria do Programa Operacional	136
4.6.6. Certificação das despesas do Programa Operacional	138
4.6.7. Acompanhamento do Programa Operacional	139
4.6.8. Monitorização e avaliação do Programa Operacional	141
4.6.9. Circuitos financeiros	149
4.6.10. Intercâmbio eletrónico de informação com a Comissão Europeia	150
4.6.11. Informação e comunicação do Programa Operacional	151
4.6.12. Adjudicação de contratos públicos	153
4.6.13. Auxílios de Estado às Empresas	153
4.6.14. Compatibilidade com as Políticas de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável	153
4.6.15. Contributo do Programa Operacional em Matéria de Controlo e Redução de Emissões de Gases com Efeito de Estufa e de Promoção da Eficiência Energética	154
4.6.16. Igualdade de Oportunidades entre Homens e Mulheres no Processo de Conceção e Execução do Programa Operacional	155
4.6.17. Contributo para o apoio a PME	158
5. AVALIAÇÃO	159
5.1. Avaliação ambiental estratégica	159
5.2. Avaliação ex-ante	163
5.2.1. Enquadramento do processo de avaliação	163
5.2.2. Análise da relevância e pertinência do Programa Operacional	163
5.2.3. Coerência global do Programa Operacional	166
5.2.4. Utilidade global do Programa Operacional	169
5.2.5. Adequação do sistema de implementação do Programa Operacional	169

1. Introdução

1.1. Um novo enquadramento estratégico comunitário

No Conselho Europeu de março de 2005, a Comissão Europeia propôs aos parceiros comunitários o relançamento da Estratégia de Lisboa, através da criação de uma nova Parceria para o Crescimento e Emprego¹. Com efeito, no texto das conclusões da Presidência é afirmado que «a Europa deve renovar as bases da sua competitividade, aumentar o seu potencial de crescimento, bem como a sua produtividade, e reforçar a coesão social, apostando sobretudo no conhecimento, na inovação e na valorização do capital humano»².

As Orientações Estratégicas Comunitárias para o período de programação 2007/2013 são, assim, fortemente marcadas por uma Política de Coesão que visa apoiar o crescimento e o emprego. Estas Orientações Estratégicas constituem a base dos Quadros de Referência Estratégicos Nacionais (QREN), bem como dos futuros Programas Operacionais (PO).

Inerente ao novo quadro estratégico, o ciclo de intervenções estruturais, que se inicia em 2007, é definido por um quadro normativo renovado, publicado em julho de 2006 no Jornal Oficial da União Europeia, revogando os diplomas legais instituídos em 1999 para o Quadro Comunitário de Apoio III. A saber:

- o Regulamento (CE) n.º 1080/2006 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 05/07, relativo ao Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER);
- o Regulamento (CE) n.º 1081/2006 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 05/07, relativo ao Fundo Social Europeu (FSE);
- o Regulamento (CE) n.º 1082/2006 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 05/07, relativo aos agrupamentos europeus de cooperação territorial (AECT);
- o Regulamento (CE) n.º 1083/2006 do Conselho, de 11/07, que estabelece disposições gerais sobre o Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), o Fundo Social Europeu (FSE) e o Fundo de Coesão;
- o Regulamento (CE) n.º 1084/2006 do Conselho, de 11/07, que institui o Fundo de Coesão.

O Regulamento (CE) n.º 1083/2006 define, de forma clara, os objetivos e prioridades da intervenção comunitária. Nomeadamente, instrumentos como o FEDER, o FSE, o Fundo de Coesão, entre outros, “devem contribuir (...) para a realização dos 3 objetivos seguintes: o objetivo da Convergência (...); o objetivo da Competitividade Regional e do Emprego (...); o objetivo da Cooperação Territorial Europeia (...)”³.

O objetivo da Convergência, considerado como a “prioridade dos fundos”, destina-se a “acelerar a convergência dos Estados-Membros e das regiões menos desenvolvidos, melhorando as condições de crescimento e de emprego através do aumento e melhoria da qualidade do investimento em capital físico e humano, do desenvolvimento da inovação e da sociedade baseada no conhecimento, da capacidade de adaptação às mudanças económicas e sociais, da proteção e melhoria do ambiente, e da eficácia administrativa”⁴. Com um produto interno bruto “per capita” (PIB_{pc}), medido em paridades de poder de compra, inferior a 75% da média

¹ Comunicação ao Conselho Europeu da primavera: “Trabalhando juntos para o crescimento e emprego - um novo começo para a Estratégia de Lisboa”. COM(2005) 24 de 02/02/05

² Conselho Europeu de março de 2005

³ Regulamento (CE) n.º 1083/2006, de 11/07, artigo 3º, nº 2

⁴ idem

comunitária, o Alentejo encontra-se integrado no objetivo da Convergência (ex-Objetivo 1).

Por conseguinte, a construção do novo Programa Operacional Regional Alentejo 2007/2013 desenha-se sob um novo quadro estratégico e normativo, ajustado aos principais desafios da região: o reforço da competitividade da economia regional, o aumento das qualificações dos recursos humanos, a sustentabilidade da coesão social e territorial.

1.2. Uma nova configuração territorial

Para além do enquadramento suscitado pelas novas orientações comunitárias, a região apresenta um ponto de partida distinto dos Quadros Comunitários de Apoio (QCA). De facto, o Alentejo conheceu uma alteração territorial com significado, resultante da integração da NUTS III Lezíria do Tejo (outrora pertencente à NUTS II Lisboa e Vale do Tejo) na NUTS II Alentejo.

Quadro 1.2.1.
A nova configuração do Alentejo: impacte nos indicadores

Indicadores	Alentejo sem Lez. Tejo	Alentejo com Lez. Tejo	Variação (nº)	Variação (%)
Área (km ²)	27.275,9	31.550,9	4.275,1	15,7%
População residente (2004)	520.830	767.679	246.849	47,4%
PIB regional (10 ⁶ €; 2003)	5.663	8.479	2.816	49,7%

Fonte: INE, 2006

Os principais indicadores - territoriais, sociais, económicos - conhecem uma mudança expressiva com a integração da NUTS III Lezíria do Tejo. Em termos de dimensão geográfica, a região aumenta 15,7% (mais 4.275 km²). Sob o ponto de vista administrativo, a Lezíria do Tejo engloba 11 concelhos, organizados sob uma estrutura supramunicipal: a Comunidade Urbana da Lezíria do Tejo.

A demografia da região apresenta um aumento de 47,4%, mercê da inclusão dos 246.849 habitantes da Lezíria do Tejo. Em termos económicos, o produto interno bruto (PIB) da Lezíria do Tejo contribui com um acréscimo de 49,7% para a economia alentejana.

Além disso, a NUTS III Lezíria do Tejo detém um conjunto de características que a diferenciam das demais sub-regiões: maior articulação com a Área Metropolitana de Lisboa, maior dinamismo empresarial, unidades de paisagem diferenciadas, entre outras. Trata-se, assim, de um desafio adicional na construção do Programa Operacional Regional do Alentejo.

1.3. A metodologia de preparação do Programa

O Programa ora apresentado é um resultado de um processo de preparação que, durante mais de um ano (desde julho de 2005), envolveu inúmeros atores, diversos fóruns e mecanismos de auscultação pública, com o objetivo de conseguir obter um documento final consensual e sufragado pelos parceiros regionais.

O processo teve início em julho de 2005 com a contratação de uma assessoria técnica para apoio à preparação do Programa, celebrada com o Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), numa equipa técnica liderada pelo Prof. Augusto Mateus.

Em agosto de 2005, a CCDR Alentejo lançou um inquérito a um conjunto alargado de entidades (249 entidades de âmbito sectorial e regional) com intervenção na região, com o objetivo de recolher informação sobre os pontos fortes e áreas de melhoria, sobre intenções de investimento previstas para o período 2007-2013, e ainda sobre áreas de atuação a privilegiar na estratégia de desenvolvimento do Alentejo.

No referido inquérito, foi solicitada às entidades uma dupla perspetiva de análise: uma focalizada no seu âmbito de atividade/atuação; outra focalizada na opinião relativa ao conjunto da região. A tabela seguinte sistematiza as principais tendências obtidas das opiniões manifestadas.

No seguimento da implementação e tratamento dos inquéritos, a CCDR Alentejo constituiu uma equipa técnica, em outubro de 2005, composta por elementos técnicos da Instituição, no sentido de corporizar a conceção do Programa e coordenar as interações com o exterior. Neste sentido, a equipa começou por proceder ao levantamento e atualização do diagnóstico da região, nos seus variados domínios.

Em paralelo, foram iniciadas as interações com os agentes regionais, designadamente, com as associações de municípios e as direções regionais e/ou desconcentradas da Administração Central. Neste âmbito, foram rececionados contributos relevantes destes organismos, alguns de âmbito regional, outros de âmbito sectorial.

Sem prejuízo da relevância de outros atores, as associações de municípios trouxeram diversos contributos para a construção do Programa, cujos traços comuns são seguidamente sintetizados.

Em primeiro lugar, a tónica na dinâmica económica: atração de investimento, inovação nas empresas, qualificação de parques empresariais. Em segundo, o relevo à qualificação de recursos humanos, apostando nomeadamente no ensino superior e profissional.

Em terceiro, as questões da coesão social e territorial, sendo nota dominante a preocupação com o mundo rural, os serviços sociais e a identidade cultural da região. Por último, o ambiente e o sistema urbano: desde o abastecimento de água à prevenção de riscos, passando pela qualificação urbana e equipamentos coletivos, pela valorização do montado, entre outros.

Caixa 1.3.1.

Resultados do inquérito: visão estratégica do Alentejo na perspetiva dos atores regionais

- Opiniões e necessidades expressas nos inquéritos confirmam progresso efetivo do Alentejo em matéria de coesão e deixam transparecer a consciencialização de debilidades em matéria de competitividade:
 - reduzida expressão de intenções de projetos de investimento em equipamentos coletivos
 - forte expressão de intenções de investimento orientadas para a promoção da competitividade (atividades económicas)
- Perceção de uma elevada recetividade ao desenvolvimento de projetos numa abordagem regional integrada:
 - tendências orientadas para a fixação de algumas “bandeiras regionais”
 - preocupações pautadas pela necessidade de concretização de projetos estruturantes já iniciados (passar da fase de projeto à fase de implementação)
- Preocupações implícitas nas tendências gerais manifestadas:
 - “fixação de empresas” e “criação de emprego”, enquanto necessidades da população residente e enquanto mecanismos de desenvolvimento socioeconómico e de “combate à desertificação”;
 - “qualificação de recursos humanos” e “capacidade de atração de pessoas qualificadas” como necessidades do tecido económico e como suporte à dinamização de setores de especialização regional
- Ênfase na valorização e potenciação de recursos e produtos regionais enquanto mecanismo de dinamização da atividade económica:
 - “Turismo”, “Produtos regionais” e “Alqueva” - articulação entre as potencialidades que o Alentejo oferece para a dinamização de diversas formas de turismo (turismo em espaço rural, cultural e de natureza), e a necessidade de dinamizar e tornar mais competitivas as “atrações regionais”
 - “Alqueva” e “Energias renováveis” - interligação entre a maximização dos investimentos iniciados no domínio dos recursos renováveis e a sua canalização para as atividades económicas (sistemas de rega, plano hídrico regional, energias renováveis)
 - “Proximidade com Espanha” - possibilidades ligadas à dinamização da atividade logística, articuladas com as “potencialidades da plataforma de Sines e base aérea de Beja”
- O levantamento das necessidades deixa transparecer a necessidade de investimentos orientados para a inovação, desenvolvimento tecnológico e investimento imaterial

Domínios de intervenção	Total	Proj. âmbito especif. (sectorial / sub-regional)		Proj. âmbito regional (região Alentejo)	
		Invest. físico	Invest. imaterial	Invest. físico	Invest. imaterial
		Acessib., localização e logística	21%	15%	17%
Educação e formação	7%	7%	17%	2%	13%
Património e identificação regional	2%	4%	0%	0%	3%
Sociedade da informação	5%	0%	17%	3%	8%
C&T e I&D	5%	0%	17%	2%	13%
Desenvolv. das activ. económicas	19%	19%	0%	27%	10%
Coesão social	5%	15%	0%	3%	0%
Ambiente	18%	22%	33%	22%	8%
Reabilitação urbana	5%	19%	0%	2%	3%
Organização institucional	2%	0%	0%	2%	3%
Desenvolvimento regional integrado	11%	0%	0%	0%	38%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: CCDR Alentejo, tratamento de dados ISEG

No primeiro trimestre de 2006, a equipa técnica da CCDR, com o apoio da equipa do ISEG, delineou as linhas orientadoras da estratégia regional, a partir das conclusões

obtidas no período de análise precedente. Tais linhas orientadoras foram apresentadas publicamente no seminário “Alentejo 2015”, realizado a 28 de março, o qual contou com a presença do Secretário de Estado do Desenvolvimento Regional Prof. Nuno Baleiras. Neste evento, foi igualmente apresentado o contexto do QREN e o sítio de Internet “Alentejo 2015”⁵, o qual tem funcionado como um repositório de documentação sobre o QREN e o Programa, permitindo a recolha de sugestões e comentários por parte dos visitantes.

Caixa 1.3.2.

A comunicação do Programa: sítio de internet Alentejo 2015

- O sítio Alentejo 2015, lançado a 28 de março de 2006, foi uma das ferramentas da comunicação do processo de elaboração do Programa. O objetivo desta página foi, por um lado, de construir um “canal aberto” com os atores regionais para recolha de propostas, e por outro, de divulgar as iniciativas e a evolução do mesmo.



- A página principal ilustra a organização dos tópicos disponíveis: documentação (regulamentos comunitários, documentos estratégicos nacionais, documentos preparatórios do Programa), notícias, eventos (seminários, fóruns, ...), contributos e sugestões (com formulário *on-line*), ligações úteis e contactos.
- Até ao momento, o sítio conta com mais de 4.000 acessos. A *newsletter*, periodicamente enviada, conta com uma *mailing list* superior a 400 pessoas/entidades.

Com a realização do seminário, deu-se início a uma nova fase de interações com os parceiros regionais, tendo sido realizados 3 fóruns temáticos nos dias 5 e 6 de abril de 2006. Estas reuniões foram organizados por temas, de acordo com as linhas orientadoras apresentadas no seminário (“criação de riqueza”, “abertura ao exterior” e “ambiente e qualidade de vida”), tendo sido convidados intervenientes de relevo em cada área. Em regra, foi notória uma concordância genérica com as linhas estratégicas e diagnóstico temático apresentados, havendo uma sintonia sobre a importância dos “grandes projetos” (Alqueva, Sines, Beja) e a necessidade de alavancar a competitividade da economia regional.

Paralelamente a estes eventos, sucederam-se diversas reuniões com o Grupo de Trabalho QREN (GT QREN), no sentido de articular o processo de construção do QREN e dos programas operacionais. Igualmente, foram promovidas reuniões com representantes de vários ministérios (Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional, Ministério da Cultura, Ministério da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas, etc.) com idêntico propósito.

⁵ vide em www.ccdr-a.gov.pt/alentejo2015

Quadro 1.3.1.
Calendarização da construção do Programa

	2005						2006												2007		
	J	A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F	M
Assessoria técnica ISEG																					
Trabalhos preparat. equipa interna CCDR																					
Participação atores regionais (reuniões,...)																					
Eventos (seminários, fóruns temáticos, ...)																					
Comunicação processo POR (sítio Internet)																					
Principais interações com GT QREN e CE																					
Elaboração avaliação ex-ante																					
Definição linhas orient. desenv. regional																					
Preparação desenho POR (proposta eixos)																					
Preparação desenho POR (conteúdo)																					
Formalização dossier POR junto Governo																					
Discussão pública Aval. Ambiental Estr.																					
Discussão pública QREN e POR																					
Formalização dossier POR junto Com. Eur.																					

Uma das etapas cruciais do processo residiu na apresentação à Comissão Europeia das propostas dos programas operacionais regionais em reunião havida em Lisboa no dia 28 de junho. Sem prejuízo das recomendações comunicadas em ofício⁶, a Comissão sublinhou a concordância com a proposta de eixos prioritários do Programa, tendo ainda enfatizado alguns aspetos adicionais, como sejam: a aderência do Programa às vocações económicas regionais, o acompanhamento específico do triângulo estratégico Alqueva/Sines/Beja, o desenvolvimento de parcerias público-privadas, a integração da NUTS III Lezíria do Tejo, a consideração das assimetrias sub-regionais, entre outros.

Durante os últimos meses, a CCDR tem promovido e/ou acolhido inúmeras reuniões e encontros com os atores regionais, com destaque para os municípios e suas associações e os organismos da Administração regional/desconcentrada, mas também as agências de desenvolvimento regional/local, as empresas, entre outros. O resultado final do Programa traduz, assim, uma síntese dos *inputs* obtidos dos agentes regionais e nacionais, enquadrados por uma estratégia de desenvolvimento regional para o Alentejo que, por sua vez, se articula intimamente com as orientações comunitárias e nacionais para o próximo período de programação.

⁶ ofício da DG Regio n.º 07152 de 02/08/2006

2. Análise da situação

De acordo com o Regulamento (CE) n.º 1083/2006, o conteúdo dos programas operacionais inicia-se com uma “análise da situação das zonas ou dos setores elegíveis em termos de pontos fortes e fracos e da estratégia escolhida para lhes dar resposta” .

Em termos metodológicos, a organização deste capítulo obedece a um enfoque particular sobre as questões da competitividade e da coesão. Esta opção decorre, por um lado, da necessidade de conferir uma visão transversal (e não sectorial) dos constrangimentos e desafios da região - em linha com as orientações comunitárias - e por outro, da existência de um amplo e atualizado estudo denominado “Competitividade territorial e coesão económica e social”⁷, promovido pelo Observatório do QCA III.

Em complemento às temáticas da competitividade e da coesão, é apresentado um ponto específico dedicado ao território, onde se inclui uma breve análise a domínios como o ambiente, o sistema urbano e as acessibilidades.

2.1. A caracterização do território do Alentejo

2.1.1. Uma breve caracterização territorial e institucional

O Alentejo é a maior NUTS II de Portugal, ocupando uma área de 31.550,9 km², o que representa 34,3% do território nacional. A integração da NUTS III Lezíria do Tejo, na NUTS II Alentejo, resultou num aumento de 4.275,1 km² (+15,7%) na dimensão da região. Com esta integração, a NUTS II Alentejo passou a ser composta por 5 NUTS III: Alentejo Central, Alto Alentejo, Baixo Alentejo, Alentejo Litoral e Lezíria do Tejo. O Baixo Alentejo é a área mais extensa com um total de 8.542 km².

A nível institucional, a governância da região é efetuada através de um alargado conjunto de entidades públicas, cujos âmbitos territoriais e competências, nem sempre permitem uma eficaz convergência de políticas. Para além da organização de base estatística (NUTS III), a Administração Central ainda não dispõe de uma completa uniformidade na sua organização territorial (diferentes ministérios têm a sua própria organização regional) dificultando, em certa medida, uma leitura coerente da região e a aplicação de medidas horizontais territorializadas.

Por outro lado, diversos organismos regionais e/ou desconcentrados da Administração Central não dispõem de suficiente autonomia, conforme foi patente durante a execução do QCA III (nomeadamente, no eixo 3)⁸, conduzindo à implementação de políticas verticais (emanadas dos respetivos ministérios) sem uma completa integração com outros setores e/ou orientações.

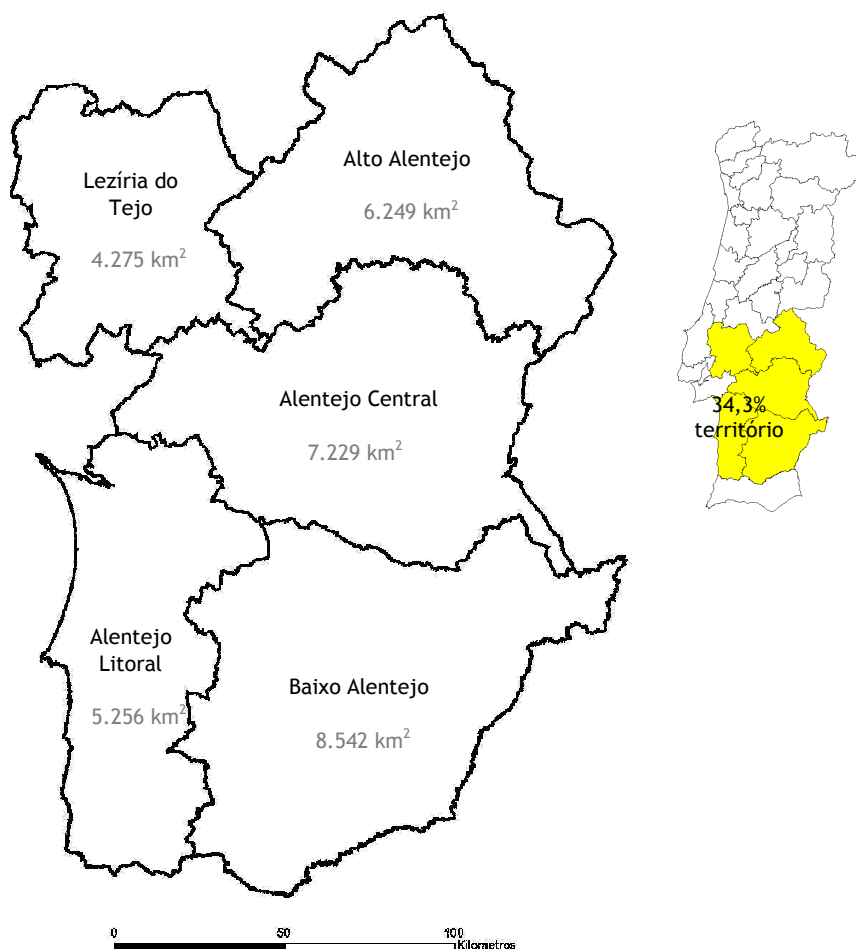
Atores regionais de reconhecida importância, as associações de municípios encontram-se organizadas, salvo raras exceções, em base geográfica coincidente com as NUTS III. Sem prejuízo da existência de outras associações de municípios de abrangência geográfica mais reduzida ou constituída para fins específicos (por

⁷ “Competitividade territorial e coesão económica e social”, Observatório do QCA III, 2005

⁸ vide relatório “Atualização da avaliação intercalar do “por Alentejo”, pág. 7

exemplo, gestão de resíduos), as associações de municípios de maior relevância são: a Comunidade Urbana da Lezíria do Tejo (CULT), a Associação de Municípios do Norte Alentejano (AMNA), a Associação de Municípios do Distrito de Évora (AMDE) e a Associação de Municípios do Baixo Alentejo e Alentejo Litoral (AMBAAL).

Mapa 2.1.1.1.
A dimensão territorial do Alentejo



2.1.2. Uma breve caracterização ambiental

O Alentejo detém um rico património natural e cultural. Ao longo de múltiplas gerações, a interação do Homem com o território resultou em paisagens com identidade própria, traduzidas em sistemas de exploração adaptados às condições edafo-climáticas e consideradas sustentáveis do ponto de vista ambiental e socioeconómico. Exemplo paradigmático dessas paisagens é o montado, o qual se constitui como um dos elementos importantes da paisagem europeia, de maior biodiversidade⁹, e em particular, um espaço emblemático dos sistemas naturais e culturais mediterrânicos. O coberto autóctone de sobro e azinho continua a ocupar um lugar proeminente no território regional (908.200 hectares em 1995), pese embora haver sinais de regressão, quer devido aos incêndios, quer a patologias que têm assolado o montado.

⁹ “Cork screwed? Environmental and economic impacts of the cork stoppers market”, WWF, 2006

No seio dos recursos naturais de maior valia, destaque para diversas áreas protegidas (Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, Reserva Natural do Estuário do Sado, Parque Natural da Serra de São Mamede, Parque Natural do Vale do Guadiana, etc.), biótopos de interesse florístico e faunístico correspondentes respetivamente a aproximadamente 7,5% e 30,7% do território regional, e ainda importantes valores enquadrados na Rede Natura 2000, nomeadamente zonas de proteção especial para a conservação das aves selvagens.

A região dispõe de uma linha de costa de 263 km, uma das mais bem preservadas da Europa, sendo que uma parte muito significativa da orla costeira se encontra classificada pela sua valia ambiental (reserva natural, parque natural, sítio da Rede Natura 2000). Não obstante tal classificação, o litoral carece de medidas de preservação ambiental e de prevenção de riscos (arribas, etc.), bem como de planos de ação eficazes do ponto de vista da gestão e ordenamento do território.

Para além do montado e da orla costeira, o território do Alentejo é composto por diversas unidades de paisagem, tendo sido identificadas 7 unidades paisagísticas (de um total de 22 unidades elencadas para o todo nacional pelo estudo da Universidade de Évora¹⁰). De acordo com este estudo, conclui-se que, de um modo geral, a utilização dominante do espaço corresponde ajustadamente às características do território.

Segundo a mesma fonte, esta realidade aplica-se em 25 das 37 subunidades identificadas. Em situações pontuais, são identificadas exceções ao quadro de usos ajustados do território em 11 subunidades de paisagem. Tais casos devem-se, nomeadamente, ao impacte da indústria extrativa e transformadora, à florestação maciça com eucalipto ou espécies exóticas, à degradação dos solos, entre outros.

Por conseguinte, uma percentagem significativa do território possui usos agrícolas e florestais. São exemplos: o sequeiro intensivo nos Barros de Beja, o regadio e hortofloricultura na Lezíria do Tejo e Litoral Alentejano, os montados de sobre e azinho, entre outros.

Apesar do potencial endógeno destes territórios, têm-se assistido a um processo de despovoamento intenso nas áreas rurais, contribuindo para o agravamento do contraste urbano/rural. Este fenómeno, além de pôr em risco o desaparecimento dos aglomerados de menor dimensão por falta de atratividade, causa igualmente o abandono rural e a conseqüente perda de caráter e identidade da paisagem.

A implementação de investimentos estruturantes, de que o Empreendimento de Fins Múltiplos do Alqueva (EFMA) é o exemplo mais eloquente, constitui uma oportunidade de inversão desta tendência, pela potenciação de um conjunto de atividades económicas, tais como, a fileira agroalimentar, as energias renováveis, o turismo, o ambiente, entre outras.

Importa sublinhar que o sistema global de rega de Alqueva irá beneficiar uma área de cerca de 110.000 hectares no término da sua execução. Após os investimentos “pesados” realizados em anteriores Quadros Comunitários de Apoio (nomeadamente, na construção das barragens de Alqueva e Pedrógão), encontram-se atualmente em fase de implementação os perímetros de rega do empreendimento (redes primária e secundária).

¹⁰ “Estudo sobre o abandono em Portugal Continental”, Universidade de Évora, 2006

Note-se que, em Ferreira do Alentejo, encontra-se já em funcionamento a primeira mancha de regadio do sistema global de rega de Alqueva (denominada “infraestrutura 12”), que integra um perímetro de rega superior a 5.000 hectares.

Mapa 2.1.2.1.
O sistema global de rega do EFMA



O EFMA, além do potencial económico e energético enunciados, encerra uma importância decisiva enquanto reserva estratégica de água, nomeadamente, para consumo humano. Com a conclusão do empreendimento, o abastecimento domiciliário de água, em condições de qualidade e regularidade, deverá servir cerca de 200.000 habitantes.

2.1.3. O sistema urbano regional

Na região do Alentejo, tem-se assistido, nas últimas décadas, ao reforço demográfico dos principais centros urbanos, sobretudo em resultado do crescimento do setor terciário e em detrimento dos aglomerados populacionais de menor dimensão.

À semelhança de outras regiões, as cidades da região assumiram-se, em definitivo, como os pilares da organização territorial. Com efeito, o desempenho das principais cidades (Évora, Santarém, Beja e Portalegre) é manifestamente superior ao restante território.

Reportando aos Censos 2001, 15,7% da população total vivia nos cinco aglomerados com mais de 15.000 habitantes (Évora, Santarém, Beja, Portalegre e Elvas) e 21,1% em 22 aglomerados entre os 5.000 e 15.000 habitantes. Estes centros, dotados geralmente de serviços públicos e de maior oferta de emprego (indústria, comércio e serviços), encerram problemas de revitalização urbana, frequentemente associados à perda de funções económicas e residenciais dos seus centros históricos.

Este facto põe em risco o património construído, particularmente relevante na região (por exemplo, o centro histórico de Évora encontra-se classificado desde 1986 como património mundial pela UNESCO), assistindo-se em simultâneo ao crescimento desordenado e desqualificado das periferias, onde escasseiam equipamentos públicos, emprego e funções urbanas. A este respeito, importa sublinhar o contributo

de programas como o Polis (com particular relevo em Beja e Portalegre), na implementação de iniciativas emblemáticas de valorização patrimonial e ambiental das cidades.

Quadro 2.1.3.1.
Principais centros urbanos da região (2001)

Localidade	NUTS III	População residente	Peso na região (%)
Évora	Alentejo Central	41.159	5,3%
Santarém	Lezíria Tejo	28.669	3,7%
Beja	Baixo Alentejo	21.658	2,8%
Portalegre	Alto Alentejo	15.274	2,0%
Elvas	Alto Alentejo	15.115	1,9%
Sines	Alentejo Litoral	11.303	1,5%
Almeirim	Lezíria Tejo	10.833	1,4%
Total Alentejo *		776.585	100,0%

Nota *: o total populacional apurado nos Censos 2001 é superior aos números de 2004.

Fonte: INE, Censos 2001

Apesar desta evolução, o sistema urbano da região continua débil: as principais cidades não se configuram num sistema devido às suas escassas relações, nomeadamente, ao nível da falta de complementaridade de equipamentos e oferta de bens e serviços. Inclusivamente, verifica-se uma fraca articulação das maiores cidades com o restante sistema urbano (ao nível das sedes de concelho) devido a ritmos muito diferenciados de crescimento e investimento.

De igual modo, na relação das sedes de concelho com o território envolvente (concelho), verifica-se um fenómeno semelhante, sendo notória uma dinâmica de deslocação da população do espaço rural (aldeias e lugares) para estas localidades. Estes fenómenos de concentração demográfica têm sido, por vezes, acompanhados da descaracterização da imagem das cidades e aglomerados urbanos, nomeadamente nas novas expansões.

As linhas gerais da estruturação do sistema urbano regional já foram definidas no âmbito do Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território. Atualmente, encontra-se em fase de preparação o Plano Regional de Ordenamento do Território do Alentejo (PROT Alentejo), o qual irá concretizar as linhas mestras do desenvolvimento territorial, a hierarquização do sistema urbano e das principais infraestruturas e equipamentos para toda a NUTS II Alentejo (com exceção da NUTS III Lezíria do Tejo, englobada no futuro PROT Oeste e Vale do Tejo).

2.1.4. As acessibilidades regionais e o sistema logístico

Em resultado da sua vantajosa localização geográfica, com posicionamento estratégico no corredor ibérico Lisboa-Madrid e nos corredores nacionais Lisboa-Algarve e Centro-Algarve, o Alentejo dispõe de uma presença significativa nas redes transeuropeias de transportes (TEN-T).

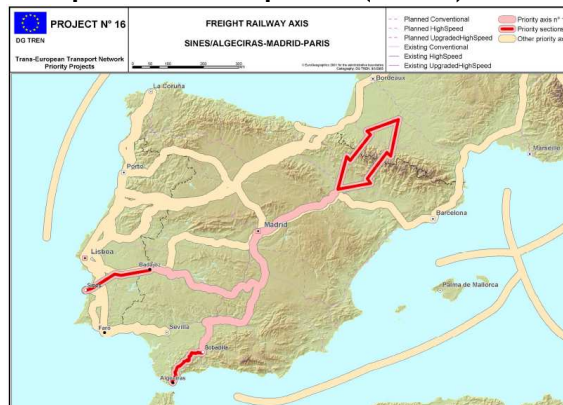
Com efeito, a região está inserida em 4 dos 30 projetos prioritários europeus, designadamente: o projeto nº 3 - eixo ferroviário de alta velocidade do sudoeste da

Europa; o projeto nº 16 - rede ferroviária Sines/Algeciras - Madrid - Paris; o projeto nº 8 - eixo multimodal Portugal/Espanha-resto da Europa; e o projeto nº 21 - autoestradas do mar. Na sua maioria, estes projetos irão ser executados durante o período de programação 2007/2013, sendo previsível que desempenhem um relevante contributo na melhoria da competitividade da economia regional e induzam a captação de investimentos em setores estratégicos.

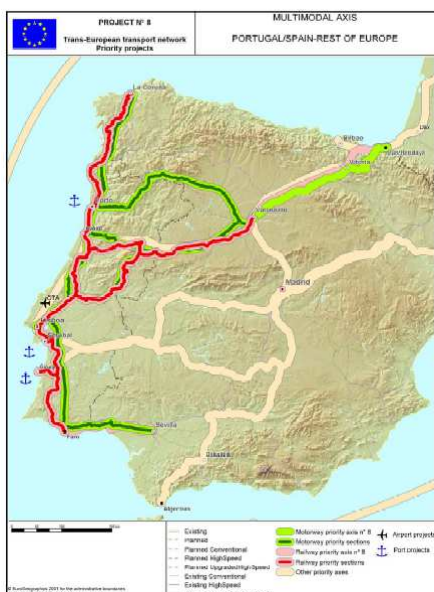
Mapa 2.1.4.1.
Projetos prioritários das redes transeuropeias de transportes (TEN-T)



PP nº 3 - Eixo ferroviário alta velocidade do sudoeste europeu



PP nº 16 - Rede ferroviária Sines/Algeciras - Madrid - Paris



PP nº 8 - Eixo multimodal Portugal/Espanha-resto da Europa



PP nº 21 - Autoestradas do mar

No caso da rede de alta velocidade (TGV), prevê-se a obtenção de um importante impulso no transporte de passageiros, garantindo uma inegável vantagem competitiva às regiões abrangidas. Segundo os estudos efetuados¹¹, estima-se que, em 2013, o eixo Lisboa - Madrid tenha um tráfego anual de 6,1 milhões de passageiros. Aqui, importa salientar que este eixo irá beneficiar o Alentejo através da construção de duas estações da rede (em Évora e em Elvas/Badajoz), permitindo um considerável ganho em distância-tempo face às duas capitais ibéricas.

Para além do TGV, a construção da ligação ferroviária do porto de Sines à fronteira espanhola (projeto prioritário nº 16 das TEN-T) afigura-se como outro dos projetos

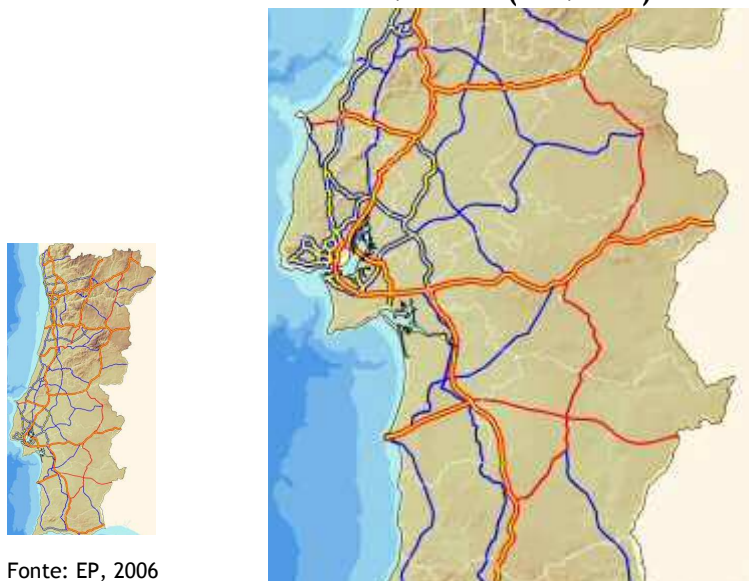
¹¹ Estudo de mercado relativo à futura ligação ferroviária de Alta Velocidade entre Lisboa e Porto”, RAVE, junho 2005

estruturantes para o desenvolvimento regional, proporcionando maior competitividade às atividades económicas instaladas em Sines e alargando a área de influência desta “porta atlântica” ao *hinterland* ibérico (além de constituir um modo de transporte menos poluente que o rodoviário). Assinale-se que o porto de Sines está igualmente inserido nas “autoestradas do mar” (projeto prioritário nº 21), atendendo às suas características (porto de águas profundas) e posicionamento no contexto europeu.

Já no que respeita à rede ferroviária convencional, esta continua a evidenciar uma debilidade estrutural, visto não ligar de forma satisfatória os principais centros urbanos da região. Nos últimos anos, os investimentos na rede ferroviária exibem uma acentuada dicotomia: linhas que têm sido objeto de intervenções de modernização (Linha do Sul, Linha de Évora), em paralelo com o abandono progressivo de outras linhas, com a consequente degradação e supressão gradual de serviços.

No capítulo das acessibilidades rodoviárias, a região dispõe atualmente de uma razoável cobertura, fruto dos investimentos efetuados nos últimos Quadros Comunitários de Apoio, em particular, as autoestradas A1 (entre Lisboa - Santarém - Coimbra - Porto) A6 (entre Lisboa - Évora - Elvas - Espanha), A2 (autoestrada do Sul entre Lisboa e o Algarve) e A13 (ligação entre Santarém e Marateca, funcionando como via de articulação entre o Centro e o Sul do país).

Mapa 2.1.4.2.
Plano Rodoviário Nacional (PRN2000)



Fonte: EP, 2006

Apesar das substanciais melhorias da rede rodoviária, continuam por concretizar investimentos previstos no Plano Rodoviário Nacional (PRN2000) em vários eixos da rede fundamental e da rede complementar (itinerários principais, itinerários complementares e estradas regionais). São exemplos destas necessidades a construção do IP8 (entre Sines - Beja - fronteira de Vila Verde de Ficalho), a conclusão do IP2 (um importante “eixo vertical” da região do Alentejo que liga Beja, Évora, Estremoz e Portalegre) e a construção do IC33 (ligação Sines - Évora).

A inexistência de uma rede de acessibilidades adequada entre as principais cidades contribui, em parte, para o défice de articulação do sistema urbano regional.

Todavia, a melhoria registada nos eixos viários não tem sido homogénea. A par do reforço de investimentos em alguns pólos e eixos estruturantes, associados a áreas de maior dinamismo económico ou a lógicas de atravessamento da região, tem-se assistido a uma tendência regressiva dos investimentos em áreas mais periféricas. Nomeadamente, na rede viária de âmbito municipal, existem áreas territoriais onde tal cobertura é reduzida, havendo ainda desarticulações ao nível supramunicipal.

No capítulo do serviço de transportes públicos de passageiros, é notória uma acentuação das assimetrias intrarregionais. À exceção de situações pontuais relacionadas com os centros urbanos de maior dimensão, estes transportes evidenciam deficiências, sobretudo nas áreas mais afastadas dos eixos principais e dos maiores aglomerados, relacionadas com a falta de qualidade dos serviços prestados (baixa frequência ou pura inexistência). Atendendo às questões demográficas da região, a rentabilidade dos serviços de transporte encontra-se condicionada. Importa, por isso, perspetivar a implementação de sistemas de transportes adequados (de preferência, “limpos”), de modo a garantir a coesão social e territorial, através do acesso generalizado aos equipamentos e serviços coletivos.

A falta de intermodalidade nos transportes, quer de passageiros, quer de mercadorias, é outro dos problemas identificados. Com efeito, verificam-se problemas de flexibilidade e de articulação no mesmo modo de transporte (com destaque para o modo rodoviário) e entre diferentes modos de transporte, evidenciando-se também dificuldade em contrariar o uso crescente do transporte individual nas deslocações urbanas.

Ao nível da logística, o Governo apresentou recentemente o plano estratégico denominado “Portugal Logístico”¹². Neste documento, a região foi contemplada na rede nacional de plataformas logísticas através de duas infraestruturas: Sines e Elvas/Caia.

Relativamente a estas infraestruturas, há a referir os significativos investimentos realizados e em curso no porto de Sines e na Zona Industrial e Logística associada, com condições físicas únicas a nível nacional, que permitem perspetivar a afirmação deste pólo no contexto internacional, desde que sejam concretizadas as acessibilidades para ligação ao seu *hinterland*. Outra das apostas do plano Portugal Logístico passa pela implantação de uma plataforma fronteiriça em Elvas/Caia, articulada com Badajoz.

Por último, mas não menos importante, uma referência ao sistema aeroportuário. O Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações (MOPTC) apresentou em julho de 2006 as orientações estratégicas para o sistema aeroportuário nacional¹³, no qual se inclui o futuro aeroporto de Beja. Já em fase de investimento (ao abrigo do QCA III), esta infraestrutura terá como vocação, de acordo com os estudos do MOPTC, o apoio à atividade turística, designadamente, devido à emergência de novos empreendimentos turísticos (litoral, Alqueva, ...). Além disso, estes estudos¹⁴ referem como oportunidades para o aeroporto de Beja: o transporte de carga (produtos agroalimentares, ...), a manutenção de aeronaves e a criação de um pólo de fabricação aeronáutica.

Neste capítulo, importa sublinhar que a região dispõe de um conjunto de aeródromos distribuídos pela região (Évora, Santarém, Sines, ...), os quais se destinam à proteção civil, aviação desportiva e educacional, etc. Aqui, merece destaque o aeródromo de

¹² Portugal Logístico, MOPTC, 2006

¹³ Orientações estratégicas para o sistema aeroportuário nacional, MOPTC, 2006

¹⁴ Sistema aeroportuário nacional: características da situação atual e perspetivas futuras, Mercer MC, 2006

Évora, objeto de investimento nos últimos anos e sede de uma escola de pilotos reconhecida internacionalmente. Note-se que a região dispõe já de uma fábrica de aviões ligeiros, localizada em Ponte de Sôr.

2.2. A caracterização da competitividade e coesão económica e social do Alentejo

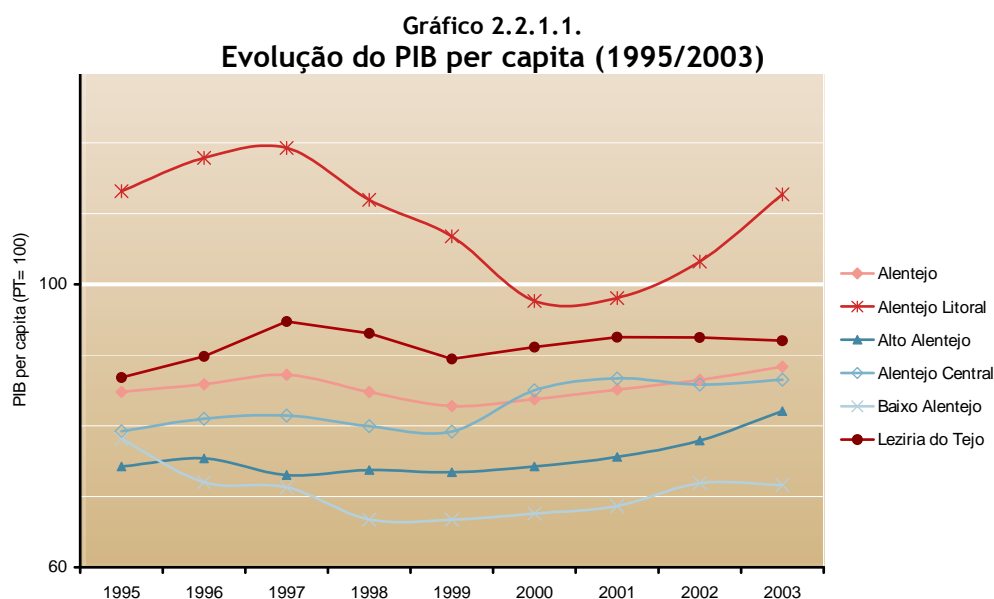
A caracterização da análise evolutiva do Alentejo é efetuada através dos traços marcantes desde a década de 90, nomeadamente, ao nível do posicionamento competitivo da região, quer no contexto nacional, quer no contexto das especificidades intrarregionais.

Esta análise procura apresentar os principais aspetos de caracterização desta região e, em paralelo, os principais aspetos que teriam caracterizado (ao longo do período de referência adotado, 1991-2002) uma realidade regional hipotética (denominada “Alentejo 2002”) composta pelas sub-regiões do Alentejo Litoral, Alto Alentejo, Alentejo Central, Baixo Alentejo e Lezíria do Tejo.

2.2.1. A competitividade e o PIB regional

A evolução dos indicadores de competitividade do Alentejo manifesta uma dificuldade “crónica” da região em despoletar e sustentar um processo efetivo de convergência, quer no plano nacional, quer no plano europeu.

A trajetória de divergência face à média nacional que a região apresentou no final dos anos 90 (e que contribuiu para agravar as disparidades evidenciadas no início da década) levou a que o nível do produto interno bruto (PIB) per capita se situasse cerca de 20% abaixo da média do país em meados da década passada. Mais recentemente, a inversão deste ciclo permite identificar um padrão de convergência face à média nacional.



Fonte: Augusto Mateus et al., com base em dados do INE, contas regionais

O indicador PIB per capita mostra um posicionamento globalmente desfavorável da região: 11% abaixo da média nacional (PIB per capita = 89 pontos em 2003). Em

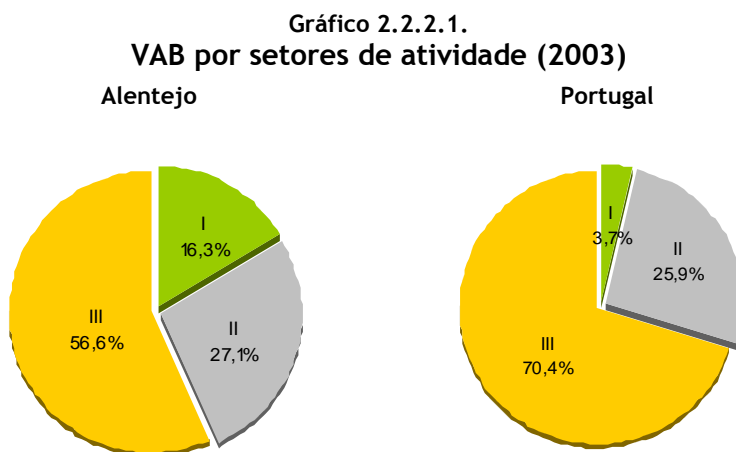
termos intrarregionais, são visíveis diferenças significativas entre as NUTS III: o Alentejo Litoral é a única sub-região com resultado superior à média do país (PIB per capita = 113). Por outro lado, o Baixo Alentejo apresenta o pior desempenho, estando o seu PIB per capita 28% abaixo da média nacional.

No contexto nacional, o contributo do Alentejo para a produção de riqueza é relativamente modesto: com efeito, a região representa somente 6,5% do PIB português no ano de 2003.

No contexto sub-regional, registam-se diferenças significativas entre as NUTS III, com destaque para a Lezíria do Tejo, onde é gerado 33,2% do PIB do Alentejo. Por seu turno, as sub-regiões do Alto Alentejo e Baixo Alentejo detêm o menor peso relativo com, respetivamente, 14,9% e 13,9% do PIB regional.

2.2.2. A especialização produtiva da economia regional

Com uma economia no passado recente muito baseada na agricultura, o Alentejo apresenta nos últimos anos uma evolução da atividade económica reveladora da importância que o setor terciário passou a assumir no quadro da economia regional, relegando a agricultura para um plano inferior no conjunto dos três principais setores de atividade. Globalmente, é o setor terciário que mais contribui para o valor acrescentado bruto (VAB) regional, com um peso relativo de 56,6% (dados de 2003). Segue-se o setor secundário com 27,1% do VAB regional, e o setor primário com uma quota-parte de 16,3%.



Fonte: INE, contas regionais, 2004

Ainda assim, o setor primário no Alentejo continua a deter uma importância muito superior à média nacional: em Portugal, a agricultura, silvicultura e pescas representam somente 3,7% do VAB nacional. Por isso mesmo, o padrão de especialização regional continua a ser globalmente marcado pela relevância da produção agrícola.

Relativamente à agricultura, registam-se alguns vetores de mudança de grande relevo, nomeadamente, a diminuição do número de explorações (na sequência de um processo de concentração da propriedade), e a concretização de investimentos

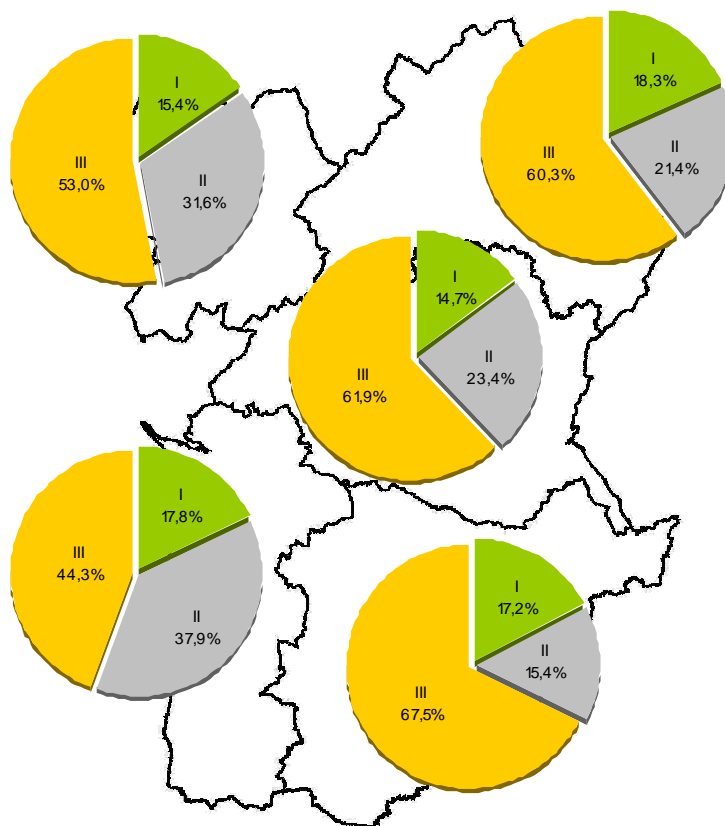
geradores de importantes efeitos multiplicadores, tendo no Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva (EFMA) o seu melhor exemplo.

Ao nível das sub-regiões do Alentejo, a distribuição sectorial revela uma clara predominância do setor terciário, à exceção do Alentejo Litoral, não sendo alheio a este facto a presença do complexo industrial e energético de Sines. A indústria transformadora no Alentejo, não se confinando exclusivamente ao pólo industrial de Sines, recebe daí um enorme contributo para o valor acrescentado bruto da região, posicionando o Alentejo Litoral de forma singular no panorama territorial.

Na indústria, identificam-se novas tendências nos anos mais recentes, dando mostras de um maior dinamismo no setor. Entre os aspetos mais significativos, destacam-se a emergência de novos nichos de especialização produtiva e o aparecimento de investimentos potenciadores do aprofundamento de novas fileiras, como sejam a indústria de componentes para automóveis e a indústria de fabrico de componentes elétricos/eletrónicos.

Além do setor primário, o perfil de especialização produtiva do Alentejo estrutura-se em torno dos serviços de caráter não transacionável (como educação, administração pública e ação social), evidenciando-se uma “sub-representação” dos serviços de apoio à atividade económica.

Mapa 2.2.2.1.
VAB por setores de atividade
segundo as NUTS III (2003)



Fonte: INE, contas regionais, 2004

Em especial, a Administração Pública tem um peso relativo superior no Alentejo (12,1%), comparativamente com os valores nacionais (9,6%). Inclusive, em alguns

concelhos, as autarquias surgem como os maiores empregadores, devido ao escasso dinamismo empresarial.

A discrepância entre o panorama regional e nacional é mais visível nos serviços de maior valor acrescentado, como é o caso das atividades financeiras e dos serviços prestados às empresas: o peso relativo das atividades financeiras no VAB nacional é de 6,3%, ao passo que na região se cifra em 3,0%; as atividades imobiliárias e os serviços prestados às empresas representam apenas 6,8% do VAB regional (13,1% a nível nacional).

Estes números confirmam a reduzida “densidade empresarial” da região e a escassez de serviços de suporte ao desenvolvimento e inovação do tecido económico.

**Quadro 2.2.2.1.
Distribuição percentual do VAB por setores (2003)**

Atividades económicas	Portugal (%)	Alentejo (%)
Agricultura, produção animal e silvicultura	3,3%	16,2%
Pesca	0,4%	0,3%
Indústrias extrativas	0,3%	1,8%
Indústrias transformadoras	16,3%	15,7%
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	2,8%	4,7%
Construção	6,7%	5,1%
Comércio por grosso e a retalho	14,3%	10,4%
Alojamento e restauração	3,0%	2,2%
Transportes, armazenagem e comunicações	6,8%	5,7%
Atividades financeiras	6,3%	3,0%
Activ. imobiliárias e serviços prestados às empresas	13,1%	6,8%
Administração pública, e segurança social	9,6%	12,1%
Educação	7,5%	7,7%
Saúde e ação social	6,5%	6,1%
Outras atividades de serviços coletivos	3,1%	2,3%
Total	100,0%	100,0%

Fonte: INE, anuários estatísticos regionais 2004

2.2.3. A produtividade da economia regional

A disparidade entre o PIB per capita regional e o nacional é explicada, em boa medida, pela trajetória evolutiva dos níveis de produtividade e das taxas de utilização dos recursos humanos. Ao longo da década de 90, verificou-se uma quebra dos níveis médios de produtividade da economia regional, justificando-se assim algumas dificuldades de convergência em relação ao todo nacional.

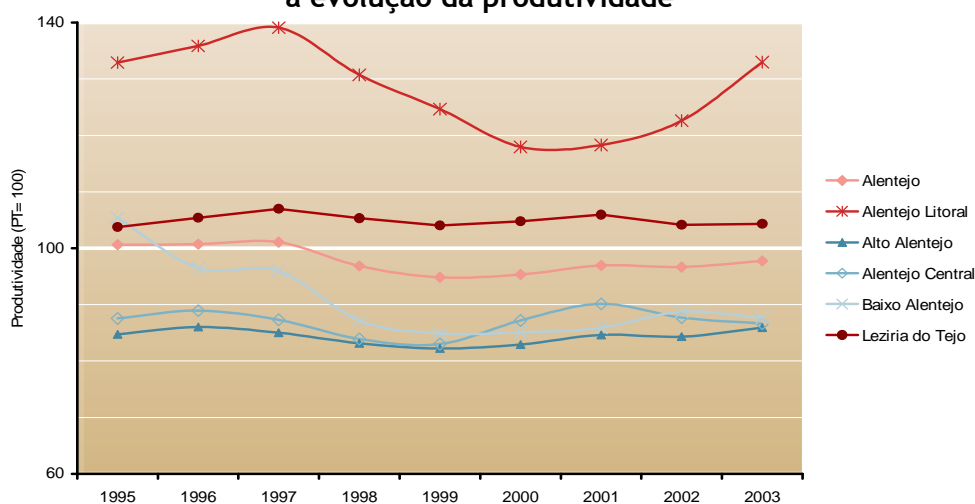
Em termos de produtividade, o posicionamento do Alentejo resulta da coexistência de ramos de muito baixa produtividade (agricultura tradicional, comércio retalhista, segmentos pouco qualificados da Administração Pública) com ramos com

produtividade muito elevada (empresas do complexo de Sines, algumas agroindústrias, ...).

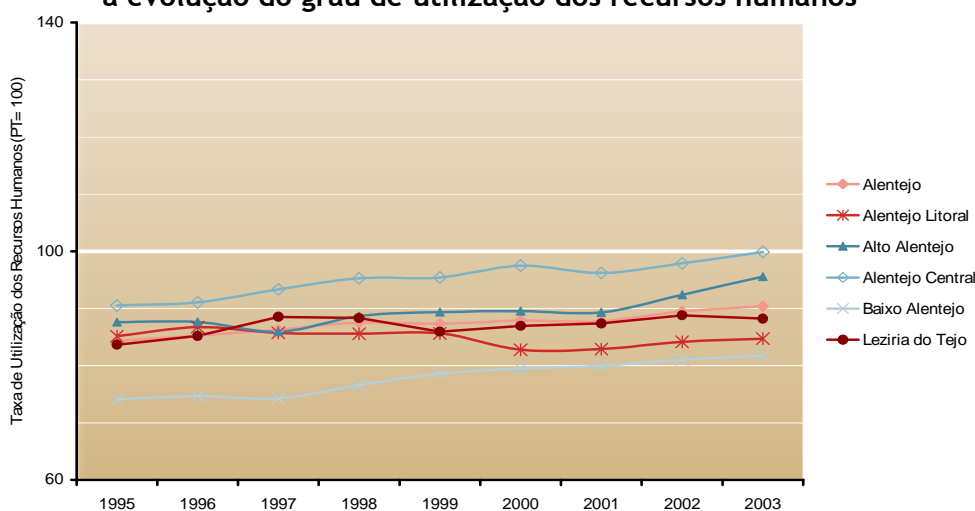
No que respeita à taxa de utilização dos recursos humanos, o Alentejo ocupa a posição menos favorável do país, como resultado da conjugação de uma economia pouco diversificada, que apresenta uma reduzida capacidade para gerar emprego, com índices de envelhecimento muito elevados. Note-se que todas as NUTS III do Alentejo apresentaram, no período 1991-2002, graus de utilização dos recursos humanos inferiores à média nacional.

Uma tendência transversal ao Alentejo, no seu conjunto, e às suas sub-regiões, prende-se com os baixos índices de produtividade atingidos nos diversos ramos do setor terciário, parcialmente explicados pela representatividade dos serviços de carácter não transacionável na estrutura de formação do VAB.

Gráfico 2.2.3.1.
As trajetórias de crescimento económico no Alentejo:
a evolução da produtividade



a evolução do grau de utilização dos recursos humanos



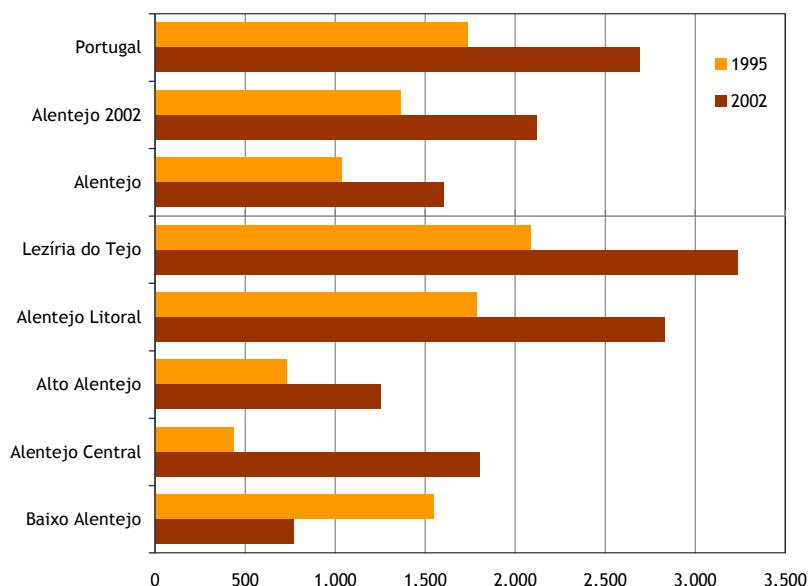
Fonte: Augusto Mateus et al., com base em dados do INE, contas regionais

2.2.4. A abertura da economia regional ao exterior

A análise do posicionamento do Alentejo no espaço nacional permite verificar que o grau de abertura aos fluxos de comércio internacional é inferior à média nacional. A sua capacidade de penetrar em mercados externos é pouco significativa e representativa das debilidades competitivas da economia regional.

Apesar do reforço da dinâmica exportadora do Alentejo (1995-2002), as exportações per capita da região mantêm-se a níveis inferiores à média do país. Fatores como a elevada focalização do tecido empresarial do Alentejo no mercado local e regional (dimensão reduzida das empresas, reduzida capacidade de investimento, frágeis estruturas de capital, ...) contribuem para explicar uma deficiente inserção do setor produtivo no mercado internacional.

Mapa 2.2.4.1.
Dimensão da atividade exportadora
por NUTS III (€ per capita)



Fonte: Augusto Mateus et al., com base em dados do INE, estatísticas do comércio internacional e contas regionais

A inserção da Lezíria do Tejo no Alentejo colocou a região em patamares mais próximos do nível médio nacional, como resultado da significativa capacidade desta NUTS III para criar valor internacional.

2.2.5. A investigação e tecnologia na especialização produtiva

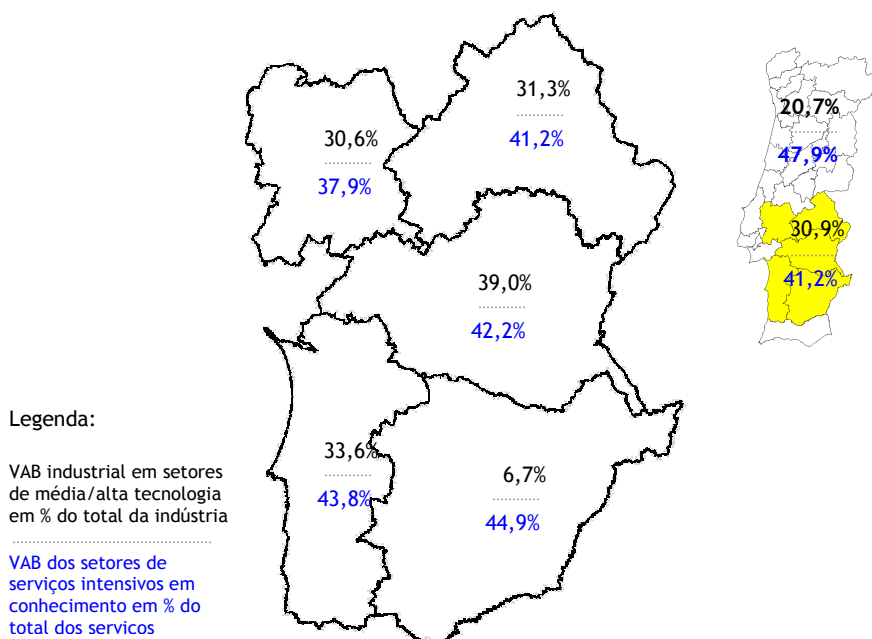
As atividades industriais de média e alta tecnologia ocupam, na região, um peso relativo superior à média nacional. Todavia, a elevada expressão do valor relativo do VAB industrial gerado pelos setores tecnologicamente intensivos (em comparação com o espaço nacional) está relacionada com a reduzida expressão das restantes atividades industriais.

No Alentejo Central e Litoral, concentram-se as iniciativas empresariais mais orientadas para a média/alta tecnologia: no Alentejo Central, as atividades industriais de média/alta tecnologia representam 39,0% do VAB industrial; no

Alentejo Litoral, este valor é de 33,6%. Durante a década de 90, o encerramento ou *downsizing* de algumas unidades industriais de média/alta tecnologia teve repercussões relevantes sobre o contributo deste segmento para o VAB do Alentejo Litoral.

Ao nível dos serviços intensivos em conhecimento, o Alentejo encontra-se numa posição de proximidade face ao padrão médio nacional: 41,2% na região *versus* 47,9% no país. As assimetrias intrarregionais identificadas não são significativas, existindo uma relativa homogeneidade nas NUTS III em termos do contributo dos serviços avançados para a formação do VAB total dos serviços.

Mapa 2.2.5.1.
Importância da tecnologia e conhecimento no
VAB sectorial por NUTS III (2000)



Fonte: Augusto Mateus et al., com base em dados do INE, contas regionais, e DEEP, quadros de pessoal

No capítulo da utilização das tecnologias de informação e comunicação (TIC), o emprego afeto a estas atividades representa, na região, 1,7% do total, ao passo que a média nacional se cifra em 3,3% (valores de 2003).

Neste caso, é patente uma expressiva heterogeneidade sub-regional, decorrente da posição do Alentejo Central - 3,4% do emprego em TIC - facto que se deve à instalação em Évora de duas unidades multinacionais de fabrico de componentes eletrónicos. O Alto Alentejo merece igualmente registo com um valor de 2,0% do emprego em TIC.

Ao nível da investigação e desenvolvimento (I&D), o Alentejo está aquém dos parâmetros médios nacionais: a despesa afeta a I&D na região é de 0,30%, enquanto a média do país é de 0,85%. Convém notar que a região de Lisboa concentra a maioria das atividades de I&D realizadas em Portugal.

No Alentejo, o ensino superior constitui o principal executor de I&D, quer no investimento realizado, quer nos recursos humanos afetos. Com efeito, mais de 50% das verbas alocadas a investigação são da responsabilidade dos estabelecimentos de

ensino superior: dos 0,30% de despesa em I&D, 0,17% são respeitantes a universidades e politécnicos e 0,13% a outras entidades (Estado, empresas, ...).

O peso assumido pelo emprego em I&D no total da população ativa da região é consideravelmente mais reduzido que a nível nacional. De acordo com o Eurostat, 0,41% do emprego regional corresponde a investigação e desenvolvimento; a média nacional é de 0,77%. Também aqui existe um forte relevo do ensino superior, enquanto elemento polarizador destas atividades.

Quadro 2.2.5.1.
Importância relativa (%) da despesa e pessoal em I&D (2001)

Entidades	Portugal		Alentejo	
	Despesa	Emprego	Despesa	Emprego
Estado	0,18%	0,17%	0,06%	0,07%
Ensino superior	0,31%	0,38%	0,17%	0,27%
Empresas	0,27%	0,13%	0,01%	0,01%
Inst. privadas s/ fins lucr.	0,09%	0,09%	0,06%	0,05%
Total	0,85%	0,77%	0,30%	0,41%

Fonte: Eurostat (estimativa), 2006

A reduzida afetação de recursos (financeiros e humanos) à investigação e desenvolvimento, por parte das empresas da região, traduz uma incipiente mobilização do tecido económico para a inovação (adoção de novos produtos e processos, ...), sendo este um dos pontos que carece de inversão na economia do Alentejo.

2.2.6. Estrutura e dinâmica empresarial

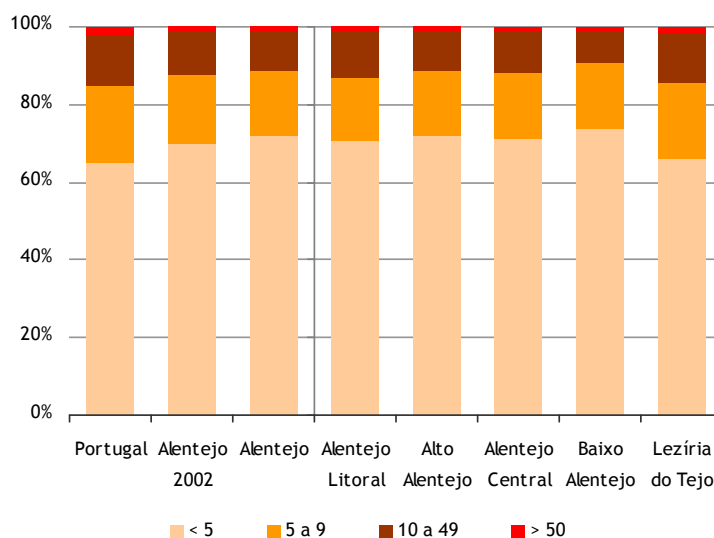
A estrutura empresarial do Alentejo é caracterizada, genericamente, pela existência de empresas de reduzida dimensão. De acordo com os dados oficiais, 87,7% do universo de estabelecimentos localizados na região têm menos de 10 trabalhadores (correspondendo, grosso modo, às microempresas); a nível nacional, o seu peso relativo é de 84,5%. Em particular, as unidades com menos de 5 postos de trabalho representam 70,0% do tecido empresarial (65,2% a nível nacional).

Os estabelecimentos que integram entre 10 e 49 trabalhadores (correspondendo, grosso modo, às pequenas empresas) representam 10,9% das unidades da região (13,4% em Portugal). Somente 1,3% dos estabelecimentos do Alentejo empregam mais de 50 postos de trabalho (a média nacional é de 2,0%). Numa análise intrarregional, a NUTS III Lezíria do Tejo é a que mais se aproxima dos parâmetros médios nacionais. Por outro lado, o Baixo Alentejo é a sub-região onde as unidades de menor dimensão têm uma importância mais acentuada.

No capítulo da distribuição do número de empresas por atividade, é notória uma diferença na estrutura empresarial do Alentejo face à realidade nacional, decorrente do peso relativo do setor primário: a agricultura, pecuária, silvicultura e pescas representam 6,4% das empresas do país; no Alentejo, ascendem a 20,8% do quantitativo de empresas.

Gráfico 2.2.6.1.

**Distribuição (%) dos estabelecimentos
segundo o número de trabalhadores por NUTS III (2004)**



Fonte: DEEP, quadros de pessoal

Nas demais atividades, a distribuição percentual é relativamente semelhante à média nacional. A principal exceção prende-se com os serviços prestados às empresas (9,8% no país, 5,8% na região), demonstrando-se, uma vez mais, a carência de serviços “avançados” de suporte à economia regional. O tecido empresarial do Alentejo está concentrado nas seguintes atividades: 31,0% das empresas estão incluídas no setor do comércio por grosso e a retalho; 20,8% na agricultura e pescas; 15,0% na construção civil; 11,2% no alojamento e restauração.

**Quadro 2.2.6.1.
Distribuição (%) do número de empresas por atividade (2004)**

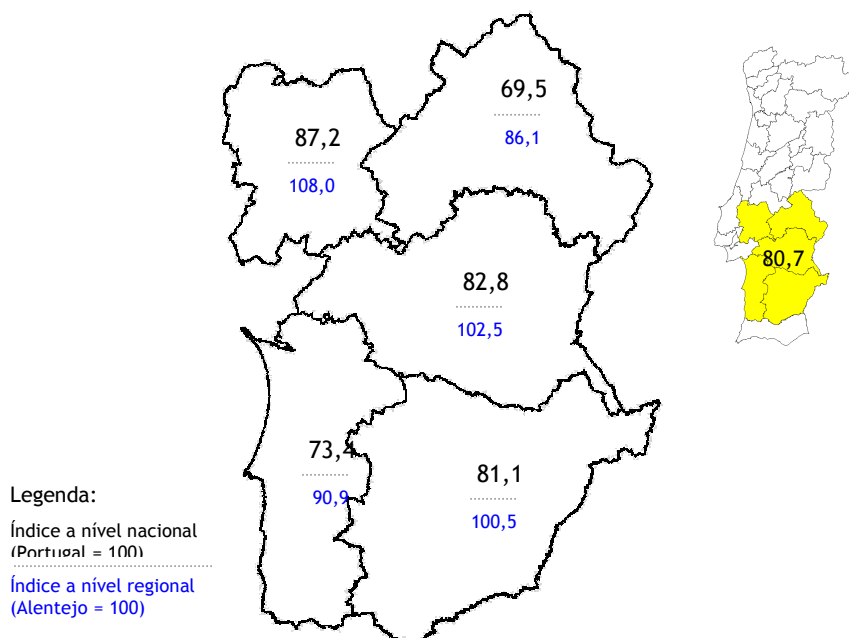
Atividades económicas	Portugal (%)	Alentejo (%)
Agricultura, produção animal, silvicultura e pesca	6,4%	20,8%
Indústrias extrativas	0,1%	0,3%
Indústrias transformadoras	9,9%	7,0%
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	0,04%	0,02%
Construção	18,0%	15,0%
Comércio por grosso e a retalho	34,1%	31,0%
Alojamento e restauração	10,3%	11,2%
Transportes, armazenagem e comunicações	2,7%	2,3%
Atividades financeiras	2,5%	2,0%
Activ. imobiliárias e serviços prestados às empresas	9,8%	5,8%
Outros serviços	7,5%	7,7%
Total	100,0%	100,0%

Fonte: INE, anuários estatísticos regionais, 2006

A dinâmica empresarial pode ser analisada através da taxa de iniciativa empresarial (obtida através do quociente das sociedades constituídas sobre a população ativa). Os resultados deste indicador confirmam uma dinâmica empresarial relativamente inferior à média nacional (cerca de 20% abaixo).

Numa perspetiva intrarregional, a Lezíria do Tejo e o Alentejo Central apresentam valores acima da média regional: 87,2 e 82,8 (média nacional =100) respetivamente. Por outro lado, o Alentejo Litoral (73,4) e o Alto Alentejo (69,5) detêm as piores performances.

Mapa 2.2.6.1.
Taxa de iniciativa empresarial por NUTS III (2004)



Fonte: INE, anuários estatísticos regionais 2004

2.2.7. Indicadores demográficos

O Alentejo dispõe de uma população residente de 767.679 habitantes, de acordo com as estimativas do INE¹⁵ (para o ano de 2004). Com a inclusão da sub-região Lezíria do Tejo na NUTS II Alentejo, a região registou um acréscimo de 246.849 habitantes, o que corresponde a um aumento de 47,4% relativamente à anterior divisão territorial.

Ainda assim, o Alentejo é a região portuguesa de menor índice de densidade populacional (25 hab/km²), devido a um ordenamento territorial orientado pelas especificidades históricas de uma agricultura extensiva e pouco propícia à concentração populacional e, num passado mais recente, pelo despovoamento derivado de um processo de êxodo rural que, apesar de ter ocorrido em todo o país, assumiu particular destaque no Alentejo.

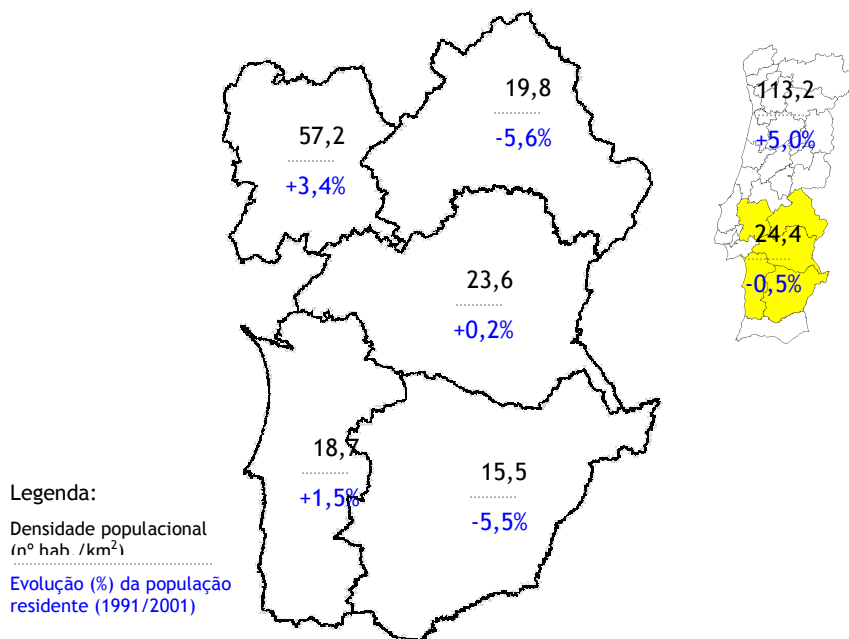
Durante os anos 90, o fenómeno do decréscimo populacional tem persistido, embora a ritmo inferior a anteriores décadas. A região “Alentejo 2002” (incluindo a Lezíria do Tejo) registou, entre 1991 e 2001, uma redução praticamente marginal (-0,7%). Em idêntico período, a população residente em Portugal aumentou 5,0%.

Para esta evolução demográfica, contribuiu a integração da Lezíria do Tejo, cuja população aumentou 3,4%. Sem esta NUTS III, o território assinalaria uma regressão populacional de -2,5% no período 1991/2001. Do ponto de vista intrarregional, são

¹⁵ INE, Estimativas provisórias da população residente, 2005

notórias dinâmicas distintas: o Alentejo Litoral e o Alentejo Central apresentam ganhos populacionais de 1,5% e 0,2%, respetivamente, mercê da captação de investimentos e das sinergias resultantes da proximidade a Lisboa (eixo da autoestrada A6). Em sentido contrário, encontram-se as NUTS III do Alto e Baixo Alentejo com diminuições populacionais superiores a 5,0%.

Mapa 2.2.7.1.
Densidade populacional e evolução da
população residente por NUTS III (2001)



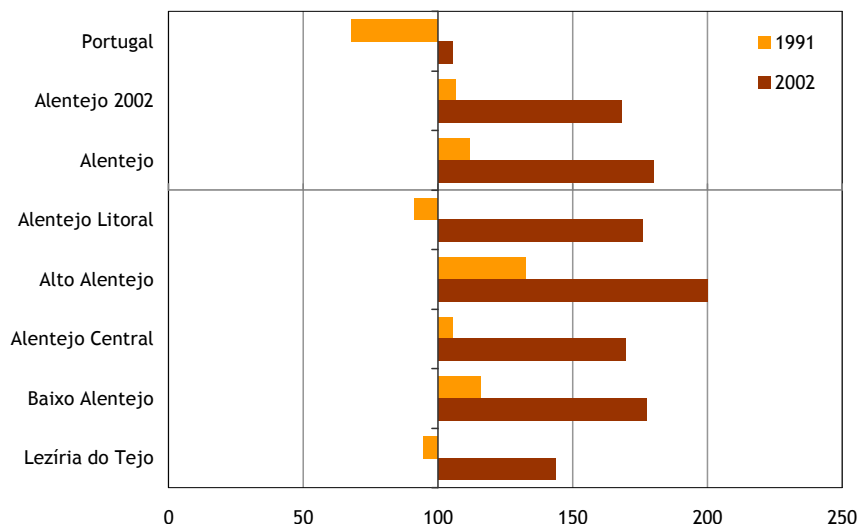
Fonte: INE, Censos 2001

Um traço marcante da estrutura demográfica da região reside no seu elevado índice de envelhecimento. Apesar de inserido na tendência nacional, o peso da população idosa assume, no Alentejo, proporções mais expressivas. Em 2001, o índice de envelhecimento da região cifrava-se em 168 (ou seja, 168 residentes com mais de 65 anos por 100 jovens com menos de 15 anos), ao passo que a média nacional era de 105. Note-se que este fenómeno tem conhecido um “avanço” notório nos últimos anos: em 1991, o índice de envelhecimento da região era de 107.

Na Lezíria do Tejo, o peso relativo da população jovem é superior, pelo que o seu índice de envelhecimento se encontra mais próximo do padrão nacional (144). O Alto Alentejo apresenta-se como a sub-região mais “idosa” com um valor de 200 (em termos simplificados, corresponde a dois idosos por cada jovem).

Este processo de envelhecimento atinge o topo e a base da estrutura etária, uma vez que o Alentejo é a única região do país onde a proporção de idosos ultrapassa, em 2001, 20% dos residentes (fruto do prolongamento da esperança de vida, de saldos migratórios negativos) e onde o peso dos jovens se situa abaixo dos 14% (êxodo de jovens em idade fértil, menores taxas de natalidade).

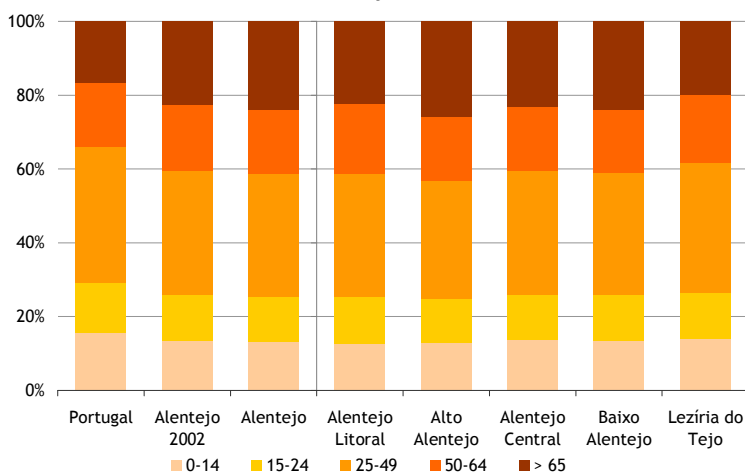
Gráfico 2.2.7.1.
Índice de envelhecimento por NUTS III (2001)



Fonte: INE, Censos 2001

Como é sabido, a disponibilidade de mão de obra constitui um forte impulsionador da atividade económica. No Alentejo, o processo de envelhecimento em curso restringe fortemente a disponibilidade dos recursos humanos para o trabalho, uma vez que o reforço dos escalões etários mais elevados traduz-se num peso tendencialmente mais significativo de população inativa. Esta situação constitui, assim, um fator acrescido de inibição competitiva.

Gráfico 2.2.7.2.
Estrutura etária da população residente por NUTS III (2001)



Fonte: INE, Censos 2001

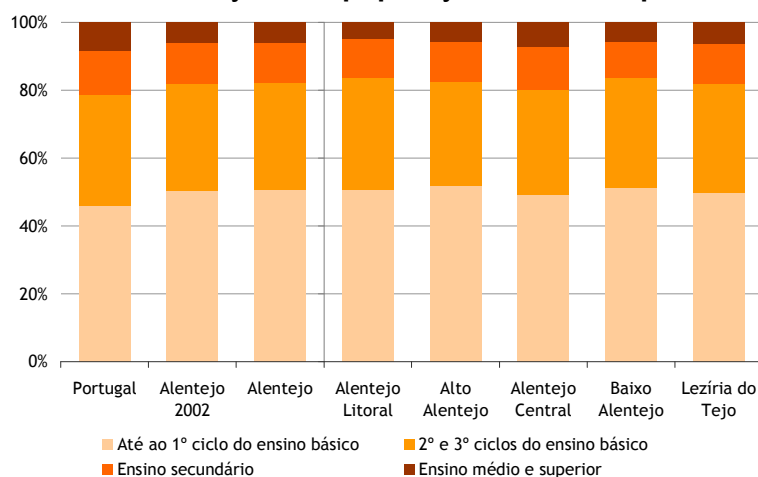
2.2.8. Qualificações, emprego e coesão social

No capítulo das habilitações académicas da população, a região detém uma situação desfavorável face à média nacional. Com efeito, no Alentejo, manifesta-se o predomínio de pessoas habilitadas unicamente com o primeiro ciclo do ensino básico: em 2001, 50,4% dos habitantes dispunham, no máximo, do 1º nível do ensino básico (a média em Portugal é, em 2001, de 46,2%). Por seu turno, a população residente, cujas habilitações correspondem ao ensino médio e superior, correspondem a 6,1% dos habitantes do Alentejo, face a uma média nacional de 8,4%.

Em termos intrarregionais, é notória uma homogeneidade na distribuição da população residente segundo as habilitações. No Alentejo Central atinge-se, apesar disso, o nível mais elevado, assente num peso mais significativo do ensino médio/superior (7,1% dos residentes).

A conjugação de uma estrutura populacional envelhecida com um padrão de baixo nível de habilitações caracteriza fortemente o perfil dos recursos humanos da região, podendo constituir um fator de estrangulamento do desenvolvimento regional, caso esta “tendência pesada” não seja invertida.

Gráfico 2.2.8.1.
Estrutura de habilitações da população residente por NUTS III (2001)



Fonte: INE, Censos 2001

Ao nível do sistema educativo, importa mencionar alguns factos e tendências recentes. Em primeiro lugar, relativamente ao fenómeno do insucesso escolar, verifica-se que o Alentejo apresenta índices menos favoráveis que o panorama nacional. No caso do ensino básico, o insucesso escolar atinge na região os 21,5% (época 2004/05); a nível nacional, este valor é de 20,0%. No ensino secundário, a taxa de insucesso cifra-se em 49,8% e 47,9%, respetivamente, no território regional e nacional.

Em segundo lugar, registe-se o crescimento significativo da oferta de formação ministrada pelas escolas profissionais, traduzido num aumento das taxas de frequência naquelas instituições para valores superiores à média nacional: 7,4 % da população com 15 a 19 anos (em 2003) face a um indicador de 4,9% para o país.

Em terceiro, uma referência às dificuldades existentes na acessibilidade aos equipamentos educativos de nível secundário e superior, motivadas pelo considerável afastamento geográfico das populações escolares - sobretudo nas áreas mais periféricas - relativamente a tais equipamentos. O atual contexto de reestruturação do parque escolar, liderado pelo Ministério da Educação, deverá, por isso, ser articulado com o sistema de mobilidade (transportes públicos/escolares).

No âmbito do mercado de trabalho da região, os indicadores mais relevantes refletem algumas das debilidades da economia regional. Nomeadamente, o Alentejo regista a mais baixa taxa de atividade das regiões do Continente, com um valor de 49,0% em 2004 (a média nacional é de 52,2%). Esta situação é extensível à

participação da mulher no mercado laboral, já que a taxa de atividade feminina no Alentejo é de 41,9%, enquanto o valor médio do país é de 46,7%.

No capítulo do emprego, o Alentejo continua a ser região de Portugal com maiores índices de desemprego. De acordo com os dados mais recentes (para o 3º trimestre de 2006), a região apresenta uma taxa de desemprego de 8,7%, estando acima 1,3% da média nacional (que se cifra em 7,4%).

Outro dado relevante prende-se com a incidência deste fenómeno junto de segmentos como as mulheres e os jovens. Com efeito, a taxa de desemprego feminina é, nesta região, a mais elevada do país: em 2004 (últimos elementos disponíveis), 11,5% da população ativa feminina do Alentejo estava sem emprego; a média nacional era, nessa data, de 7,6%. No caso dos jovens com idades compreendidas entre os 15 e 24 anos, a taxa de desemprego no Alentejo assinalada em 2004 era de 22,1%, em comparação a uma média nacional de 15,3%.

Apesar destes números, a proporção de desemprego de longa duração é inferior no Alentejo face ao país (42,5% *versus* 46,3%), o que sugere uma relativa flexibilidade do mercado de trabalho da região.

Quadro 2.2.8.1.
Indicadores do mercado de trabalho (2004)

Indicadores	Portugal (%)	Alentejo (%)
Taxa de atividade (total)	52,2%	49,0%
Taxa de atividade feminina	46,7%	41,9%
Taxa de emprego	67,8%	66,7%
Taxa de desemprego (total)	6,7%	8,8%
Taxa de desemprego feminina	7,6%	11,5%
Taxa de desemprego jovens (15-24 anos)	15,3%	22,1%
Proporção de desemprego longa duração	46,3%	42,5%

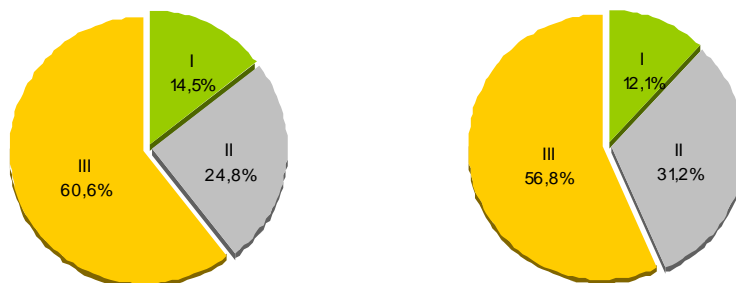
Fonte: INE, Inquérito ao emprego

Na distribuição do emprego por setores de atividade, o Alentejo apresenta uma significativa terciarização da sua economia: 60,6% do emprego (em 2004) corresponde ao setor dos serviços. A nível nacional, o peso relativo do setor terciário é de 56,8%.

A maior diferença relativa entre a realidade regional e nacional reside no setor secundário: no Alentejo, a indústria e construção representa 24,8% do emprego; no país, a quota-parte destas atividades é de 31,2%. Estes números confirmam alguma “sub-representação” do setor industrial na economia da região.

O setor primário absorve 14,5% do emprego do Alentejo - um valor ligeiramente acima da média nacional, que é de 12,1%. Assinale-se que, no âmbito do setor primário, a *décalage* regional e nacional é muito mais significativa na análise do VAB do que no emprego, o que confirma a maior produtividade da atividade agrícola alentejana.

Gráfico 2.2.8.2.
Emprego por setores de atividade (2004)
Alentejo Portugal



Fonte: INE, anuários estatísticos regionais 2004

No contexto da coesão social, os indicadores de saúde indiciam a melhoria dos níveis de desenvolvimento, bem-estar e salubridade das populações. Um exemplo disso é o indicador relativo à esperança de vida à nascença. Neste caso, o Alentejo encontra-se ao nível da média do país com 77,4 anos (77,8 anos em Portugal), segundo dados oficiais (para 2004).

Outro indicador relevante é a taxa de mortalidade infantil, na qual se tem observado uma redução considerável nos últimos anos, que coloca Portugal a par dos índices dos países mais desenvolvidos. Neste plano, os resultados da região são superiores ao todo nacional: a taxa de mortalidade infantil no Alentejo é de 4,5‰ (1999/2003), enquanto a média em Portugal é de 5,1‰.

Quadro 2.2.8.3.
Indicadores de saúde (2003/04)

Indicadores	Portugal	Alentejo
Esperança média de vida (anos)	77,8	77,4
Taxa média mortalidade infantil (1999/2003)	5,1‰	4,5‰
Médicos por 1.000 habitantes	3,3	1,7
Enfermeiros por 1.000 habitantes	4,2	3,4
Internamentos por 1.000 habitantes	118,3	69,1
Camas por 1.000 habitantes	3,8	2,4

Fonte: INE, anuários estatísticos regionais

Porém, outros indicadores permitem aferir de determinadas insuficiências na oferta de serviços de saúde. A título de exemplo, refira-se o quantitativo de médicos e enfermeiros que, comparativamente ao todo nacional, é bem inferior: o Alentejo dispõe de uma média de 1,7 médicos por 1.000 habitantes; no país, este rácio cifra-se em 3,3. Quanto ao número de camas, os números são igualmente desfavoráveis à região: uma média de 2,4 camas por 1.000 habitantes nas unidades do Alentejo *versus* 3,8 camas a nível nacional. Por conseguinte, e apesar dos bons desempenhos em importantes indicadores (esperança de vida, mortalidade infantil, ...), a região apresenta carências nos serviços de saúde, quer em recursos humanos, quer nas infraestruturas.

2.2.9. Cadeias de valor estratégicas

O lançamento da iniciativa comunitária PRAI - Programa Regional de Ações Inovadoras em 2002 resultou, entre outras aplicações, na realização do Plano Regional de Inovação do Alentejo¹⁶, através do qual foram analisados diversos *clusters* estratégicos. A seleção dos referidos *clusters* foi baseada num trabalho anterior¹⁷, onde havia sido caracterizado o perfil de especialização produtiva da região.

No mencionado Plano Regional de Inovação do Alentejo (PRIA), verifica-se que na economia regional coexistem *clusters* tradicionais e *clusters* emergentes. Os primeiros, profundamente relacionados com as especificidades sociais e territoriais, afirmam-se como elementos relevantes da estrutura produtiva local. A este nível, destacam-se os seguintes *clusters*: agroalimentar, vitivinicultura, cortiça e rochas ornamentais. Em geral, tratam-se de *clusters* nos quais se constata a necessidade de realizar um esforço de inovação, de modo a acrescentar-lhes valor e reforçar a sua capacidade competitiva a nível nacional e internacional.

Os novos *clusters* emergentes, muito ligados à inovação tecnológica e à sociedade do conhecimento, emergem no contexto regional como importantes pólos, pelas sinergias que geram e pelo desenvolvimento que promovem, estimulando o tecido económico regional e aumentando a oferta de emprego altamente qualificado. Dos *clusters* emergentes, assumem particular relevância: as tecnologias de informação e comunicação (TIC), o automóvel e a aeronáutica.

Estes *clusters*, embora não sejam atualmente setores de especialização produtiva no Alentejo, poderão representar, a médio prazo, uma importante oportunidade de diversificação da estrutura produtiva regional e um acréscimo competitivo da região em setores intensivos na utilização de tecnologia e conhecimento.

Com a elaboração do Plano Regional de Inovação do Alentejo, caracterizaram-se alguns setores quanto ao seu potencial competitivo e capacidade inovadora:

- agricultura e indústrias agroalimentares;
- vitivinicultura;
- cortiça;
- rochas ornamentais
- turismo;
- setores emergentes.

Em seguida, apresenta-se uma caracterização genérica destes *clusters* com base nas conclusões apontadas no PRIA.

a) Agricultura e recursos agroalimentares

A agricultura e recursos agroalimentares do Alentejo apresentam características singulares que lhes conferem uma posição relevante no seio das cadeias de valor da região, registando-se um amplo leque de produtos de qualidade, muitos dos quais com denominações protegidas.

¹⁶ Augusto Mateus et al, Plano Regional de Inovação do Alentejo, 2005

¹⁷ Estudo para a Definição da Base Económica da Região Alentejo 1996, Avaliação de Oportunidades de Desenvolvimento Regional

As capacidades do setor residem fundamentalmente na área da produção, onde existe experiência, tecnologia de produção e *know-how* tradicional de transformação. A área da transformação tem revelado uma evolução favorável no número e escala de transformação, bem como na ligação com a investigação e desenvolvimento em alguns subsectores. A expansão da rede de regadio do Alentejo e a existência de atividades agrícolas e silvícolas, geradoras de subprodutos que constituem recursos com significativo valor energético, permitem incrementar a oferta de energias alternativas e renováveis.

A indústria agroalimentar tem vindo a ganhar crescente mercado nacional e internacional, fundamentalmente através dos produtos de qualidade originários da região e que apresentam perspectivas de desenvolvimento francamente interessantes num quadro de afirmação das especificidades regionais. Atualmente o setor agroalimentar apresenta fragilidades no que se refere à sua organização e integração comercial e profissional (que condicionam fortemente a capacidade de desenvolvimento e inovação), aos elevados custos de produção e à existência de recursos humanos pouco qualificados.

Na área comercial, a maior parte das empresas não define estratégias de marketing e comercialização dos seus produtos, sendo ainda reduzido o recurso às tecnologias de informação e comunicação. O desenvolvimento de novos produtos e inovação nas formas de distribuição e comunicação revela-se como um dos obstáculos à afirmação dos produtos no mercado nacional e internacional. Uma das ameaças a este setor radica na introdução no mercado mundial de produtos sucedâneos - de qualidade inferior aos produtos regionais - mas com preços substancialmente mais baixos.

No entanto, existem algumas iniciativas meritórias neste domínio, sobretudo ao nível de produtos tradicionais como as carnes e o azeite, com desenvolvimento de produtos bem apresentados, em embalagens de *design* atrativo e com rótulos com informação adicional sobre o produto ou forma de utilização, que respondem às crescentes exigências dos potenciais consumidores.

b) Vitivinicultura

O Alentejo tem conhecido, nos últimos anos, importantes iniciativas de dinamização do setor vitivinícola, devido ao esforço conjugado de associações, empresas e instituições regionais.

A inovação neste setor tem-se centrado, essencialmente, nos aspetos produtivos - mecanização da vindima, tratamentos fitossanitários, seleção de *clones*, termovinificação, controlos analíticos em laboratórios - que têm consubstanciado o melhoramento dos processos de elaboração dos vinhos.

Apesar de se registar uma importante dinâmica inovadora nos aspetos técnico-produtivos, subsistem dificuldades ao nível do lançamento de produtos inovadores e nos processos comerciais. Genericamente, assiste-se a uma fase de transição entre a ótica “produto” (onde a produção é o centro das atenções) e a ótica “vendas” (onde os circuitos de distribuição e as políticas de comunicação e divulgação começam a ganhar espaço). A ótica “marketing” (onde o mercado e o cliente são o centro das atenções) está ainda pouco desenvolvida em grande parte das empresas.

c) Cortiça

O Alentejo constitui a região do país com a maior área de montado, que se consubstancia como um dos principais sistemas florestais a nível nacional. Daí, a importância económica e social da cortiça enquanto cadeia de valor estratégica para a região.

Sendo o Alentejo líder nacional de produção de cortiça, num país que lidera o mercado mundial, é porém incipiente o desenvolvimento da transformação *in loco*. Esta tendência tem sido contrariada nos últimos anos pela deslocalização para Sul da indústria corticeira, tradicionalmente centrada no Norte do país, e maioritariamente dependente de um único grupo económico.

Esta fraca apropriação na região do valor acrescentado no setor agrega-se a outras debilidades constituídas pela insuficiente incorporação de investigação e desenvolvimento (I&D) na extração e tratamento de produtos, a par da débil exploração de oportunidades no desenvolvimento de investigação associada a novos produtos.

Verifica-se assim que, face às suas características únicas, a cortiça e o uso múltiplo do montado detêm um vasto leque de valências associadas que poderão contribuir para a projeção do Alentejo no mercado mundial.

d) Rochas ornamentais

A região Alentejo é detentora de consideráveis reservas diversificadas de mármore, granito e bolsas xistosas, que detêm elevado valor comercial, destacando-se ainda o *know-how* existente na exploração e o forte potencial das valências das atividades associadas.

Este setor confronta-se, no entanto, com diversificadas limitações de carácter interno e externo. A nível interno, realça-se a excessiva dependência das exportações de um único produto (mármore), a existência de um tecido empresarial pulverizado, uma reduzida cultura associativa dos empresários, a falta de certificação dos produtos e uma reduzida formação dos recursos humanos do setor.

Ao nível internacional, constituem sérias ameaças os mercados emergentes (em especial os asiáticos), a forte concorrência de produtos substitutos com preços consideravelmente mais reduzidos e um quadro legislativo limitativo da extração dadas as problemáticas ambientais dela resultantes.

Embora esteja localizado na região o Centro Tecnológico do setor, só recentemente se registam indícios de inovação tecnológica ao nível das técnicas de prospeção e exploração, e de verticalização do setor. A ainda fraca representatividade do setor transformador na região, que origina uma deficiente retenção na região do seu valor acrescentado, alia-se a uma débil organização da área comercial do *cluster*.

e) Turismo

O turismo assume-se como uma atividade económica de importância crescente para o Alentejo. De facto, a região possui um mosaico multifacetado de recursos turísticos, com carácter de singularidade e autenticidade, claramente vocacionados para as novas exigências do mercado turístico internacional. De acordo com o Plano de

Desenvolvimento Turístico para o Alentejo (PDTA)¹⁸, o Alentejo posiciona-se numa situação de charneira entre 3 grandes mercados recetores: a região de Lisboa, o Algarve e a Andaluzia; entre uma fachada atlântica pouco explorada e um eixo de fronteira que tem conduzido a um crescente interesse de investimento turístico na região.

A qualidade e diversidade de atrativos existentes, aliada à ausência de degradações significativas (paisagísticas, ambientais) e ao clima, permitem que no Alentejo se desenvolva um turismo orientado para as mais variadas vertentes (sol e mar, cultural e urbano, rural, de itinerância, ativo, de natureza e paisagem, o enoturismo, os “short-breaks”, congressos e incentivos). De acordo com o PDTA, a atratividade turística do Alentejo está associada a um potencial alargado de recursos turísticos primários, de entre os quais importa destacar os referentes aos patrimónios construído/monumental e etnológico/cultural.

Do património construído/monumental, sobressai o valor e interesse turístico da arqueologia megalítica e romana, dos edifícios religiosos e militares e, sobretudo, de vários conjuntos urbanísticos, como a cidade de Évora e muitas das vilas e aldeias históricas. No campo do património etnológico/cultural, merecem particular destaque o artesanato, a gastronomia e manifestações populares diversas. Importa ainda destacar o património natural e paisagístico, no seio do qual se revela a importância dos sucessivos trechos paisagísticos com beleza cénica, da orla costeira, dos recursos cinegéticos, das áreas classificadas, das termas, e dos rios e albufeiras.

Na avaliação da atratividade dos recursos turísticos¹⁹, referenciam-se como fatores menos positivos: o estado de conservação e condições de visitação/interpretação de vários monumentos; a insuficiente divulgação do artesanato, produtos gastronómicos e tradições culturais; a deficiente fruição e promoção dos recursos naturais; entre outros.

No lado da oferta turística regional, têm surgido novos produtos aliados à qualidade ambiental, aos produtos certificados e ao património construído de que são exemplos as “Rota dos Frescos”, “Rota dos Sabores” e “Rota dos Vinhos”.

Previstos para os próximos anos, a implementação de novos empreendimentos turísticos na região, em particular, na envolvente da albufeira de Alqueva e na costa alentejana, irão contribuir para um acréscimo significativo da oferta turística, colocando também novos desafios ao modelo de desenvolvimento turístico do Alentejo.

f) Setores emergentes

Recentemente, o Alentejo tem sido palco da implantação de unidades de produção de componentes para a indústria eletrónica, assentes em tecnologias de ponta, pertencentes a duas empresas multinacionais que tem procurado estabelecer cooperação com centros de investigação de diversas universidades portuguesas.

Estas atividades, sofrendo embora a ameaça da eventual deslocalização face a territórios concorrentes, podem representar uma oportunidade de diversificação da estrutura produtiva regional, gerando efeitos de arrastamento na utilização de conhecimentos e tecnologia noutras atividades. Depende da própria região a

¹⁸ Plano de Desenvolvimento Turístico para o Alentejo, CEDRU, 2001

¹⁹ idem

capacidade para formar redes de competências em áreas-chave que suportem sustentadamente o processo de desenvolvimento competitivo dessas unidades.

Em relação à potencial emergência de um setor de aeronáutica, a região dispõe de um conjunto de fatores endógenos favoráveis, constituídos: pela existência de infraestruturas aeroportuárias, pela localização de uma escola internacional de pilotos, pela instalação de uma unidade de fabricação de aviões, pelas boas condições climáticas (sobretudo para treino aéreo). A conversão da base militar de Beja no futuro aeroporto internacional de Beja poderá gerar a criação de várias valências na área da aeronáutica.

O *cluster* automóvel constitui, dos três setores emergentes, o que tem maior permanência temporal na região (em especial, na Lezíria do Tejo). Sendo considerada a maior atividade industrial a nível internacional, por ser tributária de praticamente todos os setores da indústria transformadora, o Alentejo beneficia da sua presença devido à sua proximidade com a Área Metropolitana de Lisboa e a península de Setúbal, e das boas condições infraestruturais de acolhimento destas atividades.

Por último, uma referência ao ambiente e às “indústrias criativas” como setores económicos. Pese embora não ter sido analisado no seio do PRIA, o ambiente - e em particular, a produção de energias renováveis - apresenta-se como um dos *clusters* estratégicos da região. Efetivamente, tendo em conta a enorme dependência energética do país (sobretudo, de combustíveis fósseis), bem como os compromissos assumidos ao abrigo do Protocolo de Quioto, a instalação de unidades produtoras de energia constitui simultaneamente um imperativo e uma oportunidade de negócio. É disso exemplo a instalação de centrais fotovoltaicas (Moura, Serpa), tirando partido da excepcional exposição solar da região. Além disso, a produção de bio-combustíveis afigura-se como outra das oportunidades a explorar, por exemplo, na área de regadio do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva.

Para além da componente energética, o setor do ambiente engloba a fileira emergente relacionada com a reciclagem e valorização de resíduos. Trata-se de uma área que, por imperativos ambientais e económicos, irá desenvolver-se fortemente nos próximos anos, tendo a região boas condições para acolhimento destas iniciativas, seja por vantagens logísticas, seja pela disponibilidade de espaços.

As “indústrias criativas²⁰” designam um extenso conjunto de atividades relacionadas com os *media* (produção televisiva/cinematográfica, TV, rádio, internet, ...), o *design* (moda, arquitetura, *design* gráfico, ...), a publicidade, as artes performativas e entretenimento, a música, o *software* educacional e de lazer (videojogos, ...), a escrita e publicação, entre outras. O património cultural, o turismo e os museus são identificados como próximos das indústrias criativas.

Importa notar que as indústrias criativas tornaram-se numa fonte importante de desenvolvimento económico e social, com uma posição crescente no comércio mundial. Um caso paradigmático é o Reino Unido, onde este *cluster* representa 8,2% do VAB e 4,2% das exportações britânicas; entre 1997 e 2001, as indústrias criativas no Reino Unido cresceram, em média, 8% ao ano, e o número de trabalhadores em empregos criativos ascende a 1,9 milhões²¹.

²⁰ definição de “indústrias criativas”: “atividades que têm origem na criatividade, competências e talento individual, com potencial para a criação de trabalho e riqueza através da geração e exploração da propriedade industrial” (UK Dept. Culture, Media and Sport)

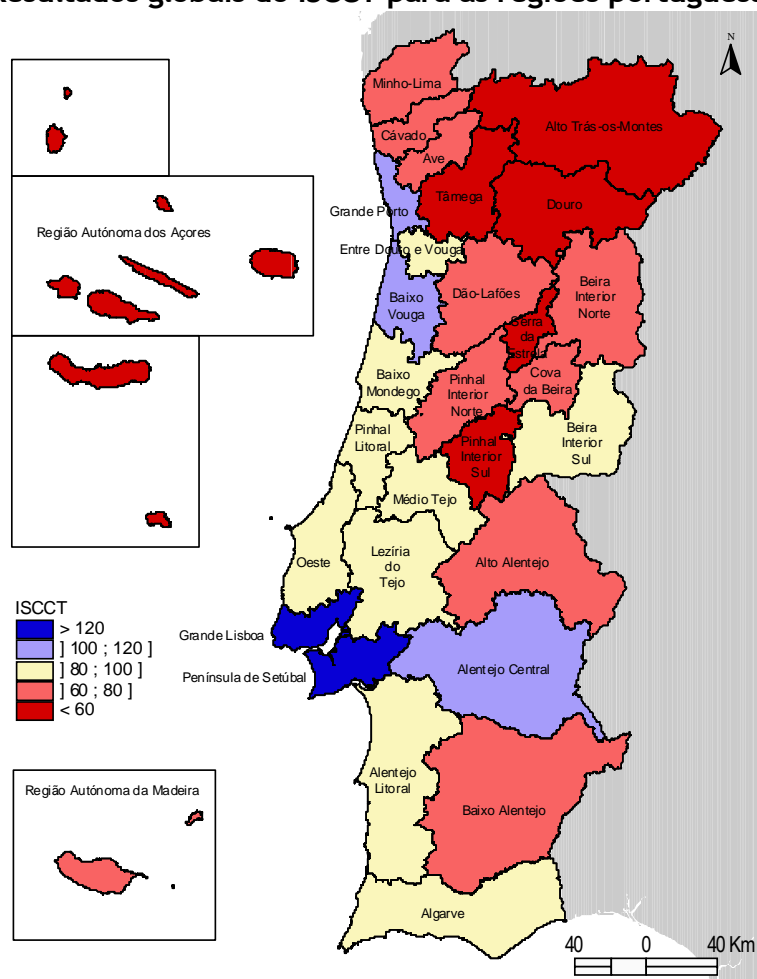
²¹ in “Indústrias criativas”, Unidade de Coordenação do Plano Tecnológico, doc. trabalho n.º 8

O Alentejo, mercê das suas características (qualidade ambiental, luz solar, disponibilidade de espaço, proximidade à Área Metropolitana de Lisboa, ...), revela boas condições para uma aposta forte neste *cluster*.

2.2.10. O posicionamento do Alentejo no referencial da competitividade e coesão territorial

O estudo “Competitividade territorial e coesão económica e social”²² caracteriza a generalidade das regiões portuguesas (às escalas NUTS II e NUTS III) nas suas trajetórias e dinâmicas associadas às temáticas da competitividade e da coesão económica e social.

Mapa 2.2.10.1.
Resultados globais do ISCCT para as regiões portuguesas



Fonte: A. Mateus et al, Competitividade territorial e coesão económica e social, Observatório QCA

Em termos metodológicos, foi desenvolvido o denominado “índice sintético de competitividade e coesão territorial” (ISCCT), o qual permite obter para cada região (e sub-região) uma perceção do seu posicionamento no contexto relativo nacional da competitividade, da coesão e do equilíbrio estabelecido entre as duas vertentes. O resultado da aplicação deste índice (sintético e parciais) ao todo nacional - e ao Alentejo em particular - possibilita a elaboração de uma renovada leitura sobre o

²² “Competitividade territorial e coesão económica e social”, Observatório do QCA III, 2005

posicionamento do Alentejo e suas sub-regiões nas duas dimensões (competitividade e coesão). Convém notar que os dados apresentados são os mais recentes em termos estatísticos (para o período 2000-2003).

O Alentejo apresenta um posicionamento débil no *ranking* global de competitividade e coesão territorial das regiões portuguesas, o qual é condicionado pelo comportamento evidenciado em matéria de competitividade (sendo a NUTS II com o 2º pior desempenho neste domínio), já que ao nível da coesão a posição relativa regional é bastante próxima da situação média do país. Efetivamente, no ISCCT parcial da coesão, obtém-se para o Alentejo um valor de 94,8 (média nacional = 100), ao passo que no ISCCT parcial da competitividade o resultado obtido é, somente, de 56,3.

Outra conclusão prende-se com a superação da imagem do “Alentejo uniforme” (com idênticas condições, problemas e desafios), emergindo agora um posicionamento díspar das suas sub-regiões, situadas em patamares diferenciados: o Alentejo Central apresenta a situação mais favorável; em sentido contrário, encontram-se o Alto Alentejo e o Baixo Alentejo.

A posição de destaque da NUTS III Alentejo Central é consequência do efeito da “capitalidade” de Évora, que se manifesta num reforço da capacidade atrativa regional sobre novas atividades económicas e profissionais qualificados. É precisamente nesta sub-região que os setores de maior intensidade tecnológica detêm maior relevo. As NUTS III Alentejo Litoral e Lezíria do Tejo ocupam uma posição regional (e nacional) intermédia, pertencendo ao grupo das “regiões seguidoras”.

Os índices apurados para a Lezíria do Tejo revelam uma sub-região relativamente próxima da situação média nacional (ISCCT global de 94,3), beneficiando do seu crescente “interface” com a Área Metropolitana de Lisboa e da presença de fileiras consolidadas, como o agroalimentar e a logística. Ao nível da coesão (ISCCT Coesão = 100,1), a Lezíria do Tejo encontra-se num patamar similar à média nacional.

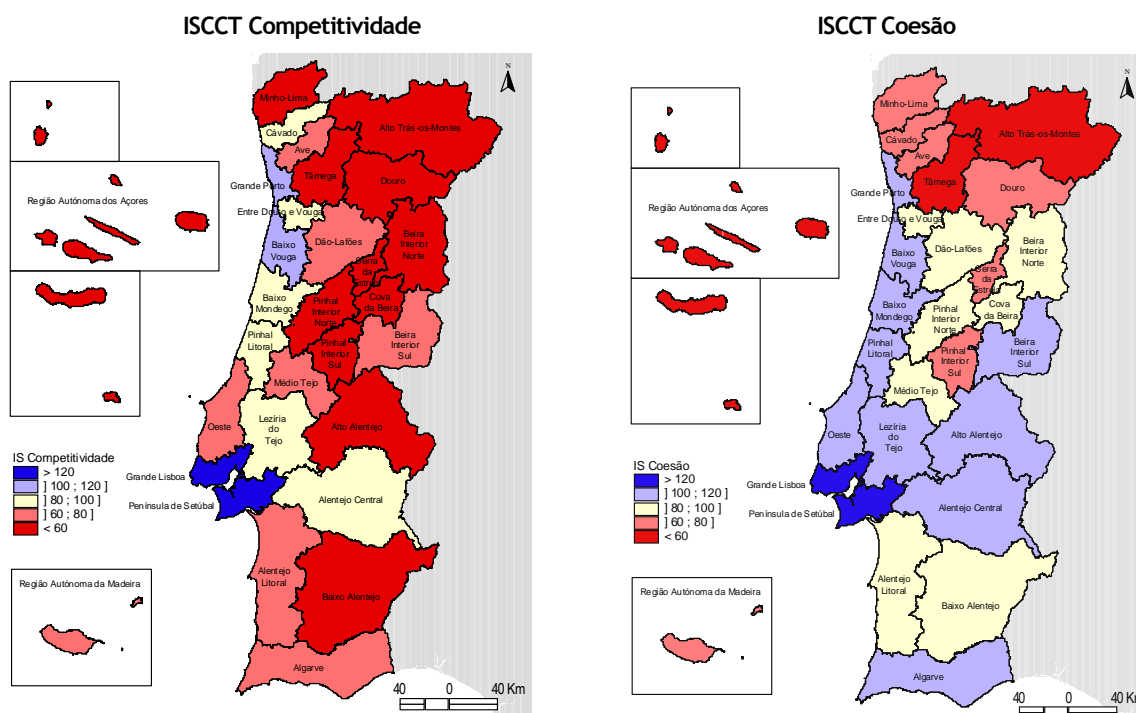
Quadro 2.2.10.1.
Resultados do ISCCT: “ranking” das NUTS III do Alentejo

NUTS III	ISCCT global	ISCCT compet.	ISCCT coesão
Alentejo Central	100,9	95,6	107,4
Lezíria do Tejo	94,3	89,5	100,1
Alentejo Litoral	84,7	78,8	91,9
Alto Alentejo	76,3	56,1	100,8
Baixo Alentejo	65,5	45,7	89,5
Alentejo	74,1	56,3	94,8
Média nacional	100,0	100,0	100,0

Fonte: A. Mateus et al, Competitividade territorial e coesão económica e social, Observatório QCA

Quanto ao Alentejo Litoral, com um perfil produtivo exigente em mão de obra da indústria e da logística, apresenta-se com um ISCCT competitividade igual a 78,8, registando uma das maiores descidas neste domínio durante a década de 90. Já no plano da coesão, os valores alcançados são mais satisfatórios (ISCCT coesão = 91,9).

Mapa 2.2.10.2.
Resultados parciais do ISCCT para as regiões portuguesas



Fonte: Augusto Mateus & Associados et al, Competitividade territorial e coesão económica e social, Observatório QCA

O Alto Alentejo e Baixo Alentejo prefiguram as situações mais complexas, sobretudo no domínio da competitividade (ISCCT competitividade igual a 56,1 e 45,7, respetivamente). O registo competitivo inferior destas sub-regiões é parcialmente atenuado pelos desempenhos mais favoráveis em matéria de coesão: o Alto Alentejo apresenta mesmo um índice de coesão equivalente à média nacional (100,8), como reflexo da dotação de equipamentos e serviços públicos neste território.

Em termos evolutivos, o estudo supracitado analisou as dinâmicas ocorridas durante a década de 90 (mais propriamente, entre 1991/95 e 2000/02). Neste capítulo, é possível constatar que a região evoluiu no sentido de melhoria dos níveis de coesão, acompanhada por uma deterioração dos níveis de competitividade. As sub-regiões do Baixo Alentejo, Alto Alentejo, Alentejo Litoral e Lezíria do Tejo acompanham esta evolução. A NUTS III Alentejo Central constitui a única exceção, com progressos relativos registados em matéria de competitividade e de coesão.

Em suma, o Alentejo coloca-se num posicionamento bastante mais desfavorecido ao nível da competitividade do que da coesão, o que resulta das vulnerabilidades competitivas evidenciadas pelas suas NUTS III (à exceção do Alentejo Central) seguindo todas as suas sub-regiões a tendência geral de “mais coesão do que competitividade”.

2.3. Lições da experiência do “por Alentejo”

À semelhança dos demais programas operacionais, o “por Alentejo” foi objeto de uma avaliação intercalar, através da qual foi efetuada uma análise aprofundada ao funcionamento do Programa, nas suas virtudes e fragilidades.

No contexto dos trabalhos desenvolvidos, a equipa de avaliadores delineou um extenso conjunto de recomendações²³ sobre aspetos cruciais do Programa e da gestão. Na tabela seguinte, estão sintetizadas as recomendações feitas no nível da formulação da estratégia de desenvolvimento e de estrutura e desempenho do modelo de gestão para o futuro Programa.

Tabela 2.3.1.
**Avaliação intercalar do “por Alentejo”:
recomendações para o próximo período de programação**

Recomendações da avaliação intercalar do “por Alentejo”	
Formulação da estratégia de desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none"> • A definição dos objetivos a prosseguir deverá assentar numa correta estruturação das cadeias de impacte (...). A experiência do por Alentejo permitiu identificar deficiências relevantes neste domínio, dada a fraca articulação conseguida entre os domínios de intervenção preconizados pelos diferentes Eixos e Medidas (...) • Deverão ser criados mecanismos que (...) estimulem a incorporação dos agentes privados na lógica de intervenção do futuro Programa Operacional (...) • A explicitação de prioridades de natureza sectorial/temática e espacial, entendida como uma das principais debilidades da formulação estratégica subjacente ao por Alentejo, constitui outro aspeto que importará privilegiar (...). Considera-se fundamental: <ul style="list-style-type: none"> ○ ancorar a estratégia de desenvolvimento nas tendências de reorganização do espaço regional (...) valorizar os pólos urbanos, eixos e áreas territoriais com maior dinamismo socioeconómico (...) ○ promover lógicas de investimento consistentes (em termos sectoriais/temáticos) com a diversidade socioeconómica das várias sub-regiões (...) ○ fomentar práticas de cooperação e parceria entre atores locais e regionais (...) • A operacionalização de prioridades deverá ser efetuada com recurso a mecanismos de majoração das lógicas de investimento consideradas desejáveis/preferenciais, os quais deverão funcionar como incentivo (...) • O futuro Programa Operacional deverá ser dotado de um Plano de Comunicação eficaz (...) • A próxima intervenção regional deverá ser norteada pela adoção de uma lógica de programação apoiada em domínios prioritários de intervenção com carácter plurisectorial, obviando assim à excessiva fragmentação apresentada pelo por Alentejo (...) • O futuro Programa Operacional deverá ser estruturado em torno de prioridades agregadoras de grupos de operações relacionadas entre si (...) • O próximo exercício de programação deverá apostar na construção de um dispositivo tático (...) relacionado com: <ul style="list-style-type: none"> ○ capacidade de indução de padrões preferenciais de consumo dos recursos disponibilizados (...) ○ capacidade de estabelecimento de critérios adequados de apoio à seleção de investimentos (...) • O próximo período de programação deverá continuar a aprofundar e aperfeiçoar o esforço de territorialização de políticas ensaiada no QCA III (...)

²³ vide Avaliação intercalar do “por Alentejo” - sumário executivo, CESO/CIDEC, 2005

Tabela 2.3.1.
Avaliação intercalar do “por Alentejo”:
recomendações para o próximo período de programação (cont.)

Recomendações da avaliação intercalar do “por Alentejo”	
Estrutura e desempenho do modelo de gestão	<ul style="list-style-type: none"> • Na formatação do modelo de gestão deverá ser claramente delimitado o âmbito de atuação que deverá estar subjacente às intervenções sectoriais desenvolvidas a nível central e regional (...) fundamental para evitar situações de sobreposição entre intervenções levadas a cabo a diferentes escalas (...) • Recomenda-se a constituição e dinamização de Grupos de Trabalho de natureza temática e composição plurisectorial, bem como a estruturação e operacionalização de um Observatório Regional (...) • A próxima intervenção deverá ser suportada, em tempo útil, por um sistema de informação que funcione como plataforma comum de base regional (...) • Fundamental dotar a futura Estrutura de Gestão de um referencial claro para o desenvolvimento da sua missão, recomendando-se assim a produção atempada de um Manual de Procedimentos de Suporte à Gestão • Implementação de modelos de gestão mais leves, operativos e fáceis de coordenar, assentes no princípio de que o mesmo tipo de funções e tarefas devem ser atribuídas a apenas um serviço, independentemente do eixo prioritário (...) • Deverá ser evidenciada uma maior separação entre funções políticas e de gestão, dado que a mesma permitiria uma maior profissionalização da gestão e (...) fomentava a consistência e estabilidade na implementação de Programas Operacionais (...) • A gestão do futuro Programa Operacional deverá privilegiar um reforço do princípio de parceria com os agentes da região, (...) apostar no desenvolvimento de lógicas de contratualização que promovam a corresponsabilização e a eficácia da gestão (...)

Além destas recomendações, os avaliadores apresentam, no seio do relatório final²⁴, um contributo para os objetivos do futuro Programa, subdividido em quatro domínios: sistema urbano, dinamização da atividade económica, agricultura e desenvolvimento rural, e desenvolvimento dos recursos humanos. Na tabela seguinte, estão enumeradas as principais propostas enunciadas pela equipa de avaliação.

Tabela 2.3.2.
Avaliação intercalar do “por Alentejo”:
contributos para o futuro programa operacional

Contributos para o futuro programa operacional	
Sistema urbano	<ul style="list-style-type: none"> • A intervenção (...) deverá apostar em projetos que promovam efetivamente a articulação e estruturação do sistema urbano, o que pode passar pelo planeamento das redes de equipamentos e infraestruturas económicas de acordo com a vocação e o papel dos centros na rede urbana regional (...), pela melhoria das redes de comunicações (...), bem como pela criação de redes de cooperação ou outras para a dinamização de projetos intermunicipais ou regionais, (...) • O desenvolvimento de projetos supramunicipais deverá ser uma lógica de intervenção a preconizar (...)o investimento se deverá centrar não tanto na infraestruturização, mas na dinamização de projetos que permitam a afirmação das vocações funcionais dos diferentes pólos e eixos urbanos (...) • O reforço e afirmação dos centros urbanos principais e o reforço dos níveis superiores da hierarquia urbana deverão ser assumidos como setores de intervenção prioritária (...) capazes de criar dinâmicas de desenvolvimento e fixar população e atividades

²⁴ idem

Tabela 2.3.2.
**Avaliação intercalar do “por Alentejo”:
 contributos para o futuro programa operacional (cont.)**

Contributos para o futuro programa operacional	
Dinamização da atividade económica	<ul style="list-style-type: none"> • É fulcral introduzir uma dimensão estratégica nos investimentos no domínio da dinamização da atividade económica (...) • É fundamental ultrapassar uma lógica eminentemente local/municipal em matéria de desenvolvimento económico, (...) a dimensão supramunicipal e regional assumirão, necessariamente, grande destaque. (...) necessário fomentar o desenvolvimento de iniciativas inovadoras, consolidando processos de diferenciação e de reforço de identidade económico-territorial • Ancorando os apoios financeiros a processos concretos de dinamização da atividade económica de alguns âmbitos económico-territoriais específicos do Alentejo (...) • Deve ser considerada a inclusão direta das unidades empresariais (...)
Agricultura e desenvolvimento rural	<ul style="list-style-type: none"> • Apostar numa intervenção mais proactiva e efetiva, nomeadamente através de intervenções específicas na organização dos mercados regionais (produção e distribuição), e, por sua vez, potenciar uma integração efetiva nas cadeias de comercialização (...) • A futura operacionalização deverá atuar ao longo de toda a cadeia de valor do setor, por forma potenciar a intervenção neste domínio (...) • As lógicas de operacionalização sectoriais e regionais (...) no caso da agricultura e do desenvolvimento rural, não podem ser vistas separadamente, mas numa lógica territorial de desenvolvimento integrada, (...)
Desenvolvimento dos recursos humanos	<ul style="list-style-type: none"> • Necessário induzir diretamente a operacionalização e a priorização das áreas de formação que concorram para o desenvolvimento dos setores económicos delineados como estratégicos (...) aposta em áreas de formação (...) capazes de despoletar o surgimento de novas opções empresariais que possam introduzir diversificação do tecido empresarial regional (...) • Deverá ser desenvolvida uma estratégia comum de intervenção, ao nível da adequação entre a oferta de formação profissional promovida pelo porAlentejo e a procura de ativos qualificados pelo mercado regional de emprego (...) • A futura operacionalização deverá manter a sua aposta no ensino profissional (...)

2.4. Análise SWOT

Como síntese do diagnóstico regional, apresenta-se a análise SWOT com a identificação dos pontos fortes, pontos fracos, ameaças e oportunidades da região Alentejo.

Tabela 2.5.1.
Análise SWOT

Análise SWOT		
Pontos fortes	Património natural	<ul style="list-style-type: none"> A região é detentora de um rico património natural, assente em extensas e relevantes áreas de conservação da natureza (áreas protegidas, Rede Natura 2000, zonas de proteção especial, ...), numa orla costeira entre as mais bem preservadas da Europa, e em sistemas florestais de carácter mediterrânico como o montado
	Identidade cultural	<ul style="list-style-type: none"> O Alentejo possui uma forte identidade cultural, baseada em elementos patrimoniais tangíveis e intangíveis de elevado carácter e singularidade: desde os centros históricos e aglomerados típicos (Évora património mundial da UNESCO, vilas e aldeias históricas) às estações arqueológicas, passando pelos castelos e fortificações, pelas tradições (o “cante”, ...), a gastronomia, o artesanato, entre outros
	Ordenamento do território	<ul style="list-style-type: none"> A região encontra-se globalmente bem ordenada, sendo a utilização dominante do espaço ajustada às características do território
	Posicionament o estratégico	<ul style="list-style-type: none"> A região possui uma vantajosa localização geográfica, com posicionamento estratégico no corredor ibérico Lisboa-Madrid e nos corredores nacionais Lisboa-Algarve e Centro-Algarve, dispondo atualmente de uma razoável cobertura pela rede rodoviária
	Porto de Sines	<ul style="list-style-type: none"> O complexo de Sines (porto de Sines e Zona Industrial e Logística) dispõe de condições físicas únicas a nível nacional
	EFMA	<ul style="list-style-type: none"> O setor agroflorestal apresenta importantes evoluções, nomeadamente, com os investimentos do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva (EFMA) e a reorganização fundiária em curso
	Fileira agroalimentar	<ul style="list-style-type: none"> No seio da fileira agroalimentar (vinhos, queijos, azeite, carnes,...) existe um amplo leque de produtos de reconhecida qualidade, muitos dos quais com denominações protegidas, apresentando uma forte notoriedade no mercado interno
	Cortiça	<ul style="list-style-type: none"> O Alentejo é líder nacional de produção de cortiça, num país que lidera o mercado mundial deste produto, havendo já alguns investimentos ligados à transformação na própria região
	Recursos geológicos	<ul style="list-style-type: none"> A região é detentora de consideráveis reservas de rochas ornamentais (mármore, granito, bolsas xistosas) de valor comercial, assim como uma das principais reservas europeias de minérios metálicos (sulfuretos polimetálicos)
	Emergência de indústrias tecnológicas	<ul style="list-style-type: none"> O perfil de especialização produtiva da região tem-se vindo a diversificar nos últimos anos com a introdução de indústrias de média/alta tecnologia, como sejam, as indústrias de componentes para automóveis, fabrico de componentes eletrónicos e aeronáutica
	Turismo	<ul style="list-style-type: none"> A região possui um mosaico multifacetado de recursos turísticos, de marcada singularidade e autenticidade, que permitem um desenvolvimento turístico sustentável e com produtos/motivações diversificadas (sol e mar, cultural e urbano, rural, <i>touring</i>, natureza/ativo, enoturismo, gastronomia e vinhos, congressos e incentivos, ...)
Equipamentos sociais	<ul style="list-style-type: none"> Os indicadores de bem-estar e coesão social conheceram um relevante salto qualitativo, havendo uma boa cobertura de equipamentos sociais/coletivos no território regional 	

Tabela 2.5.1.
Análise SWOT (cont.)

Análise SWOT		
Pontos fracos	Passivos ambientais	<ul style="list-style-type: none"> A região apresenta passivos ambientais com impactes na paisagem e na segurança e saúde pública, relacionados com a indústria extrativa e transformadora (mármore, pirites, complexo de Sines, ...)
	Desvitalização dos centros históricos	<ul style="list-style-type: none"> Os centros históricos das cidades apresentam necessidades de regeneração urbana, associados à perda de funções económicas e habitacionais, sendo patente um crescimento desqualificado das periferias, onde escasseiam equipamentos públicos, emprego e funções urbanas
	Dimensão urbana	<ul style="list-style-type: none"> O sistema urbano da região é marcadamente débil: as principais cidades apresentam escassas inter-relações e um défice de complementaridade na oferta de bens e serviços coletivos; a articulação das maiores cidades com a rede urbana envolvente (ao nível das sedes de concelho) carece igualmente de aprofundamento
	Despovoamento rural	<ul style="list-style-type: none"> É notório o fenómeno da desertificação humana dos aglomerados de menor dimensão (aldeias e lugares), devido a dinâmicas de deslocação das populações para localidades de maior dimensão (cidades e sedes de concelho)
	Rede viária incompleta	<ul style="list-style-type: none"> O Plano Rodoviário Nacional (PRN 2000) carece de concretização e/ou conclusão em vários eixos das redes fundamental e complementar (IP, IC, estradas regionais, ...), tendo em vista a maior integração regional nos eixos internacionais, mas também a densificação da malha viária regional
	Acessibilidades ferroviárias	<ul style="list-style-type: none"> As acessibilidades ferroviárias continuam a evidenciar uma debilidade estrutural, visto não ligarem de forma satisfatória os principais centros urbanos da região; o serviço ferroviário tem sido pautado pelo abandono progressivo da maioria das linhas e serviços
	Transportes públicos	<ul style="list-style-type: none"> Os serviços de transportes rodoviários coletivos evidenciam deficiências (baixa frequência ou inexistência de serviço), dificultando o acesso universal aos serviços coletivos/sociais (como garantia de coesão social e territorial)
	Debilidade económica	<ul style="list-style-type: none"> O Alentejo manifesta uma dificuldade “crónica” em despoletar e sustentar um processo de convergência real com o país e a Europa, assente na competitividade da economia regional; em termos intrarregionais (NUTS III), existem diferenças significativas no PIB per capita
	Densidade empresarial	<ul style="list-style-type: none"> A região apresenta uma reduzida “densidade empresarial”, patente em incipientes níveis de associação/cooperação empresarial, e na escassez de serviços de suporte ao desenvolvimento e inovação do tecido económico
	Peso do setor público no emprego	<ul style="list-style-type: none"> Ao nível do emprego, a Administração Pública tem um peso relativo superior na região face à média nacional, constituindo-se mesmo como “principal empregador” em diversos concelhos
Grau de abertura da economia	<ul style="list-style-type: none"> O grau de abertura da economia regional aos fluxos de comércio internacional é inferior à média nacional; a sua capacidade de penetrar em mercados externos é pouco significativa e representativa de debilidades competitivas 	

Tabela 2.5.1.
Análise SWOT (cont.)

Análise SWOT		
Pontos fracos	Incorporação de I&D	<ul style="list-style-type: none"> O tecido económico denota uma reduzida afetação de recursos (financeiros e humanos) à investigação e desenvolvimento, sendo o ensino superior o principal executor de I&D na região
	Fraca iniciativa empresarial	<ul style="list-style-type: none"> A iniciativa empresarial, medida pela criação de novas empresas, é inferior à média nacional (cerca de -20%)
	Falta de domínio da cadeia de valor	<ul style="list-style-type: none"> A maioria das empresas não domina a cadeia de valor do seu setor/cluster, carecendo de maior conhecimento nas áreas da organização e gestão, inovação, marketing/vendas, tecnologias de informação e comunicação, design, investigação e desenvolvimento
	Grau de associação empresarial	<ul style="list-style-type: none"> Na maioria dos setores/clusters, a cooperação e associação entre empresas é relativamente incipiente, dificultando a criação de economias de escala e uma maior apropriação, a nível regional, do valor acrescentado sectorial
	Disponibilização do património	<ul style="list-style-type: none"> Uma parte significativa do património cultural carece de condições de visitação/acolhimento (conservação e interpretação de sítios e monumentos) ou de eficaz divulgação (artesanato, gastronomia, tradições); é notória uma deficiente fruição e promoção do património natural da região
	Densidade populacional	<ul style="list-style-type: none"> O Alentejo é a região portuguesa de menor densidade populacional (25 hab/km²), sendo um fenómeno agravado pelo decréscimo populacional das últimas décadas (embora a ritmo inferior a décadas passadas)
	Envelhecimento populacional	<ul style="list-style-type: none"> O índice de envelhecimento da região é bastante superior à média nacional, tendo-se vindo a agravar nos últimos anos; o reforço dos escalões etários mais elevados traduz-se num peso mais significativo de população inativa
	Habilitações académicas	<ul style="list-style-type: none"> As habilitações académicas da população da região são inferiores aos parâmetros médios do país; no Alentejo, predominam as pessoas habilitadas unicamente com o 1º ciclo do ensino básico
	Insucesso escolar	<ul style="list-style-type: none"> Os níveis de insucesso escolar são elevados (superiores à média nacional), havendo alguma dificuldade na acessibilidade aos equipamentos educativos de nível secundário e superior, motivadas pelo afastamento geográfico das populações escolares
	Taxa de atividade feminina	<ul style="list-style-type: none"> O Alentejo regista a mais baixa taxa de atividade das regiões do Continente; esta situação é extensível à participação da mulher no mercado laboral
	Desemprego	<ul style="list-style-type: none"> O Alentejo continua a ser região de Portugal com maiores índices de desemprego; a taxa de desemprego feminina é a mais elevada do país, sendo igualmente expressivo o desemprego junto das camadas jovens (15-24 anos)
	Serviços de saúde	<ul style="list-style-type: none"> A oferta de serviços de saúde apresenta notórias insuficiências, quer em recursos humanos, quer em infraestruturas

Tabela 2.5.1.
Análise SWOT (cont.)

Análise SWOT		
Oportunidades	EFMA	<ul style="list-style-type: none"> O Empreendimento de Fins Múltiplos do Alqueva vem potenciar não apenas a fileira agroalimentar, mas também a multifuncionalidade do espaço rural, através de atividades como as energias renováveis, o turismo, a cultura e património, entre outras
	TGV	<ul style="list-style-type: none"> A construção da rede ferroviária de alta velocidade no eixo Lisboa/Madrid irá beneficiar o Alentejo através da instalação de duas estações da rede (em Évora e em Elvas/Badajoz), permitindo um considerável ganho em distância-tempo face às duas capitais ibéricas, e potenciando maior desenvolvimento económico à região
	Ferrovias Sines/Espanha	<ul style="list-style-type: none"> A construção da ligação ferroviária do porto de Sines à fronteira espanhola permitirá alargar o <i>hinterland</i> do complexo portuário, industrial e logístico de Sines, favorecendo a captação de investimentos industriais e a vocação do porto como “porta de entrada” na Europa
	Logística	<ul style="list-style-type: none"> A criação das plataformas logísticas de Sines e Elvas/Caia, integradas na rede nacional logística, poderão constituir dois pólos de desenvolvimento económico, com a inerente fixação de empresas e criação de emprego
	Proximidade à AML	<ul style="list-style-type: none"> O aproveitamento da proximidade da região à Área Metropolitana de Lisboa poderá favorecer a instalação de empresas, por motivos de disponibilidade de espaços e de apoios financeiros
	Aeroporto de Beja	<ul style="list-style-type: none"> A adaptação da base militar de Beja para a edificação do futuro aeroporto de Beja poderá potenciar o desenvolvimento turístico da região, assim como constituir uma infraestrutura de suporte à atividade produtiva, nomeadamente, transporte de carga, e criação de um pólo de fabricação aeronáutica
	Energias renováveis	<ul style="list-style-type: none"> O Alentejo apresenta condições naturais favoráveis à produção de energias renováveis e alternativas: centrais fotovoltaicas, bio-combustíveis, biomassa, energia eólica
	Recreio e turismo	<ul style="list-style-type: none"> A região oferece excelentes condições para as atividades de recreio e turismo, atendendo à sua qualidade ambiental e valia patrimonial, podendo desenvolver um modelo de desenvolvimento turístico sustentável e exemplar
Ameaças	Abandono rural	<ul style="list-style-type: none"> O despovoamento intenso nas áreas rurais, contribuindo para o agravamento do contraste urbano/rural que, além de poder conduzir ao desaparecimento dos aglomerados de menor dimensão, causa igualmente o abandono rural e a consequente perda de identidade da paisagem
	Alterações climáticas	<ul style="list-style-type: none"> A região é extremamente sensível aos efeitos das alterações climáticas (seca, cheias, ...), podendo estas representar mudanças dramáticas no território a longo prazo (desertificação física e humana, propagação de doenças, ...)
	Sustentabilidade da paisagem	<ul style="list-style-type: none"> O Alentejo comporta outros riscos ambientais ligados aos incêndios florestais e passivos ambientais (decorrentes da indústria extrativa e transformadora), que podem comprometer a sustentabilidade das paisagens e a segurança e saúde pública
	Concorrência internacional	<ul style="list-style-type: none"> Algumas das principais produções regionais enfrentam uma forte concorrência internacional, quer de produtos concorrentes, quer de produtos substitutos, podendo colocar em causa a competitividade de importantes setores regionais, como são os casos das rochas ornamentais, vinhos, cortiça, entre outros

3. Estratégia de desenvolvimento regional

A conceção de uma estratégia de referência, suscetível de moldar a elaboração do Programa Operacional Regional para o ciclo de programação estrutural 2007-2013, enquadra-se no conjunto mais lato de diretivas e quadros regulamentares que emanam, quer das grandes orientações estratégicas da política de coesão produzidas pela Comissão Europeia, quer das orientações nacionais relativas ao Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN).

3.1. As orientações comunitárias para o ciclo 2007-2013

A preparação do próximo ciclo de programação estrutural na União Europeia conduziu a uma progressiva maturação de orientações estratégicas e modelos instrumentais que representa, em relação à experiência anterior, uma mudança bastante significativa, originando uma nova geração de programas e políticas públicas visando promover um “desenvolvimento equilibrado, harmonioso e sustentável”.

Deste modo, a preparação do ciclo de programação 2007/2013 desenvolve-se no contexto da reforma da política europeia de coesão, impulsionada por uma nova articulação nas várias dimensões territoriais (comunitária, nacional e regional) entre as prioridades da União e os pilares do desenvolvimento sustentável (convergência; cooperação territorial; competitividade e inovação; emprego e inclusão social; proteção ambiental e prevenção de riscos), onde podem ser destacadas 5 transformações principais:

- uma abordagem mais estratégica centrada nas prioridades globais da União devidamente adaptadas e integradas em quadros nacionais de referência estratégica (coordenação mais eficiente das iniciativas nacionais e comunitárias);
- uma menor dispersão dos recursos alcançada pela concentração das intervenções em termos temáticos (nas prioridades de Lisboa e Gotemburgo, isto é, na competitividade, inovação e sustentabilidade) e orçamentais (nos territórios, regiões e países mais necessitados do ponto de vista da convergência);
- uma abordagem mais adaptada à diversidade interna da União, traduzida numa maior responsabilização dos países, das regiões e das cidades, apoiada numa maior descentralização e numa maior consideração das especificidades territoriais (integração da dimensão urbana, consideração de diversas desvantagens naturais e geográficas, compensação dos sobrecustos das regiões ultraperiféricas);
- uma significativa simplificação do modelo de gestão dos fundos (menos fundos, um fundo por programa, mais forte articulação entre fundo de coesão e fundos estruturais e uniformização da gestão financeira, regras nacionais de elegibilidade de despesas e programação por prioridade e não por medida);
- uma busca de maior eficiência e equilíbrio no processo de monitorização e controlo (clarificação das responsabilidades da Comissão e dos Estados Membros, introdução de condicionantes financeiras associadas ao objetivos de convergência e à adoção de mecanismos credíveis de controlo/gestão).

Os objetivos da reforma da política de coesão acolhem as grandes recomendações do “relatório Kok” de avaliação das realizações da Estratégia de Lisboa - a necessidade de instrumentos financeiros ao nível comunitário que suportem uma abordagem mais estratégica e permitam uma maior apropriação pelas regiões e parceiros sociais - e as grandes propostas para o seu relançamento na forma de uma “agenda” relativa ao “crescimento e ao emprego” - uma Europa mais atrativa para investir e trabalhar onde o conhecimento e a inovação sejam os motores do crescimento e as políticas públicas apoiem a iniciativa empresarial na criação de mais e melhores empregos.

A procura de novas sinergias entre os objetivos da coesão e os objetivos da Estratégia de Lisboa constitui o “coração” das grandes orientações para as intervenções integradas no ciclo de programação estrutural 2007-2013, visando reforçar o seu contributo para o crescimento e emprego. Esta abordagem de cooperação e integração reforçadas nas grandes políticas comunitárias surge, formalmente, na sequência da consagração explícita pelo Conselho Europeu²⁵ da relevância da política de coesão para a prossecução da Estratégia de Lisboa.

Neste contexto, foram identificados os seguintes “terrenos” de ação:

- reforço da capacidade de investimento das regiões com maior capacidade de *catching-up* nas atividades com elevado potencial de crescimento e nos fatores dinâmicos da competitividade (capital humano, adaptabilidade, investigação, infraestruturas, TIC, ...) e renovando a abordagem da convergência na criação sustentável de empregos;
- mobilização de recursos nacionais adicionais, públicos e privados, afetos a estratégias coerentes de desenvolvimento de médio/longo prazo, explorando adequadamente a adicionalidade dos fundos estruturais e as complementaridades com outras políticas comunitárias;
- promoção de uma abordagem integrada da coesão territorial, permitindo a construção de estratégias regionais específicas, integrando dimensões económicas, sociais e ambientais e facilitando a adoção de modelos de governança que suscitem uma melhor apropriação infranacional da estratégia de Lisboa.

As orientações comunitárias representam um quadro global de referência, a utilizar pelos Estados-Membros e pelas regiões na elaboração de estratégias e programas nacionais e regionais, permitindo avaliar, nomeadamente, o seu contributo para os objetivos da União em termos de coesão, crescimento e emprego.

As orientações da política de coesão no horizonte 2007-2013 desafiam, assim, os esforços de programação, ao nível de cada Estado-Membro e região, na obtenção de um nível próprio e adequado de concentração nas prioridades essenciais, para cada espaço nacional e regional, em conformidade, nomeadamente, com a agenda de Lisboa renovada.

²⁵ Conselho Europeu de março de 2005

Tabela 3.1.1.
Orientações da política de coesão europeia 2007/2013

Orientações da política de coesão		
Tornar a Europa e as suas regiões espaços mais atrativos para investir e para trabalhar	Desenvolver e melhorar as infraestruturas de transportes	<ul style="list-style-type: none"> • Prioridade aos trinta projetos de interesse europeu • Investimentos complementares em ligações secundárias • Acesso melhorado às infraestruturas ferroviárias • Atenção acrescida às “autoestradas do mar” • Melhoria das conexões dos territórios sem litoral (TEN-T) • Promoção de redes de transportes públicos ambientalmente sustentáveis
	Reforçar as sinergias entre a proteção ambiental e o crescimento	<ul style="list-style-type: none"> • Suprir necessidades em investimentos em infraestruturas, em especial nas regiões abrangidas pelo objetivo “convergência” para cumprir legislação ambiental (em particular novos EM) • Condições atrativas para as empresas e seu pessoal altamente qualificado com base no ordenamento do território e na reabilitação dos ativos culturais, patrimoniais e de ambiente físico (por empresas inovadoras geradoras de emprego) • Investimentos que contribuam para alcançar os compromissos de Quioto • Medidas de prevenção de risco (gestão recursos naturais, investigação orientada, utilização TIC, gestão pública inovadora)
	Enfrentar a utilização intensiva das fontes de energia tradicionais	<ul style="list-style-type: none"> • Melhorar a eficiência energética e difundir modelos de baixa intensidade energética • Desenvolvimento de tecnologias renováveis e alternativas (eólica, solar, biomassa) • Concentrar os investimentos nas fontes de energia tradicionais, nas regiões abrangidas pelo objetivo “convergência”, no desenvolvimento de redes e na superação das falhas de mercado
Melhorar os conhecimentos e a inovação em prol do crescimento	Reforçar e melhorar o investimento em IDT	<ul style="list-style-type: none"> • Cooperação entre as empresas e instituições públicas de investigação (apoiando clusters regionais e trans-regionais de excelência e iniciativas tecnológicas europeias transnacionais) • Atividades de IDT nas PME • Iniciativas regionais transfronteiriças e transnacionais na investigação • Criação de capacidades de I&D nos setores de crescimento potencial significativo
	Facilitar a inovação e promover o espírito empresarial	<ul style="list-style-type: none"> • Oferta regional de educação, inovação e IDT mais eficaz e acessível às empresas através da criação de pólos de excelência e de <i>cluster</i> regionais • Serviços às empresas suportando a sua competitividade e internacionalização (PME, em especial) • Aproveitar os pontos fortes europeus nas ecoinovações • Empreendedorismo e facilitação da criação e desenvolvimento de novas empresas
	Promover a sociedade da informação para todos	<ul style="list-style-type: none"> • Adoção das TIC pelas empresas e famílias promovendo um apoio equilibrado da oferta e procura de produtos e serviços públicos e privados; • Disponibilidade de infraestruturas de TIC nas regiões com falhas de mercado (custo e nível de serviços).
	Melhorar o acesso ao financiamento	<ul style="list-style-type: none"> • Apoiar instrumentos distintos das subvenções (nomeadamente, empréstimos, garantias, instrumentos convertíveis, capital-semente e capital-desenvolvimento) • Atingir grupos específicos (jovens, empresárias, grupos desfavorecidos)

Tabela 3.1.1.
Orientações da política de coesão europeia 2007/2013 (cont.)

Orientações da política de coesão		
Mais e melhor emprego	Atrair e manter um maior número de pessoas no mercado de trabalho e modernizar os sistemas de proteção social	<ul style="list-style-type: none"> Políticas de emprego visando o pleno emprego, a melhoria da qualidade e produtividade do trabalho e o reforço da coesão social e territorial Abordagem do trabalho numa lógica de “ciclo de vida” Garantir mercados de trabalho inclusivos Resposta às necessidades do mercado de trabalho
	Melhorar a adaptabilidade dos trabalhadores e a flexibilidade do mercado de trabalho	<ul style="list-style-type: none"> Promover a flexibilidade em articulação com a segurança do emprego e reduzir a segmentação do mercado de trabalho Assegurar uma evolução dos custos salariais e mecanismos de adaptação salarial favoráveis ao emprego
	Reforçar o investimento no capital humano, melhorando a educação e as competências	<ul style="list-style-type: none"> Alargar e reforçar o investimento no capital humano Apoiar estratégias de aprendizagem ao longo da vida privilegiando as competências necessárias à economia do conhecimento Adaptar os sistemas de educação e formação às novas exigências em matéria de competências
Contribuir para manter uma população ativa saudável		<ul style="list-style-type: none"> Procurar evitar os riscos de saúde (informação sanitária, transferência de conhecimentos e tecnologias) Colmatar as deficiências das infraestruturas de saúde e promover uma prestação eficaz de serviços
Capacidade administrativa		<ul style="list-style-type: none"> Apoiar a conceção de políticas e programas adequados e o seu controlo e avaliação Reforçar as capacidades de execução das políticas e dos programas

Os regulamentos recentemente aprovados definem, de forma clara, os objetivos e prioridades da intervenção comunitária. Designadamente, o Regulamento (CE) n.º 1083/2006 refere que os fundos estruturais “devem contribuir (...) para a realização dos 3 objetivos seguintes: o objetivo da Convergência (...); o objetivo da Competitividade Regional e do Emprego (...); o objetivo da Cooperação Territorial Europeia (...)”²⁶.

O objetivo da Convergência, considerado como a “prioridade dos fundos”, destina-se a “acelerar a convergência dos Estados-Membros e das regiões menos desenvolvidos, melhorando as condições de crescimento e de emprego através do aumento e melhoria da qualidade do investimento em capital físico e humano, do desenvolvimento da inovação e da sociedade baseada no conhecimento, da capacidade de adaptação às mudanças económicas e sociais, da proteção e melhoria do ambiente, e da eficácia administrativa”²⁷.

O Alentejo encontra-se inserido no objetivo da Convergência (ex-Objetivo 1), atendendo a que possui um produto interno bruto “per capita” (PIB_{pc}), medido em paridades de poder de compra, inferior a 75% da média comunitária.

Para as regiões do objetivo da Convergência, as instâncias comunitárias referem que “será igualmente necessário criar, modernizar e desenvolver serviços de base e infraestruturas que permitam a abertura das economias regionais e locais, bem como definir um enquadramento adequado de apoio às empresas e explorar as

²⁶ Regulamento (CE) n.º 1083/2006, de 11/07, artigo 3º, nº 2

²⁷ idem

oportunidades proporcionadas pelo mercado único. São ainda necessários esforços consideráveis para aumentar os investimentos no capital humano, promover o acesso ao emprego, reforçar a inclusão social e introduzir e executar reformas nos sistemas de educação e formação.”²⁸

O mesmo documento menciona que “a par dos esforços no domínio das infraestruturas de base, são necessárias ações para modernizar e reestruturar a capacidade de produção das regiões, através da prestação de serviços às empresas, em especial às PME, da melhoria do acesso ao financiamento, da promoção da IDT e da inovação, do desenvolvimento dos recursos humanos e da criação de condições para a penetração, divulgação e adoção das TIC.”²⁹

3.2. As orientações nacionais para o ciclo 2007-2013: o QREN

Na sequência da conclusão do processo de negociação comunitária das perspetivas financeiras para o período 2007-2013 em dezembro de 2005 (formalmente aprovado em maio de 2006), abriu-se caminho a um processo que visa estruturar a forma como o país se vai organizar para utilizar, com eficácia e eficiência, o novo ciclo de fundos comunitários e definir as grandes linhas e princípios orientadores da sua operacionalização. O instrumento fundamental neste processo é o QREN (Quadro de Referência Estratégico Nacional).

Definido nas suas traves mestras pela Resolução de Conselho de Ministros n.º 25/2006 de 10 de março, o QREN é “o documento de direção estratégica e operacional dos instrumentos financeiros de carácter estrutural que apoiarão a concretização de componentes importantes da política de desenvolvimento de Portugal no período de 2007 a 2013”³⁰.

O QREN e todos os Programas Operacionais (regionais e temáticos) que o compõem encerram um conjunto de 5 prioridades estratégicas. A saber: a promoção da qualificação dos portugueses; a promoção do crescimento sustentado; a melhoria da coesão social; a qualificação do território e das cidades; e a melhoria da governação.

O QREN assume-se como prioritariamente orientado para a promoção da qualificação dos portugueses e do conhecimento, ciência e tecnologia e inovação, enquanto fatores fundamentais de desenvolvimento competitivo sustentado e equilibrado do país, das suas regiões e empresas, nas vertentes económica, sociocultural e de qualificação territorial, num quadro induzido de (a) valorização da igualdade de oportunidades, da coesão e inclusão social e da empregabilidade, (b) reforço da eficiência coletiva e de redução dos custos públicos de contexto, (c) aumento da eficiência e da qualidade das instituições públicas ao serviço de uma Administração Pública célere e eficiente, (d) ganhos ambientais, alicerçados num melhor ordenamento e conectividade territorial, na prevenção de riscos e no reforço do sistema urbano devidamente articulado com o desenvolvimento do mundo rural, e (e) melhoria progressiva e sustentada da qualificação do emprego e da produtividade.

Tabela 3.2.1.

²⁸ Proposta de decisão do Conselho relativa às Orientações Estratégicas Comunitárias em matéria de coesão, COM(2006) 386 final de 13-07-06

²⁹ idem

³⁰ preâmbulo da Resolução de Conselho de Ministros n.º 25/2006

Prioridades estratégicas do QREN³¹

Prioridades estratégicas do QREN	
Promover a qualificação dos portugueses	<ul style="list-style-type: none"> Promover a qualificação dos portugueses, desenvolvendo e estimulando o conhecimento, a ciência, a tecnologia e a inovação como principal garantia do desenvolvimento do país e do aumento da sua competitividade
Promover o crescimento sustentado	<ul style="list-style-type: none"> Promover o crescimento sustentado através, especialmente, dos objetivos do aumento da competitividade dos territórios e das empresas, da redução dos custos públicos de contexto, incluindo os da administração da justiça, da qualificação do emprego e da melhoria da produtividade e da atração e estímulo ao investimento empresarial qualificante
Garantir a coesão social	<ul style="list-style-type: none"> Garantir a coesão social atuando, em particular, nos objetivos do aumento do emprego e do reforço da empregabilidade e do empreendedorismo, da melhoria da qualificação escolar e profissional e assegurando a inclusão social, nomeadamente, desenvolvendo o carácter inclusivo do mercado de trabalho, promovendo a igualdade de oportunidades para todos e a igualdade de género, bem como a reabilitação e reinserção social, a conciliação entre a vida social e profissional, e a valorização da saúde como fator de produtividade e medida de inclusão social;
Assegurar a qualificação do território e das cidades	<ul style="list-style-type: none"> Assegurar a qualificação do território e das cidades traduzida, em especial, nos objetivos de assegurar ganhos ambientais, promover um melhor ordenamento do território, prevenir riscos e, ainda, melhorar a conectividade do território e consolidar o reforço do sistema urbano, tendo presente a vontade de reduzir assimetrias regionais de desenvolvimento
Aumentar a eficiência da governação	<ul style="list-style-type: none"> Aumentar a eficiência da governação privilegiando, através de intervenções transversais nos diversos PO relevantes, os objetivos de modernizar as instituições públicas, melhorar a eficiência e qualidade dos grandes sistemas sociais e coletivos, com reforço da sociedade civil e melhoria da regulação

Conforme consagrado no nº 2 do referido diploma³², a concretização destes desígnios estratégicos deverá assentar num modelo de programação estrutural promotor de um aumento da eficiência, concentração e seletividade na utilização de recursos, privilegiando a produção e sustentação de resultados e de impactos económicos, socioculturais e de qualificação territorial. Além disso, deverá ser fomentado o desenvolvimento de parcerias público-privado, a cooperação e o funcionamento em rede, e a deslocação do centro das prioridades para projetos progressivamente mais integrados e estruturantes, às escalas supramunicipal, regional e nacional, de acordo com as seguintes grandes orientações:

- apostar na sustentabilidade económica, financeira, social e ambiental das intervenções e projetos, numa lógica prioritária de promoção de políticas que prevaleçam para além da disponibilidade de apoios comunitários, tendo em conta, ao mesmo tempo, as pressões significativas sobre a despesa pública corrente atual e futura;
- concentrar as intervenções num pequeno número de programas operacionais, apoiados, cada um deles, por um único fundo;
- assegurar maior seletividade nos investimentos e ações de desenvolvimento a apoiar, mediante a definição de critérios rigorosos de seleção e hierarquização de candidaturas, de acordo com o respetivo mérito absoluto e, sobretudo, relativo, privilegiando a sua compatibilização com as orientações e objetivos do Programa Nacional de Ação para o Crescimento e Emprego (PNACE) e do Plano Tecnológico;

³¹ idem

³² Resolução de Conselho de Ministros (RCM) n.º 25/2006

- respeitar os princípios de coesão e valorização territoriais, potenciando o progresso económico, sociocultural e ambiental específicos de cada região, num contexto de um desenvolvimento sustentado e territorialmente equilibrado.

A estruturação operacional nacional do QREN é concretizada, por outro lado, através da criação de três Programas Operacionais (PO) temáticos, organizados de forma a responder às seguintes grandes prioridades/orientações: Fatores de Competitividade, Potencial Humano e Valorização Territorial.

Tabela 3.2.2.
Programas operacionais temáticos

Designação	Breve descrição
Fatores de Competitividade	<ul style="list-style-type: none"> • Apoio à I&D, inovação e desenvolvimento científico e tecnológico, à modernização e internacionalização empresariais, à atração e manutenção de iniciativas e investimentos empresariais estruturantes, ao reforço da eficiência das instituições públicas (redução dos custos públicos de contexto, melhoria da eficiência coletiva).
Potencial Humano	<ul style="list-style-type: none"> • Apoio à educação e formação profissional, incluindo a formação avançada (emprego privado e público), promovendo-se, dessa forma, a coesão social, a empregabilidade e mobilidade a igualdade de oportunidades e a igualdade de género.
Valorização Territorial	<ul style="list-style-type: none"> • Apoio a intervenções ao nível de infraestruturas, redes e equipamentos e da capacitação institucional em domínios como a logística, transportes, ambiente e energia, património e prevenção e gestão de riscos e em áreas sociais como a saúde, educação, cultura e desporto.

A estruturação operacional regional do QREN é concretizada em programas correspondentes a cada uma das NUTS II, que asseguram a prossecução, à escala regional, de acordo com as especificidades, potencialidades e recursos de cada território, das prioridades temáticas relativas aos fatores competitivos e à valorização territorial³³, numa lógica desejável de complementaridade entre estes dois níveis de intervenção operacional (nacional e regional), evitando fenómenos de concorrência e sobreposição.

A estruturação operacional global do QREN, considerando a nova lógica de financiamento dos programas (“mono-fundo”), comporta desafios de grande relevância na articulação entre as lógicas regionais e nacional, (coerência da programação, modelos de gestão,...). Estes desafios são particularmente importantes:

- nos financiamentos FEDER, no que respeita à coerência, eficiência e eficácia dos instrumentos de política associados ao vetor temático dos fatores de competitividade;
- nos financiamentos FSE, no que respeita à racionalidade e coerência na descentralização territorial das ações.

³³ RCM n.º 25/2006, n.º 6

3.3. As orientações estratégicas regionais: Alentejo 2015

3.3.1. Principais pressupostos das linhas estratégicas

A estratégia regional deve alicerçar-se em objetivos conducentes à consolidação de uma visão projetada para o futuro do Alentejo, assumindo como ponto de partida a visão existente sobre o seu posicionamento atual, o seu percurso recente e a viabilidade das suas opções de desenvolvimento, garantindo a fixação de objetivos realistas e de metas coerentes.

As grandes linhas estratégicas de desenvolvimento do Alentejo, no horizonte do próximo ciclo de programação estrutural (designadas “Alentejo 2015”), devem ser materializadas com atenção a duas motivações básicas:

- uma, ligada ao esforço de renovação do modelo económico, visando uma aceleração significativa da competitividade e atratividade económica da região;
- outra, ligada ao esforço de consolidação, racionalização e valorização dos investimentos estruturantes já realizados.

O maior desafio que se coloca à região é o de, no futuro próximo, ser necessário conferir um novo impulso à competitividade e ao crescimento económico, enquanto alavancas de uma convergência efetiva no espaço da Europa alargada, como forma de contrabalançar o impacto das iniciativas de desenvolvimento do Alentejo ao longo dos QCA I, II e III, onde, tal como em todas as regiões enquadradas no objetivo 1 dos fundos estruturais, se sobrepuseram claramente os esforços de promoção da coesão aos esforços de promoção da competitividade.

O facto do Alentejo ter tido acesso a níveis relevantes de financiamento comunitários impõe um outro desafio muito significativo de consolidação e racionalização dos investimentos mais pesados já realizados (eixos rodoviários principais, Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, porto de Sines, entre outros), em articulação com as especificidades inerentes à sua especialização em atividades económicas alicerçadas quer nos recursos naturais (agricultura, floresta, agroalimentar e indústrias extrativas), quer em setores emergentes no território (como são os casos do turismo, energias renováveis, aeronáutica, automóvel, TIC, ...).

3.3.2. Uma região diversa com desafios comuns

No seguimento do diagnóstico apresentado³⁴, foi possível constatar que a região do Alentejo evoluiu de forma bastante contrastada ao longo dos Quadros Comunitários de Apoio, sendo notório, ao nível das suas NUTS III, desempenhos claramente distintos em matéria de competitividade e coesão.

Esta diversidade interna constitui um aspeto relevante na definição estratégica e na construção do modelo de programação estrutural, exigindo particular atenção na articulação entre a prossecução da competitividade e a promoção da coesão territorial interna.

³⁴ vide o ponto 2.2.10.

Apesar de esta diversidade se traduzir em diferentes “pontos de partida” para as sub-regiões (NUTS III) que compõem o Alentejo, o desafio do *catching-up* e, em especial, a assunção do reforço da competitividade é um paradigma transversal a toda a região, devendo ser objetivo central nas políticas públicas em todas as sub-regiões, mesmo naquelas que, hoje, estão numa posição mais desfavorecida - condição *sine qua non* para a inversão do declínio populacional e da desertificação física e humana do território.

Por conseguinte, e sendo estes desafios transversais a todo o território, a intervenção dos vários eixos prioritários do Programa Operacional é extensível a todas as suas sub-regiões, não havendo distinções sub-regionais ao nível da programação. Por outras palavras, todas as sub-regiões podem concorrer em pé de igualdade aos diferentes eixos e tipologias de intervenção do Programa, privilegiando-se assim uma maior concorrência, indutora de maior seletividade e qualidade nos projetos a apoiar.

Tendo como pano de fundo a estratégia de desenvolvimento regional “Alentejo 2015”, caberá aos atores regionais uma participação ativa na construção de planos de ação sub-regionais (à escala NUTS III), no seio dos quais sejam delineadas e selecionadas as prioridades de atuação, em consonância, por um lado, com as respetivas trajetórias nos domínios da competitividade e coesão, e por outro, com o aproveitamento das respetivas oportunidades e especificidades territoriais.

3.3.3. Alentejo 2015: visão e eixos estratégicos de desenvolvimento

A formulação de uma estratégia de desenvolvimento económico e social para a região do Alentejo (“Alentejo 2015”), embora coincida genericamente com o horizonte temporal do próximo ciclo de programação, permite enquadrar o processo de elaboração do Programa Operacional Regional para o período 2007/2013, não se restringindo, porém, aos limites objetivos deste exercício.

Em boa verdade, o processo de formulação de uma estratégia de desenvolvimento é, necessariamente, um processo de natureza política, económica e social, envolvendo a participação alargada dos cidadãos e dos agentes económicos e sociais e visando uma melhoria global do desempenho da região.

Por seu turno, o processo de elaboração do programa operacional, comportando também formas de participação pública³⁵, constitui um processo de perímetro mais limitado, concentrando-se na esfera da utilização dos fundos estruturais europeus. Por outro lado, a apropriação dos fundos comunitários pelos atores regionais não se restringe ao referido Programa Operacional Regional, já que existem tipologias de projetos suscetíveis de apoio através de outros programas operacionais (PO temáticos, Programa de Desenvolvimento Rural, PO cooperação territorial, ...).

Deste modo, ao Programa Operacional 2007/2013 não poderá ser exigida a concretização dos objetivos, necessariamente mais ambiciosos, do “Alentejo 2015”. O Programa Operacional deverá, sim, procurar ser o “motor” do mecanismo de mudança subjacente à concretização das aspirações definidas para o Alentejo no horizonte temporal de 2015.

³⁵ vide o ponto 1.3.

A construção da visão estratégica para o desenvolvimento económico e social do Alentejo passa, não apenas pela superação das debilidades relevantes da região, mas sobretudo pelo aproveitamento das oportunidades que podem permitir a criação de condições de atratividade de investimento, atividades e pessoas para o Alentejo, enquanto alavanca de desenvolvimento competitivo e sustentável da região.

Assim sendo, a estratégia de desenvolvimento regional ora preconizada induz necessariamente à construção de uma visão de mudança, na qual se identifica um conjunto restrito de ideias estruturantes, necessárias para orientar as ações a empreender e imprescindíveis a uma programação por objetivos orientada para a produção dos resultados exigidos pela visão.

As ideias estruturantes da visão “Alentejo 2015”, relativas ao modelo competitivo e à qualidade de vida ambicionados para a região no horizonte 2015, são as seguintes:

- uma base económica especializada, centrada não apenas nas atividades tradicionais, mas também pela entrada de atividades emergentes, com base na inovação, no conhecimento, e no capital humano, acelerando a capacidade endógena de criação de riqueza;
- uma região capaz de explorar e construir uma posição favorável nas ligações logísticas entre Portugal e Espanha (polarizadas pela relação entre Lisboa e Madrid), aberta às oportunidades decorrentes da globalização, através da internacionalização, das tecnologias de informação, e da cooperação internacional e inter-regional;
- um território diversificado, atrativo para a vida, o trabalho e lazer, polarizado pela qualidade ambiental e pela rede de serviços urbanos e rurais, explorando as novas fronteiras territoriais de desenvolvimento, com base numa opção determinada de desenvolvimento sustentável.

Estes três grandes eixos estratégicos (não confundir com a aceção de “eixos” do programa operacional) orientam, assim, os caminhos de concretização dos grandes objetivos prosseguidos para alcançar a situação desejada no horizonte 2015, correspondendo à identificação dos domínios transversais de intervenção e ação suscetíveis de produzir outras tantas mudanças centrais. Isto é, alcançar um Alentejo que possa ser reconhecido, interna e externamente, como uma região capaz de gerar endogenamente, pela sua dinâmica empresarial, riqueza e emprego; uma região aberta ao exterior, com qualidade de vida global e exemplar no plano ambiental.

Tabela 3.3.3.1.

**Alentejo 2015 - estratégia de desenvolvimento regional:
visão e eixos estratégicos de intervenção**

A visão
Alcançar um Alentejo que possa ser reconhecido, interna e externamente, como uma região capaz de gerar pela sua dinâmica empresarial, riqueza e emprego; uma região aberta ao exterior, com qualidade de vida global e exemplar no plano ambiental

Tabela 3.3.3.1.

**Alentejo 2015 - estratégia de desenvolvimento regional:
visão e eixos estratégicos de intervenção (cont.)**

Eixos estratégicos (mudanças centrais)	Prioridades de ação
<p align="center">Desenvolvimento empresarial, criação de riqueza e emprego</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Dinamizar e renovar as atividades económicas tradicionais, reforçando o domínio das cadeias de valor e dos fatores de competitividade (investigação e desenvolvimento, organização, conhecimento, capital humano, marketing, ...) • Diversificar o perfil de especialização produtiva da região, potenciando atividades económicas emergentes de maior valor acrescentado e/ou maior intensidade tecnológica, e contribuindo para a criação de empregos qualificados • Consolidar o papel do triângulo Sines/Beja/Alqueva na renovação de diversas atividades económicas e na captação de investimento • Dinamizar o sistema regional de inovação, através do aprofundamento da relação dos “centros de conhecimento” com a base económica regional • Dotar a Administração Pública de uma maior eficácia, através da redução dos “custos públicos de contexto”
<p align="center">Abertura da economia, sociedade e território ao exterior</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Reforçar as redes de acessibilidades físicas e digitais que garantam à região maior mobilidade no contexto das redes nacionais e transeuropeias • Captar atividades económicas associadas às vantagens logísticas da região, resultantes quer da posição geográfica no eixo Lisboa/Madrid, quer da proximidade à A.M. Lisboa • Promover a integração da região em espaços e redes mais alargadas, através do aprofundamento da cooperação territorial, da internacionalização da economia, e das novas tecnologias ligadas à “sociedade do conhecimento”
<p align="center">Melhoria global da qualidade urbana, rural e ambiental</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Reforçar a competitividade e atratividade das cidades como “motores” económicos do território, associando-as de forma inovadora e eficaz à região envolvente (complementaridade “urbano” + “rural”), como garante da coesão social e territorial • Promover a obtenção de padrões de excelência ambiental, através de uma gestão mais eficiente dos recursos naturais, antecipando e minimizando os efeitos das alterações climáticas

As opções formuladas, com base na análise da situação da região do Alentejo no contexto nacional e europeu, conduziram à assunção das seguintes prioridades de ação da estratégia de desenvolvimento regional:

a renovação das atividades económicas tradicionais, através da dinamização e ampliação das cadeias de valor associadas aos recursos naturais e endógenos (utilização da ciência e tecnologia, organização e conhecimento, capital humano, marketing, ...), a qual deverá constituir uma das grandes alavancas do desenvolvimento competitivo da região;

- a potenciação de atividades económicas emergentes (ambiente, aeronáutica, TIC, indústrias criativas, ...), de maior valor acrescentado e/ou maior intensidade tecnológica, em favor da diversificação do perfil de especialização produtiva da região e da criação de empregos altamente qualificados;
- a consolidação dos investimentos associados ao triângulo Sines/Beja/Alqueva (porto e plataforma industrial/logística de Sines, aeroporto de Beja, Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva), pelo seu papel dinamizador

de um *portfolio* de atividades económicas (agroindústrias, logística, energias renováveis, turismo, ...);

- a dinamização do sistema regional de inovação, onde se envolvam os “centros de conhecimento” (ensino superior, centros tecnológicos, ...) e o tecido empresarial, com o propósito de estimular a inovação na região, facilitar a transferência de competências e cooperação entre diferentes atores;
- a exploração da posição de ligação logística, na intermediação entre Portugal/Espanha, através da consolidação de investimentos realizados (porto de Sines, autoestrada Lisboa-Madrid) e implementação de novas infraestruturas de transportes (TGV, ferrovia Sines/Elvas, aeroporto de Beja, plataformas logísticas, ...); a abertura ao exterior e a internacionalização da região poderão constituir fortes alavancas para o desenvolvimento económico e social;
- a implementação de um modelo de desenvolvimento sustentável da atividade turística fortemente ancorado nos recursos naturais, paisagísticos e culturais (património tangível e intangível), os quais deverão ser valorizados criativamente, em favor da criação de riqueza e de uma fruição pública dos elementos identitários e característicos da região;
- o reforço do papel das cidades como “motor” económico da região, promovendo um desenvolvimento urbano sustentável e reforçando a sua competitividade e atratividade, aliada a uma relação inovadora e eficaz entre o centro urbano e a região envolvente (complementaridade “urbano” e “rural”) como condição *sine qua non* da coesão social e territorial;
- a obtenção de uma elevada eficiência na gestão dos recursos naturais (recursos hídricos, solo, ...), tendo em vista a satisfação das necessidades humanas e sua compatibilização com os valores biofísicos, bem como de uma abordagem pró-ativa na minimização dos efeitos das alterações climáticas (seca, desertificação, ...);
- a promoção da eficiência da governação, nos seus vários níveis, visando a redução dos “custos públicos de contexto”, essencial ao desenvolvimento empresarial e a uma relação mais “amigável” com os cidadãos.

4. Programa Operacional Regional Alentejo

4.1. O Programa Operacional Regional como motor da operacionalização da estratégia “Alentejo 2015”

O modelo proposto para a passagem da estratégia ao programa operacional regional procura consagrar as grandes orientações comunitárias e nacionais, acolhendo especialmente as motivações de concentração temática e financeira, de apropriação estratégica regional mais descentralizada e de rearticulação entre competitividade e coesão para alcançar níveis mais elevados de progresso em matéria de convergência.

A estratégia regional configura-se, assim, como uma estratégia simultaneamente completa e específica:

- uma estratégia completa, no sentido em que a convergência efetiva no contexto de uma Europa alargada implica diversificar as áreas de atuação e apoio privilegiadas, mas também a manutenção de esforços em áreas para as quais o contributo do QCA III foi determinante, mas cuja evolução justifica deslocar o centro das prioridades para projetos mais integrados à escala supralocal e regional (prioridades comuns a todas as regiões);
- uma estratégia específica, no sentido em que os objetivos estratégicos a prosseguir no ciclo de programação 2007-2013 devem ser suficientemente diferenciados em relação às restantes regiões, e suficientemente seletivos, para configurarem prioridades claras para os seus principais agentes económicos, sociais e institucionais, dentro e fora da região (prioridades específicas de cada região).

Convém notar que as opções estratégicas formuladas tiveram em linha de conta quer as orientações do QREN, quer o conjunto de documentos nacionais transversais de referência, de natureza estratégica e operacional, como a Estratégia Nacional de Desenvolvimento Sustentável, o Plano Nacional de Ação para o Crescimento e o Emprego (no âmbito da Estratégia de Lisboa), o Plano Nacional de Emprego, o Plano Nacional para a Igualdade, o Plano Tecnológico e o Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território.

A estratégia regional assume, na configuração do desenho das intervenções estruturais, para além de uma função de orientação para as iniciativas da sociedade civil e do setor privado, uma função de enquadramento global dos instrumentos de política pública com incidência regional, que importa clarificar:

- em primeiro lugar, a estratégia regional molda o programa operacional regional, mas não se esgota nele, uma vez que ela é “servida”, necessariamente, por outros instrumentos de política pública e por outras iniciativas do setor privado;
- em segundo, a estratégia regional alimenta a integração do território regional nos grandes instrumentos de programação estrutural nacionais (PO temáticos, Programa de Desenvolvimento Rural, POPESCA) e comunitários (cooperação territorial);
- em terceiro, a estratégia regional orienta a coerência regional destes instrumentos de programação, em especial no que respeita à coordenação das

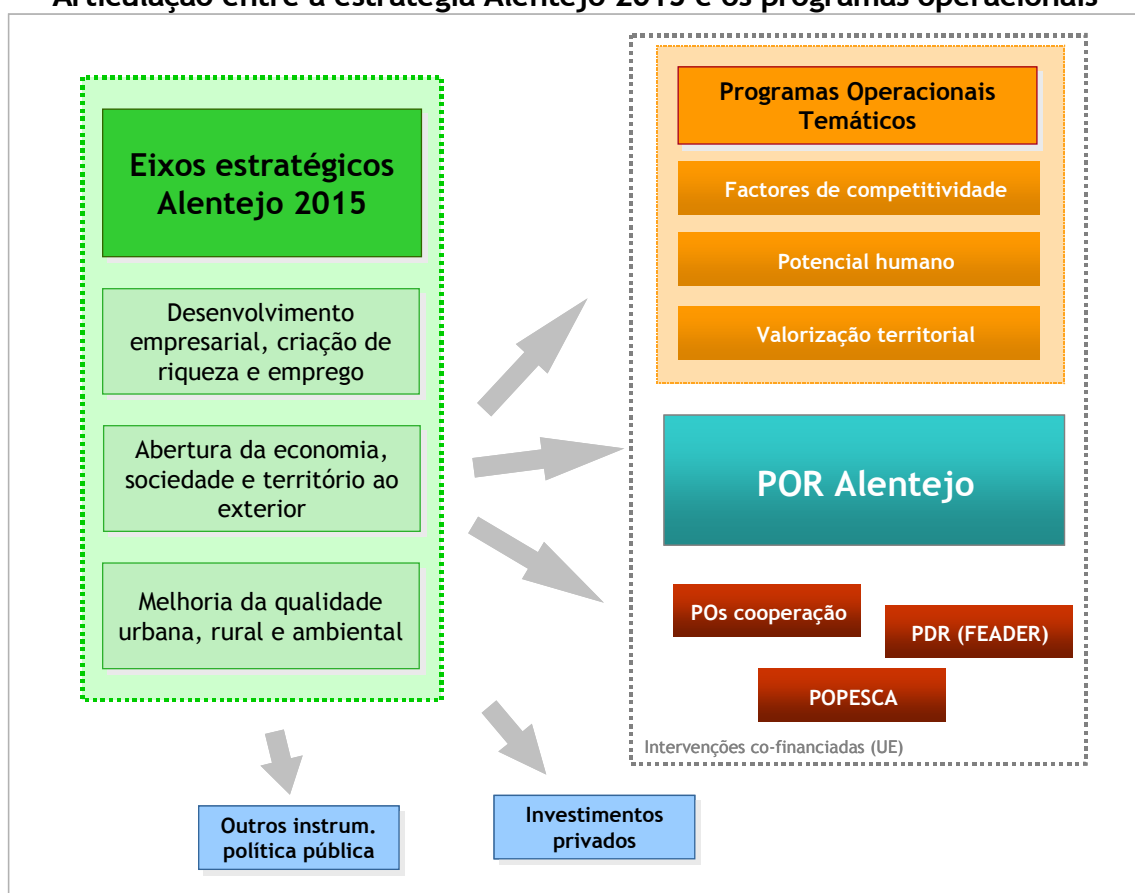
ações de promoção dos fatores competitivos e de valorização do território, e destas com o desenvolvimento do potencial humano.

- em quarto lugar, no âmbito da capacidade de “apropriação regional” subjacente à formulação de programas regionais integrados, a estratégia regional enquadra as intervenções de base sub-regional (cooperação intermunicipal, planos de ação de NUTS III).

Em suma, a estratégia de desenvolvimento regional “Alentejo 2015” não se esgota no Programa Operacional Regional, sendo antes complementada por outras intervenções e instrumentos (alguns dos quais cofinanciados pela União Europeia). Com efeito, quer a sua dimensão financeira, quer o seu âmbito de atuação (fronteiras de elegibilidade entre programas), tornam o Programa Operacional Regional num instrumento motriz, mas não exclusivo, da estratégia e das intervenções a apoiar.

Esquema 4.1.1.

Articulação entre a estratégia Alentejo 2015 e os programas operacionais



Um exemplo eloquente é o Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva: na qualidade de projeto estruturante regional, irá contribuir quer para a criação de riqueza e emprego (agricultura de regadio, energia, turismo, ...), quer para a melhoria ambiental (abastecimento domiciliário de água), quer ainda para a coesão territorial do Alentejo. O seu financiamento será assegurado pelo Programa de Desenvolvimento Rural (financiado pelo FEADER) e pelo Programa Operacional Valorização Territorial e também por este Programa Operacional.

As redes transeuropeias de transportes - de que são exemplos a rede ferroviária de alta velocidade (TEN-T nº 3), a ferrovia Sines-Badajoz (TEN-T nº 16) e as

“autoestradas do mar” (TEN-T nº 21) - integram-se no desígnio estratégico da “abertura da região ao exterior”. Também nestes casos o financiamento dos projetos deverá ser assegurado pelo Programa Operacional Valorização Territorial. Por seu turno, os principais eixos rodoviários (itinerários principais) contribuem para o reforço da competitividade da economia e território regionais, sendo que o seu financiamento deverá também ser assegurado pelo Programa Operacional Valorização Territorial.

4.2. Da estratégia “Alentejo 2015” ao desenho do Programa Operacional Regional

A transposição da estratégia de desenvolvimento regional “Alentejo 2015” para o desenho do Programa Operacional Regional no período 2007/2013 obedeceu à deliberada criação de uma forte aderência entre ambos os domínios.

Com efeito, e apesar da estratégia regional se inscrever num âmbito mais global (horizonte temporal, objetivos e resultados esperados) que o âmbito da apropriação dos fundos estruturais europeus, torna-se evidente a existência de uma inegável correspondência entre os referidos domínios estratégicos. Esta correspondência é igualmente fruto da análise da situação de partida da região *versus* a leitura das orientações comunitárias e nacionais para o próximo período de programação. Efetivamente estas apontam para caminhos muito semelhantes, de quase coincidência, quer para a estratégia da região, quer para o Programa Operacional.

Neste sentido, o desenho do Programa Operacional procura responder aos três desafios centrais do desenvolvimento regional inscritos nos eixos estratégicos “Alentejo 2015”.

Tendo em atenção o disposto nos regulamentos comunitários³⁶ e nas orientações nacionais quanto ao conteúdo da programação, a transposição entre estratégia e Programa foi efetuada do seguinte modo:

- o eixo estratégico relacionado com a criação de riqueza e emprego tem uma inter-relação direta com o eixo do Programa designado “Competitividade, inovação e conhecimento”; e ainda com o eixo do Programa denominado “Coesão local e urbana”, o qual, pela potenciação dos fatores de aglomeração que deverá proporcionar, constituirá também contributo importante para a concretização deste eixo estratégico;
- a linha estratégica associada à abertura ao exterior (vantagens logísticas, internacionalização, acessibilidades, articulação em redes,...) tem correspondência mais direta nos eixos do Programa “Competitividade, inovação e conhecimento”, e “Valorização do espaço regional”;
- o eixo “Melhoria da qualidade urbana, rural e ambiental”, relacionado com o desenvolvimento sustentável e a coesão social e territorial, encontra óbvia correspondência nos eixos do Programa - “Valorização do espaço regional” e “Coesão local e urbana”.

É assim possível transcrever de forma simples as relações mais intensas entre eixos da estratégia regional e do Programa Operacional, através do esquema da página seguinte. Deste modo, torna-se claramente visível a coerência do Programa quanto à

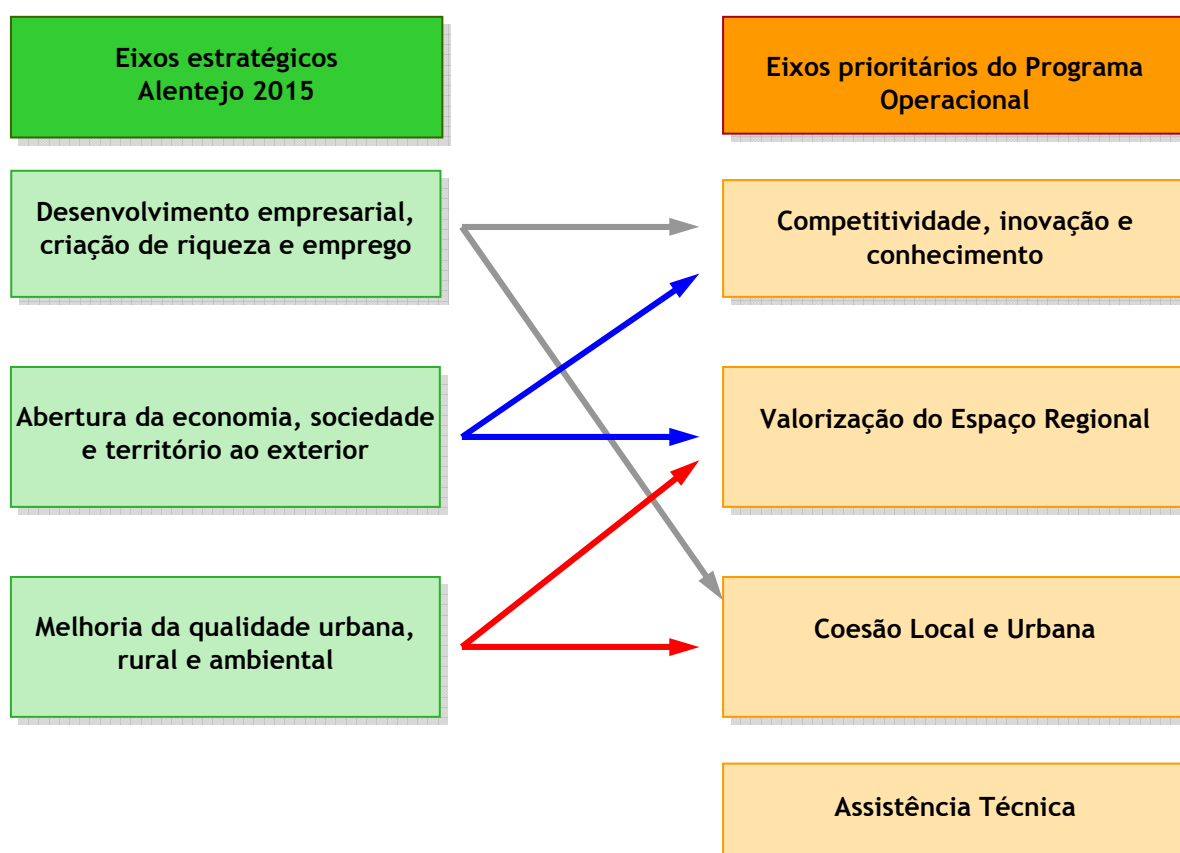
³⁶ Regulamento (CE) n.º 1083/2006, artigo 37º e ss.

resposta pretendida aos desafios fundamentais da região, consagrados na estratégia “Alentejo 2015”.

O eixo do Programa denominado “Competitividade, inovação e conhecimento” comporta o grande conjunto de ações dirigidas ao desenvolvimento económico e empresarial, quer em termos de infraestruturas de suporte, quer de sistemas de incentivos, quer de integração de inovação e conhecimento no processo económico, contribuindo determinadamente para a obtenção do 1º eixo da estratégia regional.

A questão específica da “abertura ao exterior” ficará diretamente consagrada nos eixos 1 e 2, em tipologias de ações específicas, conforme a natureza destas possua um carácter mais económico e infraestrutural ou institucional.

Esquema 4.2.1.
Da estratégia regional ao desenho do Programa Operacional Regional



A problemática urbana (política de cidades, sistema urbano, ...) foi englobada no eixo 3, denominado “Coesão local e urbana”, embora este, também integre linhas de intervenção dirigidas a enquadrar projetos de infraestruturas e equipamentos com reflexo evidente ao nível do desenvolvimento das áreas urbanas.

As questões relacionadas com o ambiente e o meio rural encontram-se essencialmente consagradas no eixo “Valorização do espaço regional”.

Finalmente, a assistência técnica do Programa foi autonomizada num eixo específico, após as interações havidas com a Comissão Europeia a este propósito.

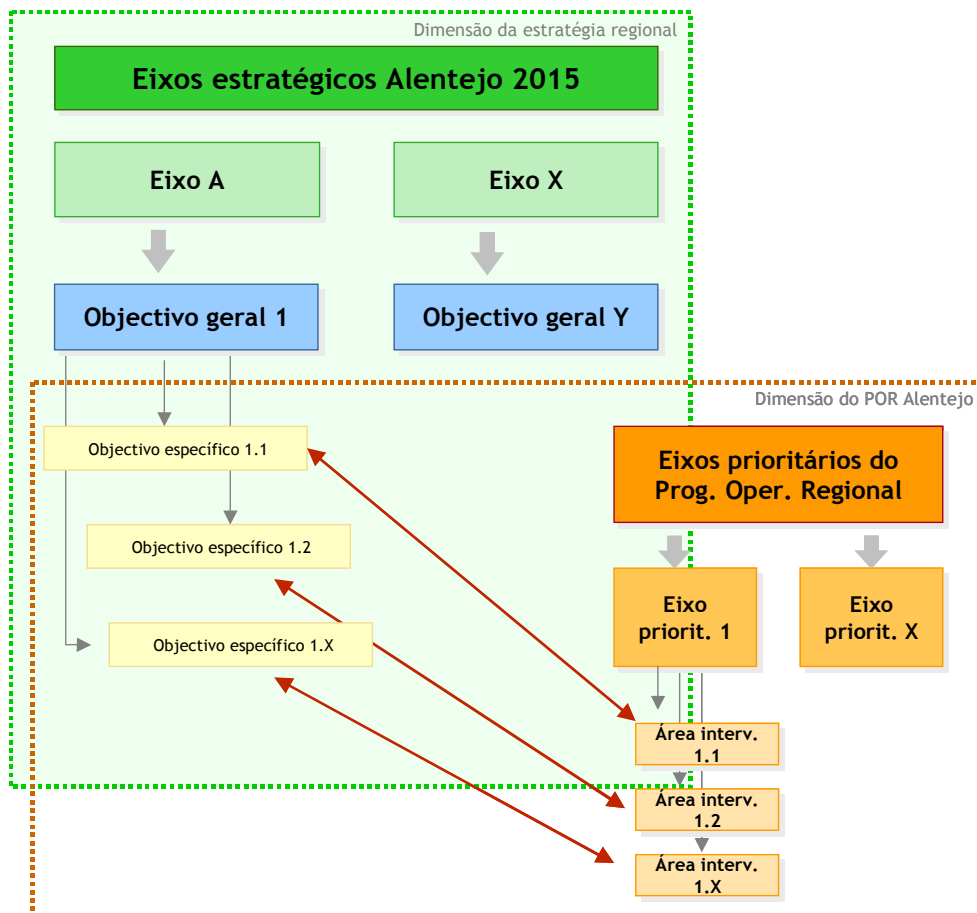
4.2.1. Objetivos do Programa

O Programa encerra um conjunto de objetivos decorrentes da estratégia “Alentejo 2015”, os quais se podem consubstanciar numa árvore de objetivos, atendendo ao respetivo grau de importância para a estratégia e ao seu caráter operativo. Deste modo, a cadeia de objetivos inerente à estratégia regional pode ser subdividida em objetivos gerais, específicos e operacionais (vide esquema seguinte).

A dimensão do Programa Operacional Alentejo não esgota, conforme referido, o desenho estratégico regional e, bem assim, o respetivo quadro de objetivos. O seguinte esquema ilustra a relação entre as dimensões mencionadas, bem como o desenho da árvore de objetivos.

Nas páginas seguintes, encontra-se a explicitação da interligação entre a estratégia regional - decomposta em objetivos gerais e específicos - e a organização do Programa Operacional. Importa sublinhar que existe necessariamente uma forte aderência do Programa à cadeia de objetivos, sendo possível estabelecer uma simbiose entre os objetivos específicos “Alentejo 2015” e os objetivos específicos do Programa.

Esquema 4.2.1.1.
Árvore de objetivos: relação entre a dimensão da estratégia “Alentejo 2015” e o Programa Operacional Regional



Esquema 4.2.1.2.
Articulação entre a estratégia regional e o Programa Operacional Regional



Tabela 4.2.1.1.

Articulação entre as orientações da política de coesão europeia e o Programa Operacional Regional

Orientações Estratégicas Comunitárias 2007/2013		Eixos prioritários do Programa Operacional Regional				
		Eixo 1 - Competit., inovação e conhecim.	Eixo 2 - Valorização do espaço regional	Eixo 3 - Coesão local e urbana	Eixo 6 - Assistência técnica	
1. Tornar a Europa e as suas regiões espaços mais atrativos para investir e para trabalhar	1.1 Desenvolver e melhorar as infraestruturas de transporte			••		
	1.2 Reforçar as sinergias entre a proteção ambiental e o crescimento	•	••			
	1.3 Reduzir a dependência e melhorar a segurança de utilização das fontes de energia tradicionais	•				
2. Melhorar os conhecimentos e a inovação em prol do crescimento	2.1 Reforçar e melhorar o investimento em IDT	••				
	2.2 Facilitar a inovação e promover o espírito empresarial	•••				
	2.3 Promover a sociedade de informação para todos	•••				
	2.4 Melhorar os acessos aos financiamentos	•			•	
3. Mais e melhor emprego	3.1 Atrair e manter um maior número de pessoas no mercado de trabalho e modernizar os sistemas de proteção social	•				
	3.2 Melhorar a adaptabilidade dos trabalhadores e a flexibilidade do mercado de trabalho	•				
	3.3 Reforçar o investimento no capital humano, melhorando a educação e as competências			••		
	3.4 Reforçar a capacidade administrativa	••	•		••	
	3.5 Contribuir e manter uma população ativa saudável		••	•		
Dimensão territorial	Reforçar a contribuição das cidades para o crescimento e o emprego				•••	
	Apoiar a diversificação económica das zonas rurais		•	•		
	Cooperação territorial	Transfronteiriça	•	•		•
		Transnacional	•	•		•
Inter-regional		•	•		•	

Legenda: • Relação fraca •• Relação intermédia ••• Relação forte

Tabela 4.2.1.2.
Articulação entre as prioridades nacionais do QREN e o Programa Operacional Regional

Prioridades Nacionais QREN 2007/2013	Eixos prioritários do Programa Operacional Regional			
	Eixo 1 - Competit., inovação e conhecim.	Eixo 2 - Valorização do espaço regional	Eixo 3 - Coesão local e urbana	Eixo 4 - Assistência técnica
1. Promover a Qualificação dos Portugueses	•		••	
2. Promover o Crescimento Sustentado	•••	••		
3. Garantir a Coesão Social	•	••	•••	
4. Assegurar a Qualificação do Território e das Cidades		•••	••	
5. Aumentar a Eficiência da Governação	••			••

Legenda: • Relação fraca •• Relação intermédia ••• Relação forte

4.3. Eixos prioritários

No presente ponto, é efetuada uma descrição do conteúdo de cada eixo prioritário, assim como das tipologias de ações que as compõem, relevando a lógica e intencionalidade inerentes ao desenho e futura gestão do Programa.

O INALENTEJO, enquanto instrumento financeiro de política regional, incluído no QREN, respeitante ao período de 2007/2013, visa contribuir para a promoção do crescimento e emprego, num quadro de articulação entre os apoios mais diretamente relacionados com a competitividade regional e os apoios à coesão social e territorial, com particular relevo no primeiro caso, dos sistemas de incentivos às empresas.

Esquema 4.3.1.

Organização do Programa Operacional Regional: eixos prioritários

EIXOS PRIORITÁRIOS	ÁREAS DE INTERVENÇÃO
Competitividade, inovação e conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Incentivos à Inovação ▪ Incentivos à Investigação e Desenvolvimento Tecnológico ▪ Incentivos à Qualificação e Internacionalização de PME ▪ Apoio a ações coletivas ▪ Economia digital e sociedade do conhecimento ▪ Promoção da cultura científica e tecnológica e difusão do conhecimento ▪ Apoio a entidades do Sistema Científico e Tecnológico Nacional ▪ Infraestruturas científicas e tecnológicas ▪ Áreas de acolhimento empresarial e logística ▪ Parques de Ciência e Tecnologia ▪ Energia ▪ Promoção e capacitação institucional ▪ Apoios à modernização administrativa
Valorização do Espaço Regional	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Rede de equipamentos culturais ▪ Saúde ▪ Património cultural ▪ Ações de valorização do Litoral ▪ Ações de valorização e qualificação ambiental ▪ Gestão ativa de espaços protegidos e classificados ▪ Prevenção e gestão de riscos naturais e tecnológicos (imateriais)
Coesão Local e Urbana	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Redes de equipamentos e infraestruturas para a coesão social e territorial <ul style="list-style-type: none"> ○ Requalificação da rede escolar ○ Equipamentos para a coesão local ○ Infraestruturas e equipamentos desportivos ▪ Reabilitação e requalificação urbana <ul style="list-style-type: none"> ○ Ações inovadoras para o desenvolvimento urbano ○ Reabilitação e requalificação urbana ○ Iniciativa Jessica ▪ Mobilidade Territorial
Assistência Técnica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Assistência Técnica

Tabela 4.3.1.
Estrutura do Programa Operacional Regional:
financiamento FEDER dos eixos prioritários e áreas de intervenção por eixo

	Financiamento comunitário (Milhões €)
PO Alentejo (FEDER)	854
1. Competitividade, inovação e conhecimento	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Incentivos à Inovação ▪ Incentivos à Investigação e Desenvolvimento Tecnológico ▪ Incentivos à Qualificação e Internacionalização de PME ▪ Apoio a ações coletivas ▪ Economia digital e sociedade do conhecimento ▪ Promoção da cultura científica e tecnológica e difusão do conhecimento ▪ Apoio a entidades do Sistema Científico e Tecnológico Nacional ▪ Infraestruturas científicas e tecnológicas ▪ Áreas de acolhimento empresarial e logística ▪ Parques de Ciência e Tecnologia ▪ Energia ▪ Promoção e capacitação institucional ▪ Apoios à modernização administrativa 	250
2. Valorização do Espaço Regional	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Rede de equipamentos culturais ▪ Saúde ▪ Património cultural ▪ Ações de valorização do Litoral ▪ Ações de valorização e qualificação ambiental ▪ Gestão ativa de espaços protegidos e classificados ▪ Prevenção e gestão de riscos naturais e tecnológicos (imateriais) ▪ 	184
3. Coesão Local e Urbana	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Redes de equipamentos e infraestruturas para a coesão social e territorial <ul style="list-style-type: none"> ▪ Requalificação da rede escolar ▪ Equipamentos para a coesão local ▪ Infraestruturas e equipamentos desportivos ▪ Reabilitação e requalificação urbana <ul style="list-style-type: none"> ▪ Ações inovadoras para o desenvolvimento urbano ▪ Reabilitação e requalificação urbana ▪ Iniciativa Jessica ▪ Mobilidade Territorial 	396
4. Assistência Técnica	23
Assistência Técnica	

Conforme mencionado, o Programa é constituído por 4 eixos prioritários, os quais, por sua vez, se subdividem num conjunto de áreas de intervenção. À conceção presidiu a obtenção de uma transversalidade e racionalidade em toda a lógica da programação. Nomeadamente, as tónicas dominantes assentam em “ações integradas”, em “ações inovadoras” e na “cooperação” (institucional, inter-regional).

Estas lógicas - mais do que configurarem instrumentos de política pública específicos - percorrem transversalmente a generalidade das áreas de intervenção do Programa, dando-lhe uma coerência acrescida a este documento. Por exemplo, a integração da dimensão “inovação” não se circunscreve ao domínio da economia regional, mas também encontra eco em áreas incluídas na “Valorização do espaço regional” e na “Coesão local e urbana”.

CAIXA 4.3.1. - COOPERAÇÃO TERRITORIAL EUROPEIA

Na prossecução dos objetivos da Estratégia de Lisboa e Gotemburgo, o Estado Português adotou uma exigente agenda de modernização económica e social. Esta agenda é fortemente alicerçada no acervo de mais de duas décadas de participação no processo de integração europeia, que impulsionou de forma crítica a abertura do país à economia europeia e global. Este esforço de internacionalização da economia e sociedade do País e da Região não só deve ser continuado, como deve ser reforçado, em prol do aumento da competitividade.

Isso mesmo foi reconhecido pelas instâncias comunitárias quando situaram, nas Orientações Estratégicas Comunitárias, o Objetivo “Cooperação Territorial Europeia” no âmago da Política Regional da União: o reforço da integração regional e um desenvolvimento sustentado e harmonioso das regiões europeias. O mesmo entendimento tiveram as instâncias nacionais, quando optaram pela sua inclusão no QREN a par dos outros objetivos.

Apesar de uma dotação reforçada em termos globais para a Cooperação Territorial Europeia no período 2007-2013, os Estados membros elegíveis em 2000-06 ao Fundo de Coesão viram a sua dotação financeira para a Cooperação diminuir significativamente. Isto deveu-se ao novo contexto político determinado pelo alargamento da União e pelo acordo político das Perspetivas Financeiras, que não previu uma dotação extraordinária para a Cooperação nos chamados “Países da Coesão”, como fora o caso das Perspetivas Financeiras de 2000-06. Esta diminuição é particularmente evidente na Cooperação Transfronteiriça com as nossas congéneres espanholas, espaço que, não obstante, tem testemunhado intervenções impactantes e duradouras.

Este condicionalismo não retira, porém, nem a sagacidade de prosseguir um esforço de internacionalização e cooperação económica, social e institucional da Região com as demais regiões europeias, nem o esforço nacional de elevar o perfil do envolvimento de Portugal e das regiões portuguesas em processos e ações de cooperação territorial. Pelo contrário. O regulamento geral, ao estabelecer o conteúdo dos programas regionais, prevê e sugere que sejam incluídas medidas para a cooperação inter-regional com regiões nacionais e estrangeiras. “Por iniciativa do Estado-Membro, os Programas Operacionais financiados pelo FEDER podem também incluir, relativamente aos Objetivos da Convergência e da Competitividade Regional e do Emprego, os seguintes elementos: Medidas para a cooperação inter-regional com, pelo menos, uma região ou autoridades locais de outro Estado-Membro em cada programa regional” (Art.º 37.º, n.º 6, alínea b).

Assim, devem ser aproveitadas as oportunidades que se apresentam ao nível dos documentos programáticos e regulamentares das intervenções estruturais (OEC, QREN e os Regulamentos Comunitários) para gerar sinergias e articulações entre o PO Regional e os PO de Cooperação, que possam dar continuidade às atividades de cooperação iniciadas com sucesso nos períodos de programação anteriores. Igualmente se prevê a possibilidade de iniciar ou continuar ações de cooperação, que não se enquadrem nos espaços e programas pré-determinados pela disciplina comunitária.

De notar que o objetivo de fomentar a integração e cooperação da Região é um desígnio transversal ao Programa, devendo-se inscrever nos vários objetivos e temas cobertos pelo PO Regional. Nesta lógica, as ações desta natureza podem não estar assumidamente adstritas a um só eixo, mas serem levadas a cabo em qualquer tipologia de ações com enquadramento em qualquer eixo do Programa.

Embora esta disposição regulamentar não seja vinculativa, considera-se que deverá ser aplicada nos PO Regionais do Continente, designadamente no quadro do reforço dos financiamentos do Objetivo Cooperação Territorial. Estes receberão tratamento adequado na estruturação dos PO Regionais do Continente, designadamente no sentido de assegurar a respetiva visibilidade e operacionalidade.

Considera-se que as principais vertentes a explorar e a valorizar em sede de programas regionais são: cooperação transfronteiriça (não aplicável ao PO Lisboa), cooperação inter-regional interna e externa e ainda a criação de condições para um envolvimento das regiões portuguesas na iniciativa *Regions for Economic Change*, na dupla perspetiva de regiões “importadoras” e “exportadoras”.

A iniciativa *Regions for Economic Change* tem como objetivo ser um instrumento para uma gestão pró-ativa e estratégica das intervenções estruturais (Objetivo Convergência e Competitividade) colocada à disposição das respetivas autoridades de gestão. Em especial, esta iniciativa prevê a opção *Fast Track*, que visa “testar” novas ideias orientadas para a eficaz prossecução da Agenda de Lisboa e Gotemburgo (partilha de experiências, transferências de instrumentos e *know-how*, etc.), sendo consubstanciada por ações dinamizadas pela Comissão Europeia com o envolvimento voluntário das regiões europeias.

Fica expressa, desde já, a intenção de adesão a esta iniciativa assumindo-se que:

- a Autoridade de Gestão desenvolverá os procedimentos adequados ao acolhimento pelo PO das operações inovadoras decorrentes dos resultados alcançados pelas redes de cooperação em que a respetiva região esteja envolvida;
- representantes das redes de cooperação em que a respetiva região esteja envolvida poderão participar em reuniões da Comissão de Acompanhamento com o objetivo de transmitir informações sobre as atividades desenvolvidas;
- a Autoridade de Gestão submeterá anualmente à apreciação da Comissão de Acompanhamento informação sobre as atividades desenvolvidas no âmbito da iniciativa “Regions for Economic Change”;
- a Autoridade de Gestão incluirá nos Relatórios Anuais de Execução informação sobre as atividades desenvolvidas no âmbito da iniciativa “Regions for Economic Change”.

As ações relativas à Cooperação Territorial Europeia nos Programas Operacionais Regionais apresentarão assim um caráter transversal ao programa sendo associadas aos objetivos programáticos de natureza global e de cada eixo prioritário. Também por este facto, estas ações não apresentarão à partida nenhuma afetação financeira predeterminada. O facto de serem ações de natureza transversal possibilita também que venham a obter

cofinanciamento no eixo relativo às ações de Governação e capacitação institucional, sempre que as elegibilidades e a natureza das ações se afigurem compatíveis.

CAIXA 4.3.2. - ARTICULAÇÃO ENTRE AS AGENDAS TEMÁTICAS FATORES DE COMPETITIVIDADE E POTENCIAL HUMANO

Embora as duas Agendas possuam objetivos centrais diversos, mas complementares (a Agenda Temática Fatores de Competitividade centra a sua intervenção no apoio à melhoria da competitividade empresarial; a Agenda Temática Potencial Humano, centra a sua intervenção no apoio à qualificação da população portuguesa), o PO PH, enquanto único PO financiado pelo FSE, integra determinadas medidas que contribuem de forma direta ou indireta para a competitividade das empresas

Clarificação e Articulação

Linhas de Natureza Específica

- i) Formação no âmbito de projetos de competitividade e inovação:
 - a) A Agenda Temática Fatores de Competitividade apoiará a formação incluída em projetos integrados (Investimento e Formação), inseridos nos Eixos 1, 2 e 5 do PO Fatores de Competitividade e nos eixos dos PO Regionais que se integram nesta Agenda Temática (margem 10% FEDER);
 - b) A Agenda Temática Potencial Humano pode igualmente apoiar a formação para a competitividade e inovação nas empresas, sem que esteja integrada em projetos de investimento apoiados;
- ii) Formação-Ação no âmbito de projetos de competitividade e inovação:
 - a) A Formação-Ação será apoiada no âmbito da Agenda Temática Potencial Humano e está orientada para a formação associada ao apoio ao desenvolvimento organizacional de micro, pequenas e médias empresas e outras entidades;
- iii) Inserção e contratação de trabalhadores altamente qualificados nas empresas:
 - a) A Agenda Temática Fatores de Competitividade apoiará a contratação de recursos humanos altamente qualificados nas empresas, quando incluída em projetos integrados (Investimento e Formação), que visam a criação de estruturas de reforço de I&D e promoção da inovação nas empresas;
 - b) A Agenda Temática Potencial Humano apoia a inserção e contratação de trabalhadores, incluindo a de recursos humanos altamente qualificados nas empresas e instituições de I&D, no âmbito de objetivos que visam o emprego científico.
- iv) Empreendedorismo:
 - a) A Agenda Temática Fatores de Competitividade apoiará o empreendedorismo qualificado de natureza competitiva, visando a mudança do perfil de especialização e o apoio a projetos de start-ups de base tecnológica e/ou em setores com forte intensidade cognitiva. O apoio será dado através de incentivos ao investimento e/ou mecanismos de financiamento (capital de risco, garantias, etc.).
 - b) A Agenda Temática Potencial Humano apoia o empreendedorismo de necessidade através de iniciativas de base local e em domínios de inovação social, visando a criação de emprego, inclusive a criação do próprio emprego, e a diminuição do desemprego. O apoio será dado através de incentivos à criação de emprego, incentivos à contratação e mecanismos de micro-crédito.
- v) Formação para a gestão e inovação na administração pública:
 - a) A Agenda Temática Fatores de Competitividade apoiará a formação incluída em projetos integrados (Investimento e Formação) de modernização da Administração Pública.
 - b) As operações autónomas de capacitação da Administração Pública através da formação realizada via PO Potencial Humano são essencialmente dirigidas a ações de modernização dos serviços públicos, articulando o esforço de formação com estratégias consideradas instrumentais, devendo por isso ser articuladas com processos de modernização desenvolvidos no âmbito do PO Fatores de Competitividade ou dos PO Regionais.
- vi) Formação associada a “estratégias de eficiência coletiva” da Agenda Temática Fatores de Competitividade:
 Neste tipo de estratégia pode vir a ser considerada crítica a promoção de oferta de formação especializada nomeadamente no âmbito de *clusters* e pólos de competitividade e outras estratégias territoriais.

Os instrumentos em causa que estão previstos no PO PH são, designadamente:

- Eixo 1 - desenvolvimento de cursos de especialização tecnológica e oferta de formação de dupla certificação;
- Eixo 2 - reconhecimento, validação e certificação de competências;
- Eixo 3 - formação-ação, formação para a inovação e gestão;
- Eixo 4 - formação avançada, inserção de mestres e doutores nas empresas.

No âmbito das “estratégias de eficiência coletiva” a articulação entre a Agenda Temática Fatores de Competitividade e a Agenda Temática Potencial Humano, coloca-se ao nível da complementaridade. O vértice da formação tem elegibilidade garantida no POPH nos eixos identificados.

Linhas de Natureza Geral

- i) Aplicação a nível de todos os PO do QREN de regras comuns no domínio da formação, independentemente do Fundo financiador;
- ii) Aprovação cruzada da regulamentação específica nacional;
- iii) Articulação regular entre os órgãos de gestão do PO das duas Agendas Temáticas com vista à troca de informação relevante e à racionalização do processo de análise, acompanhamento e decisão dos projetos com desígnios comuns entre as duas Agendas.

4.3.1. Eixo 1 - Competitividade, inovação e conhecimento

A Agenda Operacional Fatores de Competitividade do QREN assume como objetivo central a contribuição para a promoção de níveis de crescimento económico que assegurem a retoma sustentada da trajetória de convergência real da economia do Alentejo com Portugal e a União Europeia, baseada na competitividade da região, das empresas e dos territórios.

São objetivos do Eixo I a promoção do empreendedorismo, a promoção da inovação e da competitividade nas micro e pequenas empresas, o desenvolvimento da sociedade do conhecimento, a dinamização do sistema científico e tecnológico, a promoção do ordenamento e qualificação dos espaços industriais e ninhos de empresas e da transferência de tecnologia, da promoção das energias renováveis e na eficiência energética, na capacitação institucional e modernização administrativa.

O Programa Operacional da Regional do Alentejo - INALENTEJO encontra-se estruturado tematicamente e por forma a assegurar a prossecução, à escala regional e de acordo com as especificidades e potencialidades da região, das prioridades temáticas relativas aos Fatores de Competitividade.

Ao nível dos Sistemas de Incentivo às Empresas, esta Agenda única é suportada pela instituição de mecanismos de articulação em rede, de partilha eficiente de informação.

O eixo “Competitividade, inovação e conhecimento” consubstancia a aposta central da região no reforço da competitividade da economia do Alentejo, na ótica da linha de desenvolvimento estratégico “Desenvolvimento empresarial, criação de riqueza e emprego”. A Comissão Europeia, elegendo a Estratégia de Lisboa como o *focus* das políticas comunitárias - orientadas para o crescimento e emprego - expressa bem a relevância desta temática para o espaço europeu, e em especial, para o *catching-up* das regiões mais desfavorecidas (inseridas no objetivo Convergência).

O enquadramento estratégico nacional implementado dá suporte às orientações comunitárias nesta matéria em documentos como o Programa Nacional de Ação para o Crescimento e Emprego 2005-2008 (PNACE), o Plano Tecnológico, a Estratégia Nacional de Desenvolvimento Sustentável (ENDS), o Plano Nacional de Emprego, entre outros. No plano regional, o diagnóstico elaborado é suficientemente explícito quanto à necessidade de melhorar o desempenho da economia da região, seja por via da renovação das atividades tradicionais/consolidadas (aumentando a sua presença nas respetivas cadeias de valor), seja por via da diversificação do perfil de especialização produtiva em torno de atividades mais intensivas em tecnologia e conhecimento.

CAIXA 4.3.1.1. - REFORMA DO SISTEMA DE INCENTIVOS AO INVESTIMENTO DAS EMPRESAS

A reforma dos sistemas de incentivos às empresas prosseguida no âmbito do QREN toma em consideração os enquadramentos comunitários sobre a matéria, quer no sentido de os objetivar enquanto instrumentos de apoio financeiro direto ao investimento empresarial, com o objetivo de promover a sua competitividade sustentada num contexto de mercado global, quer no que respeita à adoção do princípio geral “menos ajudas, melhores ajudas” que conduz à redução das taxas máximas permitidas e diminuição das regiões elegíveis para ajudas regionais, à assunção de uma atitude mais favorável face aos investimentos associados à Estratégia de Lisboa e, bem assim, à simplificação de procedimentos.

Consequentemente, o Mapa de Auxílios Regionais para o período 2007-13 não cobrirá a totalidade do território nacional (deixando de fora parte da Região NUTS II Lisboa) e a generalidade das taxas máximas (expressas em ESB) até agora permitidas para empresas não PME sofrerão reduções entre 15 e 29 pontos percentuais.

Assinala-se, por outro lado, que a avaliação de resultados dos sistemas de incentivos aplicados em Portugal no QCA III aconselha a redução da extensão e intensidade dos auxílios a conceder e, em simultâneo, a sua focalização em prioridades fixadas em função dos objetivos da competitividade sustentada e do estímulo de uma economia baseada no conhecimento.

Porém, a generalidade das regiões portuguesas, em particular as do Objetivo Convergência, confrontam-se ainda com um conjunto de condições que impõem custos de contexto e de operação que afetam negativamente a capacidade das empresas que operam nesses territórios para competir em mercados abertos e concorrenciais. Por isso mesmo, e porque a política comunitária assim o permite, continua a justificar-se a atribuição de auxílios de Estado ao investimento empresarial durante o próximo período de programação - com, todavia, uma reorientação substancial dos seus objetivos e o significativo reforço da sua seletividade.

Assumem-se, assim, cinco grandes opções estratégicas:

- Esvatimento da importância e expressão orçamental dos sistemas de incentivos no contexto da prioridade Fatores de Competitividade, através de uma estratégia de apoio preferencialmente baseada noutros instrumentos, designadamente, engenharia financeira e desenvolvimento de ações coletivas;
- Redução de intensidades de auxílios regionais em conformidade com as regras comunitárias;
- Orientação e focalização dos sistemas de incentivos, reduzindo fortemente a extensão da intervenção quer em termos do número total de projetos a apoiar, quer limitando a tipologia de investimentos apoiados aos que justificam financiamento público;
- Privilégio ao apoio às PME, que constituirão o alvo prioritário dos sistemas de incentivos, sem todavia descurar a relevância da função de atração de investimento estruturante (estrangeiro ou nacional), indispensável para o reforço da base de conhecimento e de inovação;
- Simplificação do modelo de gestão, com vista a um aumento da celeridade e da qualidade decisional, quer na fase da análise, quer também no período de acompanhamento da execução e da avaliação dos resultados dos investimentos.

Em coerência com estas opções estratégicas, os sistemas de incentivos ao investimento empresarial privilegiarão o investimento destinado a reforçar a base produtiva transacionável da economia portuguesa, sendo definidas duas grandes tipologias de prioridades:

- A que inclui as prioridades horizontais relacionadas com os fatores críticos de competitividade num contexto de uma economia baseada no conhecimento e na inovação, que integra (i) o desenvolvimento de atividades de I&DT nas empresas, estimulando a cooperação em consórcio com instituições do sistema científico e tecnológico e com outras empresas e entidades europeias, (ii) o investimento de inovação (produção de novos bens e serviços no país ou *up-grading* significativo da produção atual através da transferência e aplicação de conhecimento ou de inovações organizacionais, expansão de capacidades de produção em setores de conteúdo tecnológico ou com procuras internacionais dinâmicas e investimentos estruturantes de maior dimensão e com mobilidade internacional); (iii) fomento do empreendedorismo qualificado, nomeadamente o feminino, como instrumento inovador e regenerador de tecidos económicos sectoriais, regionais ou urbanos; e (iv) favorecimento da utilização por PME de fatores de competitividade de natureza mais imaterial (organização e gestão, conceção, desenvolvimento e engenharia de produtos e processos, presença na economia digital, eficiência energética, certificação de sistemas de qualidade, ambiente, segurança, saúde e responsabilidade social, moda e design, internacionalização e inserção e qualificação de recursos humanos);
- A que resulta do aproveitamento das sinergias decorrentes de “estratégias de eficiência coletiva” delineadas pelas políticas públicas com o objetivo de obter economias de proximidade e de aglomeração aos níveis nacional, sectorial, regional, local ou urbano, que compreende (i) promoção de Pólos de Competitividade e Tecnologia (apoio ao investimento empresarial localizado/inserido em estratégias de desenvolvimento ou de afirmação internacional de áreas de atividades económicas com potencialidades de crescimento), (ii) desenvolvimento de outras lógicas sectoriais ou de atividades relacionadas e organizadas em *clusters* ou de outras estratégias que permitam potenciar economias de aglomeração, (iii) criação de dinâmicas regionais de novos pólos de desenvolvimento, nomeadamente, em torno de projetos âncora ou de requalificação/reestruturação de atividades económicas existentes e (iv) dinamização da renovação económica urbana através da realocização/reordenamento de atividades económicas e revitalização da atividade económica em centros

urbanos.

Refletindo a preocupação de introduzir uma forte seletividade dos sistemas de incentivos assente na prioridade atribuída ao desenvolvimento de uma economia baseada no conhecimento e na inovação, serão criados três grandes sistemas de incentivos de aplicação horizontal: SI Investigação & Desenvolvimento (empresas), SI Inovação (investimento produtivo empresarial) e SI Qualificação PME (fatores dinâmicos em PME).

O critério básico para a atribuição de responsabilidades entre o PO Temático Fatores de Competitividade e os PO Regionais do Continente corresponde à natureza da política subjacente a cada linha de intervenção: políticas com necessidades de coordenação nacional ou com políticas comunitárias devem ser tendencialmente incluídas no PO Temático; políticas com impactes dominantes nas regiões ou nas cidades devem ser preferencialmente inseridas nos PO Regionais.

A operacionalização deste princípio é assegurada pelo enquadramento financeiro dos incentivos dirigidos às grandes e médias empresas no PO Temático Fatores de Competitividade, sendo os consagrados às pequenas e microempresas da responsabilidade dos PO Regionais do Continente - sem prejuízo da receção centralizada de candidaturas num “guichet” eletrónico único e da atribuição de responsabilidades técnicas pela análise e elaboração das propostas de decisão para as Autoridades de Gestão às instituições pertinentes do Ministério da Economia e da Inovação e do Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional.

No que se refere às estratégias de eficiência coletiva, a repartição de responsabilidades determina que (i) as estratégias de afirmação nacional ou internacional de novos pólos de desenvolvimento são enquadradas pelo PO Temático; (ii) os apoios a *clusters* ou a outros agregados sectoriais serão concedidos pelo PO Temático (de forma articulada com os PO das regiões onde os mesmos tenham uma presença significativa); (iii) os estímulos a estratégias de desenvolvimento e requalificação regional ou urbana competem ao respetivo PO regional.

Por conseguinte, seja nos setores tradicionais, seja nos setores emergentes, o primeiro dos desígnios da estratégia regional - “desenvolvimento empresarial, criação de riqueza e emprego” - passa, em boa medida, pelo estímulo à inovação na região.

Neste sentido, e aproveitando os ensinamentos colhidos do PRAI - Programa Regional de Ações Inovadoras e do Plano Regional de Inovação do Alentejo (PRIA), pretende-se reforçar o sistema regional de inovação do Alentejo.

Conforme explicitado num relatório da Comissão Europeia³⁷, um sistema regional de inovação envolve um conjunto de atores e recursos em interação com o objetivo de estimular a inovação na região. Este sistema deve facilitar: a identificação de infraestruturas disponíveis e recursos regionais de conhecimento; o acesso a serviços relativos a financiamento, troca de experiências, exploração de conhecimento (agências de desenvolvimento, fundos de capital de risco, câmaras de comércio, observatórios, ...); e a transferência de competências e cooperação entre diferentes atores regionais. Neste âmbito, os fundos estruturais podem contribuir para consolidar a “massa crítica” de infraestruturas e conhecimento de tal sistema.

CAIXA 4.3.1.2. - O SISTEMA REGIONAL DE INOVAÇÃO DO ALENTEJO

A iniciativa comunitária PRAI - Programa Regional de Ações Inovadoras resultou, entre outros projetos, na realização do Plano Regional de Inovação do Alentejo (PRIA)³⁸, coordenado pelo Prof. Augusto Mateus e apresentado em 2005. No âmbito deste estudo, foram identificados e analisados 6 *clusters*: agroalimentar, vitivinicultura, cortiça, rochas ornamentais, turismo e, como setores emergentes, aeronáutica e tecnologias de informação e comunicação.

No seio do PRIA, cada *cluster* foi objeto de uma caracterização detalhada, tendo sido analisadas as potencialidades e debilidades, apontadas prioridades de ação, assim como são identificadas as entidades ligadas ao I&D em cada setor. Por exemplo, na fileira agroalimentar são identificadas as seguintes entidades: Universidade de Évora, Instituto de Ciências Agrárias Mediterrânicas (U. Évora), Centro Operativo de Tecnologia de Regadio, Fundação Eugénio de Almeida, Fundação Abreu Calado, Estação Nacional de Melhoramento de Plantas (Instituto Nac. Investigação Agrária e Pescas), Centros de Experimentação da Dir. Regional Agricultura Alentejo, Delta Cafés, etc.

A cortiça, uma das mais importantes produções regionais, foi igualmente estudada no PRIA, sendo um exemplo da

³⁷ “Innovative strategies and actions: results from 15 years of regional experimentation”, DG Regio, 12/07/06

³⁸ o estudo está disponível na Internet em www.ccdr-a.gov.pt/prai/apresent.asp

necessidade de articulação extrarregional no seu sistema de inovação, não apenas devido ao facto do principal grupo económico (Corticeira Amorim) se situar no Norte, mas também à presença de centros de competência noutros pontos do país. As entidades mencionadas neste âmbito são as seguintes: Instituto Superior de Agronomia (Centro de Estudos Florestais), INETI (Departamento de Tecnologia da Cortiça), Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Universidade do Minho, Universidade de Aveiro, Instituto Superior Técnico (Departamento de Materiais), Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Estação Florestal Nacional, Universidade de Évora, Escola Superior Agrária de Beja e CTCOR - Centro Tecnológico da Cortiça.

Em termos prospetivos, o Plano Regional de Inovação do Alentejo enuncia uma missão, diversos objetivos gerais e várias propostas de ação. A missão indicada consiste em “implementar um modelo de Sistema de Ciência-Tecnologia-Inovação adequado às necessidades da região e que sirva de catalisador do desenvolvimento das empresas e produtores”.

Os objetivos enunciados são os seguintes: expandir as atividades científicas e tecnológicas da região, multiplicando significativamente os recursos humanos e as despesas com I&D; promover nas empresas uma mudança cultural no sentido de favorecer uma visão da inovação; estimular a criação de novas atividades de base tecnológica em setores emergentes (diversificação para áreas de maior intensidade tecnológica), entre outros.

No seio das medidas propostas no PRIA, destacam-se: o apoio a projetos de I&D e de inovação; o apoio em marketing, marcas e comercialização; novas infraestruturas de ciência e tecnologia em parceria com empresas; a implementação de “clínicas tecnológicas” nos setores-chave da região; ações de intermediação, demonstração, missões e visitas; entre outros.

Apesar do ponto de partida do Alentejo no domínio da inovação ser manifestamente fraco, o PRAI (e o conjunto de ações financiadas) e o PRIA (enquanto plano orientador) demonstraram a capacidade da região na mobilização dos seus atores em torno desta temática.

Na sequência do PRAI, a CCDR Alentejo tem sido parceira da rede ERIK (European Regions Knowledge based Innovation Network³⁹), à qual pertencem mais de 50 regiões europeias, e que visa o fortalecimento de redes inter-regionais e a disseminação de “boas práticas” nas políticas de inovação e conhecimento. O Plano Regional de Inovação do Alentejo e a “Rota dos Sabores” são 2 dos projetos indicados como “boas práticas” a nível internacional.

A Comissão Europeia (DG Regio), numa síntese sobre políticas de inovação e experimentação regional⁴⁰ enuncia um conjunto de resultados das políticas de inovação ao longo de 15 anos, em toda a União Europeia. Este documento constitui um referencial de “boas práticas” e “lições da experiência” a considerar pela CCDR Alentejo no próximo período de programação. Designadamente, importa retirar deste relatório, entre outras, as seguintes ilações:

- A mobilização dos atores públicos e privados na definição de estratégias de inovação, permitindo o estabelecimento de consensos sobre um reduzido número de setores considerados prioritários para a competitividade internacional da região (esta abordagem favorece o fortalecimento de “clusters” em atividades estratégicas). O PRIA constitui, a este título, um excelente documento orientador, carecendo agora de atualização na definição dos *clusters* prioritários e na seleção de medidas de ação concretas.
- O estabelecimento de uma liderança clara na condução da estratégia regional é uma das condições essenciais de sucesso. A implementação da figura do “comité estratégico”, composto por pessoas influentes “ativas” e interessadas na inovação, bem como representantes das autoridades públicas, poderá ser uma das fórmulas a perfilhar. A CCDR Alentejo, pelas suas competências e enquanto autoridade de gestão do PO, deverá ter um papel determinante na dinamização do processo.
- Outra das condições de sucesso radica no forte envolvimento dos atores relevantes em todo o processo: na definição da estratégia e de objetivos em parceria, na informação regular sobre resultados, etc. Este fator, associado à capacidade de liderança dos decisores políticos, podem facilitar a compreensão e o apoio dos parceiros para a mudança.
- A comunicação e a avaliação constituem peças relevantes na condução da estratégia. A comunicação mobiliza os atores para a inovação (p. ex. em “chamadas” para a apresentação de candidaturas), tendo igualmente o efeito de transformar a imagem da região, tornando-a credível a investidores estrangeiros e atores regionais. Por seu turno, a adoção de uma avaliação contínua das estratégias de inovação facilita a mudança das ações em curso e permite redirecionar a estratégia, de modo a maximizar o seu impacte regional.
- A implementação de projetos experimentais, através da realização de chamadas (“calls for proposals”) com adequados critérios de seleção e suportadas por ações de comunicação eficazes, é considerada um bom método para a geração de novas ideias. As “boas práticas” identificadas na experimentação poderão ser generalizadas aos programas operacionais, contribuindo para direcionar as intervenções dos fundos estruturais para ações mais inovadoras. A este propósito, os novos sistemas de incentivos (p. ex. SI Inovação e SI Investigação & Desenvolvimento) constituem-se como instrumentos relevantes na transformação de ações-piloto em projetos generalizáveis a outros contextos (sectoriais, regionais).

Assim sendo, o eixo “Competitividade, inovação e conhecimento” visa contribuir para a alavancagem da base económica regional, através de políticas territorializadas, adaptadas aos *clusters* estratégicos para o Alentejo e ao perfil empresarial da região.

³⁹ vide informação sobre a rede ERIK em www.eriknetwork.net

⁴⁰ “Innovative strategies and actions: results from 15 years of regional experimentation”, DG Regio, 12/07/06

Esquema 4.3.1.1.
Competitividade, inovação e conhecimento:
dos objetivos específicos do PO aos objetivos específicos do eixo

OBJETIVOS ESPECÍFICOS PO	OBJETIVOS ESPECÍFICOS EIXO
Incentivar a criação de empresas e o empreendedorismo	Incentivar a criação de empresas inovadoras
	Incentivar o empreendedorismo de base tecnológica
Aumentar as atividades de I&D associadas aos clusters estratégicos	Promover a I&DT nas micro e pequenas empresas em regime de cooperação empresarial
	Apoiar atividades conjuntas de I&DT entre empresas e entidades do sistema científico e tecnológico
Apoiar a incorporação de inovação e conhecimento nas empresas	Incentivar a inovação produtiva nas micro e pequenas empresas
	Promover a diversificação do tecido empresarial, reforçando a presença em setores intensivos em conhecimento e tecnologia
	Apoiar os setores mais expostos aos mercados internacionais, promovendo o incremento da produção transacionável
	Reforçar a orientação comercial das micro e pequenas empresas para os mercados internacionais Promover a qualificação, o emprego e a empregabilidade
Promover a densificação do relacionamento empresarial em clusters	Promover a densificação do relacionamento empresarial através de ações coletivas
Constituir uma rede regional de centros tecnológicos	Dinamizar a transferência de "know-how" das entidades do sistema científico e tecnológico para o tecido empresarial
Reforçar a rede regional de parques empresariais	Incentivar a instalação de empresas em áreas de acolhimento para a inovação empresarial
Reforçar as conexões em rede dos atores regionais através da adoção das TIC Reforçar as conexões em rede dos atores regionais através da adoção das TIC	Promover o desenvolvimento da economia digital, em especial, reforçando a competitividade das empresas regionais
	Reforçar a informatização e modernização da Administração Pública, promovendo a disponibilização de serviços nos meios digitais
	Facilitar o contacto dos cidadãos e empresas com a Administração Pública, através da reorganização espacial dos serviços
Dinamizar a captação de investimento para a região	Aumentar a notoriedade internacional da região para a captação de IDE qualificante e para a atividade turística

A tabela acima ilustra os objetivos específicos do presente eixo, bem como a sua articulação com os objetivos específicos do Programa. Com efeito, são patentes dois níveis diferenciados de objetivos específicos: os primeiros, encontram-se ao nível do Programa, podendo ser satisfeitos por tipologias de intervenção em diferentes eixos prioritários; os segundos, estão inseridos dentro do eixo prioritário, estando diretamente associado às tipologias de intervenção e aos indicadores de resultado e realização. Os objetivos específicos do eixo traduzem, assim, a intencionalidade subjacente às intervenções previstas, permitindo uma melhor monitorização dos resultados do Programa (através da avaliação de indicadores e metas).

Os objetivos específicos do eixo relacionam-se intimamente com as áreas de intervenção inscritas neste eixo. A tabela seguinte sintetiza as mencionadas áreas de intervenção, seguindo-se uma breve descrição do respetivo conteúdo.

Esquema 4.3.1.2.

Competitividade, inovação e conhecimento: áreas de intervenção

EIXO PRIORITÁRIO	COMPETITIVIDADE, INOVAÇÃO E CONHECIMENTO
Áreas de Intervenção	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Incentivos à Inovação ▪ Incentivos à Investigação e Desenvolvimento Tecnológico ▪ Incentivos à Qualificação e Internacionalização de PME ▪ Apoio a ações coletivas ▪ Economia digital e sociedade do conhecimento ▪ Promoção da cultura científica e tecnológica e difusão do conhecimento ▪ Apoio a entidades do Sistema Científico e Tecnológico Nacional ▪ Infraestruturas científicas e tecnológicas ▪ Áreas de acolhimento empresarial e logística ▪ Parques de Ciência e Tecnologia ▪ Energia ▪ Promoção e capacitação institucional ▪ Apoios à modernização administrativa ▪ Apoio à promoção da qualificação, o emprego e a empregabilidade

a) Inovação Empresarial

Dentro desta área, o apoio a projetos de investimento de inovação produtiva promovidos por empresas, a título individual ou em cooperação, tem uma importância fundamental.

Este Sistema de Incentivos visa promover a inovação no tecido empresarial, pela via da produção de novos bens, serviços e processos que suportem a sua progressão na cadeia de valor e o reforço da sua orientação para os mercados internacionais, bem como do estímulo ao empreendedorismo qualificado e ao investimento estruturante em novas áreas com potencial crescimento. Destina-se a apoiar projetos de investimento de inovação produtiva e de criação, modernização e requalificação de empresas

A necessidade da intervenção na área da inovação, sobretudo das empresas, tem diversas motivações. A inovação empresarial produz benefícios para a sociedade, nomeadamente através da criação e manutenção de emprego, desenvolvimento de competências de trabalhadores e gestores, produção e difusão de conhecimentos técnicos e comerciais, diversificação do padrão de especialização, etc.

É nesta perspetiva que o INALENTEJO financia diversos instrumentos de política pública que visam incentivar as micro e as pequenas empresas a desenvolver novos produtos e processos produtivos, a adotar novas formas de organização, a explorar novos mercados ou a iniciar novos projetos empresariais de cariz inovador.

A “Criação de micro e pequenas empresas inovadoras” constitui-se como um dos objetivos específicos do Programa, porquanto foi identificada, no diagnóstico realizado, a falta de dinâmica empresarial como um dos óbices ao desenvolvimento regional. Este aspeto liga-se, por um lado, a uma taxa de iniciativa empresarial inferior à média nacional (o que indicia uma menor propensão para o risco e a atividade empresarial), e por outro, à incipiente capacidade em inovar e acrescentar valor nos serviços e bens produzidos.

Por isso, pretende-se incentivar a criação de empresas (micro e pequenas empresas) que se constituam como referenciais de inovação, seja em setores consolidados/tradicionais, seja em atividades emergentes. O fomento do empreendedorismo “qualificado”, nomeadamente o empreendedorismo feminino como fator de mobilização das mulheres para a vida económica ativa, e o estímulo à interligação entre o ensino superior e o meio empresarial (*start-ups*, *spin-offs*, ...) e ao desenvolvimento de bolsas de projetos inovadores com apoio de *business angels* e de instrumentos de engenharia financeira (não abrangidos pelo Programa) estão contemplados nesta área de intervenção. No quadro da reforma de incentivos (vide caixa 4.3.1.1.), estas iniciativas serão enquadradas no SI Inovação.

b) Qualificação Empresarial

A intervenção na Qualificação Empresarial tem como objetivo a promoção da competitividade das empresas através do aumento da produtividade, da flexibilidade e da capacidade de resposta e presença ativa das Micro e Pequenas Empresas no mercado global.

Para além da forte ênfase dada à inovação, a promoção da competitividade da economia regional passa igualmente pela incorporação de fatores dinâmicos que assegurem maiores níveis de produtividade e flexibilidade nas micro e pequenas empresas. Trata-se, por isso, de dotar o tecido económico de um novo impulso, que vise um maior domínio da cadeia de valor por parte das PME regionais, assente sobretudo no reforço dos “ativos intangíveis”.

O domínio da “Qualificação de micro e pequenas empresas” irá corresponder, no desenho da reforma dos sistemas de incentivos, ao SI Qualificação PME. Os projetos a candidatar deverão patentear a introdução de fatores dinâmicos em áreas como: conceção, desenvolvimento e engenharia de processos e produtos; eficiência energética e ambiental; qualidade, saúde e segurança; promoção dos fatores de igualdade entre homens e mulheres; responsabilidade social; internacionalização, marketing, marcas; moda e design, inserção e formação de técnicos qualificados. Além disso, serão suscetíveis de apoio os projetos demonstradores de produtividade e inovação tecnológica e organizacional, assim como os projetos de cooperação interempresarial em rede em prioridades pré-definidas (internacionalização, marcas, ambiente, etc.).

Note-se ainda que o modelo de implementação dos vários sistemas de incentivos será marcado pelo estabelecimento de candidaturas por fases/concursos (temáticos, temporais, ...), permitindo assim uma maior seletividade nos projetos a apoiar (através da hierarquização das candidaturas rececionadas segundo a grelha de critérios a estabelecer nos regulamentos). A Autoridade de Gestão, a criação de fases permitirá analisar as potenciais sinergias e complementaridades entre projetos (sinergias de âmbito territorial, sectorial, etc.), bem como identificar as dinâmicas

empresariais existentes e articulá-las com outras linhas de ação do Programa (por exemplo, acessibilidades, parques empresariais, etc.).

c) Projetos de I&DT

Esta área de intervenção tem como objetivo intensificar o esforço regional de I&DT e a criação de novos conhecimentos com vista ao aumento da competitividade das empresas, promovendo a articulação entre estas e as entidades do SCT - Sistema Científico e Tecnológico.

Tal como referido no diagnóstico, a investigação e desenvolvimento (I&DT) à escala regional encontra-se muito dependente dos estabelecimentos de ensino superior e de organismos estatais. A I&DT proveniente do tecido empresarial tem sido praticamente inexistente.

Com este domínio de intervenção, pretende-se alavancar a I&DT diretamente associada à inovação empresarial, designadamente, através do apoio a projetos essencialmente imateriais. Aqui, o *focus* reside nos projetos de cooperação entre micro e pequenas empresas e as entidades do sistema científico e tecnológico, os quais deverão estar indexados à obtenção de resultados económicos (ligação aos setores estratégicos para a região) e à replicação das inovações em contexto empresarial (efeito demonstrador).

Estas iniciativas serão enquadradas no SI Investigação & Desenvolvimento, o qual deverá apoiar a atividade de I&DT no seio das empresas (de preferência em consórcio com instituições científicas e tecnológicas), bem como estimular a participação em redes europeias de I&D compostas por outras empresas/instituições.

d) Apoio à qualificação , ao emprego e empregabilidade

Os objetivos pretendidos com os apoios concedidos no âmbito dos Sistemas de Incentivos, nomeadamente os que visam a modernização do tecido empresarial e o crescimento da produtividade e da competitividade, determinam que as empresas apoiadas estejam dotadas de recursos humanos com as qualificações adequadas. Esta necessidade associada a uma taxa elevada de desemprego jovem, determinam que complementarmente aos apoios já concedidos às empresas sejam também apoiadas políticas de emprego e empregabilidade. Neste contexto de apoio ao emprego e empregabilidade, o prémio de integração, na sequência da celebração de um contrato de trabalho sem termo só será atribuído se se verificar a criação líquida de emprego.

Assim no que respeita à qualificação de ativos e outras medidas ativas de promoção do emprego e da empregabilidade, sobretudo do mais jovens, e independentemente das articulações necessárias com o PO PH, este Programa Regional não deixará de dispor de medidas de política específicas, que se traduzem:

- No apoio ao programa de estágios e formação de vocação específica integrados no Impulso Jovem (Passaportes Emprego Industrialização, Inovação Internacionalização);
- Em medidas de apoio ao empreendedorismo de base local e à criação do próprio emprego, nomeadamente iniciativas previstas neste domínio no Impulso Jovem (Passaporte Empreendedorismo, financiamento de iniciativas de microcrédito e de apoio a Cooperativas - COOPJOVEM) e o programa PAECPE (Programa de Apoio ao

Empreendedorismo e à Criação do Próprio Emprego);

- No reforço das medidas de apoio ao investimento, em especial das PMEsuportadas pelo QREN e referenciadas na Iniciativa Impulso Jovem, tendo também em vista que um número significativo de jovens beneficiará desses apoios.

e) Ações Coletivas de Desenvolvimento Empresarial

No âmbito da Agenda da Competitividade do QREN, as Ações Coletivas de Desenvolvimento Empresarial são complementares dos sistemas de incentivos diretamente orientados para as empresas e visam potenciar os seus resultados com a criação ou melhoria das condições envolventes, com particular relevo para as associadas aos fatores imateriais da competitividade de natureza coletiva, que se materializem na disponibilização de bens públicos, visando a obtenção de ganhos sociais e na geração de externalidades indutoras de efeitos de arrastamento na economia.

Deste modo, estas “ações coletivas” têm por objetivo congregar um conjunto alargado de atores - articulados segundo uma das fórmulas ora mencionadas - em torno de candidaturas comuns, que incentivem a “clusterização” dos agentes económicos, a obtenção de economias de escala e, logo, o reforço da competitividade dos setores/territórios.

Neste campo, a autoridade de gestão assume um papel determinante no ajustamento /modulação dos sistemas de incentivos de aplicação horizontal (SI Investigação & Desenvolvimento, SI Inovação, SI Qualificação PME) às especificidades e necessidades regionais. Tal modulação poderá ser efetuada a dois níveis: em primeiro lugar, na promoção focalizada de “ações integradas” nos setores/*clusters* considerados estratégicos para o Alentejo; em segundo, no ajustamento dos requisitos de acesso dos sistemas de incentivos (âmbito sectorial, condições de elegibilidade, despesas elegíveis, critérios de seleção e processo de decisão).

Como princípio geral, as “ações coletivas de desenvolvimento empresarial” deverão proporcionar aos promotores aderentes algumas vantagens face aos SI de aplicação horizontal de modo a promover o estabelecimento de parcerias entre os atores.

Refira-se ainda que estas estratégias não se deverão circunscrever aos sistemas de incentivos, devendo a sua utilização ser articulada com outros instrumentos (nacionais ou do PO Fatores de Competitividade, como é o caso da engenharia financeira, redes infraestruturais de suporte, etc.). Outro domínio de articulação reside nas ações destinadas à qualificação e formação profissional, cujo cofinanciamento poderá ser proveniente da reserva de 10% da dotação FEDER (dentro do próprio Programa) ou através do Programa Operacional Potencial Humano.

f) Sistema de Apoio a Entidades do Sistema Científico e Tecnológico

O Programa Operacional Regional do Alentejo consagra no seu Eixo Prioritário I - “Competitividade, Inovação e Conhecimento” - um objetivo específico orientado para a consolidação dos serviços regionais de suporte à inovação bem como para a promoção do sistema regional de inovação e, ao abrigo do qual já aprovou, através de vários concursos, um número relevante de operações em tipologias tais como (i)

infraestruturas científicas, (ii) infraestruturas tecnológicas e, , (iii) parques de ciência e tecnologia e infraestruturas de incubação de empresas de base tecnológica. Também a I&D empresarial e a transferência de tecnologia para o tecido empresarial têm tido um expressivo apoio por parte do Programa Operacional Regional do Alentejo, através dos sistemas de incentivos às empresas e, em particular, do SI I&DT.

As operações a financiar inserem-se no objetivo geral de crescimento e reforço do sistema científico e tecnológico nacional, tornando-o mais competitivo e agilizando a articulação entre os centros de saber e as empresas. Em particular, as operações visadas contribuem de forma decisiva para o objetivo de reforçar as competências das instituições científicas e tecnológicas, através do financiamento de projetos concretos de investigação científica e desenvolvimento tecnológico. Serão objeto de apoio as operações que se associem primordialmente às novas valências de infraestruturas de ciência e de tecnologia (instalações e/ou equipamentos) igualmente financiadas pelo Programa Operacional Regional.

g) Promoção da Cultura Científica e Tecnológica

O domínio desta área de intervenção visa nomeadamente, a promoção da cultura científica e tecnológica, a disseminação e difusão do conhecimento bem como a consolidação e alargamento de infraestruturas e equipamentos de divulgação e animação científica e tecnológica.

As ações a desenvolver visam as seguinte áreas:

- a) Promoção de projetos de criação e requalificação de infraestruturas e equipamentos de divulgação e animação científica e tecnológica, nomeadamente no âmbito da rede de Centros de Ciência Viva;
- b) Promoção de projetos de divulgação e promoção científica e tecnológica (incluindo a vertente ambiental) e produção de recursos e conteúdos para esse efeito (por via da criação de contextos adequados de colaboração entre instituições científicas, empresas, autarquias, escolas e outras instituições da sociedade civil).

h) Sistema de Apoio a Infraestruturas Científicas e Tecnológica

O domínio “Sistema de Apoio a Infraestruturas Científicas e Tecnológicas” visa consolidar e qualificar a oferta de tecnologias, serviços e produtos de base tecnológica e, nomeadamente:

- a) Estender e otimizar a capacidade de afirmação das empresas e da sociedade regional/portuguesa a nível internacional através da criação, promoção ou expansão de infraestruturas tecnológicas e de difusão de tecnologia que fomentem a capacitação e a qualidade de entidades do Sistema Científico e Tecnológico Nacional (SCTN) e a sua interação com o tecido produtivo, promovendo a inovação tecnológica e estimulando a criação e o crescimento de novos negócios de base tecnológica;
- b) Estimular relações institucionais entre empresas, unidades de investigação e instituições de ensino superior e estabelecimentos de educação com cursos profissionais, aproximando centros de criação e difusão de conhecimento das empresas, fortalecendo sistemas regionais de inovação e desenvolvimento de competências;

- c) Estimular a criação de uma rede coerente de equipamentos e infraestruturas em instituições de investigação científica e tecnológica;
- d) Estimular a criação, em estabelecimentos do ensino básico e secundário, de uma rede coerente de infraestruturas e equipamentos tecnológicos, com vista à generalização de práticas pedagógicas inovadoras, à preparação dos alunos para a economia do conhecimento, à modernização da gestão escolar e à garantia da integridade das instalações e equipamentos educativos, no âmbito das iniciativas desenvolvidas pelo Plano Tecnológico da Educação;
- e) Promover a articulação entre as redes de ensino superior e da ciência e as infraestruturas das instituições de investigação científica e tecnológica;
- f) Consolidar e desenvolver redes de equipamento científico de uso comum;
- g) Racionalizar a rede nacional de infraestruturas tecnológicas e científicas;
- h) Promover a participação de empresas e outros agentes nacionais em projetos mobilizadores de natureza científica, tecnológica e educativa, estimulando um ambiente inovador para o fomento da competitividade empresarial na economia do conhecimento;
- i) Fortalecer a capacidade de resposta das infraestruturas científicas e tecnológicas, dotando-as de capacidade efetiva de resposta aos desafios do tecido económico-productivo, nomeadamente no desenvolvimento de produtos, serviços e soluções de elevado valor acrescentado.

i) Parques de Ciência e Tecnologia e Incubadoras de Empresas de Base Tecnológica

O domínio “Parques de Ciência e Tecnologia e Incubadoras de Empresas de Base Tecnológica” visa, designadamente:

- a) Criar, promover, consolidar ou expandir infraestruturas de acolhimento e apoio a atividades de Ciência e Tecnologia (C&T) e à valorização económica e social dessas atividades e de resultados de Investigação e Desenvolvimento (I&D), nomeadamente parques de C&T (também designados por pólos tecnológicos, parques tecnológicos), incubadoras de empresas de base científica e/ou tecnológica, tendo como principal objetivo a evolução estrutural da economia regional para setores tecnológicos;
- b) Estimular relações institucionais entre empresas, unidades de I&D e instituições de ensino superior, aproximando centros de criação e difusão de conhecimento dos diferentes setores institucionais, fortalecendo sistemas regionais e sectoriais de inovação e desenvolvimento de competências;
- c) Promover processos de transferência de tecnologia entre entidades do Sistema Científico e Tecnológico Nacional (SCTN) e o tecido produtivo, fomentando a interação entre agentes;
- d) Promover a valorização económica e social da C&T e o empreendedorismo de base científica e/ou tecnológica, estimulando a criação e o desenvolvimento de empresas de base científica e/ou tecnológica.

O estímulo às atividades de investigação científica e tecnológica com uma base territorial deve fazer parte de um *portfolio* diversificado e complementar de políticas de desenvolvimento científico e tecnológico com relevância para o desenvolvimento das regiões, permitindo uma adequação mais efetiva das diferentes estruturas e contextos existentes no território a políticas específicas de ciência e tecnologia. Os critérios de proximidade geográfica podem, no caso em que exista maturidade do sistema científico e tecnológico e massas críticas, beneficiar as associações entre os diversos atores de ciência e tecnologia e as suas sinergias. As

estratégias a desenvolver neste âmbito incluem o desenvolvimento ou reforço de uma rede diversificada de instituições científicas.

A região dispõe de diversos “centros de conhecimento”, associados sobretudo a organismos públicos, e em especial, a instituições de ensino superior (universidade e politécnicos). Conforme indicado no diagnóstico, é muito reduzido o contributo das empresas privadas para a investigação e desenvolvimento tecnológico (I&DT). Por outro lado, a interligação entre a investigação produzida nos referidos “centros de conhecimento” e o tecido empresarial é bastante ténue. Estes fatores explicam, em boa parte, a insuficiente dinâmica empresarial ligada à inovação, à demonstração, ao desenvolvimento de novos produtos e processos que, em última instância, tem conduzido à fraca posição das empresas regionais nas cadeias de valor dos respetivos setores.

Importa, por isso, que a Rede de ciência e tecnologia seja um elemento indutor de uma substancial alteração deste *status quo*, privilegiando o apoio financeiro a equipamentos e serviços de base tecnológica que concorram diretamente para a melhoria da *performance* dos clusters estratégicos regionais e empresas aí instaladas.

j) Áreas de acolhimento empresarial

O domínio “Áreas de Acolhimento Empresarial e Logística” visa, nomeadamente, a criação, requalificação e reconversão de áreas de acolhimento empresarial, elevando a sua qualidade e qualificação, racionalizando e dando coerência à rede regional e local deste tipo de espaços, bem como o apoio à gestão destas plataformas, nomeadamente no que respeita à oferta de serviços partilhados e, ainda, a promoção do empreendedorismo local.

O território do Alentejo encontra-se dotado de um conjunto alargado de áreas de acolhimento empresarial. O contexto atual dos parques empresariais da região é nitidamente diferenciado, coexistindo casos de premente necessidade de investimento (expansão de áreas) com casos de subutilização de infraestruturas.

Por isso mesmo, um fator fundamental prende-se com a rentabilização dos investimentos já efetuados nestas áreas de acolhimento empresarial, sendo crucial a implementação de uma estratégia integrada de marketing, abrangendo todo o território, com vista à captação de investimentos qualificantes para os parques empresariais (vide linha de ação “Promoção institucional da região”). Além disso, são em número reduzido os parques que dispõem de serviços avançados de apoio às empresas, diminuindo, em boa medida, a sua atratividade e diferenciação.

Neste sentido, os investimentos a apoiar - sejam relativos a novos parques empresariais, sejam respeitantes à expansão de infraestruturas existentes - devem obedecer a um conjunto de critérios de seleção em abono da seletividade e otimização na aplicação de recursos.

No âmbito do modelo de gestão, importa operacionalizar uma gestão integrada e profissional destes equipamentos, através da constituição e/ou desenvolvimento de sociedades gestoras de parques empresariais. Ao nível da qualificação das infraestruturas físicas, os parques devem contemplar redes de telecomunicações (banda larga), soluções integradas para tratamento e gestão de resíduos, qualificação de espaços públicos, entre outros aspetos (arruamentos, redes de energia, saneamento, etc.).

A criação de serviços avançados deve constituir uma aposta das áreas de acolhimento empresarial. São exemplos os centros de negócios (*business centers*) que, além de congregarem os serviços administrativos do parque, poderão conter salas de formação, salas de reuniões e conferências, áreas modulares destinadas à instalação de serviços às empresas, cafetaria e *catering*, serviços financeiros, entre outros. Por outro lado, as áreas de acolhimento podem igualmente albergar funções logísticas, disponibilizando determinados equipamentos a operadores logísticos e comerciais, como sejam, centrais de armazenagem, centrais de frio, entre outros.

Além destes parques, outras tipologias de projetos, diretamente relacionados com a inovação empresarial, são suscetíveis de apoio. A saber: a criação de ninhos e incubadoras de empresas.

As incubadoras ou “ninhos” de empresas (espaços autónomos ou integrados num centro de negócios) destinam-se à instalação de novas empresas em condições competitivas, como sejam, o preço de aluguer do espaço, a instalação de redes de alto débito e a existência de serviços comuns. Os regulamentos de gestão destas infraestruturas poderão prever a aposta seletiva em determinadas áreas (por exemplo, empresas de base tecnológica) ou procurar captar empresas com potenciais sinergias (promovendo a sua “clusterização”).

Ainda no âmbito da seleção de candidaturas a esta linha, poderão ser considerados os seguintes critérios: a interação com as dinâmicas empresariais (privilegiando os projetos que acompanhem as dinâmicas empresariais), as vantagens logísticas (distância-tempo às principais infraestruturas de transportes), o histórico do equipamento ou promotor (captação de investimento privado, desempenho de anteriores projetos, ...) e a adequação com os instrumentos de ordenamento (articulação com o PROT, etc.).

I) Intervenções Complementares em Redes de Energia

O domínio “Energia” visa, designadamente:

- a) A criação de um quadro energético regional inovador, pautado por critérios e práticas estruturantes de eficiência energética, de uso generalizado de energias renováveis, de conversão ou utilização descentralizada e de intensificação da penetração de vetores energéticos de menor impacto ambiental no quadro do cumprimento das metas da União Europeia para 2020;
- b) A promoção de uma estratégia coerente e consistente de gestão da procura energética por parte das atividades, de estímulo às operações que se orientem para a prossecução dos objetivos últimos de eficiência energética, de valorização das energias endógenas e de redução das emissões de gases de efeito de estufa.

Neste âmbito, pretende-se apoiar intervenções complementares em redes de energia, colmatando falhas de mercado, designadamente no fornecimento do gás natural (unidades autónomas de gás) e na ligação à rede elétrica de locais de produção de eletricidade com base em fontes renováveis. Pode igualmente ser objeto de apoio iniciativas-piloto no domínio das energias renováveis, como sejam, a energia solar, a biomassa, entre outros.

A Autoridade de Gestão, na qualidade de autoridade de gestão, tenciona articular o Programa Operacional (financiado pelo FEDER) com a iniciativa JEREMIE⁴¹, promovida pela Comissão Europeia em conjunto com o Banco Europeu de Investimentos e o Fundo Europeu de Investimento. Tratando-se de uma iniciativa destinada a aumentar o acesso ao financiamento das microempresas - assim como de pequenas e médias empresas - nas regiões da União Europeia, a sua utilização poderá permitir alavancar os recursos financeiros do Programa Operacional, através de uma combinação eficaz de fundos estruturais e instrumentos de engenharia financeira (comunitários e nacionais), adaptados à realidade da economia regional.

Esta área de intervenção perde elegibilidade no Programa Operacional Regional do Alentejo - INALENTEJO no que concerne à aprovação de novas operações. As operações aprovadas até 15-07-2012, são concluídas no Programa Regional, fechando-se a elegibilidade para novas candidaturas.

m) Desenvolvimento da Sociedade do Conhecimento

Esta intervenção tem como objetivo criar condições para a generalização do acesso à INTERNET e para a produção de conteúdos on-line por forma a permitir a prossecução dos objetivos definidos no âmbito das políticas públicas nacionais para as áreas da Sociedade da Informação e do Conhecimento contribuindo para a competitividade e afirmação das regiões portuguesas.

No âmbito da política governamental assente no Plano Tecnológico (e no PNACE) e no advento da sociedade da informação/conhecimento - em estreita sintonia com a Estratégia de Lisboa que tem vindo a nortear a ação da União Europeia - tem sido equacionada a criação de incentivos ao investimento e ao desenvolvimento de projetos integrados que promovam e intensifiquem a sociedade do conhecimento.

Com efeito, a gestão do conhecimento assume uma importância crescente na sociedade atual, atuando como vetor de diluição das assimetrias e redução das disparidades regionais. São diversos os estudos que atestam os benefícios do acesso a melhores meios de informação (e conseqüente acesso e produção de conhecimento especializado), dinamizando as estruturas empresariais, desenvolvendo e possibilitando parcerias, cimentando sinergias e potenciando uma maior aproximação entre os centros de decisão e as regiões mais periféricas. Numa região como o Alentejo, assume-se como crucial a aproximação entre os diversos atores regionais - cidadãos, empresas, associações, Administração Pública (central, regional e local) - e a adoção de novas metodologias de trabalho (pautadas pela cooperação, parcerias, trabalho em rede, ...) amplamente facilitadas pela utilização das TIC.

Neste sentido, a temática “Desenvolvimento da sociedade do conhecimento” pretende materializar parte da linha estratégica “Abertura da economia, sociedade e território ao exterior”, incrementando a presença da região e seus atores nos meios digitais, bem como a adoção de novas práticas e sinergias através de redes de partilha de conhecimento (*networking*). As principais tipologias de ações aqui incluídas são: o desenvolvimento de conteúdos e serviços digitais; a generalização do uso da internet; e experiências-piloto de redes de partilha de conhecimento.

Ao nível da generalização do uso da internet, pretende-se dar continuidade ao investimento dos “espaços internet”, como forma de propiciar maior cobertura

⁴¹ JEREMIE - Joint European Resources for Micro to Medium Enterprises

populacional no acesso à Internet e às novas formas comunicacionais. Esta tipologia de investimentos deverá ser apoiada por iniciativas que combatam a infoexclusão, através de medidas complementares destinadas a grupos sociais mais frágeis (idosos, imigrantes, pessoas com deficiência, ...).

A massificação do uso da internet resultará, igualmente, da melhoria da oferta dos serviços de telecomunicações (redes de banda larga, *wi-fi*, ...), o que constitui um aspeto crítico em áreas de baixa densidade. Com o intuito de suprir ineficiências de mercado (operadores privados de telecomunicações), admite-se o apoio seletivo ao incremento da oferta destes serviços, sobretudo nas áreas mais periféricas da região.

Por último, pretende-se apoiar a implementação de experiências-piloto ligadas a redes de partilha de conhecimento (ligadas à economia, aos centros de investigação ou a organizações da sociedade civil), que consubstanciem os seguintes aspetos: tenham uma forte componente de inovação; apresentem um potencial demonstrador sobre outros atores/atividades; materializem conexões com outros parceiros nacionais e internacionais (reforço da cooperação).

n) Modernização Administrativa

O apoio à Modernização Administrativa visa criar condições para uma Administração Pública mais eficiente e eficaz, através do desenvolvimento de operações estruturantes orientadas para a redução dos denominados “custos públicos de contexto” no seu relacionamento com os cidadãos e as empresas, e tem como objetivos:

- a) A qualificação do atendimento dos serviços da Administração Pública, conjugando uma lógica de proximidade com critérios de racionalização de estruturas;
- b) A racionalização dos modelos de organização e gestão da Administração Pública e a simplificação, reengenharia e desmaterialização de processos;
- c) O desenvolvimento de uma Administração Pública em rede, com recurso ao uso intensivo das tecnologias da informação e comunicação enquanto infraestrutura de suporte ao processo de modernização administrativa;
- d) A promoção de iniciativas integradas de modernização, assegurando a articulação entre as três principais dimensões de intervenção (pessoas, organização e tecnologia) como forma de geração da massa crítica e das competências transversais necessárias à continuidade e sustentabilidade deste tipo de processos, para além do horizonte definido.

Esta área de intervenção perde elegibilidade no Programa Operacional Regional do Alentejo - INALENTEJO no que concerne à aprovação de novas operações submetidas a partir do 17 de junho de 2011. Em concreto, as operações aprovadas até 31 de dezembro de 2010 e as operações aprovadas após esta data mas em que já tinham sido apresentados pedidos de pagamento (incluindo a modalidade contrafatura) são concluídas no Programa Operacional Regional do Alentejo, fechando-se a elegibilidade para novas candidaturas.

o) Promoção e Capacitação Institucional da Região

O domínio “Promoção e Capacitação Institucional” visa, designadamente, apoiar iniciativas inovadoras e de elevado efeito demonstrativo de promoção e capacitação

das principais instituições regionais e locais, tendo em vista, designadamente, o exercício de funções fundamentais em matéria de estudo e investigação, informação, animação socioeconómica, promoção da Região e dos seus produtos e cooperação interinstitucional e inter-regional, bem como, a potenciação, ao nível regional, da aplicação da generalidade dos instrumentos de financiamento nacionais e comunitários.

A “Promoção institucional da região” tem como objetivo principal o aumento da atratividade externa da economia e território regionais. Pretende-se, por um lado, dinamizar a captação de investimento para a região, e por outro, reforçar a notoriedade internacional dos *clusters* estratégicos e dos produtos regionais de excelência.

Neste sentido, torna-se necessário promover a região como local privilegiado para investimento - em determinados setores estratégicos - e de uma elevada qualidade ambiental e urbana - relevante para a captação de pessoas com caráter temporário (visitantes, turistas) ou permanente (empresários, quadros, trabalhadores, ...). Além disso, existe um potencial de associação “virtuosa” entre os produtos considerados de excelência (por exemplo, o turismo, a gastronomia, a agroindústria, os vinhos, etc., etc.) e o território, devendo ser dinamizado o efeito de *cross-selling* entre estes domínios.

No contexto da seletividade preconizada, as tipologias de ações abrangidas devem patentear impacto internacional, incluindo-se designadamente: as ações de promoção da marca “Alentejo”, tendo em vista a captação de investimento e a promoção turística; e a promoção dos *clusters* estratégicos e dos produtos regionais de excelência.

Uma das prioridades consiste, assim, na promoção da marca “Alentejo”. Neste âmbito, deverão ser privilegiadas as ações integradas de captação de investimento qualificante para a região, sob a prévia montagem de uma estratégia integrada de marketing (abrangendo todo o território), em articulação com as entidades de âmbito nacional com competências nas áreas da promoção externa e captação de investimento estrangeiro. A comparticipação destas ações deve carecer da definição prévia do desenho institucional da promoção territorial, sendo necessária uma adequada articulação entre atores regionais e atores nacionais. Além da captação de investimento, a promoção da marca “Alentejo” a nível turístico deverá ser igualmente objeto de apoio.

A promoção dos *clusters* estratégicos e dos produtos regionais de excelência constitui a segunda prioridade desta linha de ação. Neste caso, pretende-se consolidar a relação entre o produto/setor e o território, potenciando os efeitos de *cross-selling*, e a criação de sinergias entre vários setores. Aqui, visa-se apoiar iniciativas de marketing relativas ao *cluster* ou produto, através de denominações *umbrella*, que permitam englobar a totalidade dos agentes empresariais (ou aqueles que cumpram determinado requisito, como as denominações de origem certificada) desse *cluster* ou produto.

Pode vir a recorrer-se à flexibilidade interfundos prevista no n.º 2 do artigo 34.º do Regulamento (CE) n.º 1083/2006, numa lógica de complementaridade e de melhoria da eficácia das operações financiadas no âmbito deste eixo. Por exemplo, no domínio da modernização administrativa, são evidentes as sinergias entre investimentos

FEDER (vide a aquisição de sistemas informáticos) e FSE (formação para *upgrade* dos funcionários da Administração).

Os potenciais beneficiários do eixo “Governança e capacitação institucional” são os seguintes: a autoridade de gestão (CCDR Alentejo), organismos da Administração regional/desconcentrada, câmaras municipais, juntas de freguesia, associações de municípios, agências de desenvolvimento regional, associações de desenvolvimento local, entre outros.

Quadro 4.3.1.1.
Indicadores de realização e resultado do eixo I

Objetivos específicos PO	Objetivos específicos eixo	Indicadores de resultado	Valor ref. ^a	Meta 2010	Meta 2015	Tipologias de intervenção	Indicadores de realização	Meta 2010	Meta 2015	Notas metodológicas
Incentivar a criação de empresas e o empreendedorismo	Incentivar a criação de empresas inovadoras					Criação de micro e pequenas empresas inovadoras, seja em setores consolidados/tradicionais, seja em atividades emergentes	Novas empresas/start-up apoiadas (no âmbito do SI)	50	60	Universo: empresas apoiadas Fonte: SI PO Alentejo Valor ref. ^a : valores apurados pelo PRIME para a região Alentejo Metas: valores acumulados
	Incentivar o empreendedorismo de base tecnológica	Empresas criadas nos setores intensivos em conhecimento e média-alta tecnologia	26%	25%	30%		Novas empresas/start-up apoiadas em setores intensivos em conhecimento e média-alta tecnologia	12	12	
Aumentar as atividades de I&D associadas aos clusters estratégicos	Promover a I&DT nas micro e pequenas empresas em regime de cooperação empresarial	Nº de PME envolvidas em ações de cooperação apoiadas	não aplicável	40	20	Projetos de I&DT, em particular projetos de cooperação entre micro e pequenas empresas e entidades SCT	Nº ações de cooperação apoiadas	4	8	Universo: empresas apoiadas Fonte: SI PO Alentejo Valor ref. ^a : valores apurados pelo ECI4 - Inquérito Comunitário à Inovação Metas: valores acumulados
	Apoiar atividades conjuntas de I&DT entre empresas e entidades do sistema científico e tecnológico	Relevância das atividades de I&DT em consórcio	19%	7%	15%					
Apoiar a incorporação de inovação e conhecimento nas empresas	Incentivar a inovação produtiva nas micro e pequenas empresas	Incentivo à inovação produtiva	41%	45%	80%	Projetos de investimento produtivo para inovação em micro e pequenas empresas; Qualificação de micro e pequenas empresas; Projetos de investimento que incidam sobre a produção de novos bens e serviços transacionáveis	Nº de micro e pequenas empresas apoiadas	140	350	Universo: empresas apoiadas Fonte: SI PO Alentejo Valor ref. ^a : <i>incentivo à inovação prod.</i> : valores apurados no ECI4 - Inquérito Comum. <i>Inovação VAB gerado em setores com potencial de crescimento</i> : estat. INE para 2000: VAB industrial em setores de média/alta tecnologia em % do total indústria = 30,9% VAB dos serviços intensivos conhecimento em % do total dos serviços = 41,2% <i>Orientação para a produção transacionável e internac.</i> : valores apurados pelo PRIME para a região Alentejo Metas: valores acumulados
	Promover a diversificação do tecido empresarial, reforçando a presença em setores intensivos em conhecimento e tecnologia	VAB gerado em setores com potencial de crescimento	31% e 41% (ver nota)	15%	20%					
	Apoiar os setores mais expostos aos mercados internacionais, promovendo o incremento da produção transacionável	Orientação para a produção transacionável e internacionalizável	46%	50%	75%					
	Reforçar a orientação comercial das micro e pequenas empresas para os mercados internacionais	Orientação para mercados internacionais	não aplicável	1,5	3,2					

Objetivos específicos PO	Objetivos específicos eixo	Indicadores de resultado	Valor ref.ª	Meta 2010	Meta 2015	Tipologias de intervenção	Indicadores de realização	Meta 2010	Meta 2015	Notas metodológicas
Promover a densificação do relacionamento empresarial em clusters	Promover a densificação do relacionamento empresarial através de ações coletivas	Nº de PME envolvidas em ações coletivas apoiadas	não aplicável	80	1000	Estratégias de eficiência coletiva; Iniciativas coletivas que favoreçam a incorporação e utilização de fatores de competitividade de natureza mais imaterial	Nº ações coletivas apoiadas	4	25	Universo: empresas apoiadas Fonte: SI PO Alentejo Valor ref.ª: não aplicável (intervenção nova) Metas: valores acumulados
Constituir uma rede regional de centros tecnológicos	Dinamizar a transferência de "know-how" das entidades do sistema científico e tecnológico para o tecido empresarial	N.º de patentes registadas por 1.000.000 hab.	6	10	15	Rede regional de ciência e tecnologia: atividades de investigação científica e tecnológica com uma base territorial (instalações e equipamentos científicos e tecnológicos)	Nº infraestruturas tecnológicas apoiadas	2	4	Universo: projetos apoiados Fonte: SI PO Alentejo Valor ref.ª: estat. Eurostat para Portugal em 2001 (não há dados disponíveis base regional) Metas: valores acumulados
Reforçar a rede regional de parques empresariais	Incentivar a instalação de empresas em áreas de acolhimento para a inovação empresarial					Áreas de acolhimento para a inovação empresarial (parques empresariais, parques tecnológicos, incubadoras e parques de ciência e tecnologia)	Nº áreas de inovação empresarial apoiadas	5	12	Universo: projetos apoiados Fonte: SI PO Alentejo Valor ref.ª: não aplicável (universo composto pelas áreas a apoiar) Metas: valores acumulados
Reforçar as conexões em rede dos atores regionais através da adoção das TIC	Promover o desenvolvimento da economia digital, em especial, reforçando a competitividade das empresas regionais					Desenvolvimento da sociedade do conhecimento: conteúdos e serviços digitais nas várias plataformas digitais, generalização do uso da internet ("espaços internet"), experiências-piloto de redes de partilha de conhecimento.	Nº projetos apoiados de promoção da economia digital	20	26	Universo: projetos apoiados Fonte: SI PO Alentejo Valor ref.ª: estat. Eurostat para Portugal em 2006 - pequenas empresas com acesso à internet = 80% (não significa que disponham de <i>site</i>) Metas: valores acumulados
	Reforçar a informatização e modernização da Administração Pública, promovendo a disponibilização de serviços nos meios digitais	% empresas apoiadas com presença na internet e acesso à banda larga	não aplicável	40%	50%	Governo eletrónico regional e local, continuando a adoção das TIC e dos sistemas de informação por parte da Administração Pública regional e local, através da aquisição/ desenvolvimento de sistemas informáticos, simplificação e reengenharia de processos administrativos, implementação de serviços <i>on-line</i> , desenvolvimento da iniciativa "cidades digitais" e "regiões digitais", tendo em vista a redução dos custos públicos de contexto	Nº de projetos de modernização administrativa (serv. públicos) apoiados	12	22	Universo: entidades da Administração regional e local (câmaras municipais) Fonte: SI PO Alentejo Valor ref.ª: estat. Eurostat para Portugal - disponibilidade Governo <i>on-line</i> (sobre 20 serv. públicos) = 60% em 2006; valores regionais não disp. Metas: valores acumulados

Objetivos específicos PO	Objetivos específicos eixo	Indicadores de resultado	Valor ref.ª	Meta 2010	Meta 2015	Tipologias de intervenção	Indicadores de realização	Meta 2010	Meta 2015	Notas metodológicas
	Facilitar o contacto dos cidadãos e empresas com a Administração Pública, através da reorganização espacial dos serviços	População servida por lojas do cidadão e centros multisserviços	0%	30%	70%	Facilitar a relação das empresas e dos cidadãos com a Administração, com a criação/modernização de infraestruturas conjuntas prestadoras de serviços públicos: a rede de balcões locais (lojas do cidadão) e os centros multisserviços	Nº de lojas do cidadão e centros multisserviços apoiados	15	45	Universo: população residente nos concelhos servidos por loja do cidadão ou centro multisserviços Fonte: SI PO Alentejo Valor ref.ª: 0% (não existe qualquer loja do cidadão no Alentejo - intervenção nova) Metas: valores acumulados
Dinamizar a captação de investimento para a região	Aumentar a notoriedade internacional da região para a captação de IDE qualificante e a atividade turística					Promoção institucional da região, através de ações de promoção da marca "Alentejo" (tendo em vista a captação de investimento e a promoção turística) e da promoção dos clusters estratégicos e dos produtos regionais de excelência; Adesão à iniciativa comunitária designada "Regions for Economic Change"	Nº ações promocionais apoiadas	8	30	Universo: nº dormidas em estabelecimentos hoteleiros da região Fonte: Estat. INE Valor ref.ª: peso relativo hóspedes estrangeiros nas dormidas em 2006 = 26,7% Metas: valores médios (ind. resultado); valores acumulados (ind. realização)
Promoção da qualificação do emprego e da empregabilidade	Promover a transição de jovens para a vida ativa	Nº de estagiários integrados após a conclusão do estágio			113		Nº de estágios apoiados		163	A estimativa teve por base o custo previsto para os no âmbito do "passaporte emprego industrialização", "passaporte emprego inovação e "passaporte emprego internacionalização " integrada no "Programa Impulso Jovem. Ao nível do indicador de resultado considerou-se uma taxa de empregabilidade de 69%
	Valorização profissional de ativos de empresas	Nº de ativos que concluíram ações de formação para a inovação e gestão			9.184		Nº de ativos abrangidos em ações de formação para a inovação e gestão		10.204	A estimativa teve por base o custo previsto para a formação (7 €/hora/formando) a duração média da formação (40 horas), a dotação prevista para a "formação para a inovação e gestão (2.000.000€ de FEDER e 857.143 € de CPN). Estes pressupostos tiveram por base o RE 2010 do POPH para tipologia de formação idêntica. No indicador de resultado teve-se em conta uma taxa de conclusão média de 90%.

Objetivos específicos PO	Objetivos específicos eixo	Indicadores de resultado	Valor ref. ^a	Meta 2010	Meta 2015	Tipologias de intervenção	Indicadores de realização	Meta 2010	Meta 2015	Notas metodológicas
	Promover o empreendedorismo local e criação do próprio emprego	Pessoas abrangidas por iniciativas de criação de emprego apoiadas			3.371		Nº de iniciativas de criação de emprego apoiadas		1.686	A estimativa teve por base o custo previsto (5.000€ por PT criado) e a dotação prevista (11.800.000€ de FEDER e 5.057.143 € de CPN) e uma média de 2 PT criados por iniciativa apoiada

Legenda:

Índice de sobrevivência de empresas criadas = Novas empresas que sobreviveram ao fim de 2 anos após término do projeto / Total de novas empresas x 100

Empresas criadas nos setores com potencial de crescimento (%) = Investimento em empresas criadas em setores intensivos em conhecimento e média-alta e alta tecnologia / Investimento total em empresas criadas)

Relevância das atividades de I&D em consórcio (%) = Investimento apoiado em I&D em proj. cooperação empresarial / Investimento total apoiado em I&D

Incentivo à inovação produtiva = Investimento total de projetos inovadores / Investimento total de empresas

VAB gerado em setores com potencial de crescimento = VAB gerado nos setores intensivos em conhecimento e média-alta e alta tecnologia / VAB total gerado

Orientação para a produção transacionável e internacionalizável = Investimento em setores de produção transacionável e internacionalizável / Investimento total de empresas

Orientação para mercados internacionais = Variação % das exportações / Variação % das vendas

4.3.2. Eixo 2 - Valorização do Espaço Regional

A Agenda Operacional Valorização do Território do QREN é uma estratégia comum ao Programa Operacional Valorização do Território (âmbito nacional) e os Programas Operacionais Regionais que assume como objetivo central a contribuição para um território mais sustentável e ordenado, mais equitativo para o desenvolvimento e bem estar e uma economia mais competitiva e integrada.

São objetivos do Eixo II a gestão eficiente de recursos hídricos, a valorização e gestão das áreas de mais valia ambiental, a prevenção e mitigação dos riscos naturais e tecnológicos, a dotação de serviços coletivos à população.

Este eixo consubstancia, a estratégia regional inicialmente definida, em áreas de intervenção, cuja transversalidade de objetivos e/ou de atores envolvidos, justificam um enquadramento regional e sub-regional.

Apesar do enorme investimento em equipamentos coletivos efetuado nos últimos Quadros Comunitários de Apoio, importa ainda consolidar ou concluir redes ligadas à coesão social e territorial, o que justifica a criação de um eixo dedicado à Valorização do Espaço Regional, em especial no que se refere à rede de equipamentos de saúde, e às redes de equipamentos culturais.

Também o património cultural (tangível e intangível) deverá merecer um enfoque particular, atendendo a que o Alentejo dispõe de uma forte identidade cultural, passível não só de uma abordagem de preservação/conservação, mas também de fator de dinamização económica e diferenciação.

Atendendo à análise dos principais desafios e oportunidades da região, a melhoria das acessibilidades inter e intrarregionais constitui uma questão decisiva para a melhoria da competitividade global do território, contribuindo, quer para o bom desempenho das atividades económicas, quer para a conectividade do sistema urbano regional.

A valorização do espaço/território Alentejo é assim prosseguida com a operacionalização de intervenções em áreas temáticas prioritárias, que contribuem para a sua afirmação como região ambientalmente sustentável e socialmente coesa. Este eixo está assim, intimamente ligado às questões do ambiente e do desenvolvimento sustentável.

No quadro das orientações da política de coesão europeia 2007/2013, o desígnio “tornar a Europa e as suas regiões espaços mais atrativos para investir e para trabalhar”, inclui como preocupações fundamentais “reforçar as sinergias entre a proteção ambiental e o crescimento” e “enfrentar a utilização intensiva das fontes de energia tradicionais”⁴². Os compromissos internacionais como o Protocolo de Quioto, a evolução mundial dos mercados energéticos e a emergência de acontecimentos potencialmente relacionados com as alterações climáticas, colocam o desenvolvimento sustentável como uma prioridade central a nível europeu e nacional.

De facto, a nível nacional, estas matérias têm vindo a ser objeto de um enquadramento estratégico, plasmado em documentos como a Estratégia Nacional de

⁴² vide ponto 3.1.

Desenvolvimento Sustentável (ENDS), o Plano Estratégico de Abastecimento de Água e de Saneamento de Águas Residuais (PEAASAR II), o Plano Estratégico dos Resíduos Sólidos Urbanos (PERSU II), a Estratégia Nacional de Conservação da Natureza e da Biodiversidade (ENCNB), o Plano Nacional para as Alterações Climáticas (PNAC 2006), o Plano Nacional da Água, o Plano sectorial da Rede Natura 2000, entre outros. Ao nível do espaço rural, o Programa de Desenvolvimento Rural (PDR) é um dos principais instrumentos a ter em conta.

Conforme mencionado no ponto 4.1., o Programa Operacional Regional não “esgota” a totalidade da estratégia da região, havendo um importante leque de projetos com impacto no território regional que estão incluídos na “agenda nacional”. Tais intervenções, dependendo do seu tipo, poderão ser objeto de cofinanciamento, também, através de outros programas, como seja o Programa Operacional Valorização Territorial ou o Programa de Desenvolvimento Rural do Continente (FEADER), nomeadamente, alguns projetos no âmbito do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva (garantindo-se a devida articulação entre Fundos e entre POVT e POR, sendo o cofinanciamento do POR Alentejo a título suplementar, visando a conclusão do projeto, nomeadamente, no que respeita à rede secundária de rega); intervenções no ciclo urbano da água; intervenções de defesa da orla costeira e a implementação de um sistema de alerta e gestão de riscos naturais, entre outros.

Por outro lado, a região deverá garantir a manutenção dos níveis de coesão social e territorial já alcançados⁴³.

Face ao exposto, os **objetivos específicos** que se pretendem atingir com este eixo são:

Esquema 4.3.2.1.
Valorização do Espaço Regional
Dos objetivos específicos do PO aos objetivos específicos do eixo

OBJETIVOS ESPECÍFICOS PO	OBJETIVOS ESPECÍFICOS EIXO
Gerir eficientemente os recursos hídricos	Preservar, valorizar e salvaguardar os recursos naturais
Desenvolver os recursos rurais endógenos	Promover a valorização do espaço rural
Valorizar e gerir as áreas de maior valia ambiental	Proteger as áreas classificadas e promover a sua fruição e o ecoturismo
Prevenir e mitigar os riscos naturais e tecnológicos	Valorizar e ordenar a orla costeira
	Intensificar a redução, reciclagem e reutilização de resíduos sólidos urbanos
Assegurar a dotação de serviços coletivos à população	Melhorar a cobertura territorial em equipamentos e serviços na área da saúde
	Promover a valorização do património cultural e sua fruição pública

⁴³ vide ponto 2.2.10

Neste contexto e em síntese as áreas temáticas prioritárias definidas são as que contribuem para:

- a) A melhoria e valorização das condições ambientais;
- b) A melhoria das condições de acesso aos cuidados de Saúde e à fruição dos Bens Culturais materiais e imateriais.

As áreas prioritárias desdobram-se em diversas áreas de intervenção que passamos a especificar:

Esquema 4.3.2.2.

Valorização do Espaço Regional: áreas de intervenção

EIXO PRIORITÁRIO	VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO REGIONAL
Áreas de Intervenção	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ações de Valorização do Litoral ▪ Ações de Valorização e Qualificação Ambiental ▪ Gestão Ativa de Espaços Protegidos e Classificados ▪ Prevenção e Gestão de Riscos Naturais e Tecnológicos (Imateriais) ▪ Saúde ▪ Património Cultural ▪ Rede de Equipamentos Culturais

a) A melhoria e valorização das condições ambientais

Ações de Valorização do Litoral

Nesta área prioritária confere-se particular importância a intervenções que assegurem a **Valorização do Litoral** Neste contexto, pretende-se valorizar o litoral, como recurso natural singular e único na sua diversidade e permitir o seu usufruto através de atividades compatíveis e adequadas à sua dinâmica e fragilidade, numa ótica de utilização e gestão sustentável

A orla costeira do Alentejo, uma das mais bem preservadas da Europa, encontra-se inserida, em larga medida, em áreas classificadas (parque natural, reserva natural, rede Natura 2000), o que constitui não só uma forte potencialidade regional, mas também um desafio quanto a um modelo de desenvolvimento sustentável (sobretudo, ao nível do turismo).

Não obstante o *status* de proteção e preservação, o litoral alentejano carece de um conjunto de intervenções destinadas, por um lado, a valorizar o território e ordenar os usos, e por outro, a salvaguardar os valores naturais mais sensíveis.

Neste contexto, serão elegíveis as tipologias de ações relacionadas com a realização de estudos de caracterização e suporte à elaboração, revisão ou alteração de planos especiais de ordenamento do território, nomeadamente planos de ordenamento da orla costeira e planos de estuários, bem como planos de intervenção e planos de requalificação urbana decorrentes daqueles planos de ordenamento do território; estudos de dinâmica e caracterização da orla costeira; Infraestruturas necessárias ao

funcionamento e valorização dos espaços balneares; projetos e ações visando o ordenamento e requalificação da ocupação territorial das zonas costeiras, lagunares e estuarinas; projetos e ações de reabilitação e monitorização de ecossistemas costeiros e de áreas ambientalmente degradadas, incluindo recuperação dunar; recarga de praias, desassoreamentos de canais, estabilização, desmonte e saneamento de arribas, balizamento e sinalização de áreas de risco, remoção de estruturas em áreas de risco em arribas, dunas, canais e linhas de água e zonas lagunares, bem como valorização e reforço de motas e margens de águas dominiais e descontaminação de zonas lagunares contaminadas e recuperação das degradadas; entre outras.

Relativamente à monitorização dos POOC, importa dotar a Administração de instrumentos de acompanhamento da orla costeira, no contexto não apenas da prevenção de riscos, mas também da atualização e revisão dos POOC (quando justificável).

Quanto às intervenções de proteção e requalificação de sistemas dunares e de arribas, deverá ser dada prioridade aos projetos localizados em sítios de maior intensidade turística (sujeitos a maior carga) ou de maior sensibilidade ambiental (numa perspetiva da salvaguarda dos valores naturais ou de segurança pública).

Ações de Valorização e Qualificação Ambiental

Nesta área prioritária, incluem-se ainda intervenções que contribuam para a **Valorização e Qualificação Ambiental**, com uma grande diversidade de intervenções previstas relacionadas com a preparação e implementação das Agendas 21 locais, com a requalificação ambiental e a preservação do património natural, com a sensibilização e educação ambiental, entre outras e em que a **gestão de recursos hídricos** constitui um vetor essencial numa região com características climáticas e geográficas muito particulares: ocorrência de longos períodos de escassez; presença de redes hidrográficas importantes (Tejo, Guadiana, Sado); pontuais situações de cheias (Lezíria do Tejo, ...).

A gestão dos recursos hídricos inclui diversas tipologias de intervenções, que passam pela gestão de Bacias Hidrográficas, pelo ordenamento de Albufeiras de Águas Públicas e Estuários e valorização de albufeiras, pela implementação de redes de monitorização dos recursos hídricos, pela intervenção em unidades laboratoriais no domínio da água, pela sensibilização para o uso eficiente da água, pela proteção de origens de água e pela reabilitação da rede hidrográfica, incluindo limpeza e desassoreamento de linhas de água, zonas ribeirinhas e zonas húmidas, entre outras intervenções.

Trata-se de um domínio onde importará aprofundar a cooperação inter-regional, dada a “transversalidade geográfica” destes recursos (por exemplo, nas bacias hidrográficas).

Ações de Valorização dos Recursos Endógenos Rurais

A dicotomia escassez versus abundância de água é um dos traços marcantes da região, sendo este um recurso determinante para o futuro do Alentejo: o desenvolvimento do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva (EFMA) e as suas

repercussões económicas (fileira agroalimentar, turismo, energia). Nesse sentido, o desenvolvimento das infraestruturas de irrigação do EFMA terão um impacto muito importante no desenvolvimento de uma atividade agrícola sustentável, promovendo o uso eficiente do recurso água.

A implementação do regadio de Alqueva visa promover o desenvolvimento da agricultura na região, pela utilização dos recursos de água da reserva criada no âmbito do EFMA, que permite garantir a regularidade e qualidade do fornecimento de água; permitirá assim o desenvolvimento de sistemas de produção agrícola competitivos de modo ambientalmente sustentável. Com esta área de intervenção pretende-se assim concretizar o plano de infraestruturização dos diferentes blocos de rega, promovendo a expansão de uma agricultura competitiva, orientada para o mercado, e que crie uma dimensão de oferta de produtos com maior valor acrescentado para a região. As novas áreas de regadio deverão garantir a sustentabilidade ambiental, apoiando, de forma integrada, infraestruturas de carácter inovador e eficiente, garantindo a preservação da paisagem, a minimização dos impactes, a monitorização da qualidade da água e do seu consumo, e a promoção das boas práticas agrícolas.

As operações a financiar no âmbito desta tipologia têm uma delimitação objetiva e verificável da sua elegibilidade, tendo cada operação uma identidade bem delimitada e não sobreponível com outras financiadas noutros programas. Neste programa serão assim financiadas as seguintes intervenções da rede secundária do EFMA: (1) Blocos de Beringel e Álamo (Gravítico), (2) Blocos de São Matias 1 e 2 (Gravítico), (3) Blocos de Pias, (4) Blocos de São Matias 3 e 4 (Pressão), (5) Blocos de Moura (Gravítico) e (6) Blocos de Barras, Torrão e Baronia Baixo (Gravítico). Estas operações deverão estar terminadas até ao final de 2015, não serão modificadas nem faseadas para o período de programação 2014-2020, sendo, em caso de não conclusão integral, executadas com orçamento nacional nos termos da decisão da Comissão em matéria de encerramento dos Programas. O seu financiamento a título do FEDER não poderá exceder 77 milhões de euros. O financiamento será contabilizado no âmbito da elegibilidade introduzida neste Eixo 2, relativa às infraestruturas da rede secundária do EFMA: por reforço da dotação prevista para o tema prioritário 61 - *Projetos integrados de reabilitação rural e urbana* (FEDER) no programa.

Ciclo Urbano da Água

Ainda no âmbito da gestão dos Recursos Hídricos assume especial importância o **Ciclo Urbano da Água**, com o objetivo de servir a população com sistemas públicos de abastecimento de água, com fiabilidade, quantidade e qualidade, e de drenagem e tratamento de águas residuais; promover o uso eficiente da água, através da adoção de comportamentos “ecorresponsáveis” (por cidadãos, empresas e instituições) e da redução das perdas/fugas nas redes de abastecimento; e promover a minimização dos riscos ambientais e tecnológicos através de ações corretivas.

No INALENTEJO esta intervenção circunscreve-se aos sistemas de abastecimento “em baixa”. Em consonância com as diretrizes do PEASAAR II, as prioridades de investimento para a componente “em baixa” são:

- os investimentos de interligação das vertentes “alta” e “baixa”, tanto nas redes de distribuição de água, como nas redes de drenagem de águas residuais;
- os investimentos de renovação e reabilitação essenciais ao processo de redução de perdas e fugas nas redes de abastecimento de água;

São ainda prioridade para o programa os investimentos em pequenos sistemas autónomos de água e saneamento que garantam o acesso da população residente da região a infraestruturas básicas, como garante da sua fixação no território.

As intervenções no Ciclo Urbano da Água perdem elegibilidade no INALENTEJO no que respeita à aprovação de novas operações a partir de 22 de junho de 2011.

No que respeita a esta tipologia transitam para o POVT, após a data de aprovação da reprogramação de 2012 pela Comissão Europeia, todas as operações aprovadas pelo PO Alentejo que não tinham ainda sido objeto de transição na reprogramação de 2011 do Programa. A elegibilidade destas tipologias para novas operações no PO Alentejo já havia sido encerrada da reprogramação de 2011 ”.

Otimização da Gestão de Resíduos

Contribuir para intensificar a redução, reciclagem e reutilização de resíduos sólidos urbanos, constitui-se como um objetivo específico deste eixo, no âmbito desta área prioritária de intervenção.

A **Otimização da Gestão de Resíduos**, tem assim, como objeto, apoiar intervenções que contribuam para:

- Otimizar as redes existentes de recolha seletiva multimaterial e de triagem;
- Promover a prevenção da produção de resíduos, a correta gestão dos resíduos perigosos presentes no fluxo urbano, reduzindo a sua quantidade e gerindo a sua perigosidade;
- Melhorar o comportamento ambiental dos cidadãos, sensibilizando-os para os novos padrões de consumo, a redução da produção, a reutilização e a reciclagem de resíduos.

As intervenções no âmbito da Otimização e Gestão de Resíduos perdem elegibilidade no INALENTEJO no que respeita à aprovação de novas operações a partir de 22 de junho de 2011.

No que respeita a esta tipologia transitam para o POVT, após a data de aprovação da reprogramação de 2012 pela Comissão Europeia, todas as operações aprovadas pelo PO Alentejo que não tinham ainda sido objeto de transição na reprogramação de 2011 do Programa. A elegibilidade destas tipologias para novas operações no PO Alentejo já havia sido encerrada da reprogramação de 2011 ”.

Gestão Ativa de Espaços Protegidos e Classificados

A conservação da natureza e a promoção da biodiversidade é uma temática de crescente relevância na agenda europeia. Exemplos disso são o objetivo, delineado

no Conselho Europeu de Gotemburgo em 2001, de contenção da perda de biodiversidade até ao ano 2010 e, mais recentemente, a iniciativa Countdown 2010⁴⁴.

Os objetivos desta área de intervenção são:

- Promover a conservação e valorização do património natural visando a manutenção da biodiversidade e a utilização sustentável dos recursos naturais, através do apoio a investimentos que valorizem o território a partir da gestão direta de espécies e habitats e:
 - a. Com valor acrescentado à escala nacional, particularmente em termos do reforço de gestão da Rede Fundamental de Conservação da Natureza, o que pressupõe mecanismos de articulação e cooperação supra regionais;
 - b. Que introduzam e ensaiem sistemas, serviços e tecnologias inovadores;
 - c. Que promovam a capacitação dos recursos humanos públicos e privados e que induzam emprego em atividades técnicas e económicas associadas à infraestrutura biodiversidade.
- Consolidar o reconhecimento do valor do património natural, nomeadamente através do apoio e promoção da visitação de espaços naturais, numa lógica de garantia do equilíbrio socioeconómico e discriminação positiva das comunidades integradas nas áreas classificadas, em particular inseridas na Rede Nacional de Áreas Protegidas.

As tipologias de intervenção a apoiar são:

- Ações de gestão direta de intervenção em habitats e espécies;
- Ações de comunicação que permitam associar as intervenções desenvolvidas à sensibilização e envolvimento dos cidadãos para os valores de conservação;
- Introdução e ensaio de novas tecnologias e soluções inovadoras (e.g. na área da gestão direta da biodiversidade, minimização e compensação de impactes, com exceção das ações que decorram de processos de AIA);
- Ações de apoio à visitação

Prevenção e Gestão de Riscos Naturais e Tecnológicos **Ações Materiais**

As intervenções preconizadas no âmbito desta área de intervenção têm por objetivos: concorrer para melhorar a gestão preventiva dos riscos naturais, ambientais e tecnológicos a que o território do Alentejo está exposto, garantir a correta utilização do território em condições de segurança e em benefício das comunidades humanas e promover a realização de soluções integradas para diversos municípios.

Estando assim, prevista a realização de ações que assegurem uma intervenção sistemática de prevenção, alerta e gestão de riscos e efeitos associados, nomeadamente, a criação, remodelação e ampliação da rede de Centros Municipais de Proteção Civil e respetivos sistemas de gestão; a aquisição de veículos para

⁴⁴ vide em www.countdown2010.net

operações de socorro de proteção civil; a aquisição de equipamentos operacionais de proteção civil, para os corpos de bombeiros e serviços de proteção civil municipal; o reforço da arquitetura e desenvolvimento do sistema de informação de proteção civil nacional, incluindo as vertentes de comunicações, alerta, monitorização e localização, ao nível regional e sub-regional.

As intervenções no âmbito da Prevenção e Gestão de Riscos Naturais e Tecnológicos - Ações Materiais perdem elegibilidade no INALENTEJO no que respeita à aprovação de novas operações a partir de 22 de junho de 2011.

No que respeita a esta tipologia transitam para o POVT, após a data de aprovação da reprogramação de 2012 pela Comissão Europeia, todas as operações aprovadas pelo PO Alentejo que não tinham ainda sido objeto de transição na reprogramação de 2011 do Programa. A elegibilidade destas tipologias para novas operações no PO Alentejo já havia sido encerrada da reprogramação de 2011 ”.

Prevenção e Gestão de Riscos Naturais e Tecnológicos Ações Imateriais

Nesta área de intervenção privilegia-se o apoio ao estudos, inventariação e cartografia das zonas de risco relevantes, à escala adequada ao planeamento de emergência, à elaboração de planos de emergência de proteção civil e à realização de ações de divulgação e sensibilização direcionadas para o domínio da proteção civil.

b) A melhoria das condições de acesso aos cuidados de Saúde e à fruição dos Bens Culturais materiais e imateriais

O principal desígnio desta área prioritária de intervenção é o reforço da coesão social do Alentejo, como contributo para o desenvolvimento sustentável e a fixação das populações

Nesta área temática prioritária, incluem-se as seguintes intervenções:

- nos serviços de saúde (reestruturação dos cuidados de saúde primários, melhoria do acesso à consulta e à cirurgia, requalificação dos serviços de urgência);
- nos equipamentos culturais (auditórios, bibliotecas, centros culturais, ...);
- no património cultural (tangível - monumentos, sítios, museus, ...; intangível).

Saúde

No domínio da saúde, são três as prioridades inseridas nos programas operacionais regionais. A saber: a reestruturação dos cuidados de saúde primários, a melhoria do acesso à consulta e à cirurgia, e a requalificação dos serviços de urgência.

No âmbito dos cuidados de saúde primários, incluem-se as seguintes tipologias de intervenção:

- a reconfiguração e autonomia dos centros de saúde (CS), em particular, na organização de serviços de apoio técnico comum a grupos de CS;
- a implementação de unidades de saúde familiar (USF), através da construção e/ou reconversão de instalações adequadas para o efeito;
- aquisição de unidades móveis, em especial, para apoio a contextos populacionais específicos (comunidades isoladas, grupos de risco);
- simplificação e desburocratização de procedimentos em áreas-chave de funcionamento das USF e dos CS.

No contexto da requalificação dos serviços de urgência, a tónica de atuação reside nas seguintes vertentes: na melhoria dos serviços de urgência hospitalares e dos serviços de urgência sediados em CS, através da remodelação de instalações e da aquisição de equipamentos (diagnóstico, terapêutica, suporte técnico/tecnológico, ...); na melhoria das condições de transporte de doentes (incluindo os heliportos em instalações hospitalares); no desenvolvimento de dispositivos de instalação de “vias verdes” (coronária, AVC); entre outros.

No propósito de melhoria do acesso à consulta e à cirurgia, visando a construção e remodelação de instalações (blocos operatórios, salas de recobro, internamento específico, áreas técnicas, áreas sociais, entre outras), a aquisição de equipamentos técnicos específicos, e a implementação de novas tecnologias (TIC) de suporte às áreas de cirurgia.

No âmbito desta área de intervenção está previsto o apoio às seguintes unidades de saúde:

- a) Unidades hospitalares - reforço da diferenciação e complementaridade de serviços;
- b) Unidades da rede de urgência e emergência;
- c) Unidades de cuidados primários e de saúde pública, incluindo unidades de saúde familiar e centros de saúde;

São, ainda, elegíveis alguns estudos estratégicos que se revele indispensável desenvolver.

Rede de Equipamentos Culturais.

Nesta área em que houve um progresso assinalável na dotação de infraestruturas nos últimos anos - pretende-se concluir a respetiva rede através, sobretudo, da qualificação de infraestruturas, potenciando a sua utilização pelas populações. Trata-se de um domínio, por excelência, em que se deverá prosseguir uma articulação intermunicipal, com o propósito de obter ganhos de escala e maior eficácia na gestão e manutenção destas infraestruturas.

O objetivo geral é contribuir para melhorar o acesso público à fruição das atividades culturais e à participação das artes do espetáculo, das artes visuais e do património móvel no processo de construção e aprofundamento da cidadania.

As intervenções centram-se no apoio à criação, ampliação, instalação e desenvolvimento de serviços de Bibliotecas Públicas a integrar na Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, à criação, instalação e desenvolvimento de serviços de Arquivos Públicos, à recuperação e valorização de teatros e cineteatros, à programação cultural em rede, com a participação de diferentes equipamentos culturais, ao equipamento de recintos de exibição cinematográfica com sistemas de cinema digital e produção de conteúdos digitais, e à estruturação e consolidação de centros de arte contemporânea.

Património Cultural

Esta área pretende dar uma atenção particular à valorização do património cultural classificado, ou em vias de classificação, associar a preservação e valorização de bens patrimoniais relevantes (bens imóveis, móveis e intangíveis) a intervenções de “vivificação” dos sítios (animação cultural e turística, criação de novas funcionalidades, ...).

Com efeito, o património apresenta um potencial contributo para outros domínios socioeconómicos, como sejam: o desenvolvimento económico (promoção do turismo, incremento de atividades ao restauro de edifícios antigos/monumentos, ...); a melhoria das condições de vida das populações, através da qualificação e fruição do património intervencionado; o reforço da atratividade e imagem dos locais alvo de valorização patrimonial.

As tipologias de projetos suscetíveis de apoio centram-se, assim, na recuperação, valorização e animação do património cultural (tangível e intangível) e dos principais monumentos (castelos, sítios arqueológicos, entre outros) e museus da região. O estabelecimento de prioridades de atuação deverá incluir, entre outros critérios: a valia patrimonial do bem ou sítio, a qualidade da programação/funcionalidade prevista, a inclusão em estratégias territoriais alargadas de valorização turística, económica e social.

Quadro 4.3.2.1.
Indicadores de realização e resultado do eixo II

Objetivos específicos PO	Objetivos específicos eixo	Indicadores de resultado	Valor ref. ^a	Meta 2010	Meta 2015	Tipologias de intervenção	Indicadores de realização	Meta 2010	Meta 2015	Notas metodológicas
Assegurar a dotação de serviços coletivos à população	Promover a valorização do património cultural e sua fruição pública	Acréscimo do nº visitantes às infraestruturas apoiadas	não aplicável	40.000	150.000	Intervenções de valorização de património (monumentos, sítios, museus, ...)	Nº elementos patrimoniais apoiados	4	30	Universo: nº visitantes dos projetos apoiados Fonte: SI PO Alentejo Valor ref. ^a : não aplicável (intervenção nova) Metas: valores acumulados
	Melhorar a cobertura territorial em equipamentos e serviços de proximidade na área da saúde	População servida por unidades de saúde apoiadas (2)	não aplicável	-	767.679	Redes de equipamentos e infraestruturas para a coesão social e territorial na área da saúde (reestruturação dos cuidados de saúde primários, melhoria do acesso à consulta e à cirurgia, requalificação dos serviços de urgência)	Nº unidades de saúde apoiadas	7	60	Universo: população servida pelos projetos apoiados Fonte: SI PO Alentejo Valor ref. ^a : não aplicável (intervenção nova); estimativas do Min. Saúde Metas: valores acumulados
Desenvolver os recursos rurais endógenos	Promover a valorização do espaço rural					Infraestruturação da rede secundária de rega do EFMA	Nº de hectares irrigados		16.000	Universo: projetos apoiados Fonte: SI PO Alentejo Valor ref. ^a : não aplicável (intervenção nova) Metas: valores acumulados
Valorizar e gerir as áreas de maior valia ambiental	Proteger as áreas classificadas e promover a sua fruição e o ecoturismo	Nº de visitantes dos equipamentos de fruição pública apoiados em áreas classificadas	0	40.000	172.500	Conservação da natureza e promoção da biodiversidade, concretizando uma “gestão ativa” das áreas classificadas, promovendo a conservação e reabilitação ecológica da rede hidrográfica e criando um sistema de fruição pública/turística	Nº equipamentos de fruição pública em áreas classificadas (apoiados)	8	10	Universo: projetos apoiados Fonte: SI PO Alentejo Valor ref. ^a : não aplicável (intervenção nova) Metas: valores acumulados
	Valorizar e ordenar a orla costeira					Valorização e ordenamento da orla costeira	Nº projetos de valorização de praias	4	5	Universo: projetos apoiados Fontes: ABAE e SI PO Alentejo Valor ref. ^a : nº praias balneares com bandeira azul na reg. Alentejo em 2007 Metas: valores acumulados

4.3.3. Eixo 3 - Coesão Local e Urbana

A Agenda Operacional Valorização do Território do QREN é uma estratégia comum ao Programa Operacional Valorização do Território (âmbito nacional) e os Programas Operacionais Regionais que assume como objetivo central a contribuição para um território mais sustentável e ordenado, mais equitativo para o desenvolvimento e bem estar e uma economia mais competitiva e integrada.

São objetivos do Eixo III o reforço da mobilidade intrarregional, através da melhoria das infraestruturas e dos sistemas de transportes, a promoção do desenvolvimento urbano sustentável e o reforço da competitividade e atratividade dos sistema urbano.

Este eixo encontra-se fortemente associado a duas linhas estratégicas da região: a “Abertura da economia, sociedade e território ao exterior” e a “Melhoria global da qualidade urbana, rural e ambiental”.

A região deve garantir a manutenção dos níveis de coesão social e territorial já alcançados⁴⁵. Apesar do expressivo investimento em equipamentos coletivos efetuado nos últimos Quadros Comunitários de Apoio, importa concluir as redes ligadas à coesão social e territorial: rede escolar, rede social (em particular, os equipamentos potenciadores de uma melhor conciliação entre a vida familiar, profissional e pessoal) e rede de equipamentos desportivos. Estas intervenções são uma resposta à necessidade de intervir numa escala territorial adequada e justificam a criação de um eixo dedicado à Coesão Local e Urbana.

Por outro lado, há que assegurar o reforço da competitividade e atratividade das cidades como motores económicos do território, associando-as de forma inovadora e eficaz à região envolvente (complementaridade urbana/rural), como garante da coesão social e territorial.

Os objetivos específicos deste eixo são, por isso, diversificados: a melhoria da cobertura territorial em equipamentos sociais e desportivos; o reforço e qualificação da oferta educativa do ensino pré-escolar, básico e básico integrado; a promoção da regeneração urbana e a dinamização da economia e o emprego regional através de estratégias de cooperação interurbana e a melhoria e criação de condições que assegurem a mobilidade interna e externa de pessoas e bens.

Esquema 4.3.3.1.

Coesão Local e Urbana: objetivos específicos dos objetivos específicos do PO aos objetivos específicos do eixo

Objetivos específicos PO	Objetivos específicos eixo
Assegurar a dotação de serviços coletivos à população	Melhorar a cobertura territorial em equipamentos sociais e desportivos Reforçar e qualificar a oferta educativa do ensino pré-escolar, básico e básico integrado

⁴⁵ vide ponto 2.2.10

Promover o desenvolvimento urbano sustentável	Promover a regeneração urbana e a requalificação de áreas específicas
Reforçar a competitividade e atratividade do sistema urbano	Dinamizar a economia e o emprego regional através de estratégias de cooperação interurbana inovadoras
Reforçar a mobilidade intrarregional, através da melhoria das infraestruturas e dos sistemas de transportes	Melhorar a articulação da rede viária regional Reforçar a cobertura populacional e territorial dos serviços de transportes de passageiros

Por conseguinte, o presente eixo é constituído por duas áreas de intervenção prioritárias que visam responder aos objetivos ora indicados: as redes de equipamentos e infraestruturas para a coesão social e territorial e a reabilitação urbana.

Esquema 4.3.3.2. Coesão Local e Urbana: áreas de intervenção

EIXO PRIORITÁRIO	COESÃO LOCAL E URABANA
Áreas de Intervenção	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Redes de equipamentos e infraestruturas para a coesão social e territorial ▪ Reabilitação e requalificação urbana ▪ Mobilidade Territorial e urbana

a) Redes de equipamentos e infraestruturas para a coesão social e territorial

A área de intervenção “Redes de equipamentos e infraestruturas para a coesão social e territorial” destina-se, conforme a designação indica, a promover a conclusão das redes relacionadas com a coesão social e territorial, nomeadamente, nas áreas da educação, proteção social e desporto.

No seio da presente área de intervenção, incluem-se os seguintes domínios de intervenção:

- equipamentos educativos (educação pré-escolar, ensino básico (EB1,2,3) e básico integrado (EBI));
- equipamentos para a coesão local que incluem:
 - a) equipamentos de proteção e inclusão social (equipamentos de apoio à infância, deficiência, terceira idade e de apoio a grupos desfavorecidos);
 - b) equipamentos desportivos de proximidade;
 - c) equipamentos coletivos;
- infraestruturas e equipamentos desportivos

Requalificação da rede escolar

No domínio da educação, as intervenções suscetíveis de apoio prendem-se, sobretudo, com a rede de educação pré-escolar e a rede do ensino básico (1.º, 2.º e

3.º e escolas básicas integradas), sob o enquadramento das cartas educativas de âmbito municipal, aprovadas nos termos previstos pelo Ministério da Educação.

No caso da rede de educação pré-escolar, pretende-se a generalização da oferta de espaços de educação pré-escolar, através da construção e remodelação/ampliação de instalações, visando não só responder às necessidades não satisfeitas, como criar condições para estimular a procura (por parte das famílias) para a educação pré-escolar. O objetivo definido pelo Ministério da Educação está traçado para 2015, pretendendo-se que a capacidade da rede responda cabalmente à procura potencial (crianças do grupo etário 3-5 anos).

No atual contexto de racionalização da rede escolar do ensino básico, a intervenção visa garantir que todas estas escolas disponham de condições ajustadas a aprendizagens qualificadas e qualificantes (objetivo para 2015). Aqui, pretende-se incentivar a construção/ampliação de escolas integradas ou não em estabelecimentos com vários níveis de escolaridade, assim como garantir que todos os equipamentos escolares sejam completos (com biblioteca, refeitório/polivalente, sala de professores,...), possibilitando o desenvolvimento de atividades diversificadas e serviços de apoio de qualidade.

Equipamentos para a coesão local

Na área da proteção e inclusão social, importa consolidar a oferta de equipamentos e serviços destinados a grupos etários/sociais específicos, designadamente, crianças, idosos, pessoas portadoras de deficiência, imigrantes, ex-reclusos, jovens sujeitos a medidas tutelares educativas e cidadãos sujeitos a medidas penais executadas na comunidade, entre outros. No caso do Alentejo, o forte índice de envelhecimento da população impõe uma especial atenção sobre os segmentos etários mais elevados, através de respostas integradas e inovadoras no quadro das redes sociais existentes ou a criar. A potenciação de uma melhor conciliação entre a vida familiar, profissional e pessoal, deverá ser outro dos propósitos a ter em conta nesta tipologia de projetos.

Estão contempladas intervenções de construção e/ou qualificação de infraestruturas (instalações e equipamentos) relativas a: creches e infantários, centros de acolhimento de jovens em risco, centros de atividades de tempos livres (ATL), centros de apoio à deficiência, centros de dia, lares de idosos, apoio domiciliário, outras estruturas de apoio a grupos desfavorecidos. Estes investimentos podem incluir despesas com alojamento coletivo, desde que se mostre necessário à prestação de cuidados envolvidos aos utentes e, por natureza, temporário.

Na área dos equipamentos desportivos de pequena dimensão e de proximidade, preveem-se intervenções que visam disponibilizar espaços para a prática físico-desportiva facilmente acessíveis a partir dos locais de trabalho / residência, prosseguindo os seguintes objetivos: (i) promover a atividade física e desportiva permanente, de modo acessível, saudável e em segurança, para todos os cidadãos, (ii) recuperar o sentido lúdico das práticas físicas e desportivas, (iii) orientar a motivação para a aventura e para a descoberta de experiências motoras novas e (iv) fomentar a participação e a solidariedade próprias da integração social.

Ainda no âmbito dos equipamentos para a coesão local prevê-se o apoio a intervenções em equipamentos públicos específicos que contribuam para qualificar os territórios locais, designadamente centros comunitários polivalentes, pavilhões multiusos e recuperação/requalificação de Edifícios para fins não relacionados com o exercício de competências administrativas por parte dos municípios, com o objetivo de desenvolver intervenções sem fins comerciais.

Infraestruturas e Equipamentos Desportivos

As intervenções preconizadas têm como objetivo intervir nas infraestruturas e equipamentos desportivos de acordo com uma política desportiva integrada que permita:

- Contribuir para o desenvolvimento urbano, assente numa estratégia de reforço da centralidade e da estruturação urbana do território onde se prevê a instalação de infraestrutura, tornando-o mais atrativo e competitivo;
- Promover o desenvolvimento e o equilíbrio entre a procura e a oferta desportivas;
- Corrigir a escassez de infraestruturas ao generalizar a possibilidade de acesso das populações à prática desportiva;
- Minorar a falta de hábitos desportivos dos portugueses incentivando hábitos de prática e continuidade desportivas;
- Promover e desenvolver a atividade física e o desporto enquanto valor de melhoria da qualidade de vida das populações; aumentar a quantidade e qualidade da oferta de condições de treino e formação desportivas;
- Aumentar o número de atletas federados;
- Promover o desenvolvimento do alto rendimento desportivo através da criação de algumas infraestruturas e equipamentos desportivos que assegurem a dotação indispensável de centros de excelência desportiva, localizados em áreas com potencial de desenvolvimento neste domínio e orientados para aumentar a competitividade desses territórios e para propiciar ganhos significativos em termos de coesão económica e social, nomeadamente através da atração da juventude para a prática desportiva;
- Contribuir para o desenvolvimento da igualdade de oportunidades;
- Contribuir para a inclusão e a integração social, nomeadamente das minorias étnicas e dos grupos socialmente desfavorecidos.

b) Reabilitação Urbana

O desenvolvimento urbano constitui uma das preocupações fundamentais das instituições europeias para o próximo ciclo de programação. Por isso mesmo, os regulamentos dos fundos estruturais, no capítulo relativo ao conteúdo de programação⁴⁶, mencionam a necessidade de relevar a abordagem urbana no desenho dos programas operacionais.

As preocupações da Comissão Europeia neste domínio estão vertidas em diversos documentos, o mais recente dos quais intitulado “Política de coesão e cidades: a contribuição urbana para o crescimento e emprego nas cidades”.⁴⁷ Neste documento, as cidades são consideradas como o “motor” de crescimento económico, tendo sido

⁴⁶ Regulamento (CE) n.º 1083/2006, artigo 37º, nº 4

⁴⁷ Comunicação ao Conselho e Parlamento Europeu, “Cohesion Policy and cities: the urban contribution to growth and jobs in the regions”, COM(2006) 385 final de 13/07/06

identificadas 4 áreas-chave para dotar os aglomerados urbanos de maior atratividade: os transportes e a mobilidade, o acesso aos serviços sociais, o ambiente e a cultura.

O relatório da Comissão aponta também para a necessidade de estabelecimento de alianças estratégicas entre os níveis urbano e rural, em particular, em cidades de menor dimensão localizadas em territórios periféricos da União Europeia (como é o caso do Alentejo). No termos do relatório, “tais alianças devem ser criadas para gerar um «efeito cidade» [*city effect*] e maximizar as vantagens económicas provenientes da criação de massa crítica e de uma colaboração acrescida.”⁴⁸ Consideradas como o “motor” de crescimento económico, as cidades detêm um relevante papel de suporte à inovação, ao empreendedorismo e à sociedade do conhecimento.

Ao nível da criação de emprego, o relatório refere que os fundos estruturais “podem apoiar ações para fortalecer a eficiência da capacidade institucional ao nível regional e local, nomeadamente, na dotação de serviços públicos e administrativos.”⁴⁹ No plano do financiamento da regeneração urbana, o relatório ilustra a possibilidade de recurso a diversos mecanismos financeiros, além dos fundos estruturais. São os casos: de parcerias público-privadas na criação de infraestruturas e na dotação de serviços (água, resíduos, transportes, saúde, turismo, habitação, ...); da existência de novas iniciativas comunitárias (em especial, o JESSICA⁵⁰); de financiamentos através do Banco Europeu de Investimentos; contribuições do setor privado e do sistema financeiro; entre outros. A utilização combinada destes instrumentos poderá permitir uma forte “alavancagem” dos recursos públicos em projetos neste domínio.

Para além das orientações comunitárias em matéria de desenvolvimento urbano, têm sido preparados documentos estratégicos de âmbito nacional com implicações diretas no sistema urbano regional. A saber: o Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território (PNPOT), o Plano Regional de Ordenamento do Território do Alentejo (PROT Alentejo), o PROT Oeste e Vale do Tejo (no que respeita à Lezíria do Tejo) e a política de Cidades.

Para além do enquadramento estratégico contido nestes documentos (PNPOT e PROT), o atual Governo - através do ex-Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional (MAOTDR) - preparou um conjunto de orientações destinadas ao relançamento da política de cidades.

A política de cidades, entendida não apenas no espaço intraurbano, mas englobando os sistemas urbanos regionais e as redes de âmbito nacional e internacional, apresenta três objetivos específicos:

- a qualificação e revitalização dos distintos espaços da cidade;
- o reforço da competitividade e da projeção internacional das cidades mediante estratégias de fortalecimento e diferenciação do seu capital humano, institucional, cultural e económico e de estruturação de redes urbanas;
- e a melhoria da integração da cidade na região (complementaridade entre espaços urbanos e rurais).

⁴⁸ idem

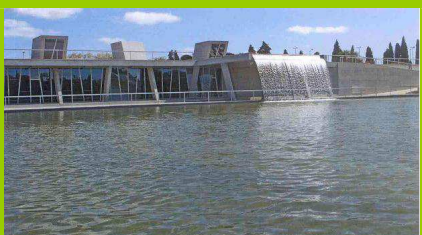
⁴⁹ idem

⁵⁰ JESSICA - Joint European Support for Sustainable Investment in City Areas

CAIXA 4.3.2.1. - O PROGRAMA POLIS NO ALENTEJO



O POLIS em Beja: Praça da República (em cima) e o Parque da Cidade (em baixo)



O POLIS em Portalegre: o castelo (em cima) e percurso de ligação ao Museu da Tapeçaria (em baixo)



- Integrado no eixo 2 do “por Alentejo” (2000/2006), o POLIS teve na região duas operações estruturantes nas cidades de Portalegre e Beja, e duas de menor dimensão em Évora e Elvas.
- Em Beja, o POLIS ascendeu a 17,4 milhões de euros de investimento. O plano estratégico elaborado centrou-se em 3 eixos: o centro histórico, o Parque da Cidade, e as ligações do centro histórico ao Parque. Neste âmbito, foram feitas intervenções como a qualificação de espaços públicos (Largo de Santo Amaro, Praça da República, Largo de São João, etc.), a melhoria da mobilidade (ciclovía, parques de estacionamento), a valorização ambiental (construção do Parque da Cidade), a construção de um Museu de Sítio (achados arqueológicos), entre outros.
- O POLIS de Portalegre envolveu um investimento de 16,9 milhões de euros. Algumas das intervenções mais emblemáticas em Portalegre foram: a valorização dos eixos nobres da cidade (Praça da República, Rua 1º de maio, Praça da Sé), a qualificação do castelo (intervenção arqueológica, barbacã), os projetos de mobilidade (percurso de ligação ao Museu da Tapeçaria), a recuperação dos jardins da Av. Liberdade e da Corredoura, entre outros.
- Além do POLIS, a cidade de Portalegre tem recebido outros investimentos, como sejam, o Centro de Artes do Espetáculo, a recuperação do Colégio e Igreja de S. Sebastião e da Real Fábrica de Lanifícios (onde se integram o centro de congressos, os serviços da Câmara Municipal, etc.) e o aproveitamento da antiga fábrica de cortiça Robinson (estando em fase de construção a Escola de Hotelaria e Turismo e o Centro Tecnológico de Realidade Virtual). Em conjunto, estas intervenções têm contribuído para mudar a imagem da cidade, tornando-a mais atrativa.
- O POLIS de Évora, num investimento de 4,9 milhões de euros, visou a valorização paisagística da envolvente às muralhas de Évora, melhorando a relação entre o centro histórico e a cidade “extramuros”.
- O POLIS de Elvas, orçado em 5,0 milhões de euros, interveio sobre o centro histórico (Praça de República, Parada do Castelo, valorização das muralhas) e na “estrutura verde” da cidade (Jardim Militar, Rossio de S. Francisco, percursos, ...).

Neste contexto, a política de Cidades adota três dimensões de intervenção, intimamente ligadas aos três objetivos supracitados. Estas dimensões são as que se seguem: regeneração urbana; competitividade/diferenciação; integração regional.

Caixa 4.3.2.2. - Abordagem ao desenvolvimento urbano

Na prossecução dos Objetivos da Estratégia de Lisboa e Gotemburgo, o Estado Português adotou uma exigente agenda de modernização económica e social. Esta agenda é fortemente alicerçada no acervo de mais de duas décadas de participação no processo de integração europeia, que impulsionou de forma crítica a abertura do país à economia europeia e global. Este esforço de internacionalização da economia e sociedade do País e da Região não só deve ser continuado, como deve ser reforçado, em prol do aumento da competitividade.

Portugal fixou quatro grandes objetivos para a Política de Cidades, entendida numa ótica de longo prazo e a diversas escalas geográficas:

Caixa 4.3.2.2. - Abordagem ao desenvolvimento urbano

- 1.º Qualificar e revitalizar os distintos espaços que compõem cada cidade, visando um funcionamento globalmente incluído, coeso, coerente e sustentável e mais mobilizador dos cidadãos. Para este objetivo concorrerão sobretudo operações integradas de requalificação e reinserção urbana de bairros críticos e de áreas periféricas, operações de recuperação, qualificação ambiental e refuncionalização de áreas abandonadas ou com usos obsoletos e operações integradas de valorização económica de áreas de excelência urbana (centros históricos, áreas comerciais, áreas de forte potencial para constituírem novas centralidades).
- 2.º Fortalecer e diferenciar o capital humano, institucional, cultural e económico de cada cidade, no sentido de aumentar o leque de oportunidades individuais e coletivas e, assim, reforçar o papel regional, nacional e internacional das aglomerações urbanas. O apoio a estratégias de afirmação internacional, a criação de equipamentos urbanos e infraestruturas diferenciadores em termos de inserção em redes nacionais e internacionais, a estruturação de redes urbanas para a valorização partilhada de recursos, potencialidades e conhecimento e a cooperação a grande escala com outras cidades europeias enquadram-se neste objetivo estratégico da política de cidades.
- 3.º Qualificar e intensificar a integração da cidade na região, por forma a promover relações de complementaridade mais sustentáveis entre os espaços urbanos e rurais e a dotar o conjunto de cada cidade-região de um maior potencial de desenvolvimento. Está em causa, nomeadamente, estruturar aglomerações, principalmente em espaços de urbanização difusa, ganhar dimensão urbana através da cooperação de proximidade, fomentar complementaridades e economias de aglomeração e racionalizar e qualificar os equipamentos e serviços que a cidade disponibiliza à sua região.
- 4.º Inovar nas soluções para os problemas urbanos, promovendo as que se orientem, em termos físicos, para a eficiência e reutilização das infraestruturas e dos equipamentos em detrimento da construção nova, em termos técnicos, para a exploração das oportunidades que as novas tecnologias oferecem e, em termos organizativos, para a capacitação das comunidades e o desenvolvimento de novas formas de parceria público-privado.

O Programa Operacional Regional acolhe intervenções dirigidas a estes objetivos. O terceiro objetivo informará a estruturação das diversas intervenções com impacte territorial.

Assim, o Programa Operacional Regional consagra um eixo especificamente orientado para o desenvolvimento das cidades e dos sistemas urbanos, centrado na regeneração e revitalização urbana, no reforço da competitividade e inovação e no reposicionamento internacional dos centros urbanos.

As intervenções terão lugar no âmbito de dois instrumentos de política pública urbana: *Parcerias para a regeneração urbana* e *Redes urbanas para a competitividade e a inovação*.

- As *Parcerias para a regeneração urbana* são operações integradas, contemplando as dimensões ambiental, física, económica e social, incidindo num espaço intraurbano, suportadas por um programa de ação preparado num quadro de parceria envolvendo autarquias, serviços da Administração Central e atores urbanos relevantes, e dando origem a um protocolo de parceria definidor dos compromissos dos diversos intervenientes.

Essas parcerias podem respeitar a:

- operações integradas de requalificação e reinserção urbana de bairros críticos e das periferias;
- operações de recuperação, qualificação ambiental e refuncionalização de áreas abandonadas ou de usos obsoletos;
- operações integradas de valorização económica de áreas de excelência urbana;
- projetos integrados de melhoria do ambiente urbano.

O protocolo de parceria definirá as regras de coordenação do programa de ação.

Um júri independente, coordenado pelas entidades nacionais responsáveis pela política de cidades, avaliará a coerência estratégica, a qualidade da parceria estabelecida e ainda a viabilidade e o valor acrescentado do programa de ação, sendo uma avaliação positiva condição necessária de financiamento.

As ações que integram o programa de ação serão submetidas em conjunto, respeitando os requisitos formais estabelecidos, à autoridade de gestão do Programa Operacional Regional.

- As *Redes urbanas para a competitividade e inovação* podem ser de dois tipos:
 - a) redes de atores urbanos envolvidos em estratégias cooperativas de reforço dos fatores de competitividade da cidade, de promoção do seu potencial económico e de reposicionamento da cidade nas redes urbanas nacionais e internacionais;
 - b) redes de cidades, quer de proximidade (cidades geograficamente próximas envolvidas numa estratégia comum de reforço dos fatores de criatividade, inovação e internacionalização), quer temáticas (cidades geograficamente distantes que cooperam em torno de um programa de ação que visa valorizar elementos patrimoniais comuns, valias estratégicas para um mesmo *cluster* de atividades ou fatores específicos que beneficiem de complementaridades interurbanas).

Em qualquer dos casos, serão apoiados projetos que se insiram num programa estratégico (de cooperação) de reforço da competitividade e da projeção nacional e internacional da cidade ou da rede de cidades que seja coerente com o Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território (PNPOT).

Esses projetos podem corresponder a:

Caixa 4.3.2.2. - Abordagem ao desenvolvimento urbano

- Criação de equipamentos urbanos e de infraestruturas relevantes para a inserção diferenciada em redes nacionais e internacionais;
- Iniciativas integradas em estratégias de atração de trabalhadores e atividades baseadas no conhecimento;
- Ações de cooperação em grande escala com as cidades europeias (rede de eventos internacionais) e de promoção da imagem internacional;
- Estruturação de redes urbanas: definição de estratégias e criação de estruturas de cooperação;
- Oferta coordenada de espaços, serviços e equipamentos no contexto de uma estratégia partilhada de inovação e de afirmação internacional;
- Criação de estruturas de apoio à troca de conhecimento e à inovação;
- Projetos de valorização de recursos partilhados e de promoção dos territórios.

No âmbito deste eixo prevê-se ainda a afetação de recursos a instrumentos de engenharia financeira para apoio a operações de reabilitação urbana nos termos do artigo 44º do regulamento geral dos fundos. Esse instrumento pode traduzir-se na participação na iniciativa JESSICA.

Neste eixo serão abrangidos os centros urbanos estruturantes do modelo territorial consagrado no PNPOT com as adaptações, a nível regional, introduzidas pelo PROT, devendo, em regra, terem uma população residente superior a 10 mil habitantes ou estarem inseridos em estratégias de desenvolvimento de sistemas urbanos sub-regionais de mais de 50 mil habitantes.

Visando ter em conta a integração cidade-região, nos restantes eixos do programa operacional será dada prioridade aos projetos inseridos em programas de cooperação intermunicipal com os objetivos de:

- Promover a cooperação entre a cidade e os espaços envolventes e reforçar o “efeito cidade” como fator de desenvolvimento dos espaços rurais;
- Estruturar sistemas urbanos, principalmente em espaços de urbanização difusa, e fomentar complementaridades e economias de aglomeração;
- Racionalizar a gestão de equipamentos e serviços de nível supramunicipal e reforçar o seu papel na estruturação e desenvolvimento dos territórios;

Estimular a cooperação intermunicipal e o desenvolvimento de novas formas de governação territorial.

No âmbito deste eixo prevê-se ainda a afetação de recursos a instrumentos de engenharia financeira para apoio a operações de reabilitação urbana nos termos do artigo 44º do regulamento geral dos fundos. Esse instrumento pode traduzir-se na participação na iniciativa JESSICA.

A dimensão de intervenção “regeneração urbana” destina-se aos espaços intraurbanos e à coesão e coerência do conjunto da cidade. Neste âmbito, serão privilegiadas operações integradas de qualificação e revitalização de áreas urbanas, e projetos-piloto de soluções inovadoras para problemas urbanos. Esta dimensão será objeto de articulação com a renovada política de habitação aprovada pelo Governo.

A dimensão “competitividade/diferenciação” dá ênfase à cidade enquanto nó de redes de inovação e competitividade de âmbito nacional ou internacional. Neste caso, pretende-se contribuir para uma maior diferenciação funcional das aglomerações urbanas, através da associação criativa entre conhecimento, cultura, valores distintivos de cada cidade e atividade económica.

Finalmente, a dimensão “integração regional” destina-se às interações cidade-região, visando assegurar uma boa articulação da cidade com a área envolvente e com os centros urbanos vizinhos. Este será o domínio privilegiado da ação intermunicipal: organização e gestão de sistemas intermunicipais, desenvolvimento e racionalização de redes de equipamentos e infraestruturas supramunicipais.

Requalificação Urbana

O Programa Operacional Regional está especificamente orientado para o desenvolvimento das cidades e dos sistemas urbanos, centrado na regeneração e revitalização urbana, no reforço da competitividade e inovação e no

reposicionamento internacional dos centros urbanos, entre outras, através das seguintes tipologias de operações no âmbito da reabilitação urbana:

- Qualificação do espaço público;
- Qualificação do ambiente urbano;
- Equipamentos públicos de apoio e promoção do desenvolvimento económico;
- Equipamentos públicos de apoio ao desenvolvimento social e de promoção da inclusão social;
- Equipamentos públicos de promoção e dinamização do desenvolvimento cultural;
- Ações de reabilitação para melhoria qualificada das acessibilidades físicas e dos serviços, de acordo com os diagnósticos das condições de acessibilidade em meio urbano aprovados no Programa Operacional Potencial Humano;
- Equipamentos de disseminação da utilização de tecnologias da informação e comunicação respeitantes à criação de redes de comunicação de banda larga, incluindo as redes sem fios.

Além das especificidades referidas, a valorização do território para a coesão passará também pela qualidade urbanística de pequenos centros e aglomerados populacionais.

Iniciativa JESSICA

A iniciativa JESSICA, instrumento financeiro promovido pela Comissão Europeia e desenvolvido pelo Banco Europeu de Investimento (BEI), constitui uma forma inovadora de aplicar os fundos estruturais comunitários postos à disposição dos Estados membros em de projetos enquadrados em planos integrados de desenvolvimento urbano sustentável.

A iniciativa JESSICA visa aplicar Fundos Estruturais em projetos de regeneração urbana através de empréstimos, participações de capital ou garantias. O apoio a projetos isolados a fundo perdido é substituído por financiamentos reembolsáveis, através de novos mecanismos de engenharia financeira: os Fundos de Desenvolvimento Urbano (FDU).

O INALENTEJO associou-se aos restantes PO regionais, POVT, Direção-Geral do Tesouro e Finanças e Banco Europeu de Investimento, na constituição do JESSICA Holding Fund, instrumento financeiro a gerir pelo BEI, que responde perante um Comité de Investimento constituído por representantes de todos os Programas Operacionais envolvidos e a DGTF. Esse Fundo irá financiar os FDU a constituir.

Os FDU a constituir podem investir num conjunto variado de projetos, com destaque para os domínios da reabilitação e regeneração urbanas, eficiência energética e energia renovável em áreas urbanas, revitalização económica de áreas urbanas direcionada para PME e empresas inovadoras, disseminação de tecnologias de informação e comunicação em áreas urbanas incluindo banda larga e infraestrutura sem fios.

O presente eixo prioritário será monitorizado por um conjunto relativamente restrito de indicadores de realização e resultado, conforme ilustrado no quadro seguinte.

c) A melhoria e criação de condições que assegurem a mobilidade interna e externa de pessoas e bens

Mobilidade Territorial e Urbana

As questões dos transportes e mobilidade têm vindo a dar lugar à criação de um enquadramento estratégico renovado, assente em documentos como o Programa Nacional de Ação para o Crescimento e Emprego 2005-2008 (PNACE), o Plano Tecnológico, a Estratégia Nacional de Desenvolvimento Sustentável (ENDS), as orientações estratégicas para o Sistema Aeroportuário Nacional, o Plano Rodoviário Nacional (PRN 2000), entre outros. Estes documentos definem as linhas de ação prioritárias e identificam as intervenções mais estruturantes para o território nacional.

O carácter estruturante de diversas infraestruturas de transportes (alguns dos quais incluídos na rede transeuropeia de transportes⁵¹) e o facto do Fundo de Coesão ter âmbito nacional⁵² impuseram o estabelecimento de uma delimitação clara entre os programas nacionais e os regionais.

Neste contexto, esta área de intervenção tem como principal objetivo o reforço da mobilidade intrarregional, através da melhoria das infraestruturas e dos sistemas de transportes, mediante uma articulação profunda, não apenas com as intervenções do PO Valorização Territorial, mas também com as dinâmicas empresariais (reforço da competitividade económica) e com o sistema urbano regional (garantia da coesão social e reforço da competitividade territorial).

Neste âmbito, encontram-se contemplados:

- o sistema aeroportuário;
- as acessibilidades rodoviárias.
- a mobilidade urbana

No capítulo do sistema aeroportuário, o plano estratégico apresentado pelo Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações (MOPTC) inclui nomeadamente o aeroporto de Beja no seio do Sistema Aeroportuário Nacional. Por outro lado estudos efetuados⁵³ apontam para a possibilidade de desenvolvimento de negócios complementares, a curto prazo, nos seguintes domínios: manutenção de aeronaves; criação de pólo de fabricação aeronáutica; transporte de carga especial e/ou produtos frescos da região.

Ainda no âmbito do sistema aeroportuário, importa referir a rede regional de aeródromos, a qual dispõe de uma cobertura territorial considerada razoável⁵⁴. Neste contexto, poderão ser elegíveis as operações que reforcem a rede regional de aeródromos, pretendendo-se ainda manter uma rede vocacionada para o apoio logístico à proteção civil (combate a incêndios), sem prejuízo da exploração da sua vertente turística/recreativa.

No âmbito das acessibilidades rodoviárias, esta linha de intervenção engloba a “malha fina” da rede viária, nomeadamente,

⁵¹ vide a integração do Alentejo nas TEN-T no ponto 2.1.4.

⁵² Regulamento (CE) n.º 1084/2006 do Conselho, de 11/07

⁵³ Sistema aeroportuário nacional - características da situação atual e perspectivas futuras, Mercer MC, 2006

⁵⁴ idem

- itinerários complementares (IC):
- estradas regionais;
- estradas municipais.
- mobilidade sustentável, modos alternativos de transporte e soluções inovadoras de transporte coletivo

No que se refere à mobilidade urbana pretende-se responder às questões das acessibilidades em meio urbano, privilegiando-se, sempre que possível, soluções de mobilidade sustentável. No contexto desta linha de ação, incluem-se as seguintes tipologias de intervenção:

- as acessibilidades rodoviárias em meio urbano;
- os sistemas de transportes coletivos;
- a intermodalidade dos transportes;
- as redes de ecopistas em meio urbano.

No caso das acessibilidades rodoviárias, deverão ser privilegiados mecanismos que melhorem a eficiência na utilização das infraestruturas existentes, podendo admitir-se a construção de novas infraestruturas que representem: uma forte diminuição da distância-tempo, um elevado benefício social e económico (medido através da cobertura populacional da cidade e dos índices de tráfego), uma supressão de “pontos negros” e eixos de estrangulamento rodoviário.

A implementação de sistemas de transportes coletivos constitui uma das prioridades da região em matéria de mobilidade, constituindo uma condição *sine qua non* para a coesão social e territorial e para a conciliação entre a vida familiar, profissional e pessoal (acesso universal aos serviços sociais).

Prevê-se ainda o apoio à construção ou qualificação de centros coordenadores de transportes de passageiros.

As ecopistas representam uma solução de mobilidade urbana “ecoamigável”, contribuindo também para a saúde pública e o lazer das populações. A este nível, deve ser estimulada a criação de redes de ecopistas em meio urbano (e na região envolvente), promovendo, por um lado, uma mobilidade sustentável, e por outro, a intermodalidade com outros meios de transporte.

Os potenciais beneficiários do Eixo Valorização do Espaço Regional são os que se seguem: organismos da Administração Central e regional/desconcentrada, municípios, associações de municípios, empresas (privadas, públicas, de capitais mistos e setor empresarial local), instituições de ensino superior e politécnico, associações de desenvolvimento local, associações sem fins lucrativos, entre outros.

O presente eixo prioritário será monitorizado por um conjunto relativamente restrito de indicadores de realização e resultado, conforme ilustrado no quadro seguinte.

Quadro 4.3.3.1.
Indicadores de realização e resultado do eixo III

Objetivos específicos PO	Objetivos específicos eixo	Indicadores de resultado	Valor ref. ^a	Meta 2010	Meta 2015	Tipologias de intervenção	Indicadores de realização	Meta 2010	Meta 2015	Notas metodológicas
Promover a integração regional no sistema aeroportuário nacional	Reforçar a competitividade do sistema aeroportuário para a conectividade da região	N.º de passageiros (aéreos) transportados	0	235.000	2.500	Desenvolvimento das infraestruturas aeroportuárias e reforço da rede regional de aeródromos	Nº infraestruturas aeroportuárias apoiadas	1	2	Universo: nº passageiros do aeroporto de Beja Fonte: EDAB Valor ref. ^a : 0 (o aeroporto está em fase de construção); estimativas do estudo de mercado da EDAB Metas: valores acumulados
Assegurar a dotação de serviços coletivos à população	Reforçar e qualificar a oferta educativa	Alunos abrangidos por Centros do 1º ciclo do Ensino Básico e da Educação Pré-Escolar construídos e/ou ampliados/requalificados	não aplicável	1.420	15.000	Redes de equipamentos e infraestruturas para a coesão social e territorial na área da educação	Centros escolares do 1º ciclo do Ensino Básico e da Educação Pré-escolar construídos e/ou ampliados/requalificados	11	65	Universo: nº alunos servidos pelos projetos apoiados Fonte: SI PO Alentejo Valor ref. ^a : não aplicável (intervenção nova); estimativas do Min. Educação Metas: valores acumulados
		Alunos abrangidos por escolas do 2º e 3º ciclo do Ensino Básico construídos e/ou ampliados/requalificados	-	-	3.500		Escolas do 2º e 3º ciclo do Ensino Básico construídas e/ou ampliados/requalificados	-	5	
		Alunos abrangidos por escolas do ensino secundário construídos e /ou ampliados / requalificado	-	-	n.d.		Escolas do ensino secundário construídos e /ou ampliados / requalificados	-	n.d.	
Promover o desenvolvimento urbano sustentável das cidades	Promover a regeneração urbana e a requalificação de áreas específicas das cidades	População abrangida por operações de regeneração urbana	121.800	90.000	225.000	Apoio à realização de parcerias para a regeneração urbana, através de operações integradas de qualificação e revitalização de áreas urbanas e projetos integrados de melhoria do ambiente urbano	Nº protocolos de parceria para a regeneração urbana apoiados	4	16	Universo: nº habitantes das cidades intervencionadas Fontes: estat. INE e SI PO Alentejo Valor ref. ^a : população residente em 2001 nas cidades apoiadas pelo POLIS (Évora, Beja, Santarém, Portalegre e Elvas) Metas: valores acumulados

Objetivos específicos PO	Objetivos específicos eixo	Indicadores de resultado	Valor ref. ^a	Meta 2010	Meta 2015	Tipologias de intervenção	Indicadores de realização	Meta 2010	Meta 2015	Notas metodológicas
Reforçar a competitividade e atratividade das cidades	Dinamizar a economia e o emprego regional através de estratégias de cooperação interurbana	Nº postos de trabalho beneficiados pelas redes urbanas para a competitividade	não aplicável	600	600	Apoio às redes urbanas para a competitividade e inovação, através da promoção de iniciativas conjuntas assumidas num quadro de cooperação supra e intermunicipal e promovendo a adoção de políticas inovadoras em áreas como o ambiente, a tecnologia e a cultura	Programas Estratégicos de desenvolvimento urbano (competitividade e inovação)	3	6	Universo: nº empregos (existentes e a criar) associados ao tema/ <i>cluster</i> das redes urbanas apoiadas Fontes: estat. INE e MTSS e SI PO Alentejo Valor ref. ^a : não aplicável (intervenção nova) Metas: valores acumulados
Reforçar a mobilidade intrarregional, através da melhoria das infraestruturas e dos sistemas de transportes	Melhorar a articulação da rede viária regional					Acessibilidades rodoviárias: itinerários complementares (IC), estradas nacionais, estradas regionais e estradas municipais	Km de rede viária construída/beneficiada/retificada	25	800	Universo: estradas apoiadas Fontes: estat. Estradas Portugal e SI PO Alentejo Valor ref. ^a : não aplicável (intervenção nova) Metas: valores médios (ind. resultado); valores acumulados (ind. realização)
Reforçar a mobilidade intrarregional, através da melhoria das infraestruturas e dos sistemas de transportes	Reforçar a cobertura populacional e territorial dos serviços de transportes de passageiros	População servida por sistemas de transportes coletivos apoiados	não aplicável	33%	33%	Soluções de mobilidade sustentável, incluindo-se: acessibilidades rodoviárias em meio urbano, sistemas de transportes coletivos (privilegiando o uso de energias renováveis), intermodalidade dos transportes e redes de ecopistas em meio urbano	Nº sistemas transportes coletivos apoiados	2	2	Universo: população residente nos lugares servidos (pelo menos, frequência semanal) por sistemas de transportes coletivos apoiados Fontes: SI PO Alentejo Valor ref. ^a : não aplicável (intervenção nova) Metas: valores acumulados

4.3.4. Eixo 4 - Assistência técnica

A assistência técnica do Programa foi autonomizada num eixo específico, tendo como objetivo a implementação e funcionamento dos sistemas e estruturas de coordenação, gestão, acompanhamento, controlo, avaliação e difusão do Programa Operacional Regional.

A constituição da estrutura de gestão do Programa terá como premissas fundamentais a experiência granjeada pela CCDR Alentejo nos anteriores Quadros Comunitários de Apoio, para a qual serão tidas em conta quer as “boas práticas”, quer as observações e recomendações apontadas por organismos independentes da gestão (Comissão Europeia, organismos nacionais, avaliação intercalar).

Esquema 4.3.6.1.

Assistência técnica: áreas de intervenção

EIXO PRIORITÁRIO	ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Áreas de Intervenção	▪ Assistência Técnica

Neste contexto, é possível antecipar, ainda que sucintamente, algumas das linhas de mudança face a anteriores Quadros. Em primeiro lugar, a autoridade de gestão (CCDR Alentejo) deverá fazer uma forte aposta no sistema de informação de gestão do Programa, obviando assim as dificuldades de monitorização do “por Alentejo” (2000/2006) devidas, em boa medida, ao défice de resposta (em qualidade e em tempo útil) dos sistemas instalados.

Efetivamente, a acentuada melhoria das TIC, por exemplo, na área da informação georreferenciada, impõem a utilização de soluções informáticas eficazes e inovadoras, que permitam um acompanhamento estratégico e pró-ativo do Programa, centrado na monitorização dos seus resultados e impactes na economia e no território (e não apenas em taxas de execução financeira dos projetos). No âmbito das competências da CCDR Alentejo, irá ser desenvolvido um “observatório de desenvolvimento regional” que, articulado com o sistema do próprio Programa, possibilitará perspetivar, a médio prazo, o acompanhamento da estratégia regional e dos indicadores “macro” socioeconómicos.

Outra linha de atuação prende-se com o desenvolvimento dos sistemas de controlo e de avaliação. No caso do controlo, as renovadas e acrescidas exigências regulamentares/legais impõem uma atenção especial sobre a execução das políticas comunitárias com incidência na execução dos investimentos (avaliação do impacte ambiental, mercados públicos, informação e publicidade, entre outros). Por seu turno, a avaliação, em consonância com os regulamentos comunitários, assumirá uma expressão de maior relevo durante a implementação do Programa. As várias etapas da avaliação (*ex-ante*, *on-going*, *ex-post*) e as recomendações daí resultantes permitirão a adoção de medidas corretivas, inclusão de “boas práticas”, etc., em favor de uma melhor *performance* do Programa e sua gestão.

Uma terceira linha de atuação reside na cooperação institucional (nomeadamente, com outras autoridades de gestão) com vista à aplicação célere de “boas práticas” e

a valorização do seu efeito multiplicador e à melhoria da eficácia e transparência na gestão dos programas. A este título, poder-se-ão mencionadas sinergias na área dos sistemas de informação, na implementação de manuais de procedimentos, nas ações promocionais (incluindo as ferramentas *on-line*), entre outros.

Por outro lado, o modelo de governação do QREN - quer na articulação entre programas operacionais temáticos e regionais, quer no desempenho do próprio Programa - impõe o reforço da articulação entre diferentes serviços da Administração Pública (central, regional e local), não só os inerentes à região, mas também com os organismos responsáveis de outras regiões.

O envelope financeiro associado à assistência técnica do Programa cifra-se em 23 milhões de euros de financiamento FEDER, o que representa cerca de 2,69% da dotação orçamental atribuída.

Os potenciais beneficiários do eixo “Assistência técnica” são a autoridade de gestão (CCDR Alentejo) e as entidades que, nos termos da legislação aplicável relativa à governação do QREN, assumam o papel de organismos intermédios.

O quadro que se segue ilustra os indicadores de realização e resultado deste eixo prioritário.

Quadro 4.3.6.1.
Indicadores de realização e resultado do eixo IV

Objetivos específicos PO	Objetivos específicos eixo	Indicadores de resultado	Valor ref. ^a	Meta 2010	Meta 2015	Tipologias de intervenção	Indicadores de realização	Meta 2010	Meta 2015	Notas metodológicas
-	Capacitar a Autoridade de Gestão para a eficaz gestão do Programa	% despesas validadas dos fundos estruturais coberta por ações de verificação no local pela estrutura segregada	12%	7,5%	5%	Assistência técnica do Programa: gestão, controlo e avaliação; sistema de informação e ações de comunicação	Nº ações de divulgação e informação do Programa	50	1250	Universo: nº ações apoiadas Fonte: SI PO Alentejo Valor ref. ^a : CCDR Alentejo (QCA III) Metas: valores médios (ind. resultado); valores acumulados (ind. realização)
		Nº visitantes anuais ao sítio de internet do PO	58.000	80.000	500.000					
		Nível de <i>follow-up</i> das recomendações de avaliação (% de recomendações consideradas)	-	60%	80%					

4.4. Programação financeira

O montante global de FEDER do Programa Regional ascende a 853.933.978 euros, a que corresponde, nos termos da programação elaborada, a um investimento total de 1.043.012.953 euros.

Aos financiamentos comunitários dos Fundos Estruturais podem adicionar-se, ainda, apoios a conceder pelo BEI e por outros instrumentos financeiros necessários à concretização da estratégia de desenvolvimento estabelecida.

A repartição orçamental do FEDER por Eixo Prioritário é a seguinte: (i) 29,29% para o EP1 - 250.130.622 euros ; (ii) 21,59% para o EP2 - 184.327.074 euros; (iii) 46,38 % para o EP3 - 396.076.282 euros e (iv) 2,74 para o EP4 - 23.400.000 euros.

Nos quadros seguintes apresenta-se o plano de financiamento do Programa Operacional Regional⁵⁵. Estes quadros de programação financeira referem-se, por um lado, à contribuição do FEDER por ano e, por outro lado, à quantificação, por Eixo do PO, do financiamento comunitário, da contrapartida nacional (distinguindo financiamento público nacional e financiamento privado nacional), do financiamento total e da taxa de cofinanciamento.

Importa salientar que a taxa de cofinanciamento foi programada pelo PO em função da despesa total elegível⁵⁶. As taxa de cofinanciamento apresentadas nos quadros seguintes correspondem às taxas médias programadas por Eixo do PO e não prejudicam, naturalmente, o disposto no Anexo III do referido Regulamento que define como limite máximo, aplicável a Portugal, da participação dos Fundos ao nível dos Programas Operacionais a taxa de 85%.

A programação das taxas médias de cofinanciamento por Eixo Prioritário tomou em consideração as tipologias previsíveis de investimentos, designadamente no que respeita a incentivos a empresas, a investimentos geradores de receitas e a investimentos não geradores de receitas.

Os quadros seguintes apresentam igualmente, nos termos do n.º 3 do Artigo 9.º do mesmo Regulamento, a repartição indicativa das despesas programadas pelo PO de acordo com as categorias de despesa definidas no respetivo Anexo IV, nos moldes referidos nos Quadros 1, 2 e 3 do Anexo II do Regulamento (CE) n.º 1828/2006 da Comissão, de 8 de dezembro de 2006.

No quadro seguinte, apresenta-se a programação financeira anualizada do Programa, orçada num total de 853.933.978 euros (montante FEDER) para o período de programação.

⁵⁵ nos moldes definidos no Anexo XVI - Planos de Financiamento do Programa Operacional do Regulamento (CE) n.º 1828/2006 da Comissão, de 8 de dezembro de 2006

⁵⁶ nos termos da alínea a) do n.º 1 do Artigo 53º do Regulamento (CE) n.º 1083/2006, do Conselho, de 11 de julho

Quadro 4.4.1.
Plano de financiamento do Programa Operacional Regional do Alentejo:
compromissos anuais do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (€)

	Financiamento Estrutural (FEDER)	Fundo de Coesão	TOTAL
	(1)	(2)	(3) = (1) + (2)
2007			
Regiões sem apoio transitório	116.882.009	0	116.882.009
Regiões com apoio transitório	0	0	0
Total 2007	116.882.009	0	116.882.009
2008			
Regiões sem apoio transitório	119.219.649	0	119.219.649
Regiões com apoio transitório	0	0	0
Total 2008	119.219.649	0	119.219.649
2009			
Regiões sem apoio transitório	121.604.042	0	121.604.042
Regiões com apoio transitório	0	0	0
Total 2009	121.604.042	0	121.604.042
2010			
Regiões sem apoio transitório	124.036.123	0	124.036.123
Regiões com apoio transitório	0	0	0
Total 2010	124.036.123	0	124.036.123
2011			
Regiões sem apoio transitório	96.516.846	0	96.516.846
Regiões com apoio transitório	0	0	0
Total 2011	96.516.846	0	96.516.846
2012			
Regiões sem apoio transitório	129.047.183	0	129.047.183
Regiões com apoio transitório	0	0	0
Total 2012	129.047.183	0	129.047.183
2013			
Regiões sem apoio transitório	146.628.126	0	146.628.126
Regiões com apoio transitório	0	0	0
Total 2013	146.628.126	0	146.628.126
Total Regiões sem apoio transitório	853.933.978	0	853.933.978
Total Regiões com apoio transitório	0	0	0
TOTAL GERAL 2007-2013	853.933.978	0	853.933.978

Quadro 4.4.2.
Programação financeira por eixo

Eixos Prioritários	Financiamento Comunitário	% Total
Eixo 1 - Competitividade, inovação e conhecimento	250.130.622	29,29%
Eixo 2 - Valorização do espaço regional	184.327.074	21,59%
Eixo 3 - Coesão local e urbana	396.076.282	46,38%
Eixo 4 - Assistência técnica	23.400.000	2,74%
TOTAL INALENTEJO	853.933.978	100,00%

O quadro que se segue ilustra o montante global de investimento previsto com a implementação do Programa (1.043.012.953), distribuído segundo as diversas fontes de financiamento (comunitário, nacional e privado). A taxa média de cofinanciamento comunitário cifra-se, no conjunto dos eixos, em 81,87%.

Quadro 4.4.3.
**Plano de financiamento do Programa Operacional Regional do Alentejo:
 alocação total FEDER, contrapartida nacional e taxa de cofinanciamento (€)**

Eixos Prioritários	Financiamento Comunitário	Contrapartida nacional	Repartição indicativa da contrapartida nacional		Financiamento Total	Taxa de Cofinanciamento (%)	Para Informação	
			Financiamento público nacional	Financiamento privado nacional			Contribuição BEI	Outros Financiamentos
Regulamentos	(a)	(b) = (c) + (d)	(c)	(d)	(e) = (a) + (b)	(f) = (a) / (e)		
Eixo 1 - Competitividade, inovação e conhecimento	250.130.622	83.376.873	13.351.871	70.025.003	333.507.495	75,00%	3.000.000	0
Eixo 2 - Valorização do espaço regional	184.327.074	32.528.307	32.528.307	0	216.855.381	85,00%	4.000.000	0
Eixo 3 - Coesão local e urbana	396.076.282	69.895.815	58.747.084	11.148.731	465.972.097	85,00%	12.000.000	0
Eixo 4 - Assistência técnica	23.400.000	3.277.980	3.277.980	0	26.677.980	87,71%	0	0
TOTAL INALENTEJO	853.933.978	189.078.975	107.905.242	81.173.734	1.043.012.953	81,87%	19.000.000	0

Nota *: pretende-se mobilizar outros instrumentos comunitários (JEREMIE, JESSICA, ...) em moldes a estudar com o BEI e a CE

Atendendo ao cumprimento das disposições regulamentares sobre o *earmarking*⁵⁷, as tabelas seguintes sintetizam a repartição indicativa da despesa pública comunitária por categorias de despesa: tema prioritário, forma de financiamento e tipo de território.

⁵⁷ vide Regulamento (CE) n.º 1083/2006 do Conselho, de 11/07, art. 37.º, n.º 1, alínea d)

Quadro 4.4.4.
Repartição indicativa da comparticipação comunitária
segundo o tema prioritário (em €)

CÓDIGO	VALOR	CÓDIGO	VALOR
1	5.180.665	44	0
2	9.053.544	45	0
3	7.932.839	46	0
4	4.692.869	47	0
5	28.061.854	48	0
6	670.753	49	280.245
7	113.396.066	50	0
8	35.031.107	51	10.674.884
9	0	52	0
10	0	53	6.147.321
11	0	54	0
12	0	55	0
13	32.902.624	56	11.484.886
14	454.991	57	0
15	463.297	58	17.543.838
16	0	59	11.017.666
17	0	60	0
18	0	61	225.856.197
19	0	62	0
20	0	63	0
21	0	64	0
22	1.443.508	65	0
23	53.808.719	66	0
24	0	67	0
25	371.439	68	0
26	0	69	0
27	0	70	0
28	0	71	0
29	13.887.026	72	0
30	0	73	0
31	0	74	0
32	0	75	118.846.513
33	0	76	39.712.007
34	0	77	4.494.168
35	200.620	78	0
36	0	79	55.601.882
37	0	80	0
38	0	81	13.643.746
39	0	82	0
40	2.788.288	83	0
41	355.660	84	0
42	259.996	85	23.315.000
43	3.557.504	86	802.256
Despesas de earmarking		609.539.113	
Total FEDER		853.933.978	

Quadro 4.4.5.
Repartição indicativa da contribuição comunitária por categoria de despesa -
Estratégia de Lisboa (em €)

CÓDIGO	VALOR	CÓDIGO	VALOR
1	5.180.665	38	
2	9.053.544	39	
3	7.932.839	40	2.788.288
4	4.692.869	41	355.660
5	28.061.854	42	259.996
6	670.753	43	3.557.504
7	113.396.066	44	
8	35.031.107	45	
9		46	
10		52	
11		53	6.147.321
12		61	225.856.197
13	32.902.624	62	
14	454.991	63	
15	463.297	64	
16		65	
17		66	
20		67	
21		68	
26		69	
27		70	
28		71	
29	13.887.026	72	
30		73	
32		74	
34		75	118.846.513
36			
TOTAL			609.539.113
% PO			71,38%

Quadro 4.4.6.
Repartição indicativa da contribuição comunitária segundo a forma de
financiamento (em €)

CÓDIGO	VALOR
1	735.195.349
2	102.538.629
3	0
4	16.200.000
TOTAL	853.933.978

Quadro 4.4.7.
Repartição indicativa da contribuição comunitária segundo o tipo de território
(em €)

CÓDIGO	VALOR
1	417.953.479
2	0
3	0
4	257.528.831
5	111.515.083
6	0
7	0
8	0
9	0
10	0
0	66.936.585
TOTAL	853.933.978

4.5. Grandes projetos

Nos termos dos regulamentos comunitários⁵⁸, não estão previstos, na presente data, quaisquer “grandes projetos” no âmbito do Programa Operacional. Por este motivo, não é apresentada a lista indicativa dos “grandes projetos”. Este facto não exclui a possibilidade de, durante o período de programação, se admitir o apoio a candidaturas de “grandes projetos”, desde que estes satisfaçam integralmente os termos regulamentares⁵⁹ e as condições de acesso e seleção do próprio Programa.

4.6. Disposições de implementação

O quadro institucional de aplicação do Programa Operacional Regional da região Alentejo obedece às disposições relevantes do Regulamento (CE) n.º 1083/2006 do Conselho de 11 de julho e do Regulamento (CE) n.º 1080/2006 do Parlamento Europeu e do Conselho de 5 de julho, bem como às orientações nacionais que na matéria foram estabelecidas pelo Quadro de Referência Estratégico Nacional, sem prejuízo de demais legislação comunitária e nacional sobre esta matéria, ou outros eventuais documentos complementares de implementação do Programa.

⁵⁸ Regulamento (CE) n.º 1083/2006, de 11/07, art. 39.º e Regulamento (CE) n.º 1080/2006, de 31/07, art. 12.º, nº 9

⁵⁹ Regulamento (CE) n.º 1083/2006, de 11/07, art. 39.º, 40.º e 41.º

4.6.1. Arquitetura geral

A arquitetura do modelo de governação do QREN e dos Programas Operacionais 2007-2013, definida pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 25/2006, de 10 de março, e desenvolvida no QREN, estabelece que a governação dos Programas Operacionais Regionais do Continente compreende quatro tipos de Órgãos:

de direção política do conjunto dos PO Regionais do Continente que corresponde a uma Comissão Ministerial de Coordenação dos PO Regionais do Continente;

de aconselhamento estratégico de cada PO Regional do Continente que corresponde a uma Comissão de Aconselhamento Estratégico da Região,

de gestão de cada PO Regional do Continente é a Autoridade de Gestão, que assegurará o exercício de competências definidas pelos regulamentos comunitários para as Autoridades de Gestão; a Autoridade de Gestão receberá orientação política do órgão de direção política do PO e prestará as informações relevantes e pertinentes sobre a execução do PO, designadamente no que respeita a realizações, resultados e impactos, aos órgãos técnicos de coordenação e monitorização estratégica, operacional e financeira do QREN (Observatório do QREN e Instituto Financeiro para o Desenvolvimento Regional, respetivamente), de auditoria e de controlo (Inspeção-Geral de Finanças) e de certificação (Instituto Financeiro para o Desenvolvimento Regional) e à Comissão de Aconselhamento Estratégico do respetivo PO;

de acompanhamento de cada PO Regional do Continente que corresponde à Comissão de Acompanhamento do PO, responsável pelo exercício das competências definidas nos regulamentos comunitários para as comissões de acompanhamento e que desempenha a missão essencial de assegurar a participação dos municípios, dos parceiros económicos e sociais e das entidades institucionais.

Por sua vez, observando o Regulamento (CE) n.º 1083/2006 de 11 de julho, que estabelece disposições gerais sobre os Fundos e determina que sejam designadas para cada Programa Operacional três autoridades, para além dos organismos competentes para receber os pagamentos efetuados pela Comissão e o organismo ou os organismos responsáveis pelos pagamentos aos beneficiários, foi ainda estabelecido no modelo de governação global que cada Programa Operacional terá:

Uma Autoridade de Gestão, que assume a responsabilidade pelo exercício de competências de gestão, definidas pelos regulamentos comunitários e pela legislação nacional, para a globalidade do Programa;

Uma Autoridade de Certificação, responsável pela certificação das declarações de despesas e dos pedidos de pagamento antes dos mesmos serem enviados à Comissão Europeia, competente para receber os pagamentos efetuados pela Comissão; estas funções encontram-se atribuídas, de forma segregada, ao Instituto Financeiro para o Desenvolvimento Regional (IFDR) para o FEDER e Fundo de Coesão e ao Instituto de Gestão do Fundo Social Europeu (IGFSE) para o FSE, que assumem esta responsabilidade para todos os Programas Operacionais, tendo estes mesmos organismos ainda por função assegurar os fluxos financeiros com Comissão Europeia;

Uma Autoridade de Auditoria, que atesta a conformidade dos sistemas de gestão e de controlo de todos os Programas Operacionais, sendo ainda responsável pela emissão

de opinião sobre os sistemas de gestão e controlo previstas na regulamentação comunitária; estas funções serão assumidas pela Inspeção-Geral de Finanças (IGF), designada como Autoridade de Auditoria única do QREN para todos os Programas Operacionais.

4.6.2. Direção política do Programa Operacional

O Órgão de Direção Política é a Comissão Ministerial de Coordenação do conjunto dos PO Regionais do Continente, constituída pelo Ministro do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional, que coordena, Ministro da Economia e da Inovação, Ministro das Obras Públicas, dos Transportes e das Comunicações, Ministro da Saúde, Ministra da Educação e Ministra da Cultura e membro do Governo com a tutela da Administração Local.

Serão chamados a participar nas reuniões da Comissão Ministerial de Coordenação outros Ministros relevantes em razão das matérias.

A Comissão Ministerial de Coordenação dos PO Regionais do Continente tem por funções, nomeadamente:

- a) A coordenação política global da execução dos PO respetivos;
- b) A promoção da participação económica, social e institucional no acompanhamento dos PO respetivos;
- c) A aprovação dos regulamentos específicos dos PO respetivos;
- d) O estabelecimento de orientações políticas específicas sobre a gestão dos PO respetivos;
- e) A definição das tipologias de investimento e de ações que, pela sua dimensão financeira ou pela especial relevância dos seus objetivos, resultados ou efeitos, são objeto de confirmação da decisão de financiamento pela Comissão Ministerial de Coordenação;
- f) A definição, sob proposta do Gestor, das tipologias de investimento e de ações cujas candidaturas a financiamento pelo PO são objeto de apreciação de mérito com recurso a entidades externas;
- g) A aprovação dos contratos celebrados entre as Autoridades de Gestão e organismos intermédios relativos à execução do PO respetivo;
- h) A apreciação das propostas dos relatórios anuais e do relatório final de execução do PO respetivo;
- i) A apreciação e aprovação da proposta de plano de avaliação do PO respetivo;
- j) A apreciação dos relatórios finais de avaliação operacional do PO respetivo;
- l) A apreciação das propostas de revisão e de reprogramação do PO respetivo e do QREN, sem prejuízo da competência, atribuída nesta matéria, à Comissão de Acompanhamento de cada PO;

- m) Apreciação e aprovação das especificações técnicas, bem como dos termos de referência, dos estudos de avaliação de âmbito estratégico de respetivo PO.

A Comissão Ministerial de Coordenação dos PO Regionais do Continente é especialmente responsável pelo exercício das competências referidas para o conjunto e para cada um dos PO Regionais do Continente, bem como pela promoção da coerência e sinergias entre as operações financiadas pelos PO Regionais do Continente e as apoiadas pelo FEADER e FEP.

4.6.3. Aconselhamento estratégico do Programa Operacional

A Comissão de Aconselhamento Estratégico do PO é composta pelos membros do Governo com a tutela do desenvolvimento regional, que preside, e da administração local, pelo Presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional (adiante designada CCDR), por um representante das instituições do Ensino Superior, por um representante das Associações Empresariais, por um representante das Associações Sindicais e por um representante de cada uma das Associações de Municípios organizadas territorialmente de acordo com as unidades de nível III da NUTS, exceto quando necessário para perfazer o número mínimo de três.

Os representantes das instituições do Ensino Superior, das Associações Empresariais e das Associações Sindicais, acima referidos, deverão assegurar representatividade regional na área de elegibilidade do PO.

A Comissão de Aconselhamento Estratégico do PO é especialmente responsável pelo exercício das seguintes competências:

- a) Promover a concertação regional no âmbito do desenvolvimento económico, social e territorial em cada região;
- b) Emitir pareceres sobre a execução regional dos PO Temáticos;
- c) Acompanhar a execução do PO Regional, emitir pareceres sobre a adequação das operações apoiadas ao pleno aproveitamento das potencialidades de desenvolvimento da região e emitir recomendações sobre as orientações de gestão da Autoridade de Gestão;
- d) Apreciar proposta da Comissão Diretiva relativa à definição das tipologias de investimento cujas candidaturas a apoio financeiro pelo PO são objeto de apreciação de mérito com intervenção de peritos, antes da correspondente deliberação pela Comissão Ministerial de Coordenação;
- e) Tomar conhecimento dos contratos de delegação de competências das Autoridades de Gestão e pronunciar-se sobre a respetiva execução;
- f) Apreciar e emitir parecer sobre os programas de desenvolvimento territorial que fundamentam e enquadram os contratos de delegação de competências das Autoridades de Gestão em Associações de Municípios organizadas por NUTS III.

As competências das Comissões de Aconselhamento Estratégico são exercidas com o apoio técnico dos Centros de Observação das Dinâmicas Regionais.

Centro de Observação das Dinâmicas Regionais

A complexidade e a diversidade dos desafios que se colocam aos processos de desenvolvimento da Região determinam o desempenho de atividades técnicas, especialmente vocacionadas para a análise e produção de informação relevante para o apoio à decisão.

Assim, numa perspetiva de coordenação mais global será criado o Centro de Observação das Dinâmicas Regionais. O PO enquanto instrumento privilegiado de financiamento de políticas públicas a nível regional, articular-se-á com as atividades fomentadas pelo Centro.

As funções atribuídas ao Centro de Observação das Dinâmicas Regionais incluirão designadamente:

- a) Acompanhamento da execução e dos efeitos regionais das políticas públicas e dos respetivos instrumentos de execução no âmbito do desenvolvimento económico, social e territorial em cada região, em especial das operações que são objeto de financiamento pelos PO e pelos instrumentos de programação do FEADER e do FEP;
- b) Desenvolvimento de iniciativas de análise e de reflexão estratégica sobre o desenvolvimento económico, social e territorial de cada região.

Enquadrado no âmbito da monitorização estratégica do QREN e funcionalmente articulado com o Observatório do QREN, o Centro de Observação das Dinâmicas Regionais será instituído pela Comissão Ministerial de Coordenação dos PO Regionais do Continente, sendo a sua atividade - que necessariamente apoia a Comissão de Acompanhamento Estratégico do PO - dinamizada pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional.

A CCDR assegura a articulação das atividades realizadas pelo Centro de Observação das Dinâmicas Regionais com o Observatório do Ordenamento do Território e do Urbanismo.

4.6.4. Gestão do Programa Operacional

A Autoridade de Gestão do PO, que assegura o exercício de competências de gestão profissional para o Programa Operacional, sendo responsável pelas responsabilidades estabelecidas pelo Artigo 60.º do Regulamento (CE) n.º 1083/2006, é uma Estrutura de Missão, nos termos da Lei n.º 4/2004, de 15 de janeiro, republicada pelo Decreto-Lei n.º 105/2007, de 3 de abril, composta por uma Comissão Diretiva e por um Secretariado Técnico.

A Comissão Diretiva, nomeada pelo Governo, é constituída pelo presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional (CCDR), que preside na qualidade de Gestor, por dois vogais designados pela Comissão Ministerial de Coordenação do PO e por dois vogais indicados pela Associação Nacional de Municípios Portugueses.

Dois dos vogais da Comissão Diretiva do PO desempenham funções executivas, cuja designação é efetuada pela Comissão Ministerial de Coordenação do PO; um destes

vogais é designado pela Comissão Ministerial de Coordenação do PO de acordo com a indicação da Associação Nacional de Municípios Portugueses.

Os vogais executivos da Comissão Diretiva não desempenham responsabilidades políticas nem mantêm relações profissionais no âmbito dos beneficiários do PO.

O Secretariado Técnico assegura o apoio técnico, administrativo e logístico à Comissão Diretiva.

A nomeação dos membros da Comissão Diretiva e a estrutura orgânica do Secretariado Técnico são estabelecidas por Resolução do Conselho de Ministros.

A Autoridade de Gestão, designada nos termos da alínea a) do número 1 do Artigo 60.º do Regulamento (CE) n.º 1083/2006 é representada pelo Gestor, com o seguinte endereço postal:

Gestor do PO Alentejo: António Costa Dieb

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo

Av. Eng. Arantes e Oliveira, nº 193 - 7004-514 Évora

Sendo da responsabilidade da Autoridade de Gestão do PO assegurar a gestão e a qualidade da execução do Programa Operacional de acordo com os princípios de boa gestão financeira, compete-lhe nomeadamente:

- a) Propor, no âmbito de cada tipologia de investimentos suscetível de financiamento pelo PO, regulamentos e aprovar orientações técnicas, administrativas e financeiras relativas às candidaturas a financiamento pelo PO, ao processo de apreciação das candidaturas e ao acompanhamento da execução das operações financiadas;
- b) Aprovar ou propor a aprovação pela Comissão Ministerial de Coordenação do PO das candidaturas a financiamento pelo PO que, reunindo condições de aceitabilidade, tenham mérito adequado a receberem apoio financeiro, bem como confirmar as decisões de aprovação dos organismos intermédios;
- c) Propor as tipologias de investimento cujas candidaturas a financiamento pelo PO são objeto de apreciação de mérito com recurso a entidades externas;
- d) Elaborar e, após apreciação pela Comissão Ministerial de Coordenação do PO e aprovação pela Comissão de Acompanhamento do PO, apresentar à Comissão Europeia os relatórios anuais e final de execução do PO;
- e) Fornecer ao Instituto Financeiro para o Desenvolvimento Regional as informações que lhe permitam, em nome do Estado-Membro, apreciar e transmitir à Comissão Europeia, nos termos regulamentares comunitários, as propostas relativas a grandes projetos; esta função do IFDR será desempenhada por um serviço funcionalmente independente dos serviços de auditoria e de certificação;
- f) Assegurar a criação e o funcionamento de um sistema de controlo interno que previna e detete as situações de irregularidade e permita a adoção das medidas corretivas oportunas e adequadas;

- g) Apreciar a aceitabilidade e o mérito das candidaturas a financiamento pelo PO, assegurando designadamente que as operações são selecionadas em conformidade com os critérios aplicáveis ao PO;
- h) Assegurar-se de que são cumpridas as condições necessárias de cobertura orçamental das operações;
- i) Assegurar a organização dos processos de candidaturas de operações ao financiamento pelo PO;
- j) Garantir o cumprimento dos normativos aplicáveis, designadamente nos domínios da concorrência, da contratação pública, do ambiente e da igualdade de oportunidades;
- k) Assegurar a conformidade dos contratos de financiamento e dos termos de aceitação das operações apoiadas com a decisão de concessão do financiamento e o respeito pelos normativos aplicáveis;
- l) Verificar que foram fornecidos os produtos e os serviços financiados;
- m) Verificar a elegibilidade das despesas;
- n) Assegurar que as despesas declaradas pelos beneficiários para as operações foram efetuadas no cumprimento das regras comunitárias e nacionais, podendo promover a realização de verificações de operações por amostragem, de acordo com as regras comunitárias e nacionais de execução;
- o) Assegurar que os beneficiários e outros organismos abrangidos pela execução das operações mantêm um sistema contabilístico separado ou um código contabilístico adequado para todas as transações relacionadas com a operação, sem prejuízo das normas contabilísticas nacionais;
- p) Assegurar a criação e o funcionamento de um sistema informatizado de recolha e tratamento dos registos contabilísticos de cada operação financiada pelo PO, bem como uma recolha dos dados sobre a execução necessários para a gestão financeira, o acompanhamento, as verificações, as auditorias e a avaliação, bem como para a monitorização estratégica, operacional e financeira do QREN;
- q) Criar e garantir o funcionamento de um sistema adequado e fiável de validação das despesas, e assegurar que a Autoridade de Certificação recebe todas as informações necessárias sobre os procedimentos e verificações levados a cabo em relação às despesas com vista à certificação;
- r) Assegurar o exercício das atividades necessárias no âmbito das candidaturas e execução dos projetos apoiados por programas de iniciativa comunitária ou por linhas orçamentais específicas do orçamento comunitário, designadamente nas situações em que se verifiquem complementaridades entre os referidos projetos e os que são financiados pelo respetivo PO;
- s) Elaborar e assegurar a execução do plano de comunicação do PO e garantir o cumprimento dos requisitos em matéria de informação e publicidade estabelecidos nos normativos comunitários e nacionais;

- t) Participar na elaboração do plano global de avaliação do QREN e dos PO e elaborar o plano de avaliação do PO;
- u) Assegurar que as avaliações operacionais do PO são realizadas em conformidade com as disposições comunitárias e com as orientações nacionais aplicáveis;
- v) Submeter à apreciação da Comissão Técnica de Coordenação do QREN propostas de revisão e de reprogramação do PO, eventualmente envolvendo reprogramações noutros PO;
- w) Assegurar a recolha e o tratamento de dados físicos, financeiros e estatísticos sobre a execução para a elaboração dos indicadores de acompanhamento e para os estudos de avaliação estratégica e operacional;
- x) Elaborar a descrição do sistema de gestão e controlo interno do PO;
- y) Celebrar contratos de financiamento relativos às operações aprovadas e acompanhar a realização dos investimentos;
- z) Transmitir os relatórios de execução do PO, após aprovação, à Assembleia da República e ao Conselho Económico e Social;

A Comissão Diretiva pode delegar competências no Gestor ou nos seus vogais executivos.

O apoio técnico de entidades externas à Autoridade de Gestão na apreciação de mérito de candidaturas tem natureza consultiva.

A organização e o funcionamento da Autoridade de Gestão do PO asseguram a prevenção de eventuais conflitos de interesse, tendo especialmente em conta as disposições constantes dos artigos 24.º e 44.º do Código de Procedimento Administrativo (Decreto-Lei n.º 442/91, de 15 de novembro e alterado pelo Decreto-Lei n.º 6/96, de 31 de janeiro).

Os beneficiários do PO não participarão nas correspondentes decisões de financiamento, salvaguardada a especificidade da Assistência Técnica.

4.6.4.1. Gestão de sistemas de incentivos

Critério geral de distribuição: os projetos promovidos por micro e pequenas empresas e candidatos a qualquer um dos Sistemas de Incentivos serão cofinanciados pelos PO Regionais; complementarmente, o PO Fatores de Competitividade cofinanciará os projetos das médias e das grandes empresas.

Todas as candidaturas serão sujeitas às seguintes regras comuns de processamento:

- a) As propostas de candidatura a financiamento pelos PO referidos são apresentadas pelos respetivos beneficiários ao portal de sistemas de incentivos ao investimento produtivo do QREN, através de formulários eletrónicos;
- b) O desenvolvimento e a manutenção do portal de sistemas de incentivos ao

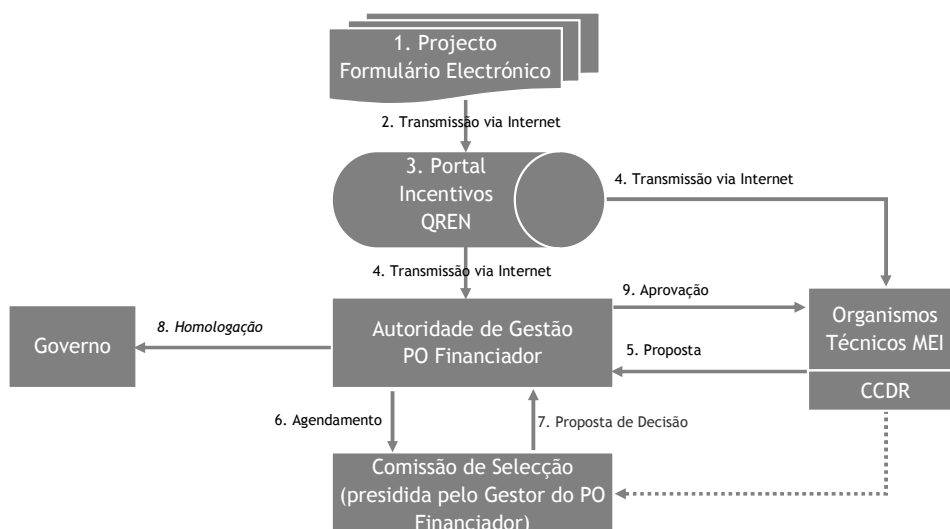
investimento produtivo do QREN são da responsabilidade da Autoridade de Gestão do PO Fatores de Competitividade;

- c) As propostas de candidatura a financiamento pelos PO referidos são distribuídas de forma automática e por via eletrónica às Autoridades de Gestão do PO pertinente, bem como às entidades públicas de âmbito nacional e regional responsáveis pela verificação ou confirmação das condições de aceitabilidade;
- d) As Autoridades de Gestão dos PO asseguram a apreciação do mérito das propostas de candidatura;
- e) As Autoridades de Gestão dos PO apresentam à Comissão de Seleção dos Sistemas de Incentivos ao Investimento Produtivo do QREN, através dos respetivos Gestores, as propostas de candidatura que reúnam condições de aceitabilidade, em conjunto com os correspondentes pareceres de apreciação de mérito;
- f) A Comissão de Seleção, em sessão presidida pelo Gestor do PO potencialmente financiador, aprecia as propostas apresentadas e aprova uma proposta de decisão de financiamento;
- g) A Autoridade de Gestão do PO financiador aprova ou propõe a aprovação, pela Comissão Ministerial de Coordenação respetiva, a decisão de financiamento da proposta de candidatura, tendo em conta a proposta de decisão de financiamento referida na alínea anterior;
- h) A decisão de financiamento a que se refere a alínea anterior é transmitida às entidades públicas competentes, para efeitos de celebração do contrato de financiamento com o beneficiário.

As despesas respeitantes à criação e manutenção do sistema de informação, bem como as despesas respeitantes aos meios de comunicação que venham a ser utilizadas pela Comissão de Seleção são suportadas pelo PO Assistência Técnica FEDER.

Esquema 4.7.4.1.1.

Síntese do modelo de gestão de sistemas de incentivos



4.6.4.2. Delegação de competências de gestão

Tendo em conta o disposto no número 2 do Artigo 59.º do Regulamento (CE) n.º 1083/2006 e em consonância com as disposições dos artigos 42.º e 43.º do mesmo Regulamento, poderá ser delegado em organismos intermédios o exercício de funções da Autoridade de Gestão.

A referida delegação, resultante de acordo formal entre a Autoridade de Gestão e o organismo intermédio, terá de observar designadamente o seguinte:

- a) Todas as formas de delegação de funções em organismos intermédios serão objeto de um contrato escrito entre as partes, especificando as responsabilidades dos contratantes;
- b) Qualquer forma de delegação de funções em organismos intermédios implicará o prévio estabelecimento da tipologia das operações cuja execução é objeto de delegação, da estratégia de desenvolvimento inerente e que justifica essa modalidade de gestão, dos objetivos quantificados a alcançar e a especificação das consequências de eventuais incumprimentos e, bem assim, das responsabilidades formalmente assumidas pelas entidades contraentes no cumprimento das normas e disposições nacionais e comunitárias aplicáveis;
- c) O conteúdo de cada delegação de funções em organismos intermédios respeitará a operações incluídas num único Programa Operacional e a prestação de informações sobre o exercício das funções delegadas, designadamente os Relatórios de Execução das entidades intermédias, será estruturada de acordo com os correspondentes Eixos Prioritários;
- d) As competências das Autoridades de Gestão que sejam objeto de delegação em organismos intermédios através de subvenções globais não são suscetíveis de subdelegação;
- e) Não são suscetíveis de delegação em organismos intermédios, nem de integração em subvenções globais, as competências relativas a

certificação, auditoria e controlo, sem prejuízo da prestação de serviços de auditoria e controlo por entidades públicas ou privadas, incluindo auditores externos;

- f) O exercício de funções que sejam delegadas em organismos intermédios respeita os regulamentos, as orientações técnicas, administrativas e financeiras e as disposições sobre apreciação de mérito aplicáveis ao PO;
- g) A delegação de funções em organismos intermédios não prejudica a responsabilidade financeira das Autoridades de Gestão e do Estado.

Atendendo ao significado particular da contratualização de âmbito sub-regional, importa ainda explicitar, relativamente aos PO Regionais do Continente, a seguinte orientação:

- a) A execução descentralizada ou em parceria de ações integradas pode ser delegada nas associações de municípios relevantes, baseadas por NUTS III, devendo os correspondentes contratos de execução prever mecanismos que impeçam a atomização de projetos de investimento e garantam com eficácia o interesse supra municipal de tais ações durante toda a sua realização;
- b) Constitui condição indispensável para a referida delegação, que naturalmente visa promover a desconcentração de atividades de gestão e estimular a consolidação de entidades de nível sub-regional estáveis e homogéneas, baseada nas NUTS III, a apresentação, e subsequente aceitação formal pela Autoridade de Gestão competente, enquanto entidade contratante, de uma proposta de programa de desenvolvimento que contemple intervenções supramunicipais, articuladas entre si;
- c) A proposta de programa de desenvolvimento deverá incluir uma justificação estratégica sólida e a identificação das tipologias de projetos de investimento coerentes entre si (ações integradas) que concorram inequivocamente para a concretização da estratégia do referido plano;
- d) A Comissão de Aconselhamento Estratégico do Programa Operacional deverá apreciar favoravelmente o programa de desenvolvimento como requisito para a delegação;
- e) A CCDR responsável pela execução do Plano Regional de Ordenamento do Território (PROT) onde se insere(m) as unidades sub-regionais NUTS III objeto da delegação deverá emitir parecer favorável sobre a coerência entre o programa de desenvolvimento e respetivos projetos de investimento e o PROT (ou orientações do PNPOT pertinentes para a região em causa até à sua aprovação), como requisito para a delegação;
- f) A delegação pressupõe a aprovação prévia do programa de desenvolvimento por parte da Autoridade de Gestão do PO Regional em causa e não dispensa - sem prejuízo da delegação de poderes de aprovação de financiamento por parte dos órgãos de gestão contratantes que vierem a ser fixados nos correspondentes contratos - a aprovação final, por essa mesma Autoridade de Gestão, dos projetos de investimento que o integrem; a aprovação dos projetos de investimento por parte da

Autoridade de Gestão apenas poderá ocorrer desde que os mesmos consubstanciem candidaturas com os requisitos formais que vierem a ser definidos nos regulamentos;

Deverá assinalar-se que a disciplina e as orientações estabelecidas em matéria de delegação não inviabilizam naturalmente a apresentação de candidaturas de iniciativa municipal ou supra municipal a apoio financeiro pelos Programas Operacionais Regionais do Continente independentes de formas de contratualização, nem a sua limitação a qualquer tipo de base territorial.

4.6.4.3. Sistema de informação

O sistema de gestão do PO integra o Sistema de Informação, que compreende todas as atividades que permitam recolher, validar, tratar, transmitir e utilizar informação ao longo do ciclo de vida das operações, visando apoiar a gestão, o acompanhamento e a avaliação do PO e promover a sua divulgação.

Neste contexto, o Sistema de Informação compreende dois níveis de acesso: o de suporte às atividades de gestão, acompanhamento, avaliação e controlo e o de informação para divulgação, acessível a todos os potenciais interessados, com o objetivo de assegurar a maior universalização do público-alvo usando, designadamente, a Internet.

O acesso à informação terá em conta diferentes níveis de perfis de utilização, privilegiando-se a utilização de tecnologias de informação intuitivas e amigáveis.

4.6.5. Auditoria do Programa Operacional

As responsabilidades de auditoria serão exercidas da forma que de seguida se explicita.

A Autoridade de Auditoria, no quadro do disposto do artigo 62.º do Regulamento (CE) n.º1083/2006, será exercida pela IGF, a qual é especialmente responsável pelo exercício das seguintes competências:

- a) Assegurar que são realizadas auditorias a fim de verificar o funcionamento do sistema de gestão e de controlo do programa operacional;
- b) Assegurar que são efetuadas auditorias e controlos sobre operações com base em amostragens adequadas que permitam verificar as despesas declaradas, nos termos definidos no âmbito do sistema de auditoria e controlo do QREN;
- c) Apresentar à Comissão Europeia, num prazo de nove meses após a aprovação do Programa, uma estratégia de auditoria que inclua os organismos que irão realizar as auditorias referidas nos dois pontos anteriores, o método a utilizar, o método de amostragem para as auditorias das operações e a planificação indicativa das auditorias a fim de garantir que os principais organismos são controlados e que as auditorias são repartidas uniformemente ao longo de todo o período de programação;

d) Até 31 de dezembro de cada ano durante o período de 2008 a 2015:

- Apresentar à Comissão Europeia um Relatório Anual de Controlo que indique os resultados das auditorias levadas a cabo durante o anterior período de 12 meses que terminou em 30 de junho do ano em causa, em conformidade com a estratégia de auditoria do Programa, e prestar informações sobre eventuais problemas encontrados nos Sistemas de Gestão e Controlo do Programa. O primeiro Relatório, a ser apresentado até 31 de dezembro de 2008, deve abranger o período de 1 de janeiro de 2007 a 30 de junho de 2008. As informações relativas às auditorias realizadas após 1 de julho de 2015 devem ser incluídas no Relatório de Controlo final que acompanha a declaração de encerramento;

- Emitir um parecer, com base nos controlos e auditorias efetuados sob a sua responsabilidade, sobre se o sistema de gestão e controlo funciona de forma eficaz, de modo a dar garantias razoáveis de que as declarações de despesas apresentadas à Comissão Europeia são corretas e, conseqüentemente, dar garantias razoáveis de que as transações subjacentes respeitam a legalidade e a regularidade;

- Apresentar, se necessário nos termos do artigo 88.º, uma declaração de encerramento parcial que avalie a legalidade e a regularidade das despesas em causa;

e) Apresentar à Comissão Europeia, até 31 de março de 2017, uma declaração de encerramento que avalie a validade do pedido de pagamento do saldo final e a legalidade e regularidade das transações subjacentes abrangidas pela declaração final de despesas, acompanhada de um relatório de controlo final.

A Estrutura de Auditoria Segregada do IFDR, IP (FEDER e FC), executará diretamente ou através de contratação com entidades externas, tomando em consideração as competências da Autoridade de Auditoria, as auditorias em operações, designadamente no que respeita a:

a) Elaboração da proposta de planos anuais de auditoria a operações, incluindo a elaboração das respetivas amostras, a apresentar à Autoridade de Auditoria;

b) Realização de auditorias a operações, com meios próprios ou com recurso a auditores externos;

c) Realização de ações de controlo cruzado junto de outras entidades envolvidas, a fim de ter acesso às informações consideradas necessárias ao esclarecimento dos factos objeto da auditoria.

Esta estrutura segregada é independente de todas as restantes unidades do respetivo organismo e opera segundo linhas de reporte próprias.

A Comissão Técnica de Auditoria, composta pela IGF, que coordena, e pelas Estruturas de Auditoria Segregadas do IFDR, IP e do IGFSE, IP que, sem prejuízo das competências específicas da Autoridade de Auditoria, tem por objetivo:

a) Propor à Autoridade de Auditoria o processo de planeamento anual das auditorias em operações, em conformidade com a estratégia de auditoria;

- b) Identificar os requisitos do sistema de informação para as auditorias em operações, que permita a monitorização pela Comissão Técnica de Auditoria de toda a respetiva atividade;
- c) Elaborar a proposta de orientações sistematizadoras para as entidades que exercem responsabilidades de auditoria, a apresentar à Autoridade de Auditoria;
- d) Promover a realização periódica de encontros de informação com as Autoridades de Gestão.

O exercício das responsabilidades de auditoria tem ainda em conta:

Legislação nacional e comunitária aplicável;

Manuais de auditoria;

Manuais de procedimentos das Autoridades de Certificação e das Autoridades de Gestão.

4.6.6. Certificação das despesas do Programa Operacional

A Autoridade de Certificação na aceção do artigo 61.º do Regulamento (CE) n.º 1083/2006 será exercida pelo Instituto Financeiro para o Desenvolvimento Regional (IFDR, IP) no que respeita ao FEDER e FC, designadamente responsável por:

- a) Elaborar e apresentar à Comissão Europeia declarações de despesas certificadas e pedidos de pagamento, com base em informações disponibilizadas pela Autoridade de Gestão;
- b) Certificar que:
 - A declaração de despesas é exata, resulta de sistemas de contabilidade fiáveis e se baseia em documentos justificativos verificáveis,
 - As despesas declaradas estão em conformidade com as regras comunitárias e nacionais aplicáveis e foram incorridas em relação a operações selecionadas para financiamento, em conformidade com os critérios aplicáveis ao Programa e com as regras nacionais e comunitárias;
- c) Assegurar, para efeitos de certificação, que recebeu informações adequadas da Autoridade de Gestão sobre os procedimentos e verificações levados a cabo em relação às despesas constantes das declarações de despesas;
- d) Ter em conta, para efeitos de certificação, os resultados de todas as auditorias efetuadas pela Autoridade de Auditoria ou pela estrutura de auditoria segregada do IFDR, IP;
- e) Assegurar os fluxos financeiros com a Comissão Europeia;
- f) Desenvolver os procedimentos necessários para garantir a compatibilização entre os sistemas de informação das Autoridades de Gestão e os sistemas de informação das Autoridades de Certificação;

- g) Manter registos contabilísticos informatizados e atualizados das despesas declaradas à Comissão Europeia;
- h) Manter o registo dos montantes a recuperar e dos montantes retirados na sequência da anulação, na totalidade ou em parte, da participação numa operação, tendo em conta que os montantes recuperados devem ser restituídos ao Orçamento Geral da União Europeia antes do encerramento dos PO, mediante dedução à declaração de despesas seguinte;
- i) Emitir normas e orientações técnicas que apoiem o adequado exercício das funções da Autoridade de Gestão e que favoreçam o bom exercício das funções atribuídas à Autoridade de Certificação.

O IFDR, IP assegura o estabelecimento e o funcionamento eficaz de sistemas de informação no âmbito das suas atribuições específicas e o tratamento de dados físicos e financeiros sobre a execução do QREN, cuja coerência e articulação funcional é assegurada pela Comissão Técnica de Coordenação do QREN.

As funções da Autoridade de Certificação não são delegáveis.

4.6.7. Acompanhamento do Programa Operacional

O acompanhamento do Programa Operacional será efetuado pela Comissão de Acompanhamento do Programa, que será criada no prazo de três meses a contar da data de notificação da decisão que aprova o PO.

A Comissão de Acompanhamento é presidida pelo Gestor do PO, e composta ainda pelos seguintes membros:

- a) Um representante de cada membro da Comissão Ministerial de Coordenação do PO;
- b) Os restantes membros da Comissão Diretiva;
- c) Um representante de cada organismo intermédio com o qual a Autoridade de Gestão tenha estabelecido um contrato de delegação de competências;
- d) Um representante da Autoridade de Certificação do FEDER;
- e) Um representante da ANMP;
- f) Um representante da ANAFRE;
- g) Quatro representantes dos parceiros económicos e sociais, com representatividade regional, nomeados pelo CES, incluindo um representante de Organizações não Governamentais da área do Ambiente;
- h) Um representante da área da igualdade de género, com representatividade regional;
- i) Os membros da Comissão de Aconselhamento Estratégico;
- j) Representantes, em número não superior a três, de entidades

institucionais pertinentes em razão da transversalidade, com representatividade regional;

- k) Os responsáveis pela gestão dos instrumentos de programação do FEADER e do FEP;
- l) O Presidente do Conselho da Região;
- m) Um representante da Associação Nacional das Agências de Desenvolvimento Regional.

A Comissão de Acompanhamento integra, a título consultivo, um representante da CCDR responsável pelo Plano Regional de Ordenamento do Território, sempre que a área de intervenção do mesmo coincida apenas parcialmente com área de elegibilidade do PO.

A Comissão de Acompanhamento integra representantes da Comissão Europeia a título consultivo.

A Comissão de Acompanhamento pode integrar representantes do Banco Europeu de Investimento e do Fundo Europeu de Investimento, a título consultivo, sempre que o PO beneficie de participação financeira dessas instituições.

O Observatório do QREN, o Coordenador Nacional da Estratégia de Lisboa e do Plano Tecnológico, a Autoridade de Auditoria, o Departamento de Prospeção e Planeamento, a Autoridade de Certificação do FSE, as Autoridades de Gestão dos PO Temáticos e dos outros PO Regionais podem participar nas reuniões da Comissão de Acompanhamento, na qualidade de observadores.

Os membros observadores devem ser informados das respetivas agendas em simultâneo com os restantes membros.

A Comissão de Acompanhamento desempenha as suas atribuições em conformidade com o Artigo 65.º do Regulamento (CE) n.º 1083/2006, competindo-lhe designadamente:

- a) Analisar e aprovar os critérios de seleção das operações financiáveis e aprovar revisões ou alterações desses critérios;
- b) Examinar periodicamente os progressos realizados na prossecução dos objetivos do PO designadamente no que respeita à realização dos objetivos específicos fixados para cada um dos eixos prioritários;
- c) Analisar e aprovar os relatórios anuais de execução e o relatório final de execução do PO;
- d) Analisar os resultados das avaliações estratégicas e operacionais relevantes para o PO e apresentar à Autoridade de Gestão propostas de realização de avaliações, designadamente quando os desvios entre os progressos verificados e os objetivos fixados em cada eixo prioritário forem considerados quantitativa ou qualitativamente significativos;
- e) Receber informação e analisar as conclusões do relatório de controlo anual, ou da parte do relatório que se refere ao PO, bem como sobre eventuais

observações pertinentes expressas pela Comissão Europeia após a respetiva análise;

- f) Apresentar à Autoridade de Gestão propostas de revisão ou proceder a análises do PO suscetíveis de contribuir para a realização dos objetivos dos Fundos Comunitários referidos na regulamentação europeia ou de melhorar a gestão do PO, nomeadamente a sua gestão financeira;
- g) Examinar e aprovar eventuais propostas de alteração do conteúdo da decisão da Comissão Europeia relativa à participação dos Fundos Comunitários.

4.6.8. Monitorização e avaliação do Programa Operacional

A fim de promover uma gestão informada e eficiente da aplicação dos Fundos será dada particular importância à função de monitorização do PO, para a qual contribuirão de forma articulada os sistemas de indicadores de acompanhamento e desempenho e as avaliações de carácter estratégico ou operacional.

A utilização dos indicadores de acompanhamento e de desempenho - financeiros, de implementação, de realização física ou de produção de resultados - deverão proporcionar ao sistema de gestão e acompanhamento do Programa uma informação regular sobre o estado da respetiva execução.

A realização de avaliações ao longo do período de programação permitirá obter informação, numa base de relativa continuidade, sobre a concretização dos objetivos do Programa Operacional na sua relação com o contexto socioeconómico externo e do seu contributo para as prioridades estratégicas do QREN, constituindo assim um mecanismo essencial de apoio ao processo de decisão e à orientação política do PO e, em particular, para identificar eventuais necessidades de alteração a meio de percurso.

4.6.8.1. Sistema de indicadores do Programa Operacional

O sistema de indicadores do Programa Operacional compreende um conjunto alargado de indicadores destinado a fornecer, com carácter sistemático, informação sobre a evolução das operações, estando localizado, por regra, como módulo autónomo do Sistema de Informação do PO.

À Autoridade de Gestão do PO compete manter atualizadas as bases de dados necessárias à alimentação dos indicadores e bem assim observar e fazer observar as regras adequadas de recolha e processamento de dados com vista a garantir a sua disponibilidade, atualidade, fiabilidade e credibilidade.

Os indicadores de realização e de resultado definidos ao nível de cada Eixo Prioritário correspondem ao núcleo central do Sistema de Indicadores, sendo particularmente relevantes para aferir - como é determinado pelo artigo 37.º do Regulamento 1083/2006 - o desempenho do PO na concretização dos objetivos específicos dos Eixos Prioritários e os progressos alcançados em relação à situação de referência diagnosticada.

O Sistema de Indicadores do PO incluirá os indicadores comunitários comuns, incluídos na tabela seguinte. Tendo em consideração a sua função primordial de permitir recolher e sistematizar informação comparável e agregável à escala comunitária, as metodologias de cálculo destes indicadores serão objeto de documento metodológico comum a todos os PO financiados pelo FEDER ou pelo Fundo de Coesão a ser elaborado em conjunto pelo Observatório do QREN, pelo IFDR, IP e pelas Autoridades de Gestão.

Tabela 4.6.8.1.1.
Indicadores comuns CE

INDICADORES COMUNS (CE) para o FEDER e o Fundo de Coesão		Eixos relevantes
Emprego criado	1. Empregos criados (empregos diretos criados, em equivalente tempo inteiro)	Total do PO
	2. dos quais: homens	Total do PO
	3. dos quais: mulheres	Total do PO
Áreas Temáticas		
Investigação e Desenvolvimento Tecnológico	4. Nº de projetos de I&DT	eixo 1
	5. Nº de projetos de cooperação empresas-instituições de investigação	eixo 1
	6. Empregos na investigação criados	eixo 1
Ajudas diretas ao investimento nas PME	7. Nº de projetos	eixo 1
	8. dos quais: nº de start-ups apoiadas (empresas com menos de dois anos)	eixo 1
	9. Empregos criados (em equivalente tempo inteiro)	eixo 1
	10. Investimento total induzido (em milhões de euros)	eixo 1
Sociedade de Informação	11. Nº de projetos	eixos 1
	12. Acréscimo de população com acesso à banda larga	eixos 1
Transportes	13. Nº de projetos	eixo 3
	14. Nº de Km de novas estradas	eixo 3
	15. das quais: RTE	-
	16. Nº de Km de estradas reconstruídas ou remodeladas	eixo 3
	17. Nº de Km de novas ferrovias	-
	18. das quais: RTE	-
	19. Nº de Km de ferrovias reconstruídas ou qualificadas	-
	20. Valor (em euros/ano) dos ganhos nos tempo de percurso, gerado pelos projetos de construção e reconstrução de estradas (mercadorias e passageiros)	-
	21. Valor (em euros/ano) dos ganhos nos tempo de percurso, gerado pelos projetos de construção e reconstrução de ferrovias (mercadorias e passageiros)	-
	22. Acréscimo de população servida por intervenções de expansão de sistemas de transporte urbanos	eixo 3

**Tabela 4.6.8.1.1.
Indicadores comuns CE (cont.)**

INDICADORES COMUNS (CE) para o FEDER e o Fundo de Coesão		Eixos relevantes
Energias Renováveis	23. Nº de projetos	eixo 1
	24. Capacidade suplementar de produção de energia a partir de fontes renováveis (em MWh)	-
Ambiente	25. Acréscimo de população servida nos sistemas de abastecimento de água intervencionados	a)
	26. Acréscimo de população servida nos sistemas de drenagem e tratamento de águas residuais intervencionados	-
	27. Nº de projetos de Resíduos Sólidos	a)
	28. Nº de projetos visando a melhoria da qualidade do ar	eixo 2
	29. Área reabilitada (em km ²) no âmbito de intervenções de recuperação de passivos ambientais (áreas degradadas e contaminadas)	eixo 2
Alterações Climáticas	30. Redução de emissões de gases com efeito de estufa (CO ₂ equivalentes, kt)	-
Prevenção de Riscos	31. Nº de projetos	eixo 2
	32. População que beneficia de medidas de proteção contra cheias e inundações	eixo 2
	33. População que beneficia de medidas de proteção contra incêndios e outros riscos naturais e tecnológicos (exceto cheias e inundações)	eixo 2
Turismo	34. Nº de projetos	eixo 1, 2
	35. Nº de empregos criados (em equivalente tempo inteiro)	eixo 1, 2
Educação	36. Nº de projetos	eixo 3
	37. Nº de alunos que beneficiam das intervenções	eixo 3
Saúde	38. Nº de projetos	eixo 2
Reabilitação Urbana	39. Nº de projetos que asseguram a sustentabilidade e melhoram a atratividade das cidades	eixo 3
Competitividade das Cidades	40. Nº de projetos que visam estimular a atividade empresarial, o empreendedorismo e a utilização das novas tecnologias	eixo 3
Inclusão Social	41. Nº de projetos dirigidos aos jovens e às minorias, que visam promover a oferta de serviços para a igualdade de oportunidades e a inclusão social	eixo 3

Nota *: os promotores serão incentivados, quando aplicável, a identificar o contributo dos projetos para a redução dos gases com efeito de estufa, segundo metodologia a definir pelas instâncias nacionais e comunitárias.

a) As tipologias enquadradas nestes indicadores transitaram para o POVT (Reprogramação Estratégica - 2012)

Outros indicadores - referentes à execução orçamental ou à qualidade dos mecanismos de implementação, às realizações apoiadas pelo PO ou aos resultados que delas decorrem - poderão ser incluídos no Sistema de Informação, ainda que não diretamente associados à aferição do desempenho do PO e não tendo metas

previamente estabelecidas. À Autoridade de Gestão do PO compete articular as necessidades de informação desta natureza, designadamente a que decorre das funções de monitorização estratégica e operacional do QREN.

Avaliação *On Going*

O Regulamento Geral dos Fundos Estruturais e de Coesão (Regulamento n.º 1083/2006) define como objetivo geral da avaliação no âmbito da Política de Coesão o de “melhorar a qualidade, eficácia e a coerência da intervenção dos Fundos e a estratégia e execução dos programas operacionais no que respeita aos problemas estruturais específicos que afetam os Estados-Membros e as regiões em causa, tendo em conta o objetivo do desenvolvimento sustentável e a legislação comunitária pertinente em matéria de impacto ambiental e de avaliação ambiental estratégica”.

O próximo período de programação experimentará uma inovação muito significativa em matéria de conceção geral da avaliação, marcada sobretudo por uma perspetiva mais flexível do que no passado. Assim, em alternativa a um processo de avaliação no essencial definido *a priori* - consubstanciado no período 2000-2006 num exercício muito abrangente e complexo, relativamente estandardizado de avaliação intercalar de todos os Programas Operacionais - o Regulamento aponta para uma abordagem da avaliação “à medida das necessidades” do processo de decisão política e de uma gestão mais eficiente dos recursos disponíveis.

Nesse sentido, o QREN estabelece, de acordo com as disposições regulamentares aplicáveis, os princípios que devem orientar a atividade de avaliação a desenvolver, por iniciativa das autoridades nacionais, durante o período de execução das intervenções cofinanciadas pelos Fundos Estruturais.

Sublinha, em particular, que será elaborado um plano de avaliação englobando as avaliações de natureza estratégica e operacional, a realizar tanto ao nível do QREN como dos Programas Operacionais, cuja aprovação compete à Comissão Ministerial de Coordenação, sob proposta do Observatório do QREN.

Esta perspetiva integrada da avaliação *on going* implica um adequado enquadramento institucional e um exigente processo de planeamento da avaliação.

A avaliação *on going* do Programa Operacional assegura o cumprimento do disposto no n.º 3 do Artigo 48.º do Regulamento (CE) n.º1083/2006.

A Comissão de Acompanhamento apresenta à Autoridade de Gestão propostas de realizações de avaliações, nomeadamente quando os desvios entre os progressos verificados e os objetivos fixados em cada Eixo Prioritário forem considerados quantitativa ou qualitativamente significativos, é informada sobre os resultados das avaliações realizadas durante a execução do PO e examina periodicamente os progressos realizados na prossecução dos objetivos do PO, designadamente no que respeita à realização dos objetivos específicos fixados para cada um dos eixos prioritários.

Quadro institucional para o planeamento e operacionalização da avaliação

O planeamento e a operacionalização da avaliação do QREN e dos Programas Operacionais terão como suporte o seguinte quadro organizativo:

- Rede de Avaliação do QREN 2007-2013, composta pelo Observatório do QREN, que coordena, por representantes dos Centros de Racionalidade Temática e dos Centros de Observação das Dinâmicas Regionais, por representantes das Autoridades de Certificação e das Autoridades de Gestão dos Programas Operacionais;

- Unidades de Avaliação, entendidas como órgãos tecnicamente competentes para, ao nível de cada Programa Operacional, apoiar a gestão no planeamento, lançamento e acompanhamento dos exercícios de avaliação a realizar no período 2007-2013, tanto de natureza operacional como de natureza estratégica.

A Rede de Avaliação do QREN tem como funções principais contribuir para a preparação e acompanhar a execução do Plano de Avaliação do QREN e dos Programas Operacionais 2007-2013, sistematizando a informação e as propostas de exercícios de avaliação a realizar por iniciativa das diferentes entidades representadas, no sentido da sua harmonização e articulação.

A Rede de Avaliação do QREN assume uma particular responsabilidade no fomento da valorização dos exercícios de avaliação, assegurando a prossecução dos princípios da independência, da parceria e da transparência da avaliação.

O princípio da independência traduz-se na realização de exercícios de avaliação por entidades, internas ou externas à Administração Pública, mas funcionalmente independentes das Autoridades de Gestão e das entidades com responsabilidades na Monitorização Estratégica ou Operacional do QREN e dos Programas Operacionais.

O princípio da parceria traduz-se no estímulo à participação dos agentes relevantes ao longo do processo de planeamento e operacionalização das avaliações, bem como de divulgação e análise dos seus resultados.

O princípio da transparência traduz-se na divulgação dos resultados relevantes das avaliações, bem como na sua utilização como recurso para a qualificação do debate público.

Follow up das recomendações

É adotado o princípio da resposta obrigatória às recomendações da avaliação, com o objetivo de valorizar o papel da avaliação e a sua orientação para a ação.

Compete às entidades responsáveis pela realização da avaliação e a quem se destinam as recomendações (Autoridades de Gestão, Órgãos de Monitorização Estratégica ou Operacionais) pronunciar-se sobre as recomendações efetuadas, aceitando-as ou justificando a sua rejeição.

Incumbe ao Observatório do QREN, ao IFDR, IP e ao IGFSE, IP a responsabilidade pela coordenação do processo de *follow up* das recomendações das avaliações, nas matérias de natureza estratégica e nas matérias de natureza operacional do FEDER e do FSE, respetivamente.

As conclusões das avaliações e, em especial, das de carácter estratégico devem ser apresentadas e sujeitas a análise pelas entidades com responsabilidades específicas no acompanhamento dos Programas Operacionais - Comissões de Acompanhamento e Órgãos de Aconselhamento Estratégico dos Programas Operacionais Regionais do Continente.

Plano de Avaliação

O Plano de Avaliação do QREN e dos Programas Operacionais 2007-2013 é sujeito a atualização anual com vista à sua adaptação às necessidades de orientação política e/ou de gestão.

Para a elaboração da proposta de Plano a ser submetida à Comissão Ministerial de Coordenação do QREN contribuem todas as entidades representadas na Rede de Avaliação do QREN, na medida do seu âmbito de competências e atribuições.

O Plano de Avaliação do QREN e dos Programas Operacionais inclui uma lista indicativa dos exercícios de avaliação previstos e, para cada um desses exercícios, os seguintes elementos: a sua natureza (estratégica ou operacional), a sua incidência programática (QREN, Fundo, Programa Operacional ou conjunto de PO), âmbito temático ou territorial, calendário previsível, tipo de procedimento administrativo a adotar e fonte de financiamento (Assistência Técnica QREN ou do PO).

O Plano de Avaliação do QREN e dos Programas Operacionais adota o princípio da proporcionalidade, tal como explicitado no Artigo 13.º do regulamento 1083/2006.

O Plano inclui ainda uma descrição dos mecanismos de coordenação e de articulação entre os diversos níveis de avaliação, entre os exercícios de avaliação e o sistema de monitorização estratégica, financeira e operacional do QREN, dos Fundos e dos Programas Operacionais.

Sem prejuízo das propostas de outros intervenientes, compete em especial ao Observatório do QREN, em articulação com as Autoridades de Gestão dos Programas Regionais das Regiões Autónomas, com os Centros de Racionalidade Temática e com os Centros de Observação das Dinâmicas Regionais, tomar a iniciativa em matéria de avaliação de natureza estratégica de âmbito global ao QREN ou em domínios transversais a diversas intervenções operacionais.

De igual forma, incumbe especialmente ao IFDR, IP e ao IGFSE, IP, no âmbito das suas atribuições específicas de monitorização operacional e financeira do QREN, nas matérias relativas às operações cofinanciadas pelo FEDER/FC e pelo FSE, respetivamente, a iniciativa em matéria de avaliação de natureza operacional e financeira de âmbito global ou relativa a mais do que um Programa Operacional.

A iniciativa e a responsabilidade pela execução de avaliações no âmbito de cada Programa Operacional, tanto de natureza estratégica como de natureza operacional, incumbem à respetiva Autoridade de Gestão.

As Autoridades de Gestão de cada Programa Operacional incluirão nas suas propostas as recomendações específicas que vierem a ser aprovadas pelas respetivas Comissões de Acompanhamento ou pelos Órgãos de Aconselhamento Estratégico (no caso dos Programas Operacionais Regionais do Continente) e, em especial, as que decorram da identificação - designadamente, com base nos indicadores de desempenho - de desvios relevantes entre os progressos verificados e os objetivos fixados ao nível de cada eixo prioritário.

A primeira versão do Plano de Avaliação do QREN e dos Programas Operacionais será apresentada à Comissão Ministerial de Coordenação do QREN até ao final de 2007.

Após a sua aprovação pela Comissão Ministerial de Coordenação, o Plano de Avaliação do QREN e dos Programas Operacionais será comunicado aos serviços da Comissão Europeia.

Marcos indicativos para o Plano de Avaliação do QREN e dos Programas Operacionais 2007-2013

Os seguintes exercícios de avaliação - correspondendo a exercícios de avaliação de carácter global e estratégico - constituem as referências essenciais para o Plano de Avaliação do QREN e dos Programas Operacionais:

- *Avaliação Global da Execução do QREN no período 2007-2008*

A realizar no 1º semestre de 2009, tendo como objetivo específico contribuir para o Relatório Estratégico Nacional (a entregar à Comissão Europeia até ao final do ano de 2009) sobre o contributo dos Programas cofinanciados pelos Fundos, os objetivos da Política de Coesão e as Orientações Estratégicas Comunitárias.

- *Avaliações Temáticas Globais*

A realizar durante a ano de 2011, tendo como objetivo específico avaliar o contributo das várias intervenções operacionais para os objetivos gerais do QREN. As áreas temáticas a abranger por estes exercícios serão, entre outras a definir, as seguintes: “Nível de qualificações da população”, “Valorização do património e dos recursos ambientais”, “Inovação empresarial”, “Custos públicos de contexto” e “Assimetrias regionais de desenvolvimento”.

- *Avaliação a meio percurso do Impacte Macroeconómico do QREN*

A realizar no 2º semestre de 2010, tendo como objetivo específico estimar o impacte macroeconómico da despesa executada nos 3 primeiros anos de execução do QREN (2007-2009).

- *Avaliação a meio percurso dos Programas Operacionais*

A realizar em meados de 2011, tendo como objetivo específico avaliar o desempenho global dos Programas Operacionais na concretização dos respetivos objetivos e do seu contributo para os objetivos gerais do QREN e da Política de Coesão.

- *Avaliação Global da Execução do QREN no período 2007-2011*

A realizar no 1º semestre de 2012, tendo como objetivo específico contribuir para o Relatório Estratégico Nacional (a entregar à Comissão Europeia até ao final do ano de 2012) sobre o contributo dos Programas cofinanciados pelos Fundos para os objetivos da Política de Coesão e as Orientações Estratégicas Comunitárias.

Financiamento do Plano de Avaliação do QREN e dos Programas Operacionais

O financiamento da avaliação é assegurado pelo PO de Assistência Técnica FEDER do QREN e pelas dotações para assistência técnica dos Programas Operacionais.

As avaliações de âmbito global ao QREN ou em domínios transversais a diversas intervenções operacionais, tanto de natureza estratégica como de natureza operacional, serão financiadas pelo Programa Operacional de Assistência Técnica FEDER ao QREN.

As avaliações de âmbito específico do Programa Operacional, tanto de natureza estratégica como de natureza operacional, serão financiadas pelas dotações para Assistência Técnica do PO.

4.6.9. Circuitos financeiros

As contribuições comunitárias relativas ao FEDER, concedidas a título do PO, são creditadas pelos serviços da Comissão Europeia diretamente em conta bancária específica, a criar para o efeito pelo IFDR, IP junto da Instituto de Gestão do Crédito Público.

Compete ao IFDR, IP:

- a) Efetuar transferências diretas para os beneficiários, em regime de adiantamento ou de reembolso, executando autorizações de pagamento emitidas pela Autoridade de Gestão do PO, à qual compete proceder à validação da despesa e do pedido de pagamento do beneficiário;
- b) Recuperar junto dos beneficiários os montantes que tenham sido indevidamente pagos, com juros de mora se for caso disso, sendo ainda responsável pelo reembolso dos financiamentos perdidos sempre que os montantes indevidamente pagos a um beneficiário não possam ser recuperados;
- c) Manter o registo contabilístico das operações realizadas a título de pagamento ou de recuperação relativas a cada beneficiário, bem como de todas as transferências efetuadas para os organismos intermédios, incluindo ainda os montantes devolvidos por estes organismos, nos casos em que tal ocorra;
- d) Dar conhecimento às Autoridades de Gestão dos pagamentos efetuados e dos montantes recuperados, no âmbito do respetivo PO;
- e) Organizar e manter atual o registo de dívidas aos PO.

O IFDR, IP é responsável no âmbito do FEDER e FC pelo reembolso ao Orçamento Geral da União Europeia:

- a) Dos montantes recuperados a beneficiários;
- b) Dos montantes que não possam ser recuperados junto do beneficiário, desde que se prove que o prejuízo sofrido resultou de erro ou negligência da Autoridade de Gestão e/ou de Certificação.

Compete à Autoridade de Gestão no âmbito dos circuitos financeiros:

- a) Verificar a elegibilidade das despesas apresentadas pelos beneficiários, de acordo com as regras gerais de elegibilidade, os regulamentos específicos do PO e as condições específicas de cada operação;

- b) Validar despesa e emitir autorizações de pagamento aos beneficiários e determinar os montantes a recuperar, mantendo os respetivos registos contabilísticos;
- c) Assegurar o registo, no sistema de informação do PO, dos dados referentes à validação da despesa, pagamento e aos montantes a recuperar, devendo salvaguardar a compatibilidade e a transferência automática de dados para o sistema de informação da Autoridade de Certificação;

Compete conjuntamente às Autoridades de Certificação e de Gestão assegurar que os beneficiários recebem os montantes de financiamento público a que têm direito no mais curto prazo possível, não podendo ser aplicada nenhuma dedução, retenção ou encargo ulterior específico que tenha por efeito reduzir esses montantes, sem prejuízo de compensação de créditos e das normas comunitárias e nacionais relativas à elegibilidade.

Poderá ser exercida por organismos intermédios responsáveis por subvenções globais ou organismos responsáveis pela gestão de sistemas de incentivos às empresas ou de mecanismos de engenharia financeira a função de transferência direta para os beneficiários, devendo tal ser previsto nos contratos a estabelecer com as Autoridades de Gestão que regulam todas as funções por estas cometidas aos organismos antes referidos.

Os beneficiários apresentam os seus pedidos de pagamento à Autoridade de Gestão do PO no âmbito do qual as correspondentes operações foram aprovadas.

4.6.10. Intercâmbio eletrónico de informação com a Comissão Europeia

O Sistema de Informação da Comissão Europeia - SFC 2007 - opera na base da comunicação eletrónica de informação. Este sistema de informação está acessível às instituições dos Estados-Membros por duas vias:

- Via página Web, com aplicação Web;
- Diretamente, através de uma ligação eletrónica com o Estado-Membro, serviço Web.

O Sistema de Informação da Comissão Europeia pode ser acedido por qualquer uma destas duas vias, ou pela combinação das duas. A informação indicada como obrigatória no Regulamento (CE) n.º 1828/2006, relativo às disposições de execução dos Fundos Estruturais, tem de ser objeto de transmissão periódica à Comissão Europeia através do sistema.

O sistema de informação a implementar pela gestão do Programa Operacional respeitará o disposto no referido Regulamento, as regras técnicas definidas para o SFC 2007 e as regras definidas nacionalmente pelos órgãos de monitorização estratégica, operacional e financeira do QREN, que garanta a coerência e integridade entre todos os sistemas de informação das intervenções estruturais do QREN.

4.6.11. Informação e comunicação do Programa Operacional

Sem prejuízo do cumprimento do previsto no Regulamento de Aplicação (CE) n.º 1828/2006, de 8 de dezembro, nomeadamente o disposto no n.º 2, do artigo 2.º, no qual são definidos os elementos que integram o Plano de Comunicação, importa sublinhar que à Comunicação e Informação é reconhecido um papel relevante e absolutamente determinante no ciclo de vida do Programa Operacional.

A existência e implementação de um Plano de Comunicação ao nível do Programa Operacional constituirão um instrumento de gestão, cuja implementação deverá permitir:

- a) Planificar: De forma contínua e sistemática, definir previamente as várias formas de atuação de modo a alcançar os objetivos fixados;
- d) Organizar: Analisar, classificar e estruturar os meios humanos, financeiros e materiais ao dispor, com vista a alcançar com eficácia as metas previamente definidas;
- e) Dirigir: Gerir com eficiência os recursos disponíveis, com vista a alcançar os resultados previstos com o mínimo de custos;
- f) Controlar e Avaliar: Assegurar um acompanhamento e monitorização sistemática e crítica dos desvios eventualmente ocorridos entre o previsto e o realizado, e a avaliação desses desvios, de modo a se tomarem as necessárias medidas corretoras.

Tendo este pensamento estratégico como pilar estruturante do Programa, numa perspetiva de transparência e de *accountability*, a comunicação deve assim permitir aferir a todo o momento, a forma como são aplicados os seus recursos para promover a imagem institucional do Programa, dando a conhecer as suas potencialidades e oportunidades, constituindo deste modo um recurso integrado no modelo de gestão do PO, que acompanhará todo o seu ciclo de vida, ajustando-se às suas diferentes fases (lançamento, implementação, avaliação).

Nesta dimensão, o plano deverá permitir responder a necessidades específicas em termos de notoriedade, divulgação, ampla acessibilidade, tendo em particular atenção a diversidade de público-alvo que pretende atingir bem como a utilização dos meios e instrumentos mais adequados face a estes públicos.

Esta diversidade traz associada uma lógica de “comunicação *mix*” através da qual se garante uma coerência entre o planeamento estratégico e o planeamento operacional, podendo este ser considerado a curto, médio e longo prazo, através das ações e iniciativas a realizar.

Sendo alargado o número de domínios e instrumentos/ canais, que à partida se podem considerar em matéria de comunicação e informação, destacam-se os seguintes por serem áreas-chave neste domínio:

- a) Criação de uma identidade /Imagem;
 - Comunicação mediática e publicitária;
 - Promoção e divulgação direta junto de públicos específicos;

- Comunicação editorial;
- Ampla utilização das novas Tecnologias de Informação e Comunicação.

Na fase de lançamento do Programa, serão promovidas ações destinadas a diferentes público-alvo (externo e interno) destacando-se os meios mais vocacionados para a notoriedade e reconhecimento do Programa junto do grande público, (divulgação da imagem, comunicação mediática, e publicitária) e a organização de eventos e divulgação direta junto dos potenciais beneficiários que visam em particular atingir os objetivos de divulgação da “oferta” do Programa, bem como de ajustamento da “procura”.

Neste contexto enquadram-se os seminários, debates, campanhas de sensibilização e divulgação do programa, junto de potenciais destinatários do mesmo.

Nestes domínios de intervenção assume particular destaque o papel que se pretende atribuir à Internet, pretendendo-se que esta assuma um papel verdadeiramente estruturante na Comunicação do Programa.

A utilização plena das novas Tecnologias de Informação e Comunicação deverá permitir uma verdadeira aproximação do cidadão à estrutura do Programa, promovendo uma comunicação pró-ativa, uma fácil disseminação não só informativa como documental, criando meios de relacionamento que incentivem o conhecimento, a confiança e a transparência, informando de forma clara, objetiva e atempada os seus destinatários.

Deste modo, procura-se facilitar e aumentar a perceção que os cidadãos possuem do papel que estes apoios assumem para o desenvolvimento económico, social e territorial do país.

Com este objetivo será criado e dinamizado um *site* específico do programa, bilingue, bem como a criação e disseminação de uma *newsletter* eletrónica, como fonte de informação privilegiada e especializada para o público interno do programa.

Cabe à Autoridade de Gestão do Programa Operacional, de acordo com o definido na Estratégica Global de Comunicação do QREN e no Plano de Comunicação do FEDER, assegurar a implementação e monitorização do Plano de Comunicação do PO bem como o cumprimento das responsabilidades que vierem a ser cometidas a outras entidades nesta matéria (entidades intermediárias).

Cabe ainda à Autoridade de Gestão do PO assegurar a sua participação na rede informal que virá a ser constituída, onde estarão representados os diferentes representantes dos três níveis de intervenção previstos nesta estratégia (QREN, Fundos Estruturais e Programas Operacionais) garantindo deste modo o necessário envolvimento e articulação para a sua implementação.

Para a realização dos seus objetivos e ações, a Autoridade de Gestão poderá recorrer à contratação de bens e serviços, que serão assegurados com recurso ao setor privado, particularmente em domínios como a Internet e Multimédia, Publicidade, *design* de comunicação, dada a sua especificidade, no respeito pelas normas da contratação pública.

O cofinanciamento destas ações será assegurado pelas dotações para Assistência Técnica do Programa.

A coordenação da estratégia de comunicação do Programa é da responsabilidade da Autoridade de Gestão.

4.6.12. Adjudicação de contratos públicos

As ações ou medidas cofinanciadas pelos Fundos Estruturais são executadas no respeito pelas normas comunitárias e nacionais em matéria de adjudicação de contratos públicos, designadamente as relativas às Diretivas 2004/17/CE e 2004/18/CE.

Os avisos enviados para publicação no Jornal Oficial da União Europeia apresentarão as referências dos projetos em relação aos quais tenha sido solicitada ou decidida a concessão de uma contribuição comunitária.

Relativamente aos projetos incluídos nos Programas Operacionais cujo valor global seja superior aos limites fixados nas Diretivas “Contratos Públicos” de fornecimentos, de obras ou de serviços, o relatório da comissão de análise de propostas, que suporta a decisão de adjudicação, será mantido à disposição da Comissão de Acompanhamento.

4.6.13. Auxílios de Estado às Empresas

A Autoridade de Gestão assegura que as operações financiadas pelo PO relativas a Auxílios de Estado às empresas respeitam as normas e os procedimentos comunitários aplicáveis e a legislação nacional de desenvolvimento ou de transposição dessas normas.

Qualquer apoio público concedido pelo PO respeitará os procedimentos e as regras materiais aplicáveis no momento em que o apoio público é concedido.

4.6.14. Compatibilidade com as Políticas de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

O Tratado da União Europeia prevê, no Artigo 6.º, que “as exigências em matéria de proteção do ambiente devem ser integradas na definição e aplicação das políticas” da UE. Assim, a estratégia da UE para o desenvolvimento sustentável, aprovada pelo Conselho Europeu de Gotemburgo em 2001, sublinha o imperativo político de que todas as políticas tenham como objetivo principal o desenvolvimento sustentável. Além disso, salienta a necessidade de uma melhor informação, de modo que as propostas sejam sistematicamente avaliadas.

Assim, o processo de programação e execução do Programa Operacional é marcado por exigência acrescida no que toca à avaliação de potenciais efeitos provocados pelas intervenções estruturais sobre o Ambiente.

No cumprimento da Diretiva 2001/42/CE relativa à Avaliação dos Efeitos de Determinados Planos e Programas no Ambiente, o presente Programa Operacional foi objeto de uma avaliação ambiental estratégica e mereceu avaliação positiva global. As recomendações constantes do Relatório Ambiental Final - que incorporam os resultados da consulta ao público a às autoridades competentes - bem como as

propostas de medidas previstas para controlo dos efeitos no ambiente, visando identificar atempadamente efeitos negativos imprevistos e permitir aplicar as medidas de correção adequadas, dirigem-se à fase de execução do Programa Operacional e serão devidamente implementadas pelas autoridades de gestão do presente PO no decurso da sua execução, designadamente em sede de definição de regulamentos específicos para as diversas tipologias de investimento.

Durante a execução do Programa as ações cofinanciadas pelos Fundos Estruturais devem ser coerentes com os princípios e objetivos do desenvolvimento sustentável e da proteção e melhoria do ambiente referidos no Tratado e reforçados na Estratégia de Lisboa renovada.

As ações cofinanciadas pelos Fundos Estruturais devem respeitar igualmente a legislação comunitária em matéria de ambiente.

O Estado-Membro dá a garantia formal que não deixará deteriorar os sítios a proteger ao título da Rede Natura 2000 aquando da realização das intervenções cofinanciadas pelos Fundos Estruturais.

As autoridades ambientais são associadas à execução do Programa Operacional, contribuindo nomeadamente para a definição:

- Dos objetivos e metas ambientais e de sustentabilidade para todos os eixos prioritários de desenvolvimento do Programa;
- Da estratégia, do programa e das medidas específicas no domínio do ambiente.

As autoridades públicas ambientais participarão ainda na definição das normas e dos procedimentos de execução para os eixos prioritários, incluindo a colaboração com as autoridades responsáveis na determinação dos critérios de elegibilidade e de seleção de projetos.

Serão responsáveis pela aplicação da política e legislação comunitária e nacional em vigor no domínio do ambiente, sendo igualmente chamadas a emitir o seu parecer sobre os projetos de investimento no âmbito do processo de avaliação de impacte ambiental.

4.6.15. Contributo do Programa Operacional em Matéria de Controlo e Redução de Emissões de Gases com Efeito de Estufa e de Promoção da Eficiência Energética

Portugal assinou e ratificou o Protocolo de Quioto a 29 de abril de 1998 e a 31 de maio de 2002, respetivamente, tendo assumido, ao abrigo deste Protocolo e do Acordo de Partilha de Responsabilidades no âmbito da União Europeia, o compromisso de limitar o crescimento das emissões de gases com efeito de estufa (GEE) em 27% face aos valores observados em 1990, no primeiro período de cumprimento (2008-2012). Portugal assumiu ainda o compromisso comunitário de produção de 39% (meta indicativa) em 2010 de eletricidade com origem em Fontes de Energia Renováveis - FER (Diretiva 2001/77/EC, de 27 de setembro).

O objetivo de promover uma efetiva “descarbonização” da economia nacional, com ganhos em eficiência, inovação e competitividade tem vindo a ser refletido no conjunto de políticas e instrumentos de política em elaboração.

O processo de programação e execução dos Programas Operacionais é marcado por exigências acrescidas no que toca à avaliação de potenciais efeitos provocados pelas intervenções estruturais sobre as emissões de GEE e na eficiência energética.

No âmbito da avaliação ambiental estratégica aplicada aos programas operacionais financiados pelo FEDER e/ou pelo Fundo de Coesão, as alterações climáticas constituíram um dos fatores ambientais e de sustentabilidade a serem analisados. Enquanto resultado da avaliação ambiental estratégica foram produzidas recomendações de forma a maximizar os efeitos positivos e neutralizar os efeitos negativos das intervenções nas alterações climáticas.

As referidas recomendações serão implementadas pelas autoridades de gestão durante a execução do conjunto de Programas Operacionais sujeitos a avaliação ambiental estratégica. A garantia formal relativa à implementação das recomendações foi dada pelas autoridades de programação à Comissão Europeia através de Declaração prevista no n.º 1, alínea b), do artigo 9.º da Diretiva 2001/42/CE relativa à Avaliação dos Efeitos de Determinados Planos e Programas no Ambiente.

As intervenções a realizar em sede de Programas Operacionais assumem, face aos compromissos de Portugal no âmbito do Protocolo de Quioto, que os objetivos ambientais têm de ser cada vez mais integrados na política energética e, de uma forma mais geral, na política de desenvolvimento, nomeadamente no que se refere às emissões de gases com efeito de estufa e às emissões de gases acidificantes com impacto a nível local. Nesse sentido, a promoção da eficiência energética será considerada, nas intervenções relevantes, enquanto fator de ponderação no processo de seleção de candidaturas.

Refiram-se, em particular, as grandes linhas de intervenção no domínio dos transportes e da eficiência energética. No setor dos transportes preveem-se, no âmbito dos Programas Operacionais, um investimento muito elevado em ferrovia e um esforço de investimento significativo em mobilidade sustentável. A utilização racional de energia constitui igualmente uma área de intervenção prioritária dos Programas Operacionais, sendo ainda acompanhada pelo apoio à valorização dos recursos endógenos, incluindo no domínio energético, bem como à consolidação da cadeia de valor das energias renováveis.

4.6.16. Igualdade de Oportunidades entre Homens e Mulheres no Processo de Conceção e Execução do Programa Operacional

A Igualdade de Oportunidades entre Homens e Mulheres tem vindo a ser assumida como uma das dimensões estratégicas da política comunitária e numa lógica de *mainstreaming*. Com a revisão da Estratégia de Lisboa, reforça-se a importância da integração da dimensão de género nas políticas da UE, na realização dos objetivos gerais da nova dinâmica balizada pelo Crescimento e Emprego. Por outro lado, a Constituição Europeia considera explicitamente como um valor da UE a Igualdade de Oportunidades.

A 1 de março de 2006 foi adotado pela CE um “*Roadmap for equality between women and men - 2006-2010*” (COM (2006) 92 final), dando um novo impulso a esta temática na agenda política. Assume ainda, grande relevância a assinatura pelos Estados-membros no Conselho Europeu da primavera de 2006 do Pacto Europeu para a Igualdade de Oportunidades.

Neste quadro, estabeleceram-se seis principais prioridades de ação, as quais deverão ser implementadas, igualmente, no âmbito do período de programação de fundos estruturais 2007-2013:

- Atingir iguais oportunidades económicas para mulheres e homens;
- Assegurar a conciliação na vida profissional, na vida pessoal e na vida familiar;
- Promover a igualdade na participação de homens e mulheres na tomada de decisões;
- Erradicar a violência e o tráfico baseado no género;
- Erradicar os estereótipos da sociedade baseados no género;
- Promover a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres no espaço exterior à UE.

Numa linha de coerência estratégica de políticas, o Regulamento Geral dos Fundos Estruturais para 2007-2013, explicita no seu artigo 16.º que “os Estados-membros e a Comissão devem tomar todas as medidas adequadas para evitar qualquer discriminação em razão do sexo, raça ou origem étnica, religião ou crença, deficiência, idade ou orientação sexual, durante as várias fases de aplicação dos fundos, nomeadamente no que respeita ao acesso aos mesmos”.

Regista-se assim, um claro enfoque no princípio da Não Discriminação no qual se associam políticas específicas no domínio da Igualdade de Oportunidades entre Mulheres e Homens. Por outro lado, adota-se uma lógica de atuação integrada ao longo do ciclo de vida dos Programas, estimulando a gestão dos Programas Operacionais a desenvolverem atividades em todas as fases de aplicação dos fundos.

A política nacional no domínio da Igualdade de Oportunidades e Não Discriminação será implementada no âmbito do QREN e dos vários Programas Operacionais, associando-se a vertente de Fundo FSE e os objetivos em matéria de Estratégia Europeia para o Emprego aos objetivos e prioridades em matéria de Fundo FEDER.

O diagnóstico consensualizado no domínio da Igualdade de Oportunidades aponta para a persistência de importantes diferenciais entre Mulheres e Homens em áreas particularmente críticas para a concretização de uma economia inovadora e do conhecimento, com mais e melhores empregos. O acesso à formação ao longo da vida continua a assumir uma expressão relativa muito reduzida (indiciando espaços de melhoria ao nível dos equipamentos e serviços que permitam uma melhor conciliação entre a vida privada e profissional), permanecendo níveis elevados de segregação vertical e horizontal (estereótipos de profissões e responsabilidades associadas à mulher).

Síntese do Diagnóstico no Domínio da Igualdade de Oportunidades (1999-2004)

- Diminuição do diferencial de género na taxa de emprego;
- Ligeiro aumento da taxa de desemprego feminina (contrariando a tendência da média da UE);
- As áreas de maior crescimento do emprego feminino continuam a estar concentradas em atividades e ocupações tradicionalmente femininas (administração pública, educação, saúde e atividades sociais); continua a aumentar o grau de segregação sectorial e ocupacional;
- Relativa baixa presença de mulheres nos domínios da ciência e tecnologia;
- Menor acesso à formação ao longo da vida - dificuldade na conciliação entre vida privada e profissional;
- Persistência de diferencial de género no peso relativo do trabalho em part-time (cerca de 18% nas mulheres face aos 8% nos homens); aumento do diferencial, contrariando tendência da EU;
- Manutenção dos estereótipos e de diferenciais remuneratórios (de cerca de 9%, tendo aumentado, contrariando a tendência da EU);
- Manutenção da segregação vertical (somente cerca de 32% de gestores são mulheres; somente 9% dos membros de Direção nas grandes empresas são mulheres; 43% das pessoas com doutoramento são mulheres, mas estas representam apenas 20% dos professores catedráticos);
- Maior risco de exclusão social.

No âmbito das prioridades estratégicas definidas para o tema Fatores de Competitividade, no qual a variável chave é a qualidade do projeto e a sua importância para a promoção de níveis de crescimento que assegurem a retoma da trajetória de convergência real da economia portuguesa com a União Europeia, sustentada na competitividade das empresas e dos territórios, a temática da Igualdade de Oportunidades entre Mulheres e Homens e a Não Discriminação surge associada de forma intrínseca à qualidade absoluta e relativa (mérito) dos projetos apresentados (elemento chave e que constitui barreira à entrada no Programa).

Atuando o Programa na esfera dos Fatores de Competitividade e assumindo uma natureza essencialmente de catalisadora da inovação e dos processos de mudança, caberá à gestão do PO, de forma particular, exigir rigoroso cumprimento do princípio da Não Discriminação, promovendo em complementaridade ações de sensibilização e de informação que conduzam à minimização das barreiras no acesso aos vários instrumentos disponíveis no Programa. Para o efeito e ao longo das diferentes fases de implementação do programa, assumem-se como princípios gerais:

- Minimizar as barreiras de informação, técnicas ou económicas de acesso das mulheres e demais indivíduos aos vários instrumentos disponíveis no Programa;
- Assegurar a não discriminação da participação feminina em domínios relevantes para a competitividade nacional (ciência e tecnologia, TIC, empreendedorismo qualificado);

- Divulgar informação e ações de sensibilização sobre os apoios financeiros disponíveis, direcionados para públicos alvo discriminados, para a criação de empresas qualificadas e demais iniciativas associadas à melhoria da competitividade e internacionalização das empresas existentes;
- Recolher e analisar informação de realização do Programa pertinente para a definição de estratégias de atuação visando a igualdade de oportunidades;
- Assegurar a participação de representante do domínio da Igualdade de Oportunidades na Comissão de Acompanhamento do Programa;
- Promover a articulação temática com o PO Potencial Humano visando uma melhor integração e prossecução dos objetivos de Igualdade de Oportunidades no QREN.

4.6.17. Contributo para o apoio a PME

A Autoridade de Gestão compromete-se a contribuir para o objetivo de assegurar que uma parte substancial dos apoios diretos às empresas respeite a PME.

Este compromisso é assumido no enquadramento regulamentar da alínea a) do número 2 do artigo 3º do Regulamento (CE) n.º 1080/2006, aplicando-se consequentemente a todos os Estados-Membros.

Tendo em conta que o Programa Operacional Fatores de Competitividade e os Programas Operacionais Regionais do Continente integram apoios diretos a empresas no período de programação 2007-2013, a Autoridade de Gestão fornecerá atempadamente à Autoridade de Gestão do PO Fatores de Competitividade os dados pertinentes sobre a totalidade dos apoios diretos concedidos a empresas, explicitando os relativos a PME, por forma a viabilizar a inclusão nos relatórios anuais e no relatório final de execução deste último PO de informação sobre a totalidade dos referidos apoios concedidos.

O objetivo de concentrar os apoios diretos a empresas nas PME é indicativamente quantificado em, pelo menos, 60% dos apoios totais concedidos no período de programação 2007-2013 pelos Programas Operacionais referidos.

Neste contexto serão também considerados os apoios às empresas no quadro dos instrumentos de financiamento e partilha de risco da inovação. A Autoridade de Gestão adotará, em articulação com as Autoridades de Gestão do PO Fatores de Competitividade e dos outros PO Regionais do Continente, as medidas de gestão necessárias ao acompanhamento da meta indicativa atrás explicitada.

O objetivo referido não se aplica aos apoios diretos à Investigação e Desenvolvimento Tecnológico.

5. Avaliação

A elaboração do Programa Operacional foi acompanhada da execução de dois processos de avaliação: a avaliação ambiental estratégica (AAE) e a avaliação *ex-ante*. Ambos os processos foram conduzidos em paralelo com a construção do Programa, facto que permitiu acolher um importante conjunto de recomendações e contributos para a formatação do mesmo.

Importa ainda notar que os processos de avaliação foram desenvolvidos por equipas técnicas especializadas e com currículo em cada um dos domínios, tendo desempenhado os respetivos trabalhos de modo independente, conforme previsto nos regulamentos comunitários⁶⁰.

5.1. Avaliação ambiental estratégica

Uma das novidades do processo de construção do Programa residiu na avaliação ambiental estratégica (AAE) das intervenções estruturais, enquadradas no Quadro de Referência Estratégico Nacional. Elaborada por uma equipa de especialistas da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa⁶¹, o procedimento da AAE é entendido “como forma de garantir o contributo dos instrumentos de programação para o desenvolvimento sustentável”⁶².

Conforme referido no relatório final, “através das conclusões da AAE, incluindo o respetivo processo de consulta pública, será possível influenciar positivamente os PO, reorientando, se necessário, prioridades ou incluindo cláusulas que permitam melhor salvaguardar as questões ambientais e de sustentabilidade.

Por este facto, a avaliação coloca particular ênfase na identificação de fatores potenciadores das oportunidades/impactes positivos, identificando simultaneamente os riscos/impactes negativos que possam estar associados às propostas, de modo a poderem ser evitados ou mitigados ao nível dos próprios PO, ou da execução dos projetos associados”⁶³.

As tabelas seguintes sumarizam, por um lado, os aspetos positivos e, por outro, as recomendações, identificadas pela equipa de avaliadores responsáveis pela AAE no seio do Programa Operacional.

⁶⁰ Regulamento (CE) n.º 1083/2006, de 11/07, artigo 47º e ss.

⁶¹ Relatório ambiental da Avaliação Ambiental Estratégica das intervenções estruturais cofinanciadas pelo FEDER e pelo Fundo de Coesão, Faculdade de Ciências e Tecnologia (Universidade Nova de Lisboa), 2007

⁶² idem, pág. 6

⁶³ idem, pág. 6

Tabela 5.1.1.

Avaliação ambiental estratégica: aspetos positivos

Aspetos positivos apontados ao Programa pela avaliação ambiental estratégica	
Eixo 1	<ul style="list-style-type: none"> • Ao direcionar os investimentos (...) nas micro e pequenas empresas para cadeias de valor estratégicas emergentes, onde os fatores ambientais podem assumir um papel central (e.g. energias renováveis, turismo sustentável) poderão criar-se oportunidades à consolidação de um padrão de especialização mais sustentável
Eixo 2	<ul style="list-style-type: none"> • As intervenções na regeneração urbana e no estabelecimento de redes urbanas para a competitividade e inovação possuem impactes globalmente positivos no ambiente caso privilegiem a recuperação e refuncionalização de áreas abandonadas ou de usos obsoletos e a reutilização de equipamentos e infraestruturas em detrimento das novas construções • Consideram-se ainda como apostas positivas as ações preconizadas para a mobilidade urbana e acessibilidades (e.g. sistemas de transportes coletivos que privilegiem a utilização de energias renováveis, promoção da intermodalidade, redes de ecopistas em meio urbano) que (...) poderão traduzir-se em ganhos ao nível da eficiência energética e na redução das emissões de GEE
Eixo 3	<ul style="list-style-type: none"> • Na área de intervenção “Redes de equipamentos e infraestruturas para a coesão social e territorial” (...) as tipologias de projetos consideradas elegíveis (...) poderão contribuir para um maior bem-estar das populações tendo impactes muito positivos ao nível do desenvolvimento humano
Eixo 4	<ul style="list-style-type: none"> • Este eixo visa, por excelência, o apoio a ações diretamente relacionadas com o ambiente e desenvolvimento sustentável (...) são preconizadas ações que, essencialmente, se traduzem em oportunidades e impactes positivos em todos os fatores ambientais analisados • O PO faz uma aposta prioritária na intervenção nas áreas extrativas, o que poderá traduzir-se em impactes positivos na valorização económica e ambiental de zonas mineiras abandonadas e de áreas extrativas ligadas ao setor das rochas ornamentais • Na linha de ação destinada à conservação da natureza e biodiversidade (...) estas ações permitem identificar impactes muito positivos no património natural da região, fruto de uma aposta clara em ações de gestão direta dos habitats e espécies e da promoção de uma maior eficácia na gestão das áreas protegidas
Eixo 5	<ul style="list-style-type: none"> • Uma melhoria da capacidade institucional pública tem impactes muito positivos ao nível da governança (...), podendo contribuir para um aumento na eficácia da aplicação dos instrumentos de planeamento e monitorização do ambiente e do território da região • Estas ações poderão ainda induzir impactes positivos associados ao aumento da produtividade de recursos e desmaterialização da economia associada à desburocratização da Administração Pública regional e local, fruto de uma aposta nas TIC (...) • Sublinhe-se como bastante positiva a aposta deste PO na implementação de um sistema integrado de informação e monitorização ambiental (...)

Tabela 5.1.2.
Avaliação ambiental estratégica: recomendações

Recomendações da avaliação ambiental estratégica		
Eixos	Recomendações	Comentários da autoridade de gestão
Eixo 1	<ul style="list-style-type: none"> Recomenda-se que ao nível da regulamentação dos programas sejam incluídos critérios relacionados com a adoção de boas práticas ambientais no setor empresarial, tais como a inovação ambiental, a responsabilidade ambiental nas empresas (...) 	<ul style="list-style-type: none"> Será tido em conta na regulamentação dos sistemas de incentivos
	<ul style="list-style-type: none"> As intervenções complementares em redes de energia, designadamente na rede de gás natural e na ligação à rede elétrica de locais de produção de eletricidade com base em fontes renováveis deverão acautelar potenciais conflitos de ordenamento territorial (...) 	<ul style="list-style-type: none"> Na avaliação dos projetos, serão equacionados eventuais impactes ambientais negativos associados à localização de infraestruturas
Eixo 3	<ul style="list-style-type: none"> A construção de novas redes e infraestruturas apresenta tendencialmente impactes ambientais negativos, nomeadamente ao nível da ocupação do solo, da utilização de recursos, da biodiversidade e da qualidade do ambiente 	<ul style="list-style-type: none"> Idem
	<ul style="list-style-type: none"> Deverá garantir-se que os projetos preconizados nas áreas de intervenção destes eixos sejam alvo dos procedimentos obrigatórios de avaliação e gestão ambiental (...), devendo ser sujeitos a um acompanhamento ambiental exigente nas fases de construção e operação, que permita a minimização dos impactes identificados e contribua para a sua adequada gestão ambiental 	<ul style="list-style-type: none"> Nos casos legalmente exigidos, será relevada a AIA dos projetos a apoiar; nos demais casos, será estimulada a adoção voluntária de boas práticas ambientais (sistemas de gestão ambiental, métodos de construção sustentável)
	<ul style="list-style-type: none"> É fundamental assegurar uma boa articulação dos critérios ambientais de suporte à seleção de projetos a apoiar nestes eixos com os Planos Regionais de Ordenamento do Território (...) possibilitando assim o ordenamento de redes, infraestruturas e equipamentos coletivos numa lógica integrada (...) evitando-se a duplicação de infraestruturas e de equipamentos pelo território (...) 	<ul style="list-style-type: none"> A localização e priorização de infraestruturas e equipamentos coletivos será fortemente articulada com as orientações dos PROT em sede de análise de candidaturas

Tabela 5.1.2.
Avaliação ambiental estratégica: recomendações (cont.)

Recomendações da avaliação ambiental estratégica		
Eixos	Recomendações	Comentários da autoridade de gestão
Eixo 4	<ul style="list-style-type: none"> Sublinhe-se que a construção de infraestruturas associadas a estas ações [gestão de recursos hídricos] (...) poderão ter impactes negativos ao nível de diversos descritores ambientais, dependendo da sua localização e características operacionais das infraestruturas, pelo que deverão ser sujeitas a processos de AIA, sempre que tal seja justificado 	<ul style="list-style-type: none"> As infraestruturas serão sujeitas a processos de AIA nos casos legalmente previstos. Sublinhe-se que os projetos de reabilitação de infraestruturas se destinam a diminuir ineficiências e perdas nos consumos de água
	<ul style="list-style-type: none"> Na prevenção e gestão de riscos naturais e tecnológicos (...) deverá assim incentivar-se a canalização dos investimentos para a prevenção e adoção de soluções de longo-prazo, apostando-se na valorização dos ecossistemas (...) 	<ul style="list-style-type: none"> Será tido em conta na regulamentação do Programa
	<ul style="list-style-type: none"> Na valorização e ordenamento da orla costeira, será igualmente necessário assegurar a sustentabilidade das ações de recuperação, proteção e monitorização (...) face aos riscos associados aos sistemas dunares e arribas e às pressões turísticas (...) 	<ul style="list-style-type: none"> Idem
	<ul style="list-style-type: none"> Na valorização económica e ambiental de zonas mineiras abandonadas e de áreas extrativas (...) reforça-se a necessidade de uma avaliação integrada do conjunto dos passivos ambientais da região, devendo estabelecer-se prioridades de intervenção e uma boa articulação com o processo de seleção de novos usos 	<ul style="list-style-type: none"> Será tido em conta na regulamentação do Programa, estando esta preocupação vertida no conteúdo do eixo 4
Eixo 5	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecendo-se a riqueza dos recursos ambientais endógenos (...), a qualidade do ambiente deverá ser uma aposta central nas ações para a promoção institucional da região 	<ul style="list-style-type: none"> Será tido em conta na regulamentação do Programa
	<ul style="list-style-type: none"> Saliente-se a necessidade de assegurar que (...) concentrações de serviços públicos não afetem as populações normalmente já desfavorecidas por via de processos de isolamento. Por outro lado, a aposta nas TIC deverá acautelar as situações de infoexclusão (...) 	<ul style="list-style-type: none"> A implementação das lojas do cidadão e centros multisserviços, associados aos sistemas de transportes, visam o acesso universal aos serviços coletivos, e logo, melhorar a coesão social e territorial

5.2. Avaliação ex-ante⁶⁴

5.2.1. Enquadramento do processo de avaliação

O exercício de avaliação das intervenções dos Fundos Estruturais para o período de programação 2007-2013 encontra-se enformado pelo Regulamento (CE) n.º 1083/2006 que estabelece disposições gerais sobre o Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, o Fundo Social Europeu e o Fundo de Coesão. No que concerne à avaliação ex-ante, o objetivo norteador deste exercício é a otimização da atribuição de recursos orçamentais a título dos programas operacionais e a melhoria da qualidade da programação⁶⁵.

O exercício de avaliação *ex-ante* assentou no cumprimento dos objetivos e domínios de Avaliação de seguida apresentados, respeitando as orientações metodológicas emanadas pela Comissão Europeia e pelas Administrações Nacional e Regional.

I - Avaliação da Adequação Global da Estratégia do Programa Operacional

- a - Relevância dos Objetivos do Programa
- b - Pertinência das Formas de Intervenção Previstas no Programa
- c - Coerência Interna dos Objetivos do Programa
- d - Coerência Externa da Estratégia Definida
- e - Utilidade Global do Programa

II - Avaliação do Sistema Global de Implementação do Programa

- a - Adequação do Modelo de Governação do Programa
- b - Coerência entre Missão e Recursos

Neste sentido, a síntese do Relatório que agora se apresenta, incorpora a versão definitiva dos resultados obtidos ao longo do trabalho de avaliação *ex-ante* do Programa Operacional Regional do Alentejo 2007-2013, constituindo a conclusão de um processo de interação e reflexão, onde são apresentadas as principais conclusões do exercício de avaliação realizado, bem como as recomendações a este associadas.

5.2.2. Análise da relevância e pertinência do Programa Operacional

O Programa Operacional Regional do Alentejo para o período 2007-2013 foi elaborado sob um novo enquadramento territorial, decorrente da inclusão na NUTS II do Alentejo da NUTS III da Lezíria do Tejo, o que provocou alterações aos mais diversos níveis (territoriais, demográficos e económicos), tendo originado também o aumento das assimetrias intrarregionais. De facto, a inclusão da NUTS III Lezíria do Tejo fez com que a área da região tenha aumentado 15,7% enquanto que a população residente aumentou cerca de 47,4% e o PIB regional cresceu quase 50%.

Ora, estes valores, revelam, de forma inequívoca, a diversidade de comportamento demográfico e económico que distingue a Lezíria do Tejo das restantes NUTS III do Alentejo.

⁶⁴ O exercício de avaliação *ex-ante* foi elaborado por uma equipa da Faculdade de Évora composta por: Paulo Neto (coordenação), José Manuel Caetano, Conceição Rego e António Caleiro; o trabalho contou com a colaboração de Nuno Duarte e Sérgio Caramelo (da GesSystem - Soluções de Gestão Empresarial)

⁶⁵ De acordo com o artigo 48.º do Regulamento (CE) n.º 1083/2006 do Conselho de 11 de julho de 2006

As tendências que nas últimas décadas têm caracterizado a situação demográfica, económica e social do Alentejo permanecem inalteradas. O elevado nível de envelhecimento populacional e a rarefação de ativos, em termos demográficos, bem como a continuada debilidade económica e empresarial estão entre os fatores que contribuem para que o Alentejo não melhore a sua posição no que respeita aos indicadores de competitividade territorial e, em síntese, não tenha vindo a verificar sinais de convergência para com a média nacional e da União Europeia.

De um modo geral, a análise SWOT apresentada reflete as características fundamentais da região, traduzidas pelo binómio Pontos fortes/Pontos fracos e as condicionantes que se perspetivam ao nível do binómio Oportunidades/Ameaças. Da interação entre as componentes da matriz SWOT e os objetivos específicos do Programa resulta que as questões relacionadas com a componente económica e com a competitividade são preponderantes. Neste sentido, consideramos que os principais problemas existentes, as necessidades e os desafios da região estão corretamente enunciados e são consonantes com os Eixos prioritários nos quais se estrutura o Programa Operacional Regional do Alentejo.

A proposta do Programa Operacional Regional em análise parte de um diagnóstico correto e detalhado da realidade regional do Alentejo e do seu enquadramento no contexto nacional em que se insere. O diagnóstico realizado detalha, tal como é recomendado pelos documentos orientadores da Comissão Europeia, a análise regional ao nível de cada um dos seus territórios sub-regionais. Por outro lado, o diagnóstico elaborado neste Programa centra-se também em torno das questões do território e da competitividade e coesão económica e social e evidencia as disparidades a ultrapassar no sentido promover o aumento da criação de riqueza e melhorar os indicadores de competitividade do território. Contudo, dado o ênfase colocado, em termos de estratégia, nas questões ambientais, consideramos que o diagnóstico não aborda esta problemática com a amplitude necessária.

A integração da estratégia do Programa Operacional Regional numa estratégia regional mais vasta, para além da própria estratégia do programa operacional regional, é um aspeto particularmente positivo e que deverá ser destacado como uma melhoria significativa, em termos de programação, face a períodos de programação anteriores.

No que concerne à sistematização das lições do passado a estratégia agora apresentada procurou reduzir as principais debilidades referidas nas avaliações ex-ante entre as quais importa destacar as seguintes:

- i) É um programa operacional com uma estratégia mais incisiva e dirigida sectorial e territorialmente, e que parece induzir um critério de seletividade e integração maior relativamente à natureza e tipologia dos projetos a apoiar;
- ii) O Programa Operacional Regional inclui uma componente de apoio e de fomento da atividade económica e por isso, irá naturalmente incluir entre os seus promotores o setor privado com uma expressão significativa;
- iii) Os cinco eixos de intervenção parecem procurar assegurar uma intervenção articulada em termos do trinómio Economia-Território-Governança;
- iv) O Programa Operacional Regional procura ter uma intervenção relevante no modelo de especialização económica territorial da região através da conciliação de apoio e fomento de novas atividades e setores económicos com

a preservação e aumento da competitividade das atividades económicas que mais caracterizam a região Alentejo;

v) O Programa Operacional Regional faz uma forte e decisiva aposta na atuação estratégica e articulada de iniciativas no âmbito da rede regional de ciência e tecnologia e de reforço e requalificação de infraestruturas regionais de acolhimento para a inovação e fomento empresarial;

vi) A proposta de Programa Operacional Regional em análise apresenta ainda uma significativa preocupação de reforçar a competitividade e a atratividade dos centros urbanos e de promover a articulação das cidades e da região envolvente;

vii) O Programa Operacional Regional evidencia ainda uma aposta na promoção da revitalização económica e da competitividade dos espaços rurais (aspeto que é também muito relevante para a região Alentejo tendo em conta as suas características territoriais);

viii) Faz todo o sentido o esforço de articulação proposto entre a promoção da competitividade económica da região e a rentabilização das infraestruturas e dos investimentos já realizados;

ix) Parece existir uma significativa preocupação no que concerne à definição de tipologias de projetos objeto de financiamento, à identificação de territórios elegíveis e à definição de novos critérios de elegibilidade, o que, a confirmar-se e desde que devidamente identificados, fundamentados e calibrados, poderá constituir uma evolução face ao Programa por Alentejo, no entanto, em função da informação apresentada no Programa Operacional Regional, não é ainda possível aferir a sua total intencionalidade e alcance.

Em geral, muitas das recomendações da Avaliação Intercalar e da Atualização da Avaliação Intercalar foram consideradas na construção da atual proposta de programa operacional regional, aspeto que deve ser realçado.

Os principais domínios de intervenção foram bem selecionados e correspondem aos domínios que, também no entender da equipa de avaliadores, mais se adequam ao território em causa dadas as suas características, potencialidades e necessidades.

O Programa Operacional Regional deve afirmar-se como o elemento central para a concretização da estratégia de desenvolvimento regional para a região Alentejo e, nesse sentido, será o instrumento de política pública privilegiado para assegurar a concretização dessa estratégia de desenvolvimento e garantir a evolução do território da situação de partida (o diagnóstico) ao novo patamar de desenvolvimento esperado e ambicionado (o ponto de chegada - a concretização dos objetivos / as metas). Assim, importa que o Programa Operacional regional apresente, em termos das metas, o ponto de partida e o ponto de chegada, bem assim como, toda a estratégia que tem implícita e o instrumental tático e operacional de que vai se socorrer para assegurar a concretização da estratégia.

Importa, assim, que relativamente ao Programa Operacional Regional possam ser clarificados os seguintes aspetos:

i) Qual a intensidade e natureza da mudança do modelo de especialização económica territorial que pretende induzir;

ii) A forma como vai assegurar e induzir uma sofisticação da procura em termos da qualidade das candidaturas e das iniciativas a apoiar;

iii) A forma como através dos critérios de elegibilidade e seletividade que vier a estabelecer irá assegurar a concretização de efeitos fileira entre projetos /

- iniciativas a apoiar, entre grandes projetos e pequenos projetos, entre intervenções sectoriais e intervenções territoriais;
- iv) Qual o tipo, intensidade e natureza do up grade (sectorial, territorial, relacional) que o POR pretende gerar em cada uma das NUT III que compõem a região;
 - v) A forma como se incentivam a concretização de novas formas de rentabilizar e valorizar características específicas relevantes da região;
 - vi) O modo como se acomodam no POR instrumentos de política que possam dirigir-se ou apoiar projetos/ iniciativas particularmente inovadoras e que possam ter um importante efeito demonstrativo na região;
 - vii) A forma, natureza e tipo de estratégias territoriais/sectoriais sub-regionais de intervenção que pretende assegurar e concretizar.

Importa que todas as opções estratégicas, táticas e operacionais adotadas no Programa Operacional Regional sejam explicitadas, com preocupação explicativa, de forma a assegurar a maior inteligibilidade e capacidade de perceção face ao Programa Operacional Regional e à sua estratégia. Este aspeto é inclusivamente muito relevante para uma maior qualidade na definição do seu plano comunicacional e para o sucesso futuro da sua implementação.

Recomenda-se ainda que a identificação, explicação e demonstração da pertinência de todos e cada um dos instrumentos de política pública a incluir no Programa Operacional Regional, e da natureza das relações entre eles que se foram definidas, seja incluída na proposta final de Programa Operacional Regional.

Relativamente à qualidade do racional / teoria da ação será ainda muito importante que a proposta final de Programa Operacional Regional explicita, entre outros, aspetos como:

- i) Se prevê ou não mecanismos de discriminação positiva em termos sectoriais, em termos espaciais ou em termos sectoriais / espaciais e, se sim, de que natureza, se não, porquê;
- ii) Qual o peso da componente material e da componente imaterial em termos das dotações orçamentais que estarão disponíveis.

Relativamente ao Eixo 4, e no que diz respeito à promoção da competitividade dos territórios rurais importa que o Programa Operacional Regional possa apoiar ações inovadoras de desenvolvimento em territórios de baixa densidade.

5.2.3. Coerência global do Programa Operacional

A apreciação da estrutura dos objetivos do Programa Operacional Regional e a sua operacionalização, quer no plano da hierarquia das relações entre os seus distintos níveis (coerência vertical), quer ao nível das relações intraníveis (coerência horizontal) constituiu o objetivo principal desta componente de avaliação. A proposta de Programa parte de um diagnóstico rigoroso e global, tendo em conta o conjunto regional e as especificidades sub-regionais existentes.

A inserção da estratégia do Programa Operacional Regional numa estratégia regional mais ampla, assume-se como elemento nuclear na estruturação operacional do próprio Programa. Tal solução, claramente assumida no desenho da estratégia

regional, determinou a definição dos eixos prioritários segundo uma lógica de “áreas de intervenção específicas” na repartição de responsabilidades de gestão, o que permite uma lógica operacional afinada por “domínios-problema”.

As linhas orientadoras da visão estratégica para o Alentejo estruturam-se em torno de três eixos, os quais orientam a intervenção sobre os objetivos a prosseguir no horizonte 2015⁶⁶.

Os eixos correspondem aos domínios transversais de intervenção e procuram gerar as mudanças fundamentais para concretizar o desígnio estratégico: “alcançar um Alentejo que possa ser reconhecido, interna e externamente, como uma região capaz de gerar endogenamente, pela sua dinâmica empresarial, riqueza e emprego; uma região aberta ao exterior, com qualidade de vida global e exemplar no plano ambiental”.

A transposição da estratégia regional para o Programa Operacional Regional consagra as orientações comunitárias e nacionais, acolhendo os princípios de concentração temática e financeira, de apropriação estratégica regional descentralizada, ensaiando novas formas de articulação entre coesão e competitividade, com o intuito de alcançar uma maior convergência. A estratégia regional configura-se, simultaneamente, como completa e específica, pois procura diversificar as áreas de atuação e tenta acolher as especificidades próprias de cada subsistema regional.

Em conformidade com as opções tomadas, cremos que a estratégia regional definida está razoavelmente vertida nos eixos prioritários, nas tipologias de intervenção definidas e nos objetivos enunciados, não obstante o facto de alguns destes necessitarem de uma continuidade em termos de programação, a fim de não comprometer a sua realização. Na passagem dos objetivos gerais da estratégia aos objetivos específicos do Programa Operacional Regional verificam-se algumas situações que não salvaguardam o princípio de que um objetivo de ordem inferior só deve contribuir para um objetivo de ordem superior.

A articulação operacional entre os eixos estratégico e prioritários é coerente, embora em alguns casos se registe uma lógica estritamente unidirecional, o que não permite potenciar a transversalidade dos impactos das intervenções operacionais. Todavia, não foram notadas sobreposições ou redundâncias entre objetivos gerais e, ainda, entre os correspondentes objetivos específicos. Adicionalmente, foram registadas complementaridades em mais de metade das interações, indiciando a existência de um significativo grau de sinergias entre objetivos, o que potencia os efeitos expectáveis associados, pois quanto maior a complementaridade entre os objetivos, maior será a capacidade destes para se potenciarem reciprocamente, sendo necessária uma menor mobilização de recursos.

Finalmente, a lógica de implementação operacional do Programa Operacional Regional que decorre do cruzamento das áreas de intervenção revela indícios de existência de significativas sinergias e complementaridades, mas também de algumas áreas de eventual sobreposição/redundância, as quais deverão ser resolvidas através da configuração do modelo e das normas de gestão e da definição dos critérios de elegibilidade e de seleção de projetos.

⁶⁶ que aparece referida como “Estratégia Alentejo 2015”

Os objetivos traçados no Programa Operacional Regional apresentam-se como sendo compatíveis, por construção, com a via assumida na (nova) Estratégia de Lisboa, enquanto quadro de intenções comunitárias no sentido de aumentar a capacidade produtiva e a competitividade das economias do espaço europeu. A sua concretização, através de estímulos à produtividade e na aposta na formação de capital humano, reflete-se nos objetivos estratégicos do Programa Operacional Regional, os quais se mostram em congruência com as orientações estratégicas comunitárias para a Política de Coesão.

As prioridades estratégicas do Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN), sendo, à partida, partilhadas por todos os Programas Operacionais, obrigam a que, por construção, os objetivos do Programa Operacional Regional sejam coerentes com as mesmas. De facto, a repartição de objetivos específicos por eixos prioritários do Programa Operacional Regional indica estar em consonância com as cinco prioridades estratégicas do QREN, sendo certo que nem todas estas parecem beneficiar de igual forma da prossecução dos objetivos específicos do Programa Operacional Regional.

A existência de agendas estratégicas comuns, particularmente importante para o Programa Operacional Regional tratando-se das associadas aos fatores de competitividade e de valorização do território, para os quais devem concorrer os objetivos quer dos PO temáticos quer dos PO regionais, permite, à partida, afirmar a coerência estratégica entre os objetivos do Programa Operacional Regional e aqueles associados aos PO Temáticos Fatores de Competitividade e Valorização do Território.

É também possível afirmar que, à partida, a realização dos objetivos associados ao Programa Operacional Regional contribuirá, de uma forma geral, para a prossecução de objetivos transversais traçados nos (restantes) planos/programas de caráter nacional.

Numa lógica de *bottom-up*, as orientações e regulamentos comunitários são transvazados nas prioridades nacionais, as quais são desagregadas em termos regionais. Numa lógica inversa, as propostas de instrumentos de política, enquanto conjunto coerente de projetos cofinanciados pela UE, visando a produção de resultados pré-definidos com impacto positivo sobre as Prioridades Estratégicas Nacionais deve estar mais perto das instâncias regionais. Neste momento, apesar das sinergias do Programa Operacional Regional com outros programas (de âmbito regional, nacional ou comunitário), i.e. da sua coerência externa, as linhas orientadoras subdivididas por eixos prioritários do Programa Operacional Regional para os quais se preveem instrumentos de política não está clarificada, o que, naturalmente, impede o aprofundamento da avaliação da sua coerência externa.

Em suma, é inevitável que os objetivos do Programa Operacional Regional se estruturam de acordo com opções estratégicas inscritas no QREN, assim como em restantes instrumentos de política nacional, com os quais o QREN está em concordância e, tal acontecendo, com as normas comunitárias inscritas nos restantes instrumentos de programação ou planeamento como, por exemplo, o Programa Nacional de Ação para o Crescimento e o Emprego e todos os outros programas postos em vigor de acordo com a Estratégia de Lisboa. Desta estruturação resulta uma coerência entre objetivos de ‘banda larga’ - enquanto planos de intenções -, não estando aquela tão assegurada em termos das metas associadas ao Programa Operacional Regional, já que a estrutura regional da economia Portuguesa, fornecendo uma restrição inultrapassável em termos dos resultados ao nível das variáveis objetivo pode tornar aquelas facilmente incompatíveis, sendo certo que são

(estas) as principais condicionantes na determinação das medidas correspondentes à utilização dos instrumentos que, à partida, permitirão (ajudar a) conduzir o Alentejo de uma situação de partida, apurada pelo diagnóstico, até um conjunto de realizações que caracterizem uma situação de chegada, no final do período de vigência, que se aproxime, o mais possível da situação socialmente desejada.

5.2.4. Utilidade global do Programa Operacional

Com base na análise efetuada, é possível concluir que, em termos de resultados e impactos esperados, é expectável que as realizações venham a responder de forma consistente aos objetivos globais do Programa e conseqüentemente ao âmbito mais vasto das linhas estratégicas do “Alentejo 2015” (reafirmando o seu papel de motor na concretização desta estratégia). Da mesma forma, considera-se que os efeitos esperados atestam de modo convincente a intervenção do PO sobre os problemas estruturais da região, expondo, portanto, o seu caráter estrutural e contribuindo, nos próximos anos, para uma maior coesão económica e social, quer seja da própria região, quer seja do espaço comunitário.

Os principais efeitos socioeconómicos previstos no médio/longo prazo (impactos) são a melhoria das condições de vida, a criação de emprego, a criação de novas empresas, a atração de população e fixação da que já reside na região, o reforço funcional do sistema urbano regional, o reforço da competitividade do tecido produtivo da região, a projeção internacional da região, a melhoria da qualidade do ambiente, o incremento da produtividade, a diversificação da base económica regional, o acréscimo da atratividade populacional e da competitividade económica da rede urbana regional e, por fim, a melhoria da qualificação dos recursos humanos no longo prazo.

No que toca ao contributo potencial do PO para alguns dos grandes objetivos estratégicos definidos no âmbito comunitário, verificamos que, em termos de resultados esperados, há um elevado grau de aderência em relação a mais de um terço dos objetivos definidos para a Agenda de Lisboa e à totalidade dos objetivos da Política de Coesão Comunitária, de forma que, nesta matéria, existe uma clara consonância entre os efeitos do Programa e os grandes objetivos estratégicos da Comunidade.

Em termos de recomendações a principal orientação vai, logicamente, para o imperativo de definir metas e apresentar os diversos tipos de indicadores. Neste caso, dever-se-á dar pleno cumprimento às orientações comunitárias referentes a esta matéria, procurando salvaguardar, em especial, que não se repetem os erros do passado e que as metas/indicadores dão resposta cabal ao sistema de informação (nomeadamente no âmbito do SFC 2007) e ao processo de acompanhamento, monitorização e avaliação do programa.

5.2.5. Adequação do sistema de implementação do Programa Operacional

A arquitetura de governação e gestão do Programa Operacional Regional do Alentejo responde aos novos desafios de programação, em que deve ser assumida uma natureza estratégica e integrada das intervenções. Neste sentido deve assumir

particular relevância a definição efetiva da lógica de operacionalização e de articulação entre os diversos níveis existentes. Assim sendo, é de fulcral importância, tendo presente as lições de experiência, garantir a devida articulação e cooperação entre as instâncias de gestão e acompanhamento dos fundos estruturais, a qual exigirá, por parte dos diferentes atores, a adoção de metodologias de trabalho em rede e orientadas para a obtenção de resultados, incrementando a eficiência administrativa.

Em virtude do enquadramento da intervenção regional, é ainda de relevar o incremento da dimensão territorial na implementação das políticas públicas, de acordo com os princípios comunitários da subsidiariedade e da descentralização, com a criação do órgão de acompanhamento estratégico (com vocação para assegurar uma participação formal dos parceiros económicos e sociais), no plano da implementação do programa, a que se junta o órgão de acompanhamento, que reforçará o peso do território no acompanhamento e monitorização do Programa, e introduzirá uma maior articulação interinstitucional. Este último órgão assume um particular realce e adequação face ao que foi a experiência do anterior período de programação, assumindo uma vocação supervisora estratégica da execução do programa, inexistente anteriormente, nomeadamente da adequação das operações apoiadas ao pleno aproveitamento das potencialidades de desenvolvimento da região Alentejo.

Neste sentido, deve considerar-se relevante no âmbito da efetiva operacionalização deste órgão, tendo presente as recomendações apresentadas pelos exercícios de avaliação, a assunção de uma postura pró-ativa de intervenção, que permita potenciar os efeitos de sinergia e complementaridade entre diferentes áreas que influam nos mesmos domínios de intervenção, bem como reforçar iniciativas de parceria no sentido da dinamização de projetos conjuntos de interesse regional e com maior capacidade de induzir efeitos estruturantes e de maior impacto no desenvolvimento da região.

Com o intuito de fortalecer a operacionalidade da dimensão estratégica proposta no âmbito do modelo de implementação do Programa Operacional Regional, é apresentado a constituição de um Centro de Observação das Dinâmicas Regionais. A lógica proposta assume especial relevância e coerência no desenho global do modelo de intervenção, uma vez que suporta e assume o papel de análise e produção de informação relevante de apoio à gestão no acompanhamento da implementação das políticas públicas a nível regional.

Contudo, apesar do modelo lógico proposto se ajustar globalmente ao modelo de governação do programa, não é efetivada a construção da estrutura e do modelo operacional em termos dos instrumentos de suporte à gestão estratégica e operacional, nomeadamente a definição das lógicas de monitorização e avaliação, e do seu sistema de informação de suporte (indicadores) e respetiva quantificação dos objetivos a alcançar (metas em termos de realizações, resultados e impactes), que suportem a efetiva operacionalização estratégica pretendida. Neste sentido, importa uma vez mais realçar, a necessidade de monitorizar e acompanhar a proposta de Programa Operacional regional as metas, os indicadores de resultado e os indicadores de impacto para a estratégia Alentejo 2015 e para o próprio Programa, e aferir a adequação dos mesmos.

Não obstante, é de salientar que a lógica proposta se enquadra num dos eixos prioritários propostos, a Governação e Cooperação Institucional, ancorando-se o

modelo de intervenção nas boas práticas e das lições de experiência do anterior período de programação e das exigências comunitárias, com assunção de um reforço do papel do acompanhamento e avaliação, conjuntamente com uma forte aposta nos sistemas de informação permitindo uma maior interligação entre as suas componentes e fornecendo informação relevante a qualquer momento, não só ao nível da execução física e financeira, mas também no âmbito controlo/monitorização dos projetos e da avaliação de resultados e impactos, permitindo um acompanhamento estratégico e pró-ativo.

Assim, face às lições de experiência recomenda-se que o desenvolvimento da plataforma regional de informação, entendida de forma global, seja efetivamente assumida como uma prioridade de intervenção, quer ao nível do desenho do acompanhamento, monitorização e avaliação, quer dos respetivos sistemas de informação de suporte.

O desenho da estrutura operacional, enquadrado da avaliação da arquitetura proposta de governação, considera-se que é apresentado claramente e coerentemente. Contudo, o modelo operacional proposto assume apenas um carácter estruturalista do modelo de implementação operacional, no sentido em que é definida uma abordagem generalista, em termos do modelo tático e operacional efetivo a preconizar no âmbito do presente programa operacional.

Desta forma, considera-se que assume particular relevância a necessidade de definir e implementar lógicas de atuação que promovam uma nova visão de atuação, e consequentemente uma revisão do modelo de intervenção institucional, que responda aos novos desafios estratégicos previstos para este período de programação, enquadrada num quadro de reforço da eficiência administrativa e da qualidade da gestão das políticas públicas, bem como uma maior adequação e integração do contexto territorial e dos agentes e atores regionais, e com a assunção de uma atuação mais pró-ativa dos órgãos de governação, nomeadamente a Autoridade de Gestão, assumindo-se como um protagonista ativo e efetivo no processo de desenvolvimento económico e social regional.

Um aspeto fundamental está relacionado com a capacidade de indução de padrões preferenciais de consumo dos recursos disponibilizados. Considera-se relevante que a concessão de apoios financeiros à concretização de investimentos funcione como um incentivo à adoção de perfis comportamentais adequados à concretização dos objetivos da política regional, mas que simultaneamente contemple e se adequue às necessidades da procura potencial. Importa ainda referir, neste sentido, a importância da capacidade de estabelecimento de critérios adequados de apoio à seleção de investimentos, dado serem estes a fornecer o referencial aplicável para o processo de análise e seleção dos investimentos a apoiar. Um outro aspeto relevante a ser considerado é necessidade atempada da elaboração de um manual de procedimentos, de modo a possibilitar ganhos de eficiência não só na disponibilização e afetação de recursos, como também ao nível da homogeneidade das análises realizadas por diferentes organismos.

Em termos de modelo operacional, é de salientar a introdução e a generalização do instrumento de contratualização, o qual assume particular relevância em termos de lições de experiência e de boas práticas e das próprias orientações comunitárias, conducentes ao reforço da eficiência administrativa, e ao incremento da capacidade de gestão operacional tendo por referência a configuração estratégica que enquadra os atuais programas operacionais, bem como o fomento da integração do contexto

territorial nos instrumentos de política pública, com corresponsabilização efetiva da gestão operacional. Não obstante, no quadro da região Alentejo, é de salientar o facto de esta ser uma inovação completa, devendo-se salvaguardar a necessidade de integração de conhecimento ajustado a esta nova realidade, quer em termos da Autoridade de Gestão, quer dos próprios promotores.

O processo de certificação e controlo financeiro encontra-se estabelecido, em termos de modelo global de implementação, com a identificação da estrutura operacional de suporte, a qual se considera globalmente adequada para o desenvolvimento da gestão financeira, sendo ainda relevante a necessidade de um aumento do enfoque no acompanhamento técnico-estratégico dos projetos.

Neste sentido, a avaliação da adequação do processo de comunicação, informação e publicidade, o qual apesar de não apresentar um enquadramento operacional efetivo no programa operacional regional, verifica a salvaguarda de um conjunto de dimensões de suporte ao sucesso do modelo de implementação proposto, nomeadamente a necessidade de uma postura de comunicação pró-ativa. Neste sentido considera-se que deve ser dada especial relevância à elaboração dos guias de beneficiário, existindo ainda um amplo campo de intervenção por parte da Autoridade de Gestão, nomeadamente na dinamização e na promoção de Seminários de divulgação e na discussão das metodologias de identificação e desenho de projetos.

Após ser analisada a adequação do modelo de governação, nos seus diferentes níveis deveria ser avaliada a coerência e adequação do nível previsto de recursos humanos, técnicos e financeiros com a dimensão das tarefas necessárias à eficaz e eficiente implementação do Programa.

Não obstante a inexistência de informação de suporte (em termos das afetações previstas de recursos), é de realçar a existência de um reforço significativo da dotação orçamental para a assistência técnica, que assume particular adequação, quer tendo em consideração as lições de experiência, em que um dos principais constrangimentos identificado para o eficaz funcionamento do modelo de gestão foi a escassez de recursos humanos, associado ao reduzido volume de recursos financeiros considerados, quer devido à alteração do modelo pretendido para a implementação do programa operacional regional, e, conseqüentemente, das necessidades associadas. Neste sentido, o maior nível de exigência do modelo de governação proposto justifica o reforço das capacidades de gestão e técnicas, o que requer um elevado investimento em recursos humanos, em particular nos domínios das componentes imateriais e inovadoras das novas intervenções e projetos.

Tabela 5.2.1.
Avaliação ex-ante: recomendações

Recomendações	Comentários da autoridade de gestão
<ul style="list-style-type: none"> Em geral, muitas das recomendações da Avaliação Intercalar e da Atualização da Avaliação Intercalar foram consideradas na construção da atual proposta de programa operacional regional, aspeto que deve ser realçado 	

Tabela 5.2.1.
Avaliação ex-ante: recomendações (cont.)

Recomendações	Comentários da autoridade de gestão
<ul style="list-style-type: none"> Recomenda-se ainda que a identificação, explicação e demonstração da pertinência de todos e cada um dos instrumentos de política pública a incluir no Programa Operacional Regional (...) seja incluída na proposta final de Programa Operacional Regional 	<ul style="list-style-type: none"> A identificação e explicitação dos instrumentos de política será feita em sede de regulamentação do PO
<ul style="list-style-type: none"> Relativamente à qualidade do racional/teoria da ação será ainda muito importante que a proposta final de Programa Operacional Regional explicita, entre outros, aspetos como: <ol style="list-style-type: none"> se prevê ou não mecanismos de discriminação positiva em termos sectoriais, em termos espaciais ou em termos sectoriais/espaciais e, se sim, de que natureza, se não, porquê; qual o peso da componente material e da componente imaterial em termos das dotações orçamentais que estarão disponíveis 	<ul style="list-style-type: none"> A proposta final do PO não contempla os aspetos indicados Não estão previstos mecanismos de discriminação (sectoriais, sub-regionais), mas sim a implementação de “avisos de abertura de concurso” nos quais poderão ser definidas prioridades e critérios específicos de análise
<ul style="list-style-type: none"> Relativamente ao Eixo 4, e no que diz respeito à promoção da competitividade dos territórios rurais, importa que o Programa Operacional Regional possa apoiar ações inovadoras de desenvolvimento em territórios de baixa densidade 	<ul style="list-style-type: none"> A recomendação foi aceite: a proposta final do PO contempla uma linha de ação dedicada à “valorização económica do espaço rural”
<ul style="list-style-type: none"> A lógica de implementação operacional do Programa Operacional Regional que decorre do cruzamento das áreas de intervenção revela indícios de existência de significativas sinergias e complementaridades, mas também de algumas áreas de eventual sobreposição/redundância, as quais deverão ser resolvidas através da configuração do modelo e das normas de gestão e da definição dos critérios de elegibilidade e de seleção de projetos 	<ul style="list-style-type: none"> As recomendações são consideradas muito pertinentes Em sede de regulamentação do PO e na configuração do modelo de gestão, serão tidas em conta as recomendações dos avaliadores
<ul style="list-style-type: none"> Em termos de recomendações a principal orientação vai, logicamente, para o imperativo de definir metas e apresentar os diversos tipos de indicadores. Neste caso, dever-se-á dar pleno cumprimento às orientações comunitárias referentes a esta matéria (...) 	<ul style="list-style-type: none"> A recomendação é pertinente: no período negocial com a Comissão Europeia, foi desenvolvido um trabalho específico sobre indicadores e metas, que permitiu obter uma substancial melhoria face à proposta inicial do PO
<ul style="list-style-type: none"> É de fulcral importância (...) garantir a devida articulação e cooperação entre as instâncias de gestão e acompanhamento dos fundos estruturais, a qual exigirá (...) a adoção de metodologias de trabalho em rede e orientadas para a obtenção de resultados, incrementando a eficiência administrativa 	<ul style="list-style-type: none"> A recomendação é pertinente: quer no modelo de governação do QREN, quer no modelo de gestão do PO, serão adotadas metodologias de trabalho em rede, promovendo maiores sinergias e eficiência na gestão
<ul style="list-style-type: none"> Considera-se relevante (...) a assunção de uma postura pró-ativa de intervenção, que permita potenciar os efeitos de sinergia e complementaridade entre diferentes áreas (...), bem como reforçar iniciativas de parceria no sentido da dinamização de projetos conjuntos de interesse regional e com maior capacidade de induzir efeitos estruturantes e de maior impacto no desenvolvimento da região 	<ul style="list-style-type: none"> As recomendações são muito pertinentes Conforme plasmado no PO, a Autoridade de Gestão tenciona estimular e promover “projetos integrados”, parcerias diversas, iniciativas supramunicipais, etc., sinalizando o seu empenho na construção de projetos mais estruturantes para a região

Tabela 5.2.1.
Avaliação ex-ante: recomendações (cont.)

Recomendações	Comentários da autoridade de gestão
<ul style="list-style-type: none"> Recomenda-se que o desenvolvimento da plataforma regional de informação (...) seja assumida como uma prioridade de intervenção, quer ao nível do desenho do acompanhamento, monitorização e avaliação, quer dos respetivos sistemas de informação de suporte 	<ul style="list-style-type: none"> A recomendação é aceite
<ul style="list-style-type: none"> Assume particular relevância (...) uma maior adequação e integração do contexto territorial e dos agentes e atores regionais, e com a assunção de uma atuação mais pró-ativa dos órgãos de governação, nomeadamente a Autoridade de Gestão, assumindo-se como um protagonista ativo e efetivo no processo de desenvolvimento económico e social regional 	<ul style="list-style-type: none"> A recomendação é pertinente Conforme exposto, a Autoridade de Gestão pretende assumir um papel mobilizador no desenvolvimento económico e social regional O mecanismo de contratualização poderá ainda contribuir para um maior envolvimento dos atores regionais (Assoc. Municípios) na construção de projetos mais abrangentes e integrados
<ul style="list-style-type: none"> Considera-se relevante que a concessão de apoios financeiros à concretização de investimentos funcione como um incentivo à adoção de perfis comportamentais adequados à concretização dos objetivos da política regional (...). Importa ainda referir, neste sentido, a importância da capacidade de estabelecimento de critérios adequados de apoio à seleção de investimentos 	<ul style="list-style-type: none"> A recomendação é pertinente e será tida em conta em sede de regulamentação do PO
<ul style="list-style-type: none"> Um outro aspeto relevante a ser considerado é necessidade atempada da elaboração de um manual de procedimentos, de modo a possibilitar ganhos de eficiência não só na disponibilização e afetação de recursos, como também ao nível da homogeneidade das análises realizadas por diferentes organismos 	<ul style="list-style-type: none"> A recomendação é aceite e será tida em conta na implementação da estrutura de gestão do PO
<ul style="list-style-type: none"> De salientar a introdução e a generalização do instrumento de contratualização (...) devendo-se salvaguardar a necessidade de integração de conhecimento ajustado a esta nova realidade, quer em termos da Autoridade de Gestão, quer dos próprios promotores 	<ul style="list-style-type: none"> A recomendação é pertinente e será tida em conta na implementação da estrutura de gestão do PO
<ul style="list-style-type: none"> O processo de certificação e controlo financeiro encontra-se estabelecido, em termos de modelo global de implementação (...), sendo ainda relevante a necessidade de um aumento do enfoque no acompanhamento técnico-estratégico dos projetos 	<ul style="list-style-type: none"> A recomendação é pertinente A estrutura de gestão do PO dará um enfoque particular ao acompanhamento técnico-estratégico dos projetos, onde se procurará a melhoria da avaliação dos seus resultados e impactes

Tabela 5.2.1.
Avaliação ex-ante: recomendações (cont.)

Recomendações	Comentários da autoridade de gestão
<ul style="list-style-type: none"> • Processo de comunicação, informação e publicidade: (...) necessidade de uma postura de comunicação pró-ativa. (...) Considera-se que deve ser dada especial relevância à elaboração dos guias de beneficiário, (...) dinamização e promoção de seminários de divulgação, e discussão das metodologias de identificação e desenho de projetos 	<ul style="list-style-type: none"> • As recomendações são pertinentes • A adoção de diversos mecanismos de informação e comunicação (sítio de internet, seminários, “workshops”, guias de beneficiário, ...) constitui um elemento fundamental na dinamização do PO
<ul style="list-style-type: none"> • Após ser analisada a adequação do modelo de governação, nos seus diferentes níveis, deveria ser avaliada a coerência e adequação do nível previsto de recursos humanos, técnicos e financeiros com a dimensão das tarefas necessárias à eficaz e eficiente implementação do Programa (...) É de realçar a existência de um reforço significativo da dotação orçamental para a assistência técnica 	<ul style="list-style-type: none"> • A recomendação é pertinente • Será considerada a coerência e adequação dos recursos (humanos, técnicos e financeiros) implicados na governação do PO • No seio da governação do PO, as atividades de “acompanhamento estratégico”, transversais à estrutura, assumirão um papel de relevo